

HISTÓRIAS da QUEERENTENA



pablo pérez navarro (coord.)

2020

Audiodescrição: a imagem é uma captura de uma tela de celular. Na parte superior da imagem tem-se o texto HISTÓRIAS DA QUEERENTENA. No centro da imagem há uma foto em preto e branco de um antebraço e uma mão com o punho fechado. No antebraço temos o símbolo de igualdade desenhado com um pincel. Do lado esquerdo do antebraço há a palavra luva que foi escrita com um pincel e está toda riscada. Do lado direito do antebraço há a palavra luva escrita com o mesmo pincel. Abaixo da foto, temos opções de edição para a grossura da ponta do pincel e logo abaixo está escrito Pablo Pérez Navarro (coord.). Na parte inferior da imagem está escrito Editorial Centro de Estudios Sociales da América Latina.

Histórias da Queerentena

Pablo Pérez Navarro (Coord.)

FICHA TÉCNICA

Título: Histórias da queerentena

Participan: Editorial Centro de Estudio Sociales de América Latina (CES—AL.), Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH) de la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Editora Devires

Prefácio: Antônio Augusto Lemos Rausch, Bárbara Gonçalves Mendes, Júlia Silva Vidal, Marco Aurélio Máximo Prado, Vinício Brígido Santiago Abreu

Coordinación: Pablo Pérez Navarro

© Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES—AL.)

Cuenca (Ecuador) 2020

CRÉDITOS

Cuidado edición: CES—AL

Imagen de portada: LBS

ISBN: 978-9942-840-004

Diseño y diagramación: CES—AL

QUEDA PERMITIDA Y AUTORIZADA LA REPRODUCCIÓN TOTAL O PARCIAL DE ESTE MATERIAL BAJO CUALQUIER PROCEDIMIENTO O SOPORTE A EXCEPCIÓN DE FINES COMERCIALES O LUCRATIVOS.

Índice

Prefácio

*Antônio Augusto Lemos Rausch, Bárbara Gonçalves Mendes, Júlia Silva Vidal,
Marco Aurélio Máximo Prado e Vinício Brígido Santiago Abreu*

QueerentenaS..... 9

Introdução

Pablo Pérez Navarro

Margens da quarentena: Uma assembleia inesperada..... 13

A.C. Nicolau

1. Leite de minhas tetas..... 22

Sofia Favero

2. Vinte e três centímetros de Lattes 26

Olívia Vilas Bôas da Paixão

3. Cor e libido numa tarde de abril..... 31

Gleiton Matheus Bonfante

4. Sexo de máscara..... 37

Flora Villas Carvalho

5. Às vezes o armário é a porra de uma matriosca..... 43

Carlos Renato Alves da Silva

6. O poder de um vírus que invisibiliza ainda mais os invisíveis
em privação de liberdade..... 49

Suome Matheus Vilela de Lima

7. Quarentena: um aglomerado de zonas..... 55

Anahi Guedes de Mello

Camila Alves

8. Deficiência e isolamento social: comunicar-se com mascarados
e tocar em pessoas e coisas em tempos de pandemia da covid-19..... 60

Murilo Kill

9. Por um vírus bicha..... 66

<i>Dolly</i>	
10. Qual cura este momento me trará?.....	72
<i>Camila Santos Pereira</i>	
11. Manifesto de um corpo isolado.....	74
<i>Guido Arosa</i>	
12. Diário do vírus.....	78
<i>Zelda (Danilo Neves)</i>	
13. E hoje tem <i>live</i> da Zelda.....	85
<i>Doprá Oilerua</i>	
14. Uma vida entre vírus, uma vida ordinária.....	88
<i>Júlia Marques Preto</i>	
15. Pandemia manicomial.....	95
<i>Fefa Splendore</i>	
16. Covid-19 e HIV: Reflexões de um jovem negro, gay e soropositivo!.....	96
<i>Shayene Ferreira de Jesus</i>	
17. Não é sobre o tempo.....	102
<i>Mariana Teixeira</i>	
18. Renascimento.....	104
<i>Gabriella Sabatini</i>	
<i>Júlia Silva Vidal</i>	
19. Carçoço de manga.....	106
<i>Jonata Vieira</i>	
20. O maior (e mais gostoso) órgão do corpo.....	110
<i>Argus Setembrino</i>	
21. Crônica sem nome.....	114
<i>Guilherme “Smee” Sfredo Miorando</i>	
22. Que querem os Queer?.....	120

<i>Lipe Paes Monteiro</i>	
23. O abrigo das virtudes.....	124
<i>Afonso-Rocha</i>	
24. Pequeno pedaço de papel.....	128
<i>sem nome nem pseudônimo</i>	
25. Bicha em cativeiro.....	133
<i>Valécio Bruno</i>	
26. Um diário não diário.....	135
<i>Luis Fernando Lobo Rosa</i>	
27. Ser homossexual em quarentena é como ser homossexual em não quarentena.....	141
<i>Igor Maciel</i>	
28. Presente! Em meio a pandemia.....	146
<i>Caio</i>	
29. Amor de Quarentena.....	151
<i>Maria Clara Elias Polo</i>	
<i>Giselle Tavares</i>	
30. Eu, a professora e a Júpiter.....	156
<i>Dani Silva</i>	
31. Do meu corpo descolonizado para um cenário (cis) pandêmico.....	161
<i>Alexandre Luiz Polizel</i>	
32. Queerentena, máscaras, plásticos e luz artificial.....	167
<i>Dinho Hortencio</i>	
33. Anagrama.....	172
<i>Diego Oliveira</i>	
34. Aprender a dizer “eu te amo”	175

<i>Nicole Bezerra Costa</i>	179
35. Não sei que dia da quarentena!.....	
<i>Ana Ester Pádua Freire</i>	
36. Mamãe, eu tô em lua-de-mel... do jeito que o diabo gosta.....	183
<i>Caio Henrique Moura de Almeida</i>	
37. O que a covid quer de mim?.....	187
<i>Ana Luiza Torres Figueira da Silva</i>	
38. Cartas de amor são ridículas.....	192
<i>João Victor da Fonseca Oliveira</i>	
39. Lá onde estou eu, o tempo é outro.....	195
<i>Marcus Antônio Neiva Carvalho</i>	
40. Contraindicações <i>queerentina</i> : relato confuso e conexo com a realidade.....	199
<i>Túlio Vinícius Andrade Souza</i>	
41. Sobre vivências, sobrevivências e mecanismos de resistência durante o isolamento social em decorrência do coronavírus.....	203
<i>Leandro Gantois Luna</i>	
42. Filhxs de Dilma.....	208
<i>Luciana Guerra Malta</i>	
43. Aquilo que não ousa dizer seu nome.....	214
<i>Mike Faria da Cruz</i>	
44. A resignificação da era da solidão acompanhada.....	218
<i>Isabela Muzzi Vasconcelos</i>	
45. Se a minha quarentena fosse uma semana.....	222
<i>Maurício João Vieira Filho</i>	
46. Relações interrompidas em tempos de pandemia: as (novas) formas de encontro afetivo.....	227
<i>Lucas Eduardo Souza Assunção Lopes</i>	
47. Uma bicharoca tomada pela pulsão de vida em meio à pandemia.....	231

<i>Mateus Aparecido de Faria</i>	
48. Coronatena.....	235
<i>Matheus Henrique da Silva Salvino</i>	
<i>Sônia Caldas Pessoa</i>	
49. Os sons do tempo, o grito do Outro.....	239
<i>Marcelo Pereira</i>	
50. Eu, singular.....	244
<i>Elisa Bertilla de Siqueira Silva</i>	
51. Esta é uma história de início solitário, meio feliz e final indefinido.....	248
<i>João Ricardo Jortieke Junior</i>	
52. Para além de máscaras e quarentena: reflexões sobre distanciamentos e formas de amar.....	253
<i>Douglas Tomácio</i>	
53. Apenas mais um....	259
<i>Fabiano Saft</i>	
54. Coronavírus “descortinando” vulnerabilidades: o relato de um Psicólogo clínico em tempos de pandemia.....	263
<i>Jessica Tatiane Felizardo</i>	
55. Relato em plena pandemia de um reencontro [lésbicomedo].....	268
<i>Isadora Campos (Dora)</i>	
56. Atitulada.....	270
<i>Ana Clara Gadelha Mendes</i>	
57. A maresia da minha cidade não enferruja janelas, mas venta passado, presente e presença.....	272
<i>Andrea Pech</i>	
58. Nossos dias entre o amor e a violência.....	276
<i>Lira</i>	
59. Distanciamento social, dissociação, desenho animado e disforia de gênero.....	281

<i>William Magalhães</i>	
60. Entre lá e cá, reflexões de rolezinhos.....	285
<i>Mohara Villaça</i>	
61. No começo era distância e ainda são processos.....	290
<i>Lucas Freitas de Souza</i>	
62. A pandemia da alma: Reflexões sobre a identidade.....	292
<i>Ana Ladeira</i>	
63. Denúncias estrondeadas seguidas de um monte de abraços.....	297
<i>Beatriz Abreu Gomes</i>	
64. A utopia do normal e o impacto da pandemia nos corpos.....	301
<i>Anderson Moraes Pires</i>	
65. A experiência de uma bixa preta litorânea tentando respirar.....	305
<i>Rômulo Lopes da Silva</i>	
66. Quando o carnaval passar... quero ver a quarta-feira: sobre a pandemia e histórias de pretos/as.....	309
<i>Thiago Cardassi Sanches</i>	
67. O inverno das almas – a quarentena é também uma crônica do reencontro.....	313
<i>Luan Alves do Nascimento ou Alana Estevam</i>	
68. Razão de ser.....	317
<i>Letícia Werner</i>	
69. Entexistência.....	322
<i>Cristian Alejandro Darouiche</i>	
70. A quarentena do covid-19 em Mar del Plata.....	326
<i>Ronaldo Serruya</i>	
71. O corpo pandêmico do HIV à covid-19, memórias de atravessamento.....	328
<i>LBS</i>	
72. Ao menos serei remetente.....	330

Prefácio

QUEERENTENAS

Equipe Nuh

Antônio Augusto Lemos Rausch

Bárbara Gonçalves Mendes

Júlia Silva Vidal

Marco Aurélio Máximo Prado

Vinício Brígido Santiago Abreu

Queerentena nasceu como um projeto invertido quando mirado através de uma certa perspectiva acadêmica. Não que estudar acadêmica e cientificamente o impacto de uma pandemia em um grupo/comunidade e em experiências diversas seja menos relevante, mas o desafio da **queerentena** é outro. É expor, dispor e impor.

Expor um mundo que talvez jamais ganhasse alguma aparição e visibilidade. Dispor entre os mundos, experiências contadas desde o próprio corpo e do próprio desejo. Impor vozes e discursos aos ouvidos daqueles que seguem considerando que o argumento e o pensamento apenas advêm de determinados latifúndios epistêmicos. Nesse sentido, **queerentena**, além de ser um projeto de inversão com exposição, disposição e imposição, é também, pela sua invertida, um projeto interpelativo.

Ele não interpela necessariamente pelo conteúdo aqui divulgado e trazido agora ao público, mas ele interpela pelos efeitos de seu ato metodológico: propor às pessoas que relatem, elas mesmas, desde as experiências da diversidade dos corpos suas reminiscências, suas relações e seus medos e desejos que se confinaram em períodos de isolamento físico no contexto da pandemia da covid-19.

A inversão, nesse sentido, é interpelativa pelo seu ato metodológico de encarar o pensamento como um conjunto de relatos de si, como uma série de atos performativos no cotidiano em casas fechadas, apartamentos divididos, quartos encerrados, albergues disputados. Seja uma corporalidade afastada de todos e todas ou dividindo os espaços, as pessoas relatam suas experiências de isolamento na pandemia atual tendo as dissidências de gênero e sexualidade como um vetor da expressão no mundo ou da expressão do mundo. Nesse sentido, **queerentena** inverte a pergunta. Não é a academia, a universidade ou a equipe de pesquisa quem pergunta sobre o impacto do confinamento físico para

a diversidade das identidades e expressões, mas é a universidade que propõe que a pergunta seja feita pelas próprias pessoas e que elas encontrem formas de refletir, escrever, dizer, ouvir e relatar. Essa inversão nos parece fundante de uma posição acadêmica e política que interpela o modo de operação consolidado hegemonicamente nas academias científicas.

Porque coloca em questão quem é o outro, esse sujeito/objeto tão estranho a nós mesmos. Quem é o outro da pesquisa? O outro da escrita? Esse outro que é tão desconhecido e somente acessível pelas lógicas da inteligibilidade determinadas por fronteiras advindas daquela terra caracterizada pelo latifúndio epistemológico que nos apegamos intramuros. Esses latifúndios não são todos iguais — não os confundam. Eles estão muito bem desenhados na direita, na esquerda, na isenção e na empatia acadêmica. Eles estão muito bem erguidos em todas as áreas, pois são latifúndios entre disciplinas também. Esses terrenos cercados por farpas de propriedades próprias das titularidades. Mas alguém poderia nos dizer: “a universidade está se democratizando”. Sim e não!

Sim, quando comparamos dados numéricos médios em uma curva histórica. Há mais diversidade adentrando às universidades brasileiras, isso é um fato numérico. Agora o que essas vidas, experiências e corpos podem nos ensinar, isso é um grande não: não está se democratizando. As academias científicas sempre foram pouco democratizadoras em suas relações cotidianas, seu pilar reprodutivo está calçado na titularidade (seja ela qual for), sua lógica hierárquica inquestionável e sedenta por novos corpos a retrabalhar vem de longe. E no Brasil, as universidades (públicas) nem sequer souberam como se diferenciar da lógica estadocêntrica. Seus muros não serviram para que a autonomia de cátedra (essa antiguidade) ou mesmo a liberdade acadêmica (essa ameaçada) pudessem reinventar políticas democráticas no interior de um sistema de formação, reprodução e invenção de novas gerações. Pelo contrário, o muro tem servido para, ironicamente, expor a todo o mundo quais são os critérios de audibilidade que lá dentro definem quem poderá circular a palavra.

Por isso os latifúndios sempre possuem um nome e um conceito inventado para ser chamado de seu. Seja nos latifúndios mais conservadores onde o outro é um mero objeto abstrato, sem contexto e sem corpo e deverá fornecer algum dado para as inúmeras fórmulas metodológicas, seja nos latifúndios mais cínicos contemporâneos que o outro é a razão de ser do poder e do olhar da hierarquia do pensamento. Vamos ensiná-los como devem ser, vamos devolver a pesquisa para eles, vamos dialogar com eles e não sobre eles, mas no fundo os proprietários desses terrenos farpados seguem se colocando como os autores de sempre, ainda que com novas roupagens nos títulos e nas capas dos livros.

Queerentena se propôs como um projeto invertido nesse contexto pandêmico. Ele não se pretende um guia de boas práticas, nem um código de condutas éticas. Ao reconhecer que a diversidade encerraria hierarquias do sofrimento e da dor desiguais, **queerentena** não se imbuuiu de uma normativa de

ética do cuidado, mas sim de uma praticidade do cuidado ético: circule a narrativa de si, invente a si e faça a palavra espriar entre um mundo que não está habituado a escutar, muito menos a ler, quando as não tituladas, nesse ato tão subversivo, incorporam convocadas a escrita de si.

Essa inversão e interpelação do processo altera quase tudo. Muda a exposição, a disposição e a imposição. Não faz jus ao lugar de fala, mas vai com rigor nas falas de determinados lugares, com precisão nas falas de tempos e de espaços próprios. E isso nos parece interpelativo. Não são textos que correspondem ao lugar de fala porque não são legítimos por isso, como se, ao serem escritos pelas pessoas autodeclaradas dissidentes, fossem mais honestos e verdadeiros que outros. Os textos aqui publicados contam sobre tempos, espaços e lugares singulares e, nesse processo, remontam uma universalidade prática, vinculada a uma vida pandêmica (uma vida de um todo) que ganha legitimidade quando não-autores e não-autoras expõem vidas que não são enxergadas, dispõem na hierarquia das vidas uma nova arrumação e impõem por isso um barulho a ser escutado como pensamento e palavra.

É nesse ponto nodal que **queerentena**, na sua despreziosidade, age de forma politicamente interpelativa. É nesse encontro entre não-autoras/autores, academia e pseudônimos que **queerentena** traz um rompimento na cena pública. Por mais antagônico que possa se apresentar, esse processo disruptivo cria novas cenas que, ao questionar a partilha de espaços, de tempos e de visibilidades, possibilita que corpos, experiências e histórias até então silenciadas emergem. Somos convidadas na leitura desses textos ao afeto diante de produções narrativas que produzem mudanças na ordem perceptiva da história social. Nesse processo performático, as experiências abjetas passam a ser textos; os sujeitos sem lugar passam a ser autores/autores; seus relatos e produções se vertem em ações políticas. E todas essas produções dinâmicas são endereçadas a todo e qualquer um que se dispuser a encará-las.

Podemos afirmar, assim, que somos atravessadas pelas narrativas de formas diversas. Algumas vezes nos atingem de formas consonantes, por outras, as dissonâncias nos invadem. Em meio a isso passamos a nos repensar enquanto sujeitos, nas nossas identificações, nas relações e, porque não, nas alianças. Essas duas últimas tão dificultadas, para não dizer escassas, nesse cinicamente intitulado “novo normal pandêmico”.

Esse processo de relatar a si e interpelar o outro, numa relação que se forja em um fazer-ler, traz entre as linhas um novo fazer ético do cuidado que carrega em si dimensões políticas a partir das quais novas formas de entendimento dessas significações do isolamento podem ser partilhadas e (re)elaboradas. E essas tais colocações que vieram em formas diversas de apresentação — cartas, poemas, diários, entre outros — constituem-se em potências transformadoras de ruídos em vozes e deslocam as supostas autorizações para falar e ouvir.

Convidamos você a mergulhar nesses textos, não ‘prendendo sua respiração’ ao tentar analisá-los, explicá-los ou julgá-los na imensidão da sintaxe dominante, mas imergir nas experiências sensíveis de sujeitos, numa relação de horizontalidade com as narrativas, numa lógica de alguma igualdade. A potência do compartilhamento dessas vidas *queerentenas* está na possibilidade de transformar o modo como apreendemos e sentimos. **Queerentena** é um ato de desconstrução e desclassificação que nos afeta e conecta a vidas, experiências, pensamentos, criações. **Queerentena** é palavra e escuta, que se convocam mutuamente.

Introdução

MARGENS DA QUARENTENA: UMA ASSEMBLEIA INESPERADA¹

*Pablo Pérez Navarro*²

Sería paradójico que el miedo a la muerte
nos hiciera perder el gusto por la vida.
Néstor Perlongher, *El fantasma del SIDA* (1988)

Não, este não é mais um projeto de pesquisa, nem um estudo coletivo, nem um relatório, nem sequer um livro *sobre* o impacto da pandemia da covid-19 entre lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e outras suspeitas habituais no Brasil. De fato, este não é um conjunto de escritos *sobre* nenhuma experiência coletiva da quarentena, partilhada em quaisquer de seus elementos-chave e mais ou menos modulada por variáveis sexuais, de gênero, raciais ou de classe nas formas aqui descritas e apresentadas, prontas para serem reveladas aos seus olhos ou aos de qualquer outro observador externo. Fique esclarecido, portanto, desde o começo, que este “prefácio” não foi inserido aqui para abrir livro nenhum. No máximo, limita-se a te convidar a participar de um encontro, de uma assembleia talvez, que começou lá atrás, na periferia dos grandes focos acadêmicos e midiáticos dos tempos interpandêmicos. Uma assembleia que pode agora continuar, se você quiser, com sua participação.

Não se sinta deslocado por chegar tarde. Você não encontrará aqui mais restrições além das que se pode esperar de quem se incorpora a uma conversa que já tinha sido iniciada – não o foram todas? – antes da sua chegada. Permita-me apenas, para que não se sinta perdido, te colocar a par sobre como chegamos até aqui. Bem antes de começar, esta assembleia foi concebida de forma aberta (seja bem-vinde) e destinada a ocorrer fora da academia. Ela foi convocada de forma transnacional, quando o editor de uma das duas editoras que tornaram possível a publicação deste livro, a CES-AL, me ligou, *não sei que dia da queerentena*, procurando voluntárias para produzir variações, mutações talvez, de um concurso literário. O objetivo era simples e, pelo que me pareceu, extremamente oportuno: reunir histórias, testemunhos e reflexões em primeira pessoa sobre as quarentenas da pandemia de covid-19. Nada mais, nada menos.

¹ Texto em castelhano disponível em:

<https://orgulloscriticos.wordpress.com/2020/10/02/margenes-de-la-quarentena/>.

² Bicha eurobranca e cis-tornada. Tenerife, Belo Horizonte.

A *cuirificação* foi rápida, em cumplicidade com o pessoal do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Universidade Federal de Minas Gerais (NUH-UFMG), aqui em Belo Horizonte. Reuníamos-nos, sim, para falar das nossas *queerentenas*. O NUH acolheu a chamada, acompanhada por uma arte fantástica do Antônio A. L. Rausch, reproduzida na última página deste volume. A partir daí, divulgamos o convite. Preocupado por ficarmos sem *quórum* (quantas pessoas constituem uma assembleia?), copiei e coleí os correios eletrônicos de inúmeros grupos e coletivos, aproveitando, de passagem, para dar um passeio virtual pelas capilarizadas redes de ativismo das dissidentes sexuais, de gênero e relacionais no Brasil. Quase cem *e-mails* só na Bahia? Centenas de coletivos com atuação na área da saúde sexual? As poliafetivas ou as praticantes do BDSM entenderão que isto não é (só) uma assembleia LGBT? A resposta foi rápida. A constelação das bichas, locas, viadas e gueis, homoafetivas e até *homossexuais* não demorou a chegar. Sapatonas e lésbicas irromperam, também, com polifônica força. Bissexuais e pansexuais? Presentes. Héteros? Com certeza, a assembleia é mesmo aberta. Inquietação na sala... Mas são todas cis³? De maneira nenhuma. Uma intensa balbúrdia dos gêneros bagunçou, desde o início, os pressupostos binários que subjazem a todas essas categorias. Travestis, transexuais, não-binários, boycetas⁴, gêneros fluidos, drag queens, gêneros em questionamento, em trânsito ou, inclusive, em processo de *renascimento*⁵. Sem lugar para dúvidas, nossos gêneros não descansam nem em período de quarentena. Em harmonia, por vezes, e outras em aberto conflito com as múltiplas identidades com que as autoras aqui reunidas se apresentam e entendem (ou não) a si mesmas. Destacam-se, entre as diversas frentes abertas, as categorias raciais imprescindíveis para se orientar no contexto pandêmico brasileiro, às que recorrem negras e pretas, indígenas e latinas, mestiças e brancas. Também não faltou a participação poliafetiva, das ativistas surdas e cegas, nem os desafios à gordofobia. Sem esquecer das *Histórias* periféricas e faveladas, acadêmicas e feministas, agnósticas, católicas e macumbeiras, das pobres e das *queers*, chegadas de lugares como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Distrito Federal, Santa Catarina, Espírito Santo, Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Pará e Ceará. Havia também, claro está, *queerentenas* deslocalizadas, nômades, e as que se situaram para além dos limites geográficos do Brasil. No final, para nos encontrarmos nas margens da quarentena brasileira, por que deveríamos levar a sério suas fronteiras?

³ Etiqueta que muitas das participantes nesta assembleia (entre as quais me incluo) usam, contribuindo para assinalar que “não ser trans” é só uma possibilidade num mar de diferenças.

⁴ Combinação de “boy” e “buceta”. Trata-se de um termo que usam algumas pessoas transmasculinas (binárias ou não) com conotações feministas, transviadas, e de afirmação da relação positiva com a própria genitalidade.

⁵ Os termos grafados inesperadamente em itálico fazem referência a títulos das histórias aqui reunidas.

Encontros no nem

Gênero e sexualidade. Por vezes, fazemos (ao menos a mim me acontece, talvez a você também) uma leitura precipitada dessas palavras, como se pudéssemos mesmo saber do que ou de quem elas falam. Ouvimos e corremos, apressades, para completar a imagem: o gênero e a sexualidade... das *elegebetês*. Pode ser que lembremos, inclusive, de acrescentar mentalmente o A das assexuais, o I das intersexo ou, quem sabe, o Q das *queers*, satisfazendo esse impulso classificatório que se torna sempre e ao mesmo tempo insuficiente (porque somos sempre mais) e abrangente de mais (porque faltam sempre as mesmas). Sem pretender, com isso, resolver a equação de quinto grau, esclarecemos às potenciais participantes que a convocatória deveria ser tomada apenas como um ponto de partida, e que não pretendíamos saber, de antemão, a que lugares poderíamos ser levadas por ela. Noutros termos, convidamos a participar qualquer uma que, acrônimos à parte, se sentisse interpelada pela convocatória.

Para complicar ainda mais as coisas, inquietavam-nos algumas intersecções no *nem* (nas margens e nos interstícios, nem dentro nem fora dos domínios de qualquer acrônimo). O que teriam para contar as fetichistas e as *kinks*, quando a cidade inteira parece saída de uma cena *medical fetish*? Você sabia que algumas lojas de roupa fetiche doaram materiais aos profissionais de saúde de Londres face à falta de recursos para garantir a segurança do pessoal das precarizadas redes de saúde pública? Ouviu falar que foi recomendado praticar *sexo de máscara* para mitigar os riscos de contágio da covid-19 por estudos da Universidade de Harvard, pelos responsáveis das instituições de saúde pública de Nova Iorque e de Toronto e pela Universidade da Geórgia ao seu corpo estudantil? Ou que o Ministério da Saúde da Argentina apresentou alternativas ainda mais seguras, como o uso das telas dos celulares e computadores como pontos de encontro sexual?⁶ Inclusive lembraram-se da importância de higienizar os brinquedos sexuais após o uso, como se os vírus pudessem aproveitar o furo na abstinência da quarentena para irromper nas relações de cada uma consigo mesma (Página 12, 2020).

Nestas circunstâncias – e sem desmerecer os inusitados esforços das autoridades político-sanitárias por comunicar a sua preocupação sobre esse âmbito específico de contágios (sempre preferíveis a qualquer “e daí?”) –, poderia existir melhor momento para o encontro com àquelas que mais têm avançado na exploração do desejo com e sem contato físico, na abertura de espaços para o sexo virtual, na erotização das superfícies materiais de contato e de separação entre os corpos, começando pelas próprias máscaras e produzindo, enfim, todo tipo de alternativas para a prevenção e a mitigação de riscos? Bem para além dos modestos limites desta assembleia, a troca de saberes *contrassexuais* poderia servir para fortalecer a resistência às formas emergentes de medicaliza-

⁶ Mas isso sim, com precaução, porque até as imagens poderiam ser partilhadas de forma indesejada e terminar por *viralizar* (Ministerio de Justicia, 2020).

ção do campo da sexualidade. Caso contrário – isto é, sem um olhar sexo-positivo em tempos interpandêmicos–, até os nossos mais bem-intencionados esforços poderiam terminar por consolidar a perigosa retórica da abstinência como prevenção com que a atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo de Jair Bolsonaro, Damares Alves, preparou (visionária!) o carnaval de 2020.

E vocês, poliafetivas e não monogâmicas em geral, como vocês estão? É cedo demais para advertir que a covid-19 pode atingir os nossos imaginários sexuais como já o fez o HIV, estreitando as margens para imaginar outro mundo relacional possível? Sim, bem sei que poliafetividade e promiscuidade podem ser conjuntos disjuntos, mas, nuances à parte, não nos sentimos todas hoje um pouco mais como Dora, uma bissexual poliafetiva isolada no domicílio familiar, “em um bairrozinho pacato de uma cidadezinha patética”⁷? Delgada é a linha que separa a prudente chamada a limitar os encontros sociais fora dos núcleos de coabitação do reforço da unidade familiar como princípio organizador da vida social⁸. Com certeza, as chamadas ao exercício da responsabilidade coletiva revelam-se imprescindíveis num contexto marcado pela vertente negacionista da agenda neoliberal. Ao mesmo tempo, seria extremamente fácil esquecer, nessa luta, o reforço das políticas de higienização moral que os contextos pandêmicos trazem consigo, com o exemplo imediato do “recrudescimento da violência contra os dissidentes eróticos ao abrigo do fantasma da aids”, a que se referia o argentino Néstor Perlongher (1988, p. 68, tradução minha) nos inícios da pandemia do HIV no Brasil.

Quais formas de responsabilidade e cuidado coletivo poderíamos construir, por exemplo, a partir da memória da sucessão de fuzilamentos de travestis do ano 86, que a versão policial relacionava com vingança por contágios, mas que na verdade constituíam – como explica também Perlongher (1988, p.68) –, o lado mais letal da higienização moral do espaço público no contexto pandêmico? Sem pretender antecipar os possíveis efeitos (me desculpa pelo uso retórico do verbo “antecipar”?), é previsível que as narrativas que acompanham a covid-19 e as medidas para a sua contenção se sedimentem também entre “nós” de formas imprevistas. Especialmente quando a sua presença na esfera pública tem alcançado, em apenas alguns meses, cifras que jamais teriam sonhado para si os 30 milhões de mortes totais causadas pelo HIV, nem os 35 milhões de pessoas que convivem hoje com o vírus, nem os dois milhões de novos contágios e as 700.000 mortes evitáveis que provocou só em 2019 (UNAIDS, 2020). Por enquanto, como inquietante amostra, a Associação Nacional de Travestis e

⁷ Ver “Atitulada”, de Isadora Campos, neste volume.

⁸ “Se dois são companhia, três (ou mais) são multidão”, advertia no seu guia de sexo seguro o Departamento de Saúde do estado de Nova Iorque, num bom exemplo do grau de dificuldade a que se pode chegar para dissociar as políticas de prevenção dos velhos ditados da norma monogâmica.

Transexuais denunciou o aumento de quase cinquenta por cento nos assassinatos de travestis durante os primeiros meses de quarentena (ANTRA, 2020). Com toda probabilidade, os motivos para esse aumento se relacionam com o contexto pandêmico, as condições em que se exerce o trabalho sexual e a transfobia estrutural de formas complexas, mas que refletem um recrudescimento da violência inscrita na “nossa” relação com o espaço público. Decretemos, ao menos, o estado de alerta e comecemos a tecer pontes de coalizão e solidariedade nas margens da *cisheteromonormatividade*⁹. Nem que seja porque, quando se trata dos estreitamentos da moral sexual, costumamos pagar todas sem exceção.

Abismos e alianças

Não é sem motivo que se repete que a covid-19 não inventou quaisquer desigualdades, mas apenas aprofundou as que já estavam aí. Nessa linha, as autoras aqui reunidas em assembleia proporcionam inesgotáveis exemplos. Você já experimentou estar disponível 24 horas para o *teletrabalho* enquanto tentava não se preocupar em excesso com os hábitos de higiene dos rapazes da República onde foi morar com seu namorado após receber uma ordem de despejo do seu apartamento? Pensou na surpresa de ver a cidade emudecer sob máscaras que lhe impedem de ler os lábios de todas as pessoas com que se encontra? E na frieza de uma cidade privada do toque físico para quem, sendo cega, dependia disso como parte fundamental de sua relação com os outros no espaço público? Contestando as narrativas da excepcionalidade, muitas *queerentenas* se limitaram a prolongar ou, no máximo, reescrever a experiência histórica do *corpo isolado* pela precariedade, o capacitismo, o assédio machista, a trans-homofobia, a violência policial e a herança da escravatura.

Pessoalmente – importa-se pela digressão com a própria *queerentena*? –, nunca tive maior consciência do aprofundamento dessas fraturas do que acompanhando as manifestações do movimento negro pelas ruas de Belo Horizonte. Escoltadas pela mesma Polícia Militar de quem exigiam o afastamento, centenas de jovens negras e negros atravessavam as ruas quase desertas ao grito de “parem de nos matar”. O vínculo com o movimento Black Lives Matter era evidente. Ao mesmo tempo, os protestos estavam fortemente ancorados na denúncia dos efeitos locais da violência policial e do racismo estrutural. Uma bandeira, em particular, reunia as fotos de George Floyd e João Pedro Matos Pinto, estudante negro de 14 anos morto durante a quarentena com 72 tiros que a polícia do Rio de Janeiro descarregou na casa onde se encontrava. Não se tratava de um caso isolado, como também não o foi o assassinato por asfixia de Floyd. O corpo de João Pedro somava-se aos outros 177 que perderam a vida, só na cidade do Rio, num mês de abril cuja letalidade da ação policial

⁹ Sim, a palavra é inventada (não o são todas?) numa tentativa de assinalar a genealogia comum da normatividade de gênero (cis), sexualidade (hetero) e relacional (monogamia). Assim o defendo, ao menos, em *Márgenes de la ley: epifenómenos de violencia biopolítica* (2018).

aumentou em mais de quarenta por cento (ISP, 2020). Ao mesmo tempo, sua morte somava-se à de dezenas de milhares de jovens negros vítimas de mortes violentas (mais de 25.000 só em 2017) sem que estas nunca tivessem sido enxergadas, como lembrava com sombria agudeza a professora Gislene Aparecida dos Santos no início de maio, como parte de um “flagelo social ou de uma hecatombe” (Santos, 2020). Se a essa necropolítica cotidiana acrescentamos a maior vulnerabilidade à covid-19 provocada pelas iniquidades nas infraestruturas urbanas, pela massificação das racializadas comunidades periféricas, para além da dependência de economias informais e de subsistência, entre outras diferenças raciais inscritas na “nossa” relação com os espaços públicos, poderemos talvez começar a entender até que ponto podem resultar ilegíveis, para as lutas antirracistas, as prudentes chamadas a postergar os protestos até a chegada das vacinas.

A presença das negritudes viadas e das masculinidades sapatão nesses protestos era evidente. Suas falas mostravam, porém, que sua relação com o espaço de protesto devia ser afirmada e defendida, junto com a dos feminismos negros, como acontece em quase qualquer manifestação massiva. Ao mesmo tempo, essa presença implicava, ao meu ver, algumas perguntas iniludíveis para esta assembleia. Quais fraturas o contexto pandêmico teria aprofundado entre “nós”, as dissidentes sexuais e de gênero? Quais abismos físicos e políticos teriam sido abertos pelas nossas diferentes formas de nos relacionar com os espaços públicos, seja para trabalhar, para paquerar ou para protestar? E, se assim fosse, que tipo de pontes precisaremos atravessar para evitar que os períodos de isolamento físico incrementem a atomização dos “nossos” grupos, coletivos e movimentos sociais? Noutros termos, como reconstruir os projetos de resistência coletiva para sobreviver à nova normalidade? Já me antecipo e esclareço que não pretendo responder aqui a essas perguntas. Gosto de pensar, no entanto, que assembleias como esta, com sua irreduzível pluralidade e (por que não o dizer?) desordens internas, apontam para a direção certa. E que esta assembleia não constitui, portanto, um simples *aglomerado de zonas* (existe uma aglomeração que seja, de fato, simples?).

Já disse que este não é um encontro acadêmico? Você que chegou agora mesmo, já sabia do prazer culposo de quem deseja o prolongamento indefinido da quarentena? De quem aproveitou para desfrutar de *uma lua de mel* por longo tempo adiada? E de quem casou, *queerentenu* e se separou no período de isolamento físico? As angústias e os prazeres das “nossas” *queerentenas* não são mais coerentes entre si do que nossos gêneros e nossas sexualidades, apesar de terem sido, completa e irreversivelmente, como a convocatória desta assembleia, atravessadas por ela.

No meu caso – permite que me refira, pela última vez, à minha *queerentena*? –, tive que atravessar o Atlântico para me despedir do meu pai (“pelo menos não é covid”, foi uma das nossas últimas piadas). Após atravessar aeroportos deser-

tos e voos cheios, após vários testes antes e depois da viagem, após alguns abraços incômodos ou não dados (“você veio do Brasil, não é?”) – e que muito me fizeram lembrar a minha chegada ao Brasil, meses antes, vindo do epicentro pandêmico europeu (“já sofreu muito preconceito por ser espanhol?” perguntou-me, perspicaz, um motorista de *Uber*) –, despedimo-nos efetivamente dele. Aglomeradas e com a estranha frieza dos rostos cobertos por máscaras cirúrgicas. Significativamente, a última intervenção pública do meu pai, como ativista social, foi para reclamar que se autorizasse uma hora de passeio diário para as pessoas mais velhas durante os meses de confinamento obrigatório. Sua preocupação era que não pudessem recuperar nunca, sendo com frequência portadores de doenças crônicas, o estado físico perdido por causa da inatividade (Pérez Serichol, 2020). Obviamente, foi o seu caso. Assim como o do meu tio, bem mais novo, a quem enterramos no mesmo dia. Paradoxalmente, suas respectivas comorbidades cardiorrespiratórias não interagiram com nenhum vírus, mas com os efeitos dos prolongados confinamentos sustentados por quase um milhão de multas impostas pela chamada lei *da mordança* (herança do governo de direita pela repressão aos protestos sociais), a militarização do espaço público e também pela pressão policial sobre os bairros periféricos, migrantes e racializados.

Poderia ser tentador, perante o luto pelas mortes por covid-19 no Brasil, deduzir que o antídoto ao negacionismo possa ser encontrado em qualquer tipo de refúgio autoritário. Trata-se, na minha opinião, de uma falsa alternativa. Sem ampliar nossos imaginários políticos, a tentativa de reconstruir a fantasia da segurança perdida poderia nos levar, de fato, a lugares bastante inóspitos. Alguns sabem, por exemplo, da multiplicação das angústias no confinamento obrigatório das presas e dos presos que reproduziram a experiência destas *Histórias da Queerentena* numa unidade prisional do Rio de Janeiro¹⁰, assim como das pouco sutis diferenças existentes entre as medidas voluntárias de contenção das que nos são simplesmente impostas. Não pretendo sugerir, com essa última comparação, que o balanço entre autogestão e imposição possa ser simplesmente resolvido de uma vez por todas em favor do primeiro termo. Não, ao menos, de forma abstrata e descontextualizada. Gostaria, isso sim, de seguir o caminho interpandêmico aqui apontado para sugerir que a história das lutas *queer* perante a crise do HIV fornece importantes recursos para não cair, ao menos, no extremo oposto. Basta lembrar aqui que estas abriram, em contextos de genocida desídia institucional, espaços de ação coletiva contra a mercantilização do direito à saúde, para o combate das narrativas estigmatizantes e, também, para resistir àquelas respostas penais e policiais em matéria sanitária que terminavam por impactar com especial força nas mesmas comunidades que se pretendia, supostamente, proteger. E que fizeram tudo isso – e muito mais – bagunçando, à

¹⁰ Ver o capítulo “O poder de um vírus que invisibiliza ainda mais os invisíveis em privação de liberdade” de Carlos Renato Alves da Silva, incluído neste volume.

sua passagem, a organização identitária dos espaços de encontro para mantê-los abertos a todo tipo de alianças inesperadas.

Agradecimentos

Só me resta dizer que esta *assembleia inesperada* não teria sido possível sem uma ampla variedade de encontros prévios. É o caso das conversas com José Manuel Castellano Gil, que me envolveram no seu projeto; com Marco Aurélio Máximo Prado, que lhe prestou o seu apoio desde o início; e com Gilmaro Nogueira, a quem agradeço o laço feito com a editora Devires. Estou igualmente grato a João Manuel de Oliveira, pela sua incondicional disponibilidade como júri dos textos enviados; a Sara Wagner York, pela sua atenta contribuição ao júri apesar das dificuldades de visão que a afetaram, justamente, no período de quarentena; e a Carlos Renato Alves da Silva por colaborar, com sua iniciativa, para dar sentido à nossa. Agradeço também a Júlia Vidal, Antônio A. L. Rausch, Bárbara Gonçalves, Vinício Brígido pela revisão dos textos e, em geral, a toda a equipe do NUH, pelas sugestões a propósito desta assembleia; assim como a Amanda Alves Arrais de Moraes, pelas audiodescrições que tornaram as imagens acessíveis para as pessoas cegas, e a Luciana Moreira, pelos seus comentários a este pré-texto. A todas e cada uma das que enviaram as suas *Histórias*, obrigado. E ao Gustavo, também, pela paciente companhia nesses dias de luto e *queerentena*.

E você, ainda está conosco? Entre, ocupe o seu próprio espaço, se quiser, entre “nós”. Não espere se dar bem com todas, somos muitas e temos ainda conflitos por resolver. Mas talvez você encontre entre as páginas – quem sabe? – um novo grupo de afinidade.

Belo Horizonte, 15 de setembro de 2020.

Referências

ANTRA (2020). Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/2020/05/03/assassinatos-de-pessoas-trans-voltam-a-subir-em-2020/>>. Acesso em: 15 set. 2020.

ISP (2020). Instituto de Segurança Pública divulga dados de abril. Disponível em: <<http://www.isp.rj.gov.br/Noticias.asp?ident=438>>. Acesso em: 15 set. 2020.

Ministerio de Justicia y Derechos Humanos (2020). ¿Cómo hago para sextar seguro?. Disponível em: <<https://www.argentina.gob.ar/justicia/convosenlaweb/situaciones/como-hago-para-sextar-seguro>>. Acesso em: 15 set. 2020.

Página 12 (17 de abril, 2020). El Ministerio de Salud recomendó el sexo virtual y el sexting ante el coronavirus. Disponível em <<https://www.pagina12.com.ar/260318-el-ministerio-de-salud-recomendo-el-sexo-virtual-y-el-sextin>>. Acesso em: 15 set. 2020.

Pérez Navarro, Pablo (2018). Márgenes de la ley: epifenómenos de violencia biopolítica, *Cadernos Pagu*, n. 52, p. 68-93.

Pérez Serichol, Luis (22 de abril, 2020). Una hora para la gente mayor. La casa de mi tía. Disponível em <<http://www.lacasademitia.es/articulo/firmas/hora-gente-mayor-luis-perez-serichol/20200422201116099151.html>>. Acesso em: 15 set. 2020.

Santos, Aparecida G. (2020). Reflexões em tempos de pandemia, necropolítica e genocídios. Disponível em <https://jornal.usp.br/artigos/reflexoes-em-tempos-de-pandemia-necropolitica-e-genocidios/#_ftn5>. Acesso em: 15 set. 2020.

UNAIDS (2020). Global HIV & AIDS statistics — 2020 fact sheet. Disponível em <<https://www.unaids.org/en/resources/fact-sheet>>. Acesso em: 15 set. 2020.

1

LEITE DE MINHAS TETAS

A.C. Nicolau¹¹

Primeiro domingo do mês, mais uma vez, os dias se repetem infinitamente ultimamente. Minha mãe abre a porta do meu quarto sem bater, usando um longo vestido, uma echarpe colorida, batom e sombra nos olhos ela diz “vem e traz o celular”. Eu interrompo o filme que estava assistindo, coloco um casaco por cima do pijama e caminho até a sala sentido a exaustão de existir. Em cima da mesa está um pão e duas taças com suco de uva, a bíblia fechada e flores colhidas no quintal. O corpo do salvador na minha frente e eu pensando se vou pro inferno por me masturbar. Do celular antigo da minha mãe posso ouvir o pastor abençoar a comida e fazer uma oração que não me toca. Comei o pão, o corpo de Cristo. Bebei o suco, o sangue de cristo.

Ela me entrega o alimento e eu como em silêncio; sua mão encosta no meu peitoral, ela fecha os olhos e ora em voz alta. Eu de olhos abertos, esperando o mais poderoso de todos os deuses descer dos céus e vir me esculachar. PECADORA. Retorno ao meu quarto e volto a assistir o filme.

Mãe, preciso falar com você. Foi o que eu disse antes de ontem, eu estava pronta para finalmente contar. Ela não sabe, nunca soube. Ela no dia seguinte acordou chorando, teve um pesadelo. Um homem grande me levava amarrada nos seus ombros e ele dizia pra ela “são más notícias”.

Decidi não contar, deixa ficar assim por enquanto.

Me olho no espelho, gorda, apareceram algumas estrias na minha barriga. Estão vermelhas e um pouco roxas, parecem com cortes que eu fazia na pele há alguns anos. Gorda.

Ou gordo? Será? Não sei, mas não há espaço para esse tipo de coisa nessa casa, não devo me questionar, ninguém deve. Me afogo em pecados e quase sinto o arder do fogo do inferno queimando minha pele, tenho vontade de nadar pelada na piscina, e daí que os vizinhos conseguem ver meus peitos moles?

Certa vez enquanto íamos para o culto, no silêncio do carro, “Carolina, não dê o cu”. Respondi que sim e pensei “será que ela deu e não gostou?”. Uma grande obsessão com o cu começou ali, para todos os amigos que se descobriam gays eu logo pensava “meu deus ele vai o cu, vai doer.” Um irmão da igreja me

¹¹ Bissexual e confusa. 25 anos. Brasília, Distrito Federal.

ligou para dizer que tinha dado e um enorme sorriso se montou no meu rosto mostrando meus dentes amarelados de café. Como foi? Me conta tudo. Doeu muito? Ele não respondeu essa parte.

Será que eu alimento a indústria pornográfica e procuro por sexo anal no *Xvideos*? Como feminista eu tinha certeza que não deveria, mas foda-se, fiz. Vídeos com uma iluminação e um cenário maravilhoso me incomodam, não parece real, eu quero verdade, quero um documentário sobre dar o cu, eu quero sentar na frente da pessoa e ver ela dando. Até que encontrei a aba dos amadores. Tem de tudo. Coloco o cobertor por cima da cabeça, me encolho toda e assisto. Volume no mínimo, brilho no mínimo, uma nova aba se abre “como aumentar seu pau em 15 cm”, sigo pra mais um vídeo, minha mãe abre a porta sem bater de novo.

Meu coração a mil, bloqueio o celular rapidamente e ela “não vai participar da célula hoje? Se não for vem pra reunião de oração”. Ai que cu! Literalmente.

Entro na vídeo-chamada da célula, um grupo pequeno de pessoas que se encontram toda semana para falar de deus, deus com d minúsculo. As irmãs cantam uma música *a capella*, cada uma num tom e ritmo diferente fazendo uma mescla horrível de louvores. Desligo o som do computador e finjo que estou ouvindo. A breve reflexão fala sobre se entregar completamente para o altíssimo senhor dos senhores, entregar sua vida para ele, desculpa, para Ele.

Me sinto acuada, não tenho voz, estou errada, não tenho espaço entre elas, tão mulheres, mulheres de peitos duros, magras, mulheres altas, mulheres que estão se guardando para quando encontrarem o homem enviado de deus.

“Uma vez, Carol isso é segredo pelo amor de Deus não pode sair daqui, eu me masturbei. Nossa, mas foi horrível! Aquele movimento repetitivo e eu me senti tão suja, chorei tanto. Depois eu orei pedindo perdão. Mas olha só, não conta pra ninguém”, foi o que uma irmãzinha me disse. Depois que eu me masturbo, eu não oro. Uma vez eu agradei a Deus, mas nunca pedi perdão. Será que devo?

Deus, me perdoe por me masturbar enquanto tem gente morrendo sem conseguir respirar.

Recebi um comunicado na caixa do correio: a família que mora a três casas da minha está com *covid*. Meu deus, será que eu finalmente vou morrer? Minha breve existência de 25 anos, e eu que já tive depressão por tanto tempo. Distímia é o nome correto. Eu que já tentei suicídio várias vezes e de formas diversas e nem um pouco criativas, vou citar aqui algumas. Teve a vez que eu tomei uma caixa inteira de *Rivotril*, não deu nada, só dormi mais que o normal; teve a vez que eu tentei sofrer um acidente de carro; teve a vez que eu tentei ter uma overdose de cocaína e por aí vai. Ah! Sem contar com as inúmeras tentativas de cortar o pulso, bem clichê.

Deito-me de conchinha com a minha cachorra e encho ela de beijos, queria que fosse alguém de verdade, talvez o menino que conheci no *Tinder*, mas se eu fizer isso ele provavelmente vai descobrir que eu tenho peitos moles, caídos e que

passo noites tirando os cabelinhos perto do mamilo. Se eu conseguir o auxílio emergencial vou fazer uma cirurgia e colocar silicone.

A cachorra lambe meu rosto. Eu abro a boca pra língua dela tocar a minha. Meu deus, que saudades de dar uns beijos, de encostar nas pessoas, de sentir a pele dele tocando a minha, de colocar a minha cabeça no peitoral dele, de sentir as mãos grandes e grossas descendo pela minha bunda.

Na hora do banho eu tranco a porta e beijo o vidro do box, a água quente, o gelado do vidro e a minha língua e lábios indo de um lado pro outro. Será que vai ser ele quem vai tirar a minha virgindade? Um sonho, porém, um grande medo.

Minha amiga diz que não tenho que ficar nessa neura de já ser velha e não ter transado ainda, diz que cada um tem o seu tempo e que eu tenho meus motivos. Bom, ela perdeu com 18 anos, realmente não tem neura pra ela.

Mas eu tenho meus motivos mesmo. Na época que ela estava perdendo a virgindade com o namorado, eu estava sendo abusada por um cara de 30 e poucos anos que me agarrou sem a minha permissão e ainda tocou nas minhas partes. Filho da puta. Depois disso tiveram mais uns 3 caras. Teve o cara que me forçou a pegar no pau duro dele e ainda se dizia meu amigo. Mas aí eu penso, será que isso é motivo mesmo? Pelo menos ninguém meteu o pau na minha... Como chamar? Perereca? Vagina? Proibida? Rachada? Buceta? Acho que é buceta que as pessoas falam.

Sei lá, acho que nunca vou transar mesmo. Vou aproveitar que a minha família é tão religiosa e vou adotar o celibato, viro freira. Minha tia queria ser freira, mas daí virou evangélica. É a tia que tem visões e fala na língua dos anjos. Ela se casou com um pastor.

Então, esse meu tio que é pastor casa todo mundo, as pessoas da família, as pessoas da igreja dele e tudo mais. Daí uma vez eu perguntei pra filha dele se ele me casaria caso eu me apaixonasse por uma mulher e ela disse que não. Daí eu fiquei triste pra caralho, meu coração foi meio despedaçado naquele momento. Ah! Mas eu devia ter esperado por isso, né? De qualquer forma, decidi que se for me casar vai ter que ser com um homem.

O dedão do meu pé esquerdo tá inchado. Eu mexi muito ontem à noite, arranquei a parte da unha que sobrava com a boca. Um pouco nojento uma mulher como eu colocando o dedão na boca, nada sexual, só esquisito mesmo. Cavouquei tanto a unha que hoje não estava nem conseguindo colocar o dedo no chão direito. Daí fui tomar banho, deixei a água quente, quente pelando, encostar no meu couro cabeludo e me queimar inteira, minha bunda se contraiu na hora, a pele ardendo, mas eu continuei ali, firme, tentando sentir alguma coisa real. Tá tão artificial nesses tempos, a gente não pode mais se ver. Tudo por tela, tela da tevê, tela do computador, tela do celular. Tenho vontade de arrancar minhas mãos pra não conseguir mais mexer nessas coisas.

Enquanto eu estava tomando banho tive um impulso muito estranho de querer mamar das minhas próprias tetas, como um bebezinho órfão que busca o leite da mãe em si mesmo; como um bezerro sedento pelo leite da vaca. Desde que comecei a tomar esses medicamentos, sai um leitinho dos meus peitos quando eu aperto, então eu levei a teta esquerda na boca, a esquerda sempre, e chupei com cuidado pra não doer.

Demorei a acreditar, mas o gosto é realmente bom. Imagino que deve ser nutritivo também, apesar de ter virado uma *pseudo* vegana no final do ano passado acredito que esse leite não seja tão problemático de se beber.

Me alimentando de mim mesma, bebendo da minha própria fonte como a cobra que fica tão puta que começa a comer seu próprio rabo. Espero que a minha energia não seja tão negativa como todo mundo diz que é. Que esse me comer, ou melhor, me beber seja por inteiro. Que eu possa reaproveitar o que é bom em mim verdadeiramente.

Qualquer coisa para reabastecer o tanque de energias para sobreviver nesses tempos. Realmente sou a minha melhor companhia. Acho que vou me trancar no meu quarto por dias. Só eu e o meu próprio leite até acabar a pandemia.

2

VINTE E TRÊS CENTÍMETROS DE LATTES

Sofia Favero¹²

Escrevo em êxtase. Não sei bem por onde começar, tudo que sei é que gostaria de lhe contar acerca de um convite que recebi. Pouquíssimos dias atrás, fui surpreendida por uma mensagem que surgiu na tela do meu celular. Dizia-me, intimamente, que queria que nos víssemos um dia, que marcássemos uma data. Sofia, podemos fazer isso? Era a primeira vez que me convidavam para tal coisa. Um pouco sem jeito e um pouco sem graça, respondi-lhe que sim. Poderíamos, mas que eu teria de ver um dia disponível na minha agenda. Tampouco se tratava de um convite qualquer, então seria preciso estar preparada. Dê-me algum tempo.

Confesso, todavia, que estava muito animada. Havia esperado por aquilo durante um bom tempo. Mas quero ver algo antes, você me manda? A pessoa respondeu que sim. Fiquei na expectativa para receber o que havia pedido. Seria minha primeira vez e eu estava bastante receosa. Havíamos nos visto algumas vezes, mas não imaginaria que pensava em mim daquela forma. Logo eu? O que tenho de especial? Existem tantas outras mulheres trans e travestis pelo Brasil. Mas, bom, o que importa é que meu momento chegou. *¡La hora es ahora!* Seu convite havia mexido comigo, que estava em casa já há uns preocupantes cinquenta dias. Finalmente algo capaz de mobilizar meu organismo, de fazer o sangue correr e até de me dar certa dor de cabeça. Quem mais vai estar na banca? – questionei-lhe. Você é outro psicólogo que também estuda sexualidade. Tá bem, então. Vemo-nos lá.

Depois que marcamos a data, fiquei esperando que me enviasse o arquivo. Com ele, pude analisar o que se apresentava enquanto uma monografia. *Madre mia*, pensei, esse é o ponto alto do meu isolamento. Estou agora lendo o primeiro trabalho de conclusão de curso em que farei parte do grupo de avaliadores. Ao mesmo tempo, omitir esse dado do parágrafo inicial parece que nos faz imaginar que um convite queer seja desde sempre um convite sexual – talvez eu que pense assim, afinal de contas. E se sua única leitura disso tudo está ligada a uma acusação de falocentrismo, sinto muito, é que o presente texto realmente não foi escrito para seu senso de humor. Por isso, lanço algumas questões: o que é permitido a essa teoria? O que teria de queer em ser convidada para uma banca? O que eu, vivendo a mais pacata das vidas, poderia escrever sobre isolamento?

¹² Travesti, 26 anos, solteira. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

As pessoas esperam ler que tipo de coisa de uma travesti que só fica casa? E como exatamente a finalização de uma graduação, que sequer era a minha, seria subversiva em primeiro lugar?

Antes de toda essa loucura ser instaurada, vivi uma vida entre paredes clínicas. Entre idas e vindas a centros religiosos, passei a frequentar também as impermeáveis paredes ambulatoriais. Psicólogos, assistentes sociais, endocrinologistas, cirurgiões. Sinto que, de alguma maneira, o isolamento me é comum. Misteriosamente, por trás dos muros de um saber psicopatológico, eu mesma me tornei psicóloga. É isso que chamam tanto de pulsão de morte? Fui avaliada também por juízes, promotores e advogados. Professores que, em sala de aula, igualmente decidiam se eu era feminina o suficiente para ser tratada da maneira que solicitava. De tal modo que, mesmo correndo o risco de soar injusta, declaro: a única forma de emergir alguma inteligibilidade parecia estar ligada à saúde mental.

Era preciso ser *too much*. Muito discreta. Muito delicada. Muito dócil. Muito diplomática. E muito disfórica, principalmente. Sinto, de fato, que as alternativas para mulheres trans e travestis brasileiras se tornarem “sujeito” ainda estão circunscritas em uma gramática nosológica, geralmente norte-americana. Podem ser quem são somente após comprovarem que são dessa maneira porque sofrem internamente, porque convivem aprisionadas em si mesmas, porque odeiam a autoimagem, estão em conflito com o espelho e com a nação. São muitas as heranças psiquiátricas que se oferecem a nossas cidadanias e que, muitas vezes sem refletir, passamos a adotar como verdade. Assim, fraquejo. Digo-lhe que não vivi nada de queer nesse isolamento, se “queer” for algo assim... impressionista.

Não fiz nenhuma experimentação hormonal. Não etnografei a forma que o estradiol em gel percorreu o meu corpo. Não analisei o jeito que as dinâmicas de gênero continuam aparecendo ou como as pessoas deixaram de me olhar no supermercado. Aliás, como me trouxe Amanda Palha (UFPE), eu quero que essa coisa de máscara dure para sempre, pois nunca fui tão tratada no feminino. Mas caminhar pela seção de frutas pode ser uma trajetória *queer*? Pelo visto, ainda me sobra algum critério metodológico. Talvez uma forma possível de não se subordinar à quarentena seja entrar no bate-papo da UOL e então investir on-line em experiências que perturbem a sexualidade. Penso em colocar algum *nickname* como “Sophie Bubbalo” – porém, tenho um pouco de preguiça. Não é nem um polimento moral, é que a ideia de conversar com uma série de homens fetichistas não me agrada em nada. Se eles ao menos pagassem minhas contas, mas nem isso andam fazendo. As coisas não estão fáceis, como consegue notar.

Outro rapaz, quando fui buscar ajuda em uma das minhas redes sociais sobre isso que estou escrevendo agora, disse-me que o ponto alto de sua *queerentena* havia sido usar uma *jockstrap*. Na ausência de uma linha de cuecas que deixassem minhas nádegas visíveis, reconheço: posso apenas falar sobre a bendita da banca. Talvez os viados estejam mesmo preparando inúmeros relatos sobre suas

experiências orgânicas com vegetais fálicos, reinventando o dildo, como comentou Murillo Nonato (UFBA) na postagem que fiz. Se for mesmo assim, estou perdida. O máximo que consigo é ouvir Kate Bush enquanto faço faxina e de repente passar água de chuva na minha testa. Os aromas disso, todavia, prometem ser pouco efetivos contra quaisquer tipos de vírus.

O convite é uma solicitação, uma chamada, um apelo. Minha presença é requerida na manhã de uma quarta-feira. Meus horários estão desajustados, mas reconheço que esse Lattes não vai crescer sozinho, não é mesmo? A boneca precisa acordar e trabalhar. Dias antes, decido ler o TCC que foi enviado a mim. Tenho pouca pretensão de falar sobre ele aqui, por razões óbvias, mas falei na banca, após agradecer o encorajamento, que aquela foi minha primeira vez. Vejo pouquíssimo sentido em fingir uma tranquilidade, como se “nossa, eu faço isso todos os dias” ou então “que bobagem, eu avalio projetos de pós-doutorado o tempo inteiro, isso aqui pra mim é tão fácil quanto ler a caixa de comentários do G1” – acharia pouco espontâneo.

Até porque eu estava completamente cagada, se a escatologia me for permitida em termos acadêmicos. Em segundo lugar, era evidente que eu estava participando daquilo pela primeira vez, tendo em vista que meu mestrado tinha sido concluído há menos de dois meses. Pelo computador, fiz e aconteceu. As pessoas acreditam que o bom de fazer conferências de vídeo é que não é necessário se arrumar da cintura pra baixo. Bom, já eu acredito que o ganho é não precisar usar protetor solar. Dentro de casa, participei daquilo que para alguém seria o fim de um ciclo e a entrada no mercado profissional, mas que para mim simbolizava outros arranjos subjetivos.

Sentia-me, talvez pela primeira vez, mestra em psicologia. Discussões esvaziadas sobre “lugar de fala” não dão conta de entender os efeitos da cisgeneridade em cima das travestis latinas. O ponto é que a gente discute muito mal as nossas parcialidades. Muito mais do que afirmar precocemente que “convidar” travestis a bancas de mestrado e doutorado seria uma estratégia revolucionária, como se não tivéssemos coisas boas a dizer para além de nossas posições no mundo, penso que poderíamos ir além. Acredito que esse é um processo novo em que a educação passa a disputar com a saúde uma nova ideia de “sujeito” trans.

Algo que me leva diretamente ao dia da defesa da minha dissertação, quando uma das pessoas da banca me questionou sobre o que aquele título significava para mim. Respondi-lhe, após pensar um pouco, que representava outra via de oxigenação. Que as possibilidades cidadãs a pessoas trans e travestis me pareciam menos condicionadas a um diagnóstico. Quis dizer, assim, que no lugar de sermos avaliadas por uma equipe profissional (a respeito de sermos ou não homens e mulheres), passamos a estar localizadas em outro vocabulário. As recentes políticas afirmativas destinadas às identidades de gênero não-

normativas, na graduação e na pós-graduação, já expressam diferentes horizontes existenciais.

Ao invés de estarmos tributárias a uma benevolência médica e jurídica, que produzem burocracias altamente violentas em nossas vidas, estamos trilhando outros caminhos. O que a educação, com todos os seus problemas ligados a uma ideia de mérito e produtividade, ainda assim, consegue nos falar é que: há futuro para nós fora dos hospitais, fora dos protocolos transexualizadores, fora dos grandes manuais sintomatológicos. Com isso, quero dizer que seu convite, para que eu fosse avaliadora, foi um respiro que pude ter. Uma chance de informar às investidas governamentais contra a educação brasileira que nós, LGBTs, continuamos fazendo pesquisa.

Sei que lhe disse lá em cima que não havia nada de queer em minha quarentena, mas, talvez, contraditoriamente, o que houve de mais subversivo foi passar a perna em uma concepção de existência que só poderia ser reconhecida caso estivesse mediada por uma tradição psiquiátrica. Não fui chamada, por exemplo, para testemunhar uma infância ou adolescência em uma lógica de estudo de caso. Olhem como sofri. Olhem como foi ruim. Olhem tudo que passei. Convite que muitas vezes recebi e arqueei com as consequências de ser colocada no lugar de “coisa”. Dar truques a partir da educação, portanto, soa-me como uma transição, mas não essa que comumente falamos, pois, com efeito, no lugar de “travas-objeto” temos agora “travas-sujeito”.

Desde que tudo isso começou, fui convocada a responder uma série de vezes sobre o que era o isolamento para LGBTs a partir de uma perspectiva psicológica. Perguntas que, confesso, me soam meio autoexplicativas. Esperam que, de alguma forma, haja algo de ruim. É como se necessariamente LGBTs tivessem de viver isolamentos difíceis, algo que digo sem ter a menor pretensão de excluir os níveis de violência e abandono familiar da análise. Quero, em contrapartida, pensar em termos mais sinceros. Existem muitas pessoas “como nós” que estão contentes de não ter de sair de casa, que se adequaram bem a uma rotina sem olhares que discriminam, que se viram diante da não-necessidade de validação do outro.

Além disso, pressupõem que o isolamento é sempre unilateral, imerso em uma lógica previsível em que os “de fora” seriam sempre os algozes. Para que pudéssemos afirmar isso, seria preciso, antes, homogeneizarmos os gays, as lésbicas, as transexuais. Dizer que todos se dão bem entre si e que estão em comum acordo. Que não existem divergências e que concordam desde sempre com os próprios pares, mas, felizmente, estaríamos mentindo. Conheço muitas pessoas LGBTs que fariam da minha quarentena um verdadeiro inferno, imagina aos familiares – coitados – que não têm pra onde fugir. Já pararam pra pensar o que é ter de passar quase um trimestre ao lado de alguém como o vereador (DEM-SP) Fernando Holiday? Um pouco de misericórdia.

Quero colaborar de outras formas. Quero outros vínculos acadêmicos. Quero ocupar outros lugares sem sentir que esses lugares são oferecidos por pena. Mesmo sem aulas e trabalhando em casa, acredito ser possível apostar noutras perspectivas epistemológicas que não estejam baseadas em uma autoridade esvaziada. Cobram-nos que sejamos tão boas quanto nunca foram. Querem ver em nós as versões atualizadas de Monique Wittig, Julia Kristeva, Virginie Despentes. “Por favor, pesquisadoras trans, somente abram a boca caso tenham algo fenomenal a ser dito” – seria a lógica que regula os julgamentos universitários frente a algumas provocações transfeministas, por pessoas que nunca cobraram de si que fossem Foucault’s contemporâneos.

Se dizemos não à psiquiatrização, dizemos não também às exigências de uma intelectualidade insegura. Não somos outras senão nós mesmas. É possível viver uma *queerentena* pouco excêntrica? Ou então assumir novos entendimentos de travestilidade que não estejam mais correlatados a coisas surpreendentes? Estranhar uma familiaridade nosológica foi e permanece sendo um dever às margens que estão insatisfeitas com os centros. Por isso, se o queer é a recusa, digo-lhe que recuso também o selo de exótica. Que, no fim, o que tive de insubordinação ao longo do período que permaneci reclusa foi justamente a aproximação com uma pedagogia nascente. Buscamos, cada dia mais, outros destinos – às vezes cafonas, confesso, mas ainda assim plurais.

Serão essas as memórias de uma travesti dos anos dois mil? É isso que levarei da quarentena? Talvez, e a sucupira que lute. Sem muitas lembranças que me fizessem sentir como se estivesse revivendo *stonewall* enquanto estou dividida entre lavar a feira e atender pessoas pelo Skype, penso que é o momento perfeito para parar de me desculpar por não ser tão queer quanto o queer pode desejar. Desligo o laptop. E, bom, verdade seja dita, você deve reconhecer que ao menos o currículo ganhou uma linha a mais. Após o fim daquela banca, sentei-me no sofá do apartamento que alugo. Ao meu lado, um espelho estrategicamente posicionado. Enquanto olho para ele, peguei-me pensando no que você provavelmente também pensou ao longo dessa leitura esquisita: será que me tornei uma mulher heterossexual de classe média?

3

COR E LIBIDO NUMA TARDE DE ABRIL

Olívia Vilas Bôas da Paixão¹³

Ontem, pela primeira vez, numa breve ida ao supermercado, senti-me desprotegida sem um pedaço de pano preso ao rosto. Há alguns dias, acharia ridícula essa ideia. Mas é que chegamos ao ponto da sensação de quase nudez sem máscaras. Ali, dentre as laranjas e maçãs que todos compartilham em *botar* a mão, apertar e escolher, fui pega refletindo sobre o poderoso efeito que o comportamento em massa tem nas nossas vidas. Nunca antes – à exceção das manifestações de 2013 – usara máscara e, agora, num 27 de abril qualquer, sentia-me pelada sem uma.

Mais tarde, o consultório médico: precisava de receita para repor meu medicamento que chegava ao fim. Havia enrolado até ali, mas naquele dia acordei de renite *atacada* e com uma surpresa agilidade me pus a diagnosticar sintomas de *corona vírus*. “Ai meu Deus, tô tossindo”, “Vixe! Meu corpo está ruim”. “Preciso resolver isso da receita, rápido, pensa se amanhã eu acordo pior? Nem vê!”. Mas imagina ir a uma clínica nesses dias? Foi um dilema *white-cis-people-problems*, eu sei, mas fiquei entre a *cruz* e a *espada*. Acabei decidindo por sair enquanto ainda preservava condições físicas adequadas – àquela altura já me considerava uma contaminada (*cancerianxs*, *hipocondríacxs* ou qualquer *não-terraplanista* me entenderá).

Já na clínica, senti certo alívio por minha condição *mascarada*. Primeiro porque se portasse o vírus, não transmitiria a ninguém. Segundo, porque se ainda não fosse o caso, não seria ali o contágio. Pronto. Aos poucos, a tensão se dissipava do meu corpo, como se o tecido apoiado em minhas orelhas curasse todas as ansiedades, medos e vulnerabilidades que *todxs* – *algumxs* mais, *outrxs* menos – temos experimentado. Artimanha do inconsciente.

Ali, sentadinha no canto mais seguro que vislumbrei, considerando as mais de 20 pessoas no local, passei as próximas duas horas e tantas. Ao meu redor, um desfile de máscaras. Por vezes ainda me pego com a sensação de ter desmaiado

¹³ Advogada, graduada em Direito (UFMG), pós-graduada em “Direitos Humanos e Cidadania LGBT” (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales/CLACSO). Consultora de Estilo. Feminista de 27 anos que se mudou para Brasília (DF) e decidiu atender ao prazer de uma escrita leve, criativa e sem amarras. Uma escrita que só é possível quando se olha profundo nos olhos de seus próprios medos.

e acordado em algum lugar do continente asiático, já que, há muitos anos, as pessoas desses países preservam o uso das máscaras como um gesto de cuidado e higiene na convivência social. Com certeza todo mundo se recorda de já ter visto uma multidão atravessando ruas movimentadas, letreiros escritos em *rabiscos* colorindo os prédios, propagandas, barulho e muitas, muitas máscaras. Se achávamos estranho?! Mal sabia o ocidente a enxurrada de cuspes que nossas testas ainda receberiam.

Pois bem, voltando às máscaras; a maioria era simples, confeccionada num tecido que lembra *TNT*, camada fina, branco, extremamente exato na função de remeter à limpeza crua dos hospitais; deu até para sentir o cheiro do éter. Particularmente, por pura contradição da vida, confesso que prefiro esses modelos (das *máscaras cirúrgicas*). A silhueta de uma boca humana que resiste e se expressa por detrás do leve tecido me causa certo consolo, justamente porque com elas ainda sou capaz de lembrar da vitalidade que nos habita. Máscaras opacas sufocam e podem nos fazer um pouco mais máquinas.

Até aqui, acreditava nos olhos como “portais”, os “grandes” responsáveis pela conexão entre a alma e mundo cá fora. Só agora é que fui entender perfeitamente o papel tão importante desempenhado pela boca... Os lábios, os dentes, caretas, desgostos e, principalmente, sorrisos. Em tempos de máscaras, corona e fascismo, infelizmente os sorrisos andam escassos. “Sorrir com os olhos”, eis a máxima de nossos dias.

Às vezes sinto um *frio na barriga* característico de quando assisto filmes de ficção científica ou suspense. É que nesses momentos, o medo do porvir vem agudo, dando pontadas. Às vezes, de tanta incredulidade com as cenas que se desenrolam logo ali, há menos de dois quilômetros de onde vivo, a descrença e a comédia dão as mãos para o terror. Quem imaginara que no meio de uma pandemia, Luís XIV ousaria ressuscitar? O já pressentido rompimento entre o *sujo* “super-ministro” e o presidente *mal lavado, logo agora?* E, por fim, mas não menos deprimente, nossas definições de *abjeção* sendo atualizadas com louvor pela liderança que justo a cultura (a cultura!!!) possui. Enquanto isso, o vírus abrindo mais e mais covas pelo país – e aqui me refiro ao vírus da “biologia”, tá? Ô vida que caçoa da gente!

Retorno à sala de espera, às máscaras. Na minha frente, uma mulher vestindo sua versão roxa. Confesso que invejei; até notar as bolotas rosas desenhadas no tecido. “Horível!” – disparei no interior, já botando a inveja de lado. Belos tempos para se invejar máscaras alheias. Se ainda não aconteceu com você, o seu dia há de chegar! E aqui, meu sincero louvor às *futilidades da vida* que nos mantém *vivxs* e nos lembra nossa própria humanidade.

Outra, mais à frente, num bege *beeem* clarinho, com desenhos pequeninos de galhos e florezinhas marrons, que nem orégano no pé. “Delicada demais”. No mesmo instante, já era capaz de discorrer sobre a feminilidade e delicadeza comunicada por essa mulher – coisa que antes a gente só notava nas tatuagens,

roupas, sabe-se lá. É o vírus atualizando nossas limitadas noções sobre *x outrx*, e os estereótipos imbuídos nesse combo. Inclusive, o capitalismo, que de bobo não tem nada, já tratou de se adaptar: máscaras vendidas a 147 reais acrescentaram mais um *quê* de distopia ao início do mês de maio (vejam a campanha promovida pela marca *Osklen*). Afinal, quando o Governo Federal tem a façanha de propor 200 reais como auxílio às famílias que passam fome, para *algumxs*, diferenciar-se da “empregada doméstica que está indo pra Disney” pode ser prioridade.

Por fim, certo estardalhaço na recepção. Olho para o homem de meia idade gritando com uma moça e sua máscara de material descartável. Notei que o colega de trabalho, ao seu lado, portava uma “dupla camada protetiva”. A máscara preta ajeitada por fora, parecia grande demais, não se encaixava bem no ossinho do nariz. Logo, a solução encontrada foi colocar uma outra máscara, também de tecido descartável (e branca), por baixo. Mas porque ele permanecera com a preta (e larga) por cima? Questão de estilo, talvez. Pronto. O homem ranzinza já roubava de novo o meu olhar.

Notei que o motivo da briga era a interminável espera pela consulta. Eu dali, já ultrapassara as duas horas, mas, nem por isso dei esse *close* todo. Dono (nem da sua própria) da verdade, acusava-a de *furar a fila* para *outrxs* pacientes. Muito mais do que seu *chilique*, o que me chamou a atenção é que o atendimento NÃO era pra ele, mas para a mulher em sua companhia. Percebam: NÃO era ELA quem causava o tumulto; não a ouvi pronunciando qualquer palavra.

Além de interromper a atendente, aquele homem ainda *reclamava* pela mulher ao seu lado. Observando-o confortavelmente gritar com a funcionária, refleti se ele já não havia gritado com a médica antes – o dito viera do corredor onde estava a sala de consulta. Nesse caso, deduzi que provavelmente não. Uma recepcionista blindada apenas de sua máscara e crachá de identificação constituía alvo mais atraente para se depositar a raiva acumulada numa quarentena. Apesar de ambas mulheres, a secretária não vinha munida de *CRM*, como a *doutora*. Será por isso que a médica era a única (repite, a ÚNICA) pessoa naquele lugar que não usava máscara? Blindagem por blindagem, acredito que nenhuma seria capaz de impedir o homem, e nem mesmo o vírus, se vocês querem saber. Inclusive agora percebo muitas semelhanças entre eles.

Minutos depois, olhei de relance para o vulto atravessando a saída ao meu lado, e O detalhe foi notado. Acreditem: a máscara do *homem-folgado-manterrupting-gaslighting* saíra de *Chernobyl*, a série do *Netflix*, sabem? Um *google* e descubro que *máscara facial com filtro* é seu nome, um equipamento de proteção individual muito utilizado na indústria química. Eis outra boa ironia que só a pandemia proporciona: a real função daquela máscara era proteger todas nós contra a toxidade que aquele homem e sua masculinidade carregam. *Risos*. Bufante e pisando forte, ele foi embora – só aí descobri que a paciente era a mulher em sua companhia. Sem mais nada a fazer, ela se sentou para a longa espera. Sua máscara era *azul cor-de-hospital*.

“Olívia!” – minha vez.

Entrei no consultório e comecei a explicar o que me levava ali, mas não sem antes notar que a jovem médica tinha um olhar verde capaz de atravessar minha máscara marsala – que, inclusive, repetia a cor da sua blusa. Combinávamos! Ali mesmo eu já baixei a guarda e tirei o acessório que disputava lugar com meus óculos. *Corona* por *corona*, pelo menos o diploma daquela mulher protegeria também a mim. *Mais risos*.

Percebi que cheguei até aqui sem contar que *raios* de receita é essa que fui buscar. Pois bem. É que há 5 anos, desde a minha depressão e pânico, tomo ansiolítico. Aqui, cabe o parêntesis de que essa é uma das heranças que trago comigo pelas brigas assumidas na Faculdade de Direito, unidas à imatura crença de que eu seria capaz de mudar o mundo ou, pelo menos, o ambiente do direito. Uma ingenuidade acrescida de prepotência, hoje reconheço. Mas, para além do ansiolítico, também conquistei a coragem de olhar mais profunda e detidamente para mim mesma. O resultado disso tudo é que abandonei o direito, a carreira jurídica e a vida acadêmica que se projetava no meu futuro. Talvez, a tranquilidade e a criatividade que respiros como esse texto exigem vieram daí, dessa decisão. Há alguns anos, o tempo na antessala me renderia bons minutos de sono, aliviando brevemente as dores de cabeça que me acompanhavam sempre, sempre. Observar (e AINDA POR CIMA escrever) sobre a espera por uma consulta no meio da pandemia? *Tsc*. Trivialidades que apenas uma Olívia adulta é capaz de apreciar. Recomendo.

“Mas você toma *paroxetina*? Como anda a libido?”, já lançou a médica com uma expressão que me fez ter dó de mim mesma. “Saudades de subir pelas paredes, né minha filha?”, meu inconsciente me provocando.

“Veja, doutora, sempre dá pra melhorar, né?”. Ela riu e explicou que achava “uma pena” saírem por aí receitando a substância para pessoas jovens. “Mulher! Eu tomo isso há 5 anos. COMO ASSIM?”.

Como quem tira o coelho da cartola, ela digitou algo e virou o computador pra mim. *Maca Peruana*, foi o que li num frasco que mais parecia *Whey Protein*. “Olha, você só vai encontrar esse fitoterápico em loja de suplementos, tá?”. Entendi a analogia do meu cérebro.

Que tarde! Depois das máscaras, a pedra filosofal da libido! Não fosse o descaso e perversidade do governo, seria capaz de insinuar que a tal *Maca Peruana* constitui item essencial às mulheres, mães, avós, funcionárias, domésticas e tantas outras que desde sempre lutam em equilibrar seus pratos e colar os cacós dos que caíram. Mas, antes da libido, a fome. Antes da libido, o medo. Antes da libido, a morte.

A título de curiosidade, uma pesquisa e vejo que “a *maca peruana* também é conhecida por funcionar como um revigorante para o organismo. Ela (...) auxilia na adaptação a condições adversas no ambiente, aumentando a força e a resistência muscular”. Olha, se existem condições mais adversas que as

enfrentadas nesses dias, desconheço. E óh, fica o registro de que se for para fortalecer músculos, que seja meu assoalho pélvico!

Para o fechamento do dia, a médica de voz forte e rouca, olhar penetrante e blusa marsala, revelou-me que sua especialidade médica é psiquiatria. Coincidência?! Nem preciso comentar que já encontrei minha psiquiatra em terras brasilienses! Olha, uma vez que você sai mascarada atrás de uma *reles* receitazinha (*reles* porque meu antidepressivo já está em dia, claro) e volta com a fórmula mágica do gozo garantido, o caminho é sem volta. Opa! Num breve ato falho, digitei “o gozo é sem volta”. Também – ou, “quem me dera”!

Pois bem, já com as armas da sanidade (*paroxetina and Maca Peruana*) levantei-me para sair. Canceriana com vênus em câncer que sou, outra questão é a impossibilidade de tocar nas pessoas, abraçá-las. Já ouviu falar de gente brasileira que não se toca? Um horror isso! Mal sabe o *vairus* do que o carnaval é capaz no assunto. Saliva, suor, pele, mãos, abraços, *amassos*: se carrego comigo uma gratidão eterna foi a possibilidade de ter *ralado a bunda no asfalto* em meados de fevereiro. Deu tempo (ufa!). Imaginem o que seria dos já passados 50 dias, e dos que ainda virão, se tantos recalques e frustrações não tivessem sido lavados (opa, levados!) pelas *águas purpurinadas* de fevereiro? Não sei vocês, mas eu acredito que esses 5 dias são os responsáveis pela existência dos outros 360 vividos na normalidade de nossas próprias caixinhas. Ok. Não contávamos com um surto viral no meio dessa *normalidade*, eu sei. Mas um governante cujo potencial destrutivo compete com o vírus... Ah! Com isso contávamos. E, mais uma vez, dá-lhe *bundas arrastadas no asfalto, pegando fogo*. Amém.

Já em posse da minha barreira protetiva contra o mundo lá fora, agradei à médica e disse que, fosse outra a situação, a abraçaria. Ela me lançou seu olhar profundo, e com ar travesso confessou, num tom baixinho, *secreto*: “Juro que não tenho corona!”. Nos abraçamos, enquanto a hipocondríaca que me toca agradecia por sua confissão. Depois dos últimos 30 minutos sem proteção (minha máscara!) em sua companhia, o abraço já se tornara um detalhe nessa altura do campeonato.

Atravessei a mesma porta pela qual vi o *homem tóxico* passar e me dirigi ao elevador. Na rua, uma desconfortável normalidade de churrasquinhos, comércio aberto na calçada e *vendedorxs* ambulantes. “As declarações do presidente chegaram antes do vírus por aqui”, pensei, identificando de novo aquela angústia já tão familiar.

No caminho de volta, olhava para o meu acessório marsala apoiado no painel do carro, refletindo sobre o que ele teria a dizer sobre mim. Engraçado que quando nos tornamos nosso próprio alvo de análise, a imaginação não se permite tão livre como quando dirigida a *outrx*. Talvez outra espécie de rigidez e métrica se façam presentes, afinal, julgamos saber de onde viemos e para onde vamos, *quem somos*. No cerco supostamente controlável de tantas *certezas*, nada mais

compreensível que a fantasia nos escape por entre os dedos. Taí. Mais uma feliz conclusão do meu *eu* adulto que hoje vos fala.

Já novamente *segura*, notei um leve e delicioso aroma de baunilha do meu lado direito: era o perfume da médica que se instalara por ali. Voltei com ele pra casa e cuidei para que esse braço ficasse fora do *banho-desinfetante*. Não me entendam mal! É que, no fim, aquele cheiro levou-me à constatação um tanto feliz de que, em tempos de *corona* e *terraplanismos*, o abraço e o afeto precisam ser ainda mais transgressores. Para o bem da nossa própria sobrevivência.

4

SEXO DE MÁSCARA

Gleiton Matheus Bonfante¹⁴

Breve introdução

A presença das pessoas nas redes sociais digitais se intensificou ainda mais em decorrência do isolamento social. Em nossa contemporaneidade – que qualifico como íntima-espetacular devido ao intenso consumo da espetacularização da intimidade – o recolhimento doméstico fez viralizar as *houseparties*, as *lives*, as chamadas de vídeo em grupo, os stories do *Instagram* e posts em geral, aumentando o fluxo de produção multissemiótica. A metáfora de contágio que anima o termo ‘viralizar’ abre espaço para uma investigação sobre como os seus sentidos passaram a fazer parte das performances da intimidade.

Este texto reflete justamente sobre as performances online da sexualidade durante a atual pandemia do novo coronavírus e como elas se refletem nas ideologias sobre sexualidade popularmente vozeadas no Brasil. Mais especificamente, discuto como o contexto do covid-19 interferiu em ou afetou as performances de desejo sexual dos participantes da minha pesquisa de doutorado nos grupos de *WhatsApp* para performance de sexo com quem pesquiso.

Suporte teórico ou lentes analíticas

O impacto que o covid-19 teve na vida sexual das pessoas foi diferente de acordo com suas sexualidades e práticas sexuais, embora haja uma tendência geral no discurso cotidiano que dicotomiza, aqui e ali, essa experiência como sendo restrita, por um lado, aos monogâmicos (sendo forçados a uma convivência a dois intensa e nauseante) e, por outro, aos solteiros (sendo envolvidos involuntariamente na abstinência sexual). Essa reflexão não foca em nenhum dos dois grupos. É sobre aquele sujeito que se excita em interações online e que por elas se deixa afetar. Considero a prática de intercâmbio de performances íntimo-espetaculares (vídeos, imagens, descrições longas de partes de corpo) como uma prática sexual não apenas legítima, mas amplamente difundida. Difundida sim, homogênea nunca. Portanto é relevante esclarecer que minha análise se dá no contexto da performance do desejo *bareback* entre homens gays, já que tenho pesquisado há 5 anos as dinâmicas de grupos de *WhatsApp* para performance do sexo “na pele”, “no pelo”, “sem capa” ou “bare”, isto é, sem camisinha.

¹⁴ Bicha. Rio de Janeiro.

Não há nada mais íntimo-espetacular que o sexo *bareback*. E não há nada mais definidor da sexualidade na contemporaneidade que a produção e consumo de performances íntimo-espetaculares online. O filósofo espanhol trans Paul B. Preciado sugere que a qualidade da contemporaneidade é seu caráter fármaco-pornográfico: para o filósofo nossa forma de existência é baseada no consumo de moléculas químicas (fármaco) e na produção da sexualidade através de tecnologias de gravação e reprodução e da Internet (pornográfico).

Talvez a relação entre o sexo virtual e o covid-19 sintetize da forma mais literal o que P. Preciado nomeou regime farmacopornográfico. Além das moléculas químicas nossas de cada dia (álcool, café, tabaco, maconha, cocaína, ritalina, ansiolíticos, calmantes, anestésicos), a ameaça do covid-19 ressaltou outras necessidades químicas como o sabonete para as mãos e o álcool em gel. A dimensão pornográfica da atualidade pela perspectiva de Preciado também se nota na transposição do novo coronavírus como tema, fantasia, ou apenas parte do dia-a-dia do sexo. Se por um lado uma legião de performances semiótico-discursivas da sexualidade especialmente no *WhatsApp* tem sido abundante e até corriqueira na vida cotidiana, a intensa discursivização sobre quimicalização dos sujeitos se acentuou com a presença de um inimigo molecular, o covid-19, e a busca de opções para combatê-lo.

E essa tensão entre produzir um espetáculo da intimidade de si e consumir tecnologias farmacológicas para viver se fez pungente no *WhatsApp* durante a pandemia

Contexto da reflexão: os grupos de WhatsApp

Entre os mais de cem grupos de *WhatsApp* com quem tenho pesquisado desde 2015, circulam freneticamente performances íntimo-espetaculares, que constroem (não apenas no sentido de estilizar, mas no sentido performativo da palavra) corpos, órgãos genitais, práticas sexuais e desejos através de textos, fotos, filmes e vozes. As temáticas dos grupos variam muito (abrangendo desde o sexo heterossexual mais “básico” até o fetiche mais “pesado”). Os grupos obviamente não são restritos às performances íntimo-espetaculares, porém elas serão foco de interesse nessa reflexão que tensiona a relação simbólica de tais performances com a pandemia.

Sexo pandêmico

Os grupos do *WhatsApp* são territórios sociais fundados no discurso. Esses código-territórios foram grandemente influenciados pela pandemia. Houve um aumento no número de performances que envolviam fetiches usando máscaras (para lidar com substância tóxica, de super-herói, máscaras para uso médico, de monstro), capacetes (motoqueiro, astronauta) e cenas de sexo em que as cabeças eram cobertas por camisetas. Nos grupos, muitas pessoas também reclamavam da falta de sexo enquanto outras performavam que sua vida sexual continuava

normalmente. Outros conversavam e negociavam técnicas de proteção e cuidado durante os meses de isolamento social. Também notei em um dos grupos um rapaz que divulgava a venda de máscaras que ele confeccionava.

Também novos grupos foram criados durante a pandemia. Foco dessa reflexão foi o surgimento de um grupo novo com o nome “Sexo de máscara”, que descrevo na próxima seção:

Sexo de máscara

2020 é o ano em que a apreensão do tempo foi diferente: difusa, confusa. Porém no dia 7 de maio às 11h da manhã foi o dia que me deparei com o *link* de acesso para um novo grupo de *WhatsApp*. Os *links* de acesso são compartilhados em grupos de *WhatsApp*, pela rede no *Twitter* e em perfis em sites pornográficos, e garantem a entrada nos grupos. Curioso cliquei no *link* e fui levado para o “Sexo de Máscara”.

Se por um lado, minha curiosidade se devia à excitação com que a ideia do sexo de máscara me afetava, por outro estava curioso por entender os usos libidinais que as plataformas assumiam no momento de isolamento. A curiosidade acerca da relevância do *WhatsApp* para a sociedade brasileira é já um tópico corrente na minha carreira de pesquisador assim como o interesse pelas disposições afetivas dos sujeitos para com suas plataformas e com os grupos de afinidade que nelas floresciam, entre elas o “Sexo de Máscara”. Neste grupo, a foto que o ilustrava representava dois garotos fazendo sexo usando máscaras. A descrição do grupo dizia: “Grupo destinado a pessoas que *curte fuder de máscara*! Nessa quarentena, em tempos de coronavírus, o jeito é fuder assim! *Põe a máscara e fode*! Máscara da farmácia, cirúrgica, de tecido ou qualquer outra.”

Pela manhã quando me juntei ao grupo havia pouco menos de 50 pessoas. Às 21h da noite já eram 96. À meia noite e cinco, 123. O grupo tinha DDDs do país todo: do 011 ao 099 passando por todos os prefixos que identificam estados e regiões do Brasil.

O conteúdo dos compartilhamentos variava entre convites para seguir no *Instagram*, compartilhamento de pornografia própria e de outros, profissional e amadora, principalmente com máscaras, mas também sem. Também havia compartilhamento de outros grupos. Breves confissões íntimo-espetaulares como: “quero gozar”, “pau duro”, “querendo leite”. Anúncios pessoais e apresentações. Muitas pessoas também mandavam fotos de si com máscaras para se apresentarem ao grupo. De vez em quando havia narrativas sobre o uso de máscara durante o sexo, dentro e fora da quarentena.

Selecionei para esse texto duas interações para uma brevíssima análise:

Interação 1: Com máscara sem camisinha

A1: Alguém aí afim de leitar? Topo de mascara

B1: onde

C1: olhinho

A1: de máscara e sem capa vem de privado

Tabela 2: fodendo de máscara

A2: Alguém aí fodendo de máscara?

B2: Eu marquei foda pra segunda-feira de mascaras

A2: Manda foto aí

B2: Se o cara topar eu envio sim com certeza

C2: Alguém pra fazer chamada de vídeo de máscara?

D2: Domingo o viado no meio das minhas pernas mamando minha pica, e eu de máscara no rosto vendo o jogo que passou na Globo

Os discursos que surgiam nos grupos aludindo ao uso de máscara durante o sexo como performance desejável construía narrativas em que tinham como peculiaridade serem 1) catárticas, 2) expressões de uma falta de compreensão sobre a função da máscara e seu modo de uso, 3) reapropriação dos sentidos da máscara para otimização dos prazeres. Essas interações me encorajaram a pensar as descrições dos participantes da minha pesquisa e como elas embora parecendo sem sentido, representavam de fato uma redução de danos.

Durante a pandemia de covid-19, a política de contenção do vírus não considerou peculiaridades, estabelecendo um plano geral para cidades e pessoas muito diferentes. Cidades pequenas e afastadas dos grandes centros foram incentivadas ao isolamento social absoluto assim como os grandes centros. Enquanto isso, diversas pessoas foram “sacrificadas” pelas práticas de contenção: já que não se adequavam perfeitamente, não podiam ser salvos. Apesar dessa política “ou tudo, ou nada” o sujeito D2 portanto praticou sexo de forma segura. Assim como C2 obviamente. Mas não poderíamos saber pois não houve preocupação com a informação da relação do vírus com sexo em seu discurso, o que pode ser atribuída à ausência de uma política sensível para tratar dessa questão no Brasil. Nova York foi a única prefeitura que publicou um guia para orientação sobre a relação do vírus com a prática sexual. De acordo com o documento o vírus está presente na boca e vias aéreas, sendo essas as principais vias de transmissão, portanto quem quisesse se proteger não poderia beijar. O documento também diz que “o vírus foi encontrado no sêmen, mas não se sabe se é por ele transmitido. Os vírus dessa família normalmente não são. O vírus não foi encontrado em fluido vaginal.” Contudo, o cu, a epítome *queer*

infelizmente é um antro para o covid-19 e também transmite bem. Essas informações são extremamente relevantes para a população, pois sabemos que muitas pessoas não cumprem as determinações, for qualquer motivo que seja.

Os exemplos evidenciam o grande uso dos grupos: consumo de performances íntimo-espetaculares, como sugerem A2 e C2. Os fragmentados de interação também indicam uma fetichização da máscara e tentativa de incorporá-la ao sexo A1, B2 e D2. Para o sujeito A1, a prática sexual é o foco, e o uso da máscara parece ser algo ao qual ele se adaptaria para se sujeitar ao nível de proteção que o parceiro sugerir. No entanto, ele reforça duas vezes a ausência da camisinha como prerrogativa, indicando que a preocupação viral do ano 2020 é mais o *covid* que o HIV.

Considerações finais

Em 15 de Junho quando entreguei esse texto, o grupo Sexo de Máscara tinha 172 participantes e havia mais um grupo com o mesmo tema chamado Machos na Quarentena com 199. Como o covid-19, os grupos viralizaram, porque fantasiar sobre as condições adversas nas quais nos inserimos parece ser uma forma catártica de lidar com o sexo ou com a falta dele.

Acredito que o mais viral na pandemia é a circulação dos discursos que contamina qualquer área da nossa vida, inclusive o sexo, e a privação dele, pelo menos daquele que envolve contato físico.

Há uma intensa circulação de desinformação e contra-informação (*fake news*) tanto sobre sexualidade quanto saúde em geral da população que se deixa ver no *WhatsApp* em geral. Agora também ocorre circulação de enunciações sobre o uso adequado de álcool em gel e máscara. E atrevo-me dizer que já colhemos frutos da política de desinformação e silêncio do governo que declara seu ódio à educação. Silêncio e desinformação também sobre gerenciamento de riscos e sobre saúde sexual em tempos de pandemia. E acima de tudo completo menosprezo por pessoas queer para quem fazer sexo é a única forma de envolvimento afetivo, ou de renda ou de relação com o mundo.

A viralização do discurso covid-19 nas performances do *bareback* também gera interesse. O *covid* dominava toda dimensão discursiva da nossa vida. Também a sexual. Os seus símbolos como o álcool gel e a máscara passavam a compor a cena sexual do brasileiro no *WhatsApp*. Ainda assim, havia silêncio absoluto nos grupos investigados sobre possíveis práticas de proteção ou redução de danos, no caso do sexo, como reduzir o número de parceiros e escolher parceiros morando perto. Não eram enunciadas também falas que indicavam o conhecimento das vias de contágio, como descrito acima.

De certa forma, o risco da contaminação pelo covid-19 me faz lembrar do conceito de sexo viral de Gregory Tomso em *Viral Sex and the Politics of Life*. De fato, o novo coronavírus e sua circulação discursiva viral é semelhante, em alguma medida, à produção discursiva sobre o vírus da aids em uma dimensão

ideológica: embora em ambos os casos, o diagnóstico e o tratamento sejam a melhor forma de prevenção, as pessoas ainda sonham com a cura ou vacina. E no Brasil a prevenção ao covid-19 é restrita à elite.

Em 2020, em meio à alteração de percepção do tempo, outro patógeno se tornou mais viral que o HIV e ocupou mais holofotes que o ânus gay na década de 1990. Talvez pela perspectiva da diminuição do estigma da soropositividade, o covid-19 veio botar em xeque o desejo moralista de que o vírus do cu seja pior do que o do pulmão.

5

ÀS VEZES O ARMÁRIO É A PORRA DE UMA MATRIOSCA

*Flora Villas Carvalho*¹⁵

Quando a gente é novo, quase sempre pensamos que sair do armário é uma coisa que se faz uma vez na vida para nunca mais. É aquela coisa que aperta o peito, falta ar, te deixa angustiada por tanto tempo, mas que depois é como arrancar um *band aid*, você faz uma vez e se livra. Pois é, ledo engano, meus caros. Às vezes o armário é a porra de uma matriosca.

Eu me assumi pela primeira vez quando tinha 12 anos e uma paixão aterradora pela minha professora de Ciências me fez dizer ao meu pai pela primeira vez aquela palavra horrível que rondava minha cabeça há anos: “bissexual”. Bissexual, claro, porque meu destino era casar com o homem da minha vida que eu um dia encontraria. Tinha de ser. Mas não era. Cinco professoras e quatro anos depois não dava mais pra negar a sapatonice que tomava conta da minha vida. Meu segundo armário foi aos 16 anos e me custou minha relação com meu pai e meu grande sonho de ser de alguma forma incorporada na sociedade heterossexual que me cercava.

O terceiro armário com certeza foi o mais difícil. Levei anos ajustando a blusa sobre os seios tentando fazer com que parecessem menores. Anos me convencendo de que era só a lesbianidade. Anos me torturando por gostar todas as vezes que me soltavam um “companheiro” ou “moço” na rua. A verdade é que levei anos pra entender porque me agradava tanto a ambiguidade do meu corpo, das minhas vestes, da minha voz. Ambígua, aliás, é uma palavra tão bonita.

Meu terceiro armário não foi como nenhum dos outros. Não chutei a porta, não arranquei nenhum *band aid*. Fui arranhando a porta milimetricamente, testando limites, abrindo e fechando devagar para que ninguém pudesse perceber. Quando finalmente senti que era hora, fui conversando aos poucos com cada pessoa importante nesse processo. Minha namorada. Minha psicóloga. Minhas amigas. As pessoas não-binárias à minha volta. Pronto, estava feito, nenhuma porta de armário restava para que eu tivesse que empurrá-la.

E foi aí que percebi que eu havia sido ingênua pela segunda vez na minha vida. Ledo engano. Novamente. Acontece que eu abri essa terceira porta dois dias

¹⁵ Sapatão trans não-binária, 22 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais.

antes que anunciassem a quarentena no país. Eu lembro, pois era a terceira semana de aula e eu estava finalmente pronte para começar essa nova vida esse ano. Pronte para explorar o mundo nessa nova roupagem. Mas há de se concordar que nada é mais o mesmo desde o início dessa pandemia. A roupagem era nova, mas o mundo também era. E foi aí que tudo parecia mudado quando eu tinha tanto tempo comigo mesmo, tanto tempo olhando meu corpo, dividindo uma vida de casade com minha parceira pela primeira vez, tanto tempo disponível pra refletir sobre as repercussões da minha nova existência e das minhas escolhas dentro dela. E sim, aqui eu vou usar a palavra escolha, porque gosto de acreditar que se nada é natural, físico e biológico como tão bem me ensinaram, então o que eu faço, o que eu sou, o que eu gosto e o corpo que eu carrego e almejo são escolhas que eu refaço todos os dias ao invés de uma carga que me foi imposta desde o começo.

Eu descobri que todos os dias eu teria que abrir novas portas. Todos os dias essa ambiguidade tão amada se tornava amarga ao me mostrar que a cada dia eu teria de fazer escolhas e bancá-las, escolhas que nem me passavam pela cabeça antes. Porque o problema da ambiguidade é que ela é irritantemente ambígua. Ela parece nunca chegar a lugar nenhum. Todo dia é um novo armário.

Binder, melhor aquisição, amor, mas o seu é muito menor que o meu, que inveja; esparadrapo; devia fazer mastectomia? Não, porque eu ainda quero amamentar; pelos, pelos faciais, barba? Mas como eu vou explicar pro meu pai? Testosterona? Acho que não, faz o clítoris crescer e isso vai ser muito doloroso... e eu adoro meu clítoris, é melhor malhar e tomar um bocado de *whey*; dizem que óleo de anis ajuda a crescer pelos; e o que será que eu vou fazer com os pronomes, esse é um caminho tão difícil de seguir...

28/03 — *Sobre unhas e brincos*

A primeira pessoa para quem eu contei sobre o que estava borbulhando dentro de mim foi minha namorada. Era a primeira vez que eu estava em um bom relacionamento desde que todas aquelas certezas e incertezas foram surgindo dentro de mim e eu sentia finalmente que tinha chegado o momento de confiar que alguém que dividia a vida comigo de forma tão saudável seria capaz de passar por isso comigo. Ela respondeu tão bem, com tanto amor e respeito, com tanto apoio que mesmo suas inseguranças com relação ao que isso representaria pra ela não foram suficientes para que ela arredasse nem um centímetro em seu companheirismo. Foram meses dando passos de bebê em relação a entender o que isso significava pra mim, como contar, pra quem contar, como explicar, o que eu queria e o que não sentia necessidade e ela me acompanhou em cada pedaço.

Ela me fez sentir tão bem, tão complete, tão respeitade que pela primeira vez em anos pinteí minha unha e gostei. Coloquei brincos de argola como não usava desde a escola. Brinco, unha, *binder*, calças. Finalmente sentia que podia usar qualquer coisa sem me perder, sem perder minha imagem no espelho. Eu podia

ser qualquer coisa. Essa é, por outro lado, a beleza da ambiguidade. Depois que você a abraça, pode-se ser qualquer coisa.

15/04 – *Sobre poemas e afetos*

*Tenho pensado muito no processo do enlouquecimento.
Faz agora muitos anos que faço terapia,
Alguns desde que comecei com os remédios
Apenas alguns meses desde que os troquei por novas medicações
E um pouco menos disso desde meu último corte
Agora, só restam as cicatrizes.
E mesmo com tudo isso
Terapia, psiquiatra, remédio, aromaterapia, mais remédio, exercício, respiração
Sete inspira
Quatro segura
Três solta
Repete.
Mesmo assim, com toda essa tralha, sigo pensando que meu enlouquecimento é um
inevitável destino para além da frágil curva da sanidade [...]*

Foi a primeira vez que alguém de fora me falou sobre orgulho. Não apenas orgulho de uma identidade, orgulho de um grupo, orgulho de uma bandeira. Orgulho de mim por ser exatamente quem eu era. Quem eu queria ser. Quem poderia imaginar que uma coisa assim podia sair de uma corrente de *emails*. Aliás, quem ainda faz correntes de *email*, pelo amor de deus. Eu fiz. Ou melhor, eu participei, porque afinal de contas se estamos no fim do mundo que mal faria trocar poemas com outras pessoas tão sozinhas quanto nós. Falei de todas as coisas que me assombravam e daquelas que me faziam feliz. Falei de como redescobri meu corpo ao entender meu estar no mundo. Ambíguo. Me expus tanto que temi por algumas horas que a quarentena acabasse e eu tivesse de voltar a olhar nos olhos daquela pobre ouvinte das minhas lamúrias nas salas de aula, nos corredores e gabinetes da universidade. A resposta, por outro lado, foi tão desprovida de medo e tão plena em cumplicidade que chorei uma tarde inteira. Orgulho. Foi a primeira vez que alguém de fora, alguém que não fosse minha namorada ou minha psicóloga, me falava a palavra orgulho. E eu me orgulhei.

20/04 – *Sobre fotos e binders*

Ela preparou a câmera com todo cuidado. Ajustou a lente, o zoom, testou inúmeras vezes a iluminação. Dois dias antes ela me ajudou a descolorir a sobrancelha e raspar com gilete as laterais da minha cabeça. É engraçado como nunca conseguimos descobrir exatamente porque sobrancelhas descoloridas

deixam os rostos tão andrógenos, mas nos ajudamos mutuamente a assoprar quando o descolorante faz nosso rosto arder. Eu passo gel no cabelo restante para que ele fique de pé e ela me ajuda a fechar o *binder*. Trinta fotos. Trinta fotos tiradas com tanto carinho, cuidado e respeito foram tudo o que eu precisei para voltar a me apreciar. Espelho, janela, cigarro, cara séria, ela disse, olha pro fundo da lente. Eu olhei. Trinta fotos foram suficientes para que eu gostasse tanto do que via que queria compartilhar com o mundo a beleza daquele corpo estranho, pequeno, incógnito.

Essa foi a primeira vez que eu avisei ao mundo sobre mim e a verdade é que me fez muito bem que eu não tivesse que lidar no dia seguinte com os olhares — agora tão cientes — no corredor da faculdade.

É um privilégio, certamente, ter ao meu lado alguém com um poder tão grande de me faz amar a mim.

02/06 — Sobre panquecas e halteres

A primeira vez que eu falei em tomar *whey* ela riu da minha cara e eu não a culpo nem um pouco. Se fosse duas semanas antes eu também teria gargalhado da minha nova sina de marombar. Mas era o apocalipse afinal e eu sempre quis ter músculos. Não me levem a mal, isso tem tudo a ver com gênero, com construir em mim o corpo ciborgue e transgressor que eu queria, mas esse também era um desejo que eu carregava comigo desde muito antes. Muito antes dos armários.

Eu tenho um metro e cinquenta e dois centímetros. E não ousem arredondar, eu faço muita questão desses dois centímetros. Eu passei toda a minha infância sendo a pequena e magricela garota vegetariana que vencida todos os meninos na queda de braço e nada me dava mais orgulho do que isso. Ser forte, muito mais do que esperavam de mim, sempre foi minha maneira inconsciente de desafiar o lugar que designavam para o meu gênero, meu corpo, minha pessoa. Hoje, por outro lado, tem sido minha forma de destruir. O lugar, o gênero, as expectativas e de reconstruir esse corpo que faço questão de que me pertença, inteiramente.

Mas fato é que, naquele dia, eu acordei muito mais tarde do que o normal. Enrolei na cama por trinta minutos antes de pensar em levantar. Ela entrou no quarto, beijou meu rosto e disse: “fiz panqueca pra gente, é de banana, chocolate e *whey*”. Foi a melhor panqueca que já comi. Tinha um gosto delicioso de banana misturada com... apoio.

06/06 — Sobre pelos e óleos

Passa um pouco desse óleo de anis aqui no meu buço amor. Por que? Porque eu quero que cresça um bigodinho, uai, vai ser pequeno, ninguém vai nem perceber... Nem vai funcionar, relaxa.

Hoje eu contei para ela que queria expandir minhas possibilidades, que queria ter pelos no rosto ou, pelo menos, que queria poder querer isso.

E se as pessoas na rua acharem que a gente é hétero, eu não quero jamais passar de hétero. Nem eu, credo, meu maior pavor... Por isso eu acho que eu não seria um homem nunca, nem mesmo um cara trans, me dá o maior medo. Mas se você tiver bigode as pessoas vão achar. Amor, relaxa, eu te prometo que você sempre vai ser a namorada de uma aberração pro mundo cishétero. Eu nunca faria isso com você...

Ela já sabia que talvez ela não gostasse da ideia. Eu também sabia que isso era direito dela tanto quanto era meu direito querê-lo. A verdade é que ela não tem nenhuma obrigação de gostar ou aceitar isso. Eu não sei fazer isso, é angustiante demais. É angustiante demais ter que ter trinta vezes mais certeza do que quero do que todo o resto, porque se depois eu voltar atrás isso afeta muito mais do que apenas eu. Às vezes eu só queria não estar nesse entre-lugar pra que, assim, não tivesse que pensar e repensar no que eu quero um dia poder querer.

08/06 — Sobre mães

Eu tinha acabado a terapia há dois minutos. Foi um horror. Pela vigésima vez eu tive de explicar pra minha psicóloga o que é não-binário, que pessoas trans não necessariamente odeiam seus corpos, não, não é sobre nascer no corpo errado, não, eu não tenho planos de usar hormônio, eu estou tranqüile com isso, sim, pronome neutro é uma coisa, não, você não precisa usar eles comigo por enquanto se não se sentir confortável, sim, faz diferença se vou contar pras pessoas. Enfim... péssimo. Tão péssimo que até agora não sei porque saí daquela sessão com um ímpeto tão grande de contar pra minha mãe, mesmo que à distância (talvez por conta da distância). Ímpeto esse que vinha me faltando há meses, junto com as palavras.

Mãe, preciso falar uma coisa com vc, mas não é pra você surtar ta bom? Preciso que vc me apoie e seja legal e compreensiva e que não fale disso com outras pessoas por enquanto. Se tiver dúvidas você pesquisa na internet ou me pergunta...

Depois disso as palavras fluíram e pude finalmente contar tudo o que tinha de ser dito. A resposta foi tão bonita, tão inesperada que eu perdi o ar. Eu estava preparade pra tudo, menos uma facilidade desse tamanho. Passei boa parte da adolescência ouvindo meu pai me fazer prometer que eu era "só lésbica", que eu não era trans, que eu nunca transicionaria. Motivo pelo qual eu acho que ele vai seguir na ignorância do que se passa na minha vida e motivo pelo qual eu nunca achei que seria fácil dizer nada disso pra qualquer parcela da minha família.

Eu nem reparei nisso de vc estar usando nome neutro. Filha seja feliz e livre do jeito que se sentir melhor. Vou te apoiar sempre, do jeito que vc quiser. Mas depois você me explica direito então o que você é 🧐 🧐 🧐

E só. Porque sim, as vezes o armário é uma matriosca, mas, exatamente por isso, também pode guardar as mais agradáveis surpresas no seu processo de desmonte.

01/09 — Sobre o tempo¹⁶

O tempo é uma coisa louca. Tão louca, que faz balançar todas as bases que construímos tão cuidadosamente para nós mesmas. Sempre quis ter muito controle do que eu era, do que isso significava, de onde estavam os limites desse ser-sentir. A ambiguidade, a fluidez, ainconsistência transformativa, tudo isso me angustiava. Ainda hoje eu disputo diariamente com esse meu eu interno que insiste em estabelecer limites exatos para o que não tem limites, apenas encontros elásticos com outras muitas, múltiplas, identidades. Esses últimos meses depois de escrever este relato foram de grandeza quase epifânica. Percebi como falei por cinco páginas sobre a fluidez de minhas novas descobertas e construções de mim e, logo depois, percebi como vinha me colocando em novas caixas, também asfixiantes, delimitando novas barreiras para o que devia ou não ser-fazer-sentir.

Hoje, quatro meses depois, venho encontrando confortos no ser-estar sapatrans, sapatão como identidade de gênero. Me faz feliz pensar e colocar em prática uma lesbianidade/sapatonice reconfiguradas. Nelas me encontro, nos limites transitórios delas, espero. Isso porque entendi que se absolutamente não me reconheço na mulheridade, por outro lado sempre me foi muito confortável, potente e abrangente abraçar a sapatonice. Afinal, como já dizia Monique Wittig (1993), “as lésbicas não são mulheres”. Concordo. E gosto da ideia de tentar encontrar conforto na ideia de não-ser, mais do que na de ser-absolutamente.

Referências

Wittig, Monique (1993). *The Straight Mind and Other Essays*. Boston: Beacon Press, 1992.

¹⁶ Este último parágrafo foi adicionado após o envio original do texto, a meu pedido para a organização, aos quais sou muito grato por terem aceito.

6

**O PODER DE UM VÍRUS QUE INVISIBILIZA
AINDA MAIS OS INVISÍVEIS EM PRIVAÇÃO DE
LIBERDADE**

*Carlos Renato Alves da Silva*¹⁷

O meu testemunho no momento da quarentena, ou melhor, da *queerentena* da covid-19 é uma oportunidade para falar de minhas experiências frente ao cuidado de pessoas LGBTI privadas de liberdade em uma unidade prisional. Hoje diante da oportunidade de dar voz e representatividade legítima e real dessas pessoas na situação de privação de liberdade, eu sentei em frente ao meu computador, feriado aqui em minha cidade (23/04/2020)! Para solicitar a autorização de que as pessoas LGBTI privadas de liberdade de meu Estado pudessem participar desse concurso. E na espera de uma resposta que muitas vezes tardia, é que eu resolvi escrever a minha experiência sobre este período de distanciamento social. Afinal é necessário que eu escreva tudo que penso, para não perder muita coisa do que faço, já que eu estou sentindo as minhas memórias cada vez mais falhas.

A ideia de levar a oportunidade para as pessoas LGBTI privadas de liberdade expressar seus sentimentos diante desta pandemia me pareceu muito interessante diante das poucas oportunidades que estas pessoas têm no cotidiano, ainda mais dentro das prisões. E neste momento aonde me encontro solicitando a participação da “minha gente” privada de liberdade, vou tomar a liberdade de chamar de “minha gente”, pois sou gay, e atualmente desempenhando a função de direção da Divisão de Apoio a Saúde e Cidadania LGBTI na Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do meu Estado, que me deparo na necessidade de esmerar a minha solicitação para que esta seja no mínimo vista como uma oportunidade de ampliar as visões de mundos sob as mais diferentes perspectivas, em outras palavras, dar visibilidade a esta população.

Eu nunca, apesar de muitos dias integralmente dedicados aos cuidados desta população em uma unidade prisional, me sentiria legitimado para falar em nome... Não consigo e nem posso me colocar na posição das “minhas meninas” e dos “meus meninos”, muitas e muitos nem visitas têm em dias normais, e talvez a quarentena nesse sentido nem interfira ou impacte tanto em seus sentimentos

¹⁷ Gay, 51 anos.

de abandono e solidão. Quem sou eu, a não ser um mero expectador daquele cenário tão desigual, mesmo dentro de uma unidade prisional, onde todos estão na mesma condição: presos! É desigual na cor das pessoas, dos lugares de onde vêm, e se estas têm famílias e amigos que as visitam, das que conseguem vaga para trabalhar, das que conseguem vaga para estudar, e das que conseguem falar comigo, das que conseguem assistência de qualquer natureza no momento de suas necessidades. No interior de cada unidade prisional há regras institucionais, e regras impostas pelos seus coletivos. Talvez ao longo desta minha reflexão apareçam claramente ou em entrelinhas estas normas de convivência onde qualquer pessoa, seja ela LGBTI ou não, está submissa, mas é claro que existem outras especificamente voltadas para esta população.

Amanhã (24/04/2020), eu estarei na unidade prisional atendendo a princípio pessoas LGBTI em tratamento para sífilis, inclusive dois casais que realizaram os testes em semanas anteriores. Sempre fico apreensivo com minhas permanências na unidade prisional nestes dias de *queerrentena*, já que eu moro com minha mãe de 80 anos e minha filha de 13 anos.

Estou trabalhando muito, e todos os dias, e mais do que cansado no dia de hoje (01/06/2020), eu me encontro decepcionado, mas ao mesmo tempo animado. Estou decepcionado, pois apesar do tempo hábil de tramitação da autorização para a participação da população LGBTI no concurso, devidamente solicitado no dia 27/04/2020, este pedido ainda se encontra no meu setor, ou seja, sem prioridade apesar dos meus pedidos. No entanto animado, pois faremos amanhã o lançamento de um concurso de redação e de expressão artística internamente em uma unidade prisional, onde eu tenho o privilégio de contar com um Diretor com D maiúsculo que me encorajou a não desistir da ideia. Eu farei o máximo para compartilhar com vocês esta experiência diante de tantas dificuldades, em algo que me pareceu promissor e adequado para esta situação de maiores privações para quem já está privado de liberdade. A ideia é anunciar para todes amanhã sobre o concurso, e limitar a entrega das composições até o dia 10/06/2020 para que eu tenha tempo hábil de digitar os textos coletados dentro da limitação de espaço ofertado.

Estou aqui de novo (15/06/2020), e ledo engano que eu conseguiria recolher todas as composições no dia agendado, já que as coisas em uma unidade prisional nem sempre caminham como o programado, mas afinal a vida fora do cárcere também se apresenta desta forma! Considero que tivemos êxito na realização do concurso, que apesar não se apresentou como na proposta inicial, ou seja, que todas as unidades prisionais com presença da população LGBTI participassem do concurso, mas esta unidade prisional me apetece ao extremo devido ao seu regime fechado de privação de liberdade, e por ter a maior população de travestis e mulheres transexuais em nosso Estado.

E antes que eu me esqueça, o lançamento do concurso transcorreu do jeitinho que eu imaginei, solicitei a presença no auditório da escola penitenciária, de toda

população LGBTI da unidade prisional, e com a presença integral do Diretor durante todo o evento. Foi a oportunidade de realizamos a apresentação de uma *live* com Maria Eduarda, mulher transexual do grupo Pela Vida, e com Giovana Baby, travesti do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (Fonatrans), também apresentamos um documentário sobre a vida de travestis e mulheres transexuais em unidades prisionais na cidade de São Paulo, e terminamos anunciando o concurso com muito “cachorro-quente” e refrigerantes. Gostaria muito de poder dar publicidade, ou melhor, visibilidade a este lançamento, pois ficou muito acolhedor e festivo dentro de um ambiente que as paredes, grades e tetos dizem o contrário. O mais inquietante para mim foi constatar mais uma vez a necessidade que estas pessoas têm de acessar materiais e alimentos que muitos não têm acesso na condição de presas e presos. Dava gosto de ver a felicidade diante de cachorros quentes e refrigerantes degustados com muita vontade, e perplexidade diante de tantos “mimos” poucas vezes ofertados para elas e eles. Na verdade “mimo” para mim também, diante da oportunidade de estar com tantas travestis, mulheres transexuais, gays e bissexuais conversando sobre nossas vidas, dizendo mais uma vez à todes, que eu me sentia privilegiado diante desta oportunidade de trocas de conhecimento, quase impossível no dia a dia dessas pessoas na vida fora do cárcere. Aproveitei para incrementar o concurso dizendo a todes participantes que colocassem seus pratos favoritos no final de cada folha, pois faremos um almoço com as pessoas primeiras colocadas no concurso.

Mas vamos ao que interessa! Quarentas pessoas participantes do encontro, tivemos a adesão de trinta e sete, sendo destas cinco pessoas participando do concurso de expressão artística (desenho), e trinta e duas pessoas participando da composição escrita na forma de redação sobre o tema: “A pandemia do novo coronavírus em sua vida privada de liberdade: distância, superação e saudades”. Eu confesso que me surpreendi com tantas participações e capricho nas composições. Participaram dezenove travestis, doze mulheres transexuais, quatro gays e dois bissexuais.

Descreverei abaixo algumas passagens das composições escritas por participantes do concurso que terá como julgadores, a psicóloga e um dos professores da escola penitenciária desta unidade prisional, bem como o próprio diretor. Vale destacar que as avaliações serão realizadas pela sensibilidade da mensagem descrita por cada uma dessas pessoas, e nenhum desses julgadores terão acesso à identificação das pessoas participantes.

A pandemia afetou muito, parou muitos processos, e muitas visitas. É porque, é com a força da minha família que eu me mantenho de pé aqui dentro de um cárcere, e através dessa quarentena que devemos aproveitar e mostrar a todos que o amor de nossa família é tudo.

Mulher transexual que quer bife com batatas fritas.

A tristeza se mostra com várias faces, a alegria também tem diferentes rostos. A tristeza pode ser boa quando vem porque nos arrependemos de algo que fizemos. Hoje a pandemia afetou várias dessas coisas escritas nesse papel, e na minha vida também.

Mulher transexual que quer carne assada com salada de macarrão, arroz e feijão.

Já sofremos por estar nesse lugar, e agora mais ainda impossibilitadas de dar a única ponta de esperança que é a visita de nossos familiares. O desespero é grande, por isso devemos ter calma para que não prejudique nosso psicológico, a sabedoria de saber lidar com todos os tipos de pessoas que convivemos privadas da liberdade.

Travesti que quer arroz, feijão, macarrão, bife e batatas fritas.

Bom, eu sonho com a minha liberdade sim. Mesmo sabendo que eu vim num crime bárbaro mais (sic) eu quero mudar isso, quero uma vida nova. Um dia quando eu sair desse lugar, eu vou renovar minha vida, eu quero mostrar para meus pais que eu mudei, eu não aproveitei nada.

Travesti que quer estrogonofe.

Tudo começa pelo qual eu estou presa impossibilitada de saber ou fazer qualquer coisa lá de fora, sobre essa pandemia eu temo pelo fato de nós estarmos preso, onde essa doença nós não podemos ter qualquer tipo de contato com amigos ou familiares.

Ttravesti que quer frango assado com maionese.

Nós passamos por muitas privações aqui dentro, ainda mas (sic) por ser homossexual, pois a discriminação é muito grande. Podemos sim dizer que aqui neste presídio somos tratados de uma forma diferente, pois aqui é considerado o presídio das meninas.

Gay que quer ovo com batatas fritas.

Pelo fato de não podermos ver nossos familiares, pois a nossa família é a nossa base aqui dentro, é o que nos deixa mais fortes aqui nesse lugar onde tudo é muito intenso e quase sempre chato, pois tem vezes que dá vontade de sair louca gritando + (sic) infelizmente não temos para onde ir, e sim temos que pagar pelos erros que comentemos na vida.

Mulher transexual que quer empadão.

Talvez se tivesse lá na rua poderia ser mais um infectado pelo coronavírus, ou pela covid-19, com todas essas coisas o pior é a distância sem saber se algum ente querido se encontra com dificuldades.

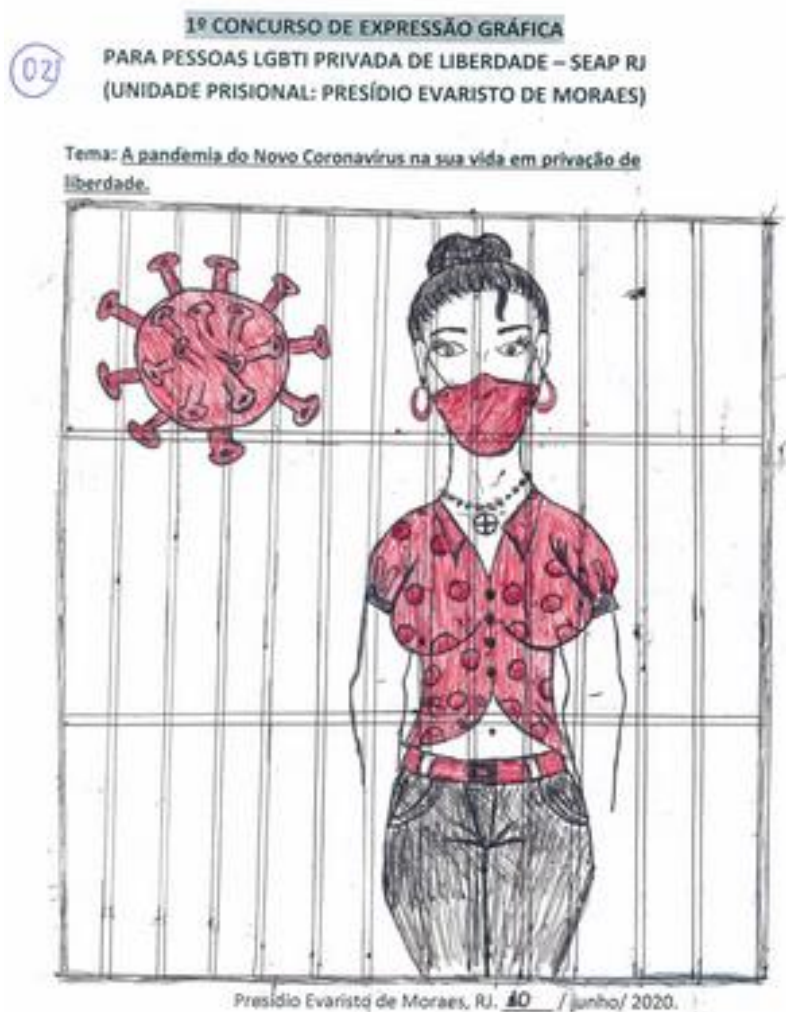
Bissexual que quer costela com batatas e agrião.

Dentro dos presídios fomos lesados com as nossas visitas, nossas audiências, e nossas atividades internas, social, psicóloga, jurídica, atrasando nossas progressões de regime, para obtermos nossos benefícios... Suplico às autoridades judiciais que nos deem recursos e oportunidades de um dia ver nossas famílias novamente,

Travesti que quer feijoada.

Termino por aqui, pois são dez horas da noite, e essa palavra “feijoada” vez o meu estômago me lembrar de que ainda não comi nada desde a hora que cheguei do meu dia de trabalho nas unidades prisionais da minha cidade. Gostaria de escrever mais por elas e eles, para dar visibilidade a uma população que nesta pandemia se tornou alvo de segregação mais dura que eu pude imaginar em minha experiência de vida, entretanto já se faz tarde, e uma *lady* sempre sabe a hora de sair de cena.

E os desenhos? Ficaram lindos! A minha filha escolheu um que tem um cachorro dálmata chorando diante de uma sepultura com uma figura do coronavírus pairando encima da cruz, e sobre a cabeça do cachorro um “balão” expressando um pensamento, de onde se pode ver a figura de um menino.

María Eduarda¹⁸

Audiodescrição: a imagem é um desenho. Na parte de cima temos os escritos "1º CONCURSO DE EXPRESSÃO GRÁFICA PARA PESSOAS LGBTI PRIVADA DE LIBERDADE – SEAP RJ (UNIDADE PRISIONAL: PRESÍDIO EVARISTO DE MORAES)". Tema: A pandemia do Novo Coronavírus na sua vida em privação de liberdade." O desenho é de uma pessoa atrás de grades usando uma máscara e no canto superior esquerdo a representação de um vírus. Abaixo do desenho têm-se os escritos: "Presídio Evaristo de Moraes, RJ, 10/junho/2020."

¹⁸ Publicado com a autorização da autora.

7

QUARENTENA: UM AGLOMERADO DE ZONAS

*Suome Matheus Vilela de Lima*¹⁹

Eu tava seguindo com a minha vida, daí, na segunda semana de março (acho, ou uma parada assim), a faculdade já lançou que entraríamos de quarentena, só bem depois veio o decreto da cidade. Com os dias se sucedendo, a cena foi escalonando e ficou parecendo fim do mundo, uma zona apocalíptica. O que circulava era “a nova era da configuração do sistema político e socioeconômico”, pelo menos, era isso que eu lia nas minhas mídias sociais. Li comentários sobre “agora tudo vai mudar”, “o sistema capitalista vai colapsar”, “planos para o pós-apocalipse”. Ou melhor, eu num li isso nas minhas mídias sociais, eu fui bombardeado.

Fiquei me perguntando de qual mudança de fato as pessoas tariam falando, até fiquei convencido de que poderia sim haver grandes mudanças... Mas, jogando a real, parei pra pensar que talvez essa discursividade num se tratava de mim não, por ser trans, nem de outras corporalidades marginalizadas (talvez um pouco óbvio, tá ligade?). Assim, como sempre foi, as fita raramente se tratam sobre nós, sobre sermos o público alvo de discursividades. A mídia ia falar pra gente? Comédia, né, “que bom que rolou a quarentena”, daí, poderíamos esperar sentades em casa pra num cansar. Então, qual seria a mudança significativa da zona pandêmica, da zona apocalíptica, da zona da mudança social que imperaria pra nós marginalizadas?

Como o bagulho num dá nó, decidi que eu abdicaria um tanto dessas discursividades midiáticas, que vendem uma mídia global, como se fossemos todes um mêmo balaio de gato, e focaria no babado real, focaria mais nas bicha pesada, um lance bem pajubeiro mesmo, no recorte que me interessa: em transmasculines, nas trava, em malokas, em pretes, em indígenas. O que nós teríamos pra falar sobre o covid-19? Como isso ia nos impactar?

Pra isso, eu focaria dentro do meu espectro micro social. Este movimento fez com que eu analisasse como eu me relaciono comigo mesmo, com minhas parcerias, com a minha casa, com o meu trabalho, com o social, antes e durante a quarentena. De mim mesmo para o mundo, até porque, o mundo nãoalaria de mim em nenhum momento de forma substancial, as políticas num seriam pensadas pra mim e pras tantas outras pessoas marginalizadas, a sociedade num pensaria na gente. Corpos transeuntes nunca são o alvo pra produção de bem

¹⁹ Boyceta, pansexual, branco, latino e macumbeiro; 26 anos. Assis, São Paulo.

estar social, só se for pra alvo de violência e pra gongação. Afinal, tamo no país que mais mata trans em escala mundial, tamo num país composto majoritariamente de não brancos e dentro dum mega sistema racista.

Minha análise então partiu do Eu. Eu que sempre fui da rua, do *tête à tête*, do tempo analógico. Existência esta que foi retirada de mim (um tanto de drama, eu diria, com uma pitada de real, até porquê, num dá pra falar de corona sem ter uma pegada meio melancólica, né, pandemia e tals) pra num correr o risco de ser contaminado, então, realmente me pareceu que o covid-19 ia mudar a minha vida, igual eu lia nas mídias, igual eu escutava de pessoas de uma forma geral. Mas ainda me permaneceu a dúvida do que tanto havia para mudar.

A princípio, tive que readaptar a minha vida cotidiana voltada para a vida cibernética, o que admito, foi deveras estranha, mas já aí pude ver a primeira mudança pra mim. Um reflexo da minha branquitude, eu diria. Poder modificar meu trabalho (diria uma tentativa de ser) como psicólogo e minha pesquisa, enquanto mestrando (essa +é real, mesmo num tendo nenhuma política de permanência, então, o bagulho tá loco), de forma online, é reflexo da minha branquitude, uma opção dada em reflexo ao meu privilégio. Por que eu digo isso? Porque se trata de um corpo que num tá na prostituição (por vezes, só de forma simbólica), um corpo que tá na universidade, um corpo que pode ter opções. Então aqui, falando na moral mesmo, num se trata de mudança efetiva na minha vida, tenho que ser sincero, pois privilégio socialmente dado, num é privilégio tirado. Pessoas brancas sempre tem opções e meandros, por mais que tejam na babilônia, nós sempre tem opção, num é como eu vejo com parcerias não brancas que as bicha ou tira leite de pedra, ou tira leite de pedra.

Mesmo assim, sabia que sentiria falta da sensação de independência (poder fazer meus corre, sem ficar trancadão em casa, esperando o *delivery* do mercado chegar, sem ficar esperando o auxílio de 600 reais do governo chegar) e da não solidão (que se trata de ficar com as pessoas, mesmo que seja só pra ficar e permanecer em silêncio, sentindo o movimento, tando entre alianças, manja?). Ao entrar em contato com a cidade, pra andar até a casa de minhas amigades; os boteco; as esquina, na moral, dá saudade. O andar sempre me produziu conforto, exatamente porque eu poderia me sentir independente e taria rodeado de coisas e pessoas, por mais que houvesse e ainda há, um medo constante de andar na rua. O *close* tem que ser certo, num dá pra vacilar: Sempre tento pensar em como mapear os lugares; reconhecer olhares; saber lidar com os xingamentos nas ruas e torcer pra num ser violentado, ainda mais que eu sou um boyceta não hormonizado (a violência pode vir como lesbofobia, como ódio à viadagem, como transfobia, como machismo, é tipo roleta russa).

Sabia que seria difícil ficar imerso em casa e dependente da tecnologia. Até porque, minha casa num tem uma vedação correta (na real, até hoje eu num sei como ela num caiu, ainda mais nas tempestade e nos vento 360° com areia que tem aqui); ela tá longe de ser super equipada (seria massa demais uma internet

que num é um fio que passa pelo rachado do meu teto até o roteador e é uma internet de 2 mega). Sabia que o isolamento social me prejudicaria financeiramente porque os preços do mercado seriam maiores, inclusive um gasto que num sei se poderia bancar, até porque, meus trampo de artesanão sucumbiram (saudades do dinheiro que nunca chegou e as peças tão mocosadas na loja que nunca mais abriu).

A fita é que eu sempre tive que ficar na rua por mais tempo do que na minha própria casa, isso desde pequeno. Sempre tive que passar mais tempo na casa das outras pessoas e na rua, depois mais tempo na faculdade do que em casa, sempre tive que passar mais tempo no serviço do que em casa. Nas minhas horas vagas, sempre passei mais tempo na casa de amizades, andando na rua e tando nos boteco mais do que em casa. Minha casa sempre foi um território, sempre foi a rua, sempre foram lugares e não um lugar específico chamado casa. E, pela primeira vez, percebi que seria obrigado a estar dentro da minha casa. Estar em casa, o tempo todo dentro de quatro paredes, todos os dias enfiado aqui, foi e tem sido diferente. Um lugar que me impede de ver as minhas amizades, andarilhes e viventes das cidades por onde passei e morei... Ou melhor, impede de ver a minha família, aqueles que me respeitam, que cuidam de mim, que me ajudam. Essas pessoas que são família, porque nós, trans, muitas vezes criamos a nossa própria família. E família, por vezes, é tudo, né, mores.

Mas voltando na cena cibernética, eu nunca gostei de internet, primeiro porque passei mais tempo da minha vida sem e segundo que nunca tive uma de boa qualidade. Agora, eu fui obrigado a usá-la como fio condutor do presente, logo, tudo aquilo que eu ignorava antes pra continuar meu dia a dia, mandou-me lembranças: Eu achei que tudo ia mudar. O impacto do corona ia ser uma mudança real. Só que as pessoas que num conversavam comigo ou conversavam comigo só por conveniência, permaneceram assim nas trocas de mensagens. As pessoas me mandando sempre trabalhar; pessoas sempre me pedindo pra que meus serviços sejam gratuitos; a falta de pacientes por ser trans, permaneceram assim nas trocas de mensagens. As notícias de amigos trans que morreram pelo *cistema*, permaneceram assim nas trocas de mensagens. No caso, o medo de andar na rua e dos olhares de ódio e, mesmo assim, tendo que andar nela e aprendendo a gostar da rua, permaneceram assim, mas, desta vez, com o medo do contágio viral e dos olhares de ódio de vizinhos olhando para dentro da minha casa, mas, mesmo assim, tendo que andar em casa e aprendendo a gostar dela. Então, percebi que, assim como eu tive que aprender e amar a rua e os lugares que habitava devido aos fluxos da vida, durante a tal quarentena, estou aprendendo e amando esta nova casa devido aos fluxos da vida.

Com estes novos fluxos, também me adaptei a como conversar com a minha família, igual eu sempre fiz e sempre tive que aprender a conversar com as pessoas, sempre me sentindo deslocado. Assim, minhas conversas foram trocadas do *tête à tête* por vídeos chamadas, mensagens de *WhatsApp*. Ao sempre

praticar conversas com a minha família, peguei a visão: quanto mais as pessoas, que adotei como familiares, se aproximam do padrão hegemônico, mais elas reclamam de tédio, mais elas reclamam de ficar em casa sem fazer nada, de estarem esperando a cruel quarentena acabar. Já as pessoas mais marginalizadas, tão sempre reclamando de dinheiro, de estarem se expondo ao vírus ao ter que sair de casa, de ter que resistir aos planos políticos genocidas das nossas corporalidades, falando sobre as inevitabilidades e dificuldades de se manter nos processos e nos corres da vida. Logo, percebi outra coisa: as discursivas num haviam mudado de antes e depois da quarentena, só havia escancarado o que cada um já vivia cotidianamente.

A quarentena num virou meu mundo de cabeça pra baixo, num é como se eu tivesse ido para um mundo paralelo como a mídia me mostrou que seria. Só escancarou e exigiu um pouquinho mais da minha capacidade de adaptação, afinal, temos que segurar a própria marimba. Meus corres permaneceram os mesmos, as minhas dificuldades permaneceram as mesmas, com leves pitadas de reconfiguração. Como eu vejo o mundo e, estando imerso na necropolítica, encontrei eu e minhas parecerias na mesma, num tamo ahazando no sistema igual a gente num tava antes.

A minha conclusão, então, é a seguinte: nós vive uma democracia da tragédia, é um colapso exposto pelo covid-19, porque, no colapso, várias de nós sempre esteve nesse rolê. Num é novidade que somente quando as rabas brancas, cis e burguesas tão sendo atingidas é que temos providências, isso é sabido. A tal zona apocalíptica que dizem, nada mais é que um eterno apocalipse pra gente, pra quem num se beneficia do sistema. Porque vivemos numa zona colonial. É total *steampunk* agora com a facilidade contemporânea da tecnologia. Acredito que é entender que é uma ficção, e nessa ficção, a gente vê que as ferramentas coloniais sempre são atualizadas e que a gente sempre teve que se adaptar pra viver, como sempre foi.

A zona pandêmica é literalmente uma zona que deve ser combatida, mas, no nosso caso, e posso falar mais sobre corpos trans, isso ultrapassa a contenção do vírus covid-19 e o mundo contém a gente que é o vírus TRANS. O covid-19 é um espaço para leis anti-trans. Tá até rolando a PL 2578/2020²⁰ que "Determina que tanto o sexo biológico como as características sexuais primárias e cromossômicas definem o gênero do indivíduo no Brasil". Política tal que "pode exterminar o contágio trans", já as bichas intersexo, admito que nem sei em que pé que vira. Então, marginalizadas, como eu e tantas outras pessoas, estaremos à mingua a depender do sistema, como sempre estivermos. Sempre seguimos isolades, com políticas, por meio do asco, por meio da violência, por meio do embate. Eu observo pessoas na rua evitando o contato comigo e com minhas parcerias. Nós sempre fomos tratades como pessoas que tivessem doenças extremamente

²⁰ Projeto de lei apresentado em maio por um deputado federal bolsonarista (nota do editor).

contagiosas, os nossos hábitos são vistos como algo contagioso. O covid-19 é pique o surto, ou surtos biológicos e psicossociais, da aids/HIV na década de 80.

O que eu vejo, converso e presencio, é que nós trans em quarentena, e em home office, em vez de trabalhar menos, trabalhamos mais porque pensamos em coletivo, uma vez que nossa existência é política e num tem como desassociar, ajudamos quem tá mais na vala do que nós. Mas num é como se antes as pessoas marginalizadas num trabalhassem e fizessem menos corres o tempo todo pra manter o clã, a nossa base, vives.

Acredito que marginalizades continuam, continuamos, vivendo a quarentena, o estado de quarentena, uma zona quarentenal, como sempre. Eu continuo na pegada do padê, pedindo a Exú que nos proteja na rua, no nosso caminhar, que a gente sempre esteja em movimento, sempre se adaptando. Somos corpos marginalizados, e dentro do engendramento do sistema, somos igual parafuso espanado que gira, gira, gira e num encaixa, mas permanece sempre em movimento, meio que encaixando na brecha.

8

**DEFICIÊNCIA E ISOLAMENTO SOCIAL:
COMUNICAR-SE COM MASCARADOS E TOCAR EM
PESSOAS E COISAS EM TEMPOS DE PANDEMIA
DA COVID-19**

Anahi Guedes de Mello²¹

Camila Alves²²

Este texto que ora trazemos, foi escrito a partir da parceria de duas mulheres com deficiência lésbicas, uma surda e uma cega, residentes de Florianópolis e Rio de Janeiro, respectivamente, e se apresenta como um dos efeitos de nossa participação na roda de conversa “Deficiência e isolamento social: questões e invenções em tempos de pandemia”, realizada na plataforma virtual Zoom em 21 de maio de 2020²³. Na ocasião discorremos sobre as dificuldades das pessoas com deficiência na pandemia. Éramos muitas mulheres surdas e cegas no Zoom, falando de um mundo com máscaras e sem toques, que são situações impostas a nós sem o devido cuidado com nossos modos peculiares de sermos e estarmos no mundo. Ali a acessibilidade foi pensada e feita de modo artesanal para surdas e cegas. Quem era ouvinte falou bem pausado para ajudar surdas oralizadas; quem era vidente, a maioria audiodescreveu a si mesmo para ajudar cegas. Algumas pessoas sem deficiência se revezaram para transcrever em tempo real e de modo resumido e artesanal as falas ali ditas, e os intérpretes de língua de sinais brasileira (libras) também se fizeram presentes durante todo o encontro virtual.

Os recursos de acessibilidade presentes nesse encontro virtual permitiram que ali se tecesse, como salienta Mia Mingus (2017), um espaço de conexão e de comunidade. Ainda segundo a autora, a justiça da deficiência implica que “o acesso deveria ser uma responsabilidade coletiva ao invés de ser só designada a

²¹ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ativista surda e lésbica, atualmente é pesquisadora colaboradora do Núcleo de Estudos sobre Deficiência (NED), do Departamento de Psicologia da UFSC. Florianópolis, Santa Catarina.

²² Psicóloga clínica, especializada em Terapia Corporal Reichiana. Ativista cega e lésbica pela acessibilidade cultural, atualmente é doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

²³ O evento virtual foi organizado pelo Diretório Acadêmico da Psicologia da Universidade Federal Fluminense (DA/PSI/UFF), pelo Coletivo de Alunos e Alunos com Deficiência da UFF (CAAD) e por membros do “Projeto Estudos do Bilinguismo: Libras e Língua Portuguesa para Surdos” e do “Projeto Perceber sem Ver” da Psicologia da UFF. Agradecemos à professora Márcia Moraes pela leitura atenta e comentada, com sugestões ao texto.

um ou dois indivíduos. É responsabilidade de todos nós pensar sobre acessibilidade e ajudar a criar espaços mais acessíveis e de comunidade”. Por certo uma comunidade, como é possível hoje, no meio do isolamento social necessário para o enfrentamento da pandemia da covid-19. Devido ao alto poder de contágio do novo coronavírus vários governos municipais e estaduais do país seguiram as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) ao decretarem uma série de medidas para proteger e evitar a propagação da covid-19 entre as populações. No entanto, está sendo um problema para muitas pessoas com deficiência porque as diretrizes e normativas dos órgãos e organismos de saúde para o enfrentamento da covid-19 tendem a se direcionar à “população em geral” a partir de preceitos universais sobre corpo, cuidado e práticas de saúde, contribuindo para uma maior vulnerabilização de grupos sociais que não se adequam a eles. Nesse momento de isolamento social, pessoas surdas e cegas precisam lidar com o aumento e a inacessibilidade de conteúdos virtuais, com a transposição de um mundo inacessível fisicamente para um mundo inacessível virtualmente. E o que esperar de um mundo pós-isolamento social, diante do fato de que ainda teríamos que conviver com a existência do novo coronavírus em nosso cotidiano? Apostar na criação de um “novo mundo”, de uma nova realidade ou de um “novo normal”, como muitos têm denominado, é reconhecer a existência de diversas formas de vida e diversos tipos de corpos. Nesse sentido, em sintonia com as reflexões de Bruno Latour no texto “Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise”, publicado em seu site²⁴ no dia 29 de março de 2020, pensamos em produzir, cada uma, um relato autoetnográfico sobre a nossa experiência encarnada na pandemia da covid-19, questionando-nos sobre que mundos queremos construir e quem levamos com a gente, a partir das escolhas que fazemos nesse momento e das relações que estabelecemos com humanos e não humanos que compõem as vidas de todos nós.

Máscaras como o “novo normal”: surdez e a angústia mascarada

Eu sou uma antropóloga surda, faço uso preferencial da fala e da leitura labial para me comunicar com o “mundo exterior”. Para uma pessoa surda como eu, o acesso à palavra sonora tem como pressuposto o uso da visão e não da audição. Ou seja, “vejo sons” por meio da leitura labial. Quando leio lábios, estou “vendo sons” das bocas humanas se transformando em textos em três dimensões – 3D. É assim como concebo a leitura labial: uma leitura de textos em três dimensões, onde os textos em 3D são alegoria para bocas humanas. Imagine que você está nesse momento curtindo a leitura de um livro com aquele “cheiro de livro” novo.

²⁴ Ironicamente, o texto traduzido em português foi disponibilizado pela n-1 Edições em formato de imagem inacessível a pessoas cegas e com baixa visão em <<https://n-1edicoes.org/008-1>>. Para uma versão acessível, sugerimos clicar em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-202-AOC-03-20-PORTUGAIS_2.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2020.

Alguém pega o seu livro, deixa-o em modo aberto e começa a afastá-lo de você. À medida que a distância aumenta, mais as letras ficam miúdas e dificilmente você conseguirá lê-lo. E quando a luz da sua casa cai, você não pode ler no escuro a menos que acenda uma vela. São vários os empecilhos que podem acontecer para a realização da leitura de um livro. Humanos e não humanos *agem* no ambiente para que você possa realizar (ou não) a leitura de um livro impresso.

Imagine agora eu ler lábios em 3D ao invés de um livro. Os empecilhos são mais complicados e em maior número porque nem todo mundo tem uma boa articulação da boca; nem todo mundo consegue ou se lembra de ficar de frente para mim; nem sempre o modo como está organizado o espaço de uma sala de aula ou auditório me favorece enquanto receptora da mensagem; nem sempre um ambiente está livre de barreiras que podem obstruir a minha visão; quando as pessoas não esperam falar uma de cada vez ou não posicionam o microfone abaixo da boca, etc. São inúmeras as situações que podem provocar a minha exclusão nas conversações humanas. Mas a chegada da pandemia da covid-19 me trouxe uma ‘nova’ angústia: as máscaras.

Estou em quarentena total há mais de três meses em meu apartamento em Florianópolis, sendo minha cônjuge o único contato físico. Meu imaginário de um “novo normal” trazido pela pandemia da covid-19 é de um “mundo de mascarados” em todas as ruas e espaços públicos. A prefeitura de Florianópolis, seguindo as recomendações da OMS, decretou o uso de máscaras como uma das medidas obrigatórias no combate à disseminação da covid-19. Desse modo, se você precisar sair de casa tem que usar máscara. Na pós-pandemia o seu uso talvez seja generalizado por algum tempo ou até que se encontre uma vacina.

As máscaras são um desses contextos em que a “regra geral” não dá conta da minha singularidade como pessoa surda, uma vez que as bocas cobertas por máscaras opacas impedem a minha leitura labial e, por extensão, me priva da minha forma usual de comunicação com outras pessoas, majoritariamente ouvintes, e me exclui de participar de várias atividades da vida cotidiana. De fato, dentro de casa eu sinto alívio de ter alguém cujo rosto é livre para a leitura labial, mas e lá fora? Como vou conseguir ler os lábios de mascarados? Máscaras de pano opacas não me servem. Não servem à singularidade de corpos surdos como o meu e por isso é necessário encontrar máscaras alternativas, com um escudo feito de um material transparente e seguro, costurado e colocado no meio, de modo a permitir que pessoas surdas possam ver expressões faciais e movimentos da boca. O maior desafio é alertar pessoas ouvintes contra o julgamento que fazem às pessoas surdas que não podem se beneficiar das máscaras opacas e convencê-las ao uso de máscaras transparentes, com todos os ajustes a serem feitos, inclusive em relação ao tipo de material, à questão dos protocolos de segurança para o uso de máscaras e à universalização do seu acesso também a ouvintes.

As máscaras ora contribuem também para abafar o som para quem ouve parcialmente, dificultando-lhe a comunicação; ora são uma barreira para as pessoas surdas que se comunicam em língua brasileira de sinais (Libras), uma vez que a sua comunicação não se resume apenas à leitura labial, mas envolve a ênfase na expressão facial como um todo. Um sinal de “cansado” em Libras, por exemplo, pode até dizer que a pessoa está cansada, mas dependendo da posição e movimento que se faz no rosto, esse sinal enfatizará o quanto a pessoa está cansada. Ou seja, nesse caso a expressão facial permite à pessoa surda “visualizar” a exaustão. Por isso, a leitura das expressões da face importa muito para a diversidade de pessoas surdas, independentemente de a comunicação ser feita em língua de sinais, a fim de que elas possam visualmente “ler” palavras, emoções e sentimentos vindos do outro.

No contexto da surdez, a perda da audição afeta a relação do corpo surdo com o ambiente e por isso há a necessidade do corpo de estabelecer conexões com actantes tão díspares atuando como mediadores do processo de experimentação de outras sensorialidades e de reorganização dos sentidos. Actante é qualquer pessoa, animal, instituição, objeto ou coisa que tenha *agência*, no sentido de produzir efeitos no mundo e sobre o mundo, porquanto “na acepção de Latour, um actante é caracterizado pela heterogeneidade de sua composição; ele é, antes, uma dupla articulação entre humanos e não humanos e sua construção se faz em rede” (Silva *et. al*, 2017, p. 185). Dito isso, a comunicação das pessoas surdas ocorre em um contexto de cognição distribuída que articula humanos e não humanos tão díspares, ou seja, “trata-se de uma cognição distribuída por diversos actantes, cognição que ocorre numa articulação com o corpo, com os não humanos” (Moraes, 2005, p. 13). Se a cognição é efeito de experimentações corporais que estabelecem associações entre actantes humanos e não humanos em uma rede sociotécnica, no contexto da pandemia da covid-19 as máscaras opacas enquanto actantes falham em fazer conexões com uma pessoa surda, porque interferem negativamente na minha comunicação. Entretanto, se forem feitas as modificações necessárias de modo que as redes sociotécnicas que envolvem a comunicação de uma pessoa surda como eu passem a atuar minimamente em meu favor, seria dado um importante passo para garantir também às outras pessoas surdas o direito primário de acesso à comunicação e informação em contexto de pandemia da covid-19. Do mesmo modo, no próximo tópico vamos perceber os deslizamentos dos efeitos sociotécnicos provocados pela covid-19 nos corpos cegos, a partir das dimensões reais e imaginadas de um “mundo sem toques” relatado por Camila.

O toque como ameaça à vida: a experiência da cegueira em tempos de pandemia

Eu estava em Porto Alegre no dia 13 de março para um trabalho, quando no horário do almoço recebo um telefonema do Rio de Janeiro, dizendo que o isolamento social em decorrência da covid-19 no Brasil iria começar. Em poucas

horas, desde aquela ligação e a minha volta para casa, jornais, especialistas, familiares, amigos e amigas postavam em suas redes sociais que o mundo havia mudado, e mudado para sempre.

Em poucos dias, o toque entre as pessoas, a proximidade, o contato com objetos e as aglomerações tornaram-se, para mim e todos nós, uma ameaça direta à minha vida, às nossas vidas. O pranto e o mal-estar desde então não parou de se apresentar com novas formas. Não posso ver as imagens da TV, nem ler os gráficos que nos atualizam sobre nossas vidas, não posso ver as orientações a respeito dos cuidados pessoais e de higiene. Também não posso, com integridade, participar de encontros virtuais sem acessibilidade, muito menos tentar me distrair diante de uma *live* sem audiodescrição.

Foi rápido demais as mudanças de um mundo que, agora diante de uma pandemia, se aterrissou por aqui. Não posso ver as imagens, mas as imagino, e isso pode ser bem pior. Ouço o som de equipamentos que nos sinalizam o fim do curso da respiração, consigo sentir o cheiro da dor e do desespero no ar.

Sou uma mulher cega, usuária de cão guia. Há três meses vivo o isolamento social em decorrência da covid-19. Readaptei meu trabalho como psicóloga clínica, docente, doutoranda em Psicologia da UFF. Saio de casa três vezes por dia, para levar o meu cão, Astor, até o portão do prédio, onde ele faz suas necessidades e rapidamente voltamos para casa. O retorno para dentro de casa nesse contexto exige a minha higienização, a higienização do equipamento de trabalho do Astor e do próprio Astor. Nesse caminho, curto, entre meu apartamento e a rua, tenho me dado conta de que as minhas ferramentas corporais, as quais venho construindo em minha vida diariamente há quinze anos, está em xeque e agora pode ameaçar a minha vida

Nós, pessoas cegas, usamos nosso tato, a nossa pele, o contato, com as mãos e o restante do corpo, com o corpo de outros, conhecidos ou estranhos, de humanos e não humanos (Moraes, 2004) para nos orientarmos e construirmos nossa mobilidade cotidiana. O toque é uma condição vital para nossas vidas, longe de ser apenas uma escolha, ou algo a ser cuidado ou evitado, é pelo toque, por ele e com ele, que ocupamos o mundo. Também usamos a internet cotidianamente, temos leitores de tela que nos ajudam na leitura dos conteúdos postados em formato de texto. No meu caso, fazer compras usando o *delivery* já era uma realidade parcial que me ajudava a enfrentar a sensação de ser um peso e o constrangimento da falta de acessibilidade em muitos espaços.

Já é mais que sabido que o capacitismo (Mello, 2016), que assola nosso cotidiano e nos obriga a nos apertar em um mundo que insiste em nos desconsiderar e nos lembrar que estamos fora dele, era uma realidade antes da covid-19, e nossa luta agora é para, mais que nunca, conseguir construir alianças e redes para que essa realidade nos assombre cada vez menos em um “mundo pós-isolamento”.

Desejo que o descanso que sinto ao me encontrar em casa, sem lidar cotidiana e fisicamente com um mundo opressor que me lembra a cada movimento meu e de Astor que não fazemos parte do grupo esperado ou aceitável pela maioria dos lugares, não seja apenas uma realidade possível de viver isolada. Se tem algo que a quarentena me trouxe de “bom”, foi o descanso desse esforço e a clareza do quanto o mundo é cansativo para nós, que precisamos o tempo inteiro fazer muito esforço para participar e partilhar de um mundo corponormativo com outras pessoas, deficias e não deficias.

Errâncias finais

Nosso foco aqui são as reflexões fora de nossas lesbianidades em *queerentena*, pondo em questão a singularidade da experiência da deficiência no contexto da pandemia da covid-19, a partir dos marcadores sociais da surdez e da cegueira.

É urgente que pensem em nossos corpos, em nossa saúde, em nossas formas de pensar e sentir, de nos localizarmos e nos comunicarmos. É urgente que as autoridades políticas e científicas nos incluam dentro das ações de saúde, de lazer, de cuidado e de assistência social. É urgente que a acessibilidade seja uma questão central para os novos agenciamentos que estão por vir. Enquanto cegas e surdas não poderemos nem deixaremos, respectivamente, de tocar em coisas e em pessoas e de nos comunicar com elas apesar das máscaras opacas, mas podemos fazer com que nossas formas de existir não sejam colocadas, mais uma vez, como um modo de ameaça às nossas vidas.

Referências

- Mello, Anahi. G. (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC”. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.21, n.10, pp. 3265-3276.
- Míngus, Mia. *Access Intimacy, Interdependence and Disability Justice*. Documento eletrônico. 2017. Disponível em: <<https://leavingevidence.wordpress.com/2017/04/12/access-intimacy-interdependence-and-disability-justice/>>. Acesso em 4 jun. 2020.
- Moraes, Marcia. (2005). Cegueira e Cognição: sobre o corpo e suas redes. *Revista de Antropología Iberoamericana*, Madrid, número especial, pp. 1-13. Disponível em: <<http://www.aibr.org/antropologia/44nov/articulos/nov0514b.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- Moraes, Marcia (2004). A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 11, n. 2, pp. 321-33.
- Silva, Thais A. *et al.* (2017). EscreverCOM: com quem? com o quê? para quê?. *Rev. Polis e Psique*, v.7, n.2, p. 176-190.

9

POR UM VÍRUS BICHA

*Murilo Kill*²⁵

Há pouco compartilhado em nossa espécie quanto o horror ao desconhecido. Correlacioná-lo a algo minimamente íntimo talvez seja um dos mecanismos mais eficientes que possibilite a compreensão do novo. Independente de todo horror, ele se aproxima. É da vida essa vinda.

Toda bicha tem aids; se não pela entrada do HIV no corpo, por ter amigos infectados ou o olhar infectante de quem a diagnostica pela magra diferença. Um blues ao fundo à espera do próximo exame que te positive. Um olhar fugidio à direita e à esquerda, à espreita. É o exame do outro que positiva.

Desbunde libertino, impulso de vida. Me guio com Jésio Zamboni e sua Cartografia Bicha, apostando que suas inscrições no mundo se dão privilegiadas pela arte. Viados e sapas: há um quê de bicho na bicha; sua indizível selvageria habita no ato, o qual nenhuma linguagem poderia capturar. É necessário desvincular o conceito de bicha da figura do homossexual. Não há sentido que a defina. Bicha é aquela que, a partir da diferença, perturba a ordem estabelecida dos seres e das coisas. E sabemos que não é a homossexualidade a perturbar a ordem, mas essa condição-bicho mesmo, a atenção ao desejo.

Penso no meu povo, naquelas que até aqui resistiram. Nos poucos relatos que ouvi pela vida sobre o sofrimento daquelas que viveram a juventude nas décadas de 80 e 90. Inclusive, por onde andam as mariconas? As poucas sobreviventes – hoje idosos – mais uma vez população de risco. Outra vez à mercê da inobservância da garantia de nossos direitos: à saúde, às vezes ao trabalho, à moradia. Mais uma vez população de risco. Estou certo de que muitas assustadas, mortificadas. Viram seu povo dizimado, definhando, intocáveis. Isolavam os pares ou isolavam-se junto a eles quando a tosse não passava, os gânglios inchavam e as manchas bordô pintavam na pele a tela do horror.

Há vários armários que carregamos, as bichas. Aprendemos desde cedo a sustentar o silêncio sobre nós e ao que nos afeta. O não dito tende a retornar no real do corpo, é sabido. É dolorido ver aqueles que se tornaram cômodas ambulantes, caminhando cabisbaixos, guardando na gaveta tão ferozmente suas vergonhas após um instante de prazer.

Não direi aqui dos sodomitas neoconservadores. Estes não me cabem.

²⁵ Cultivando o devir bicha. 26 anos. Vila Velha, Espírito Santo.

Há vários armários que carregamos, as bichas. Aprendemos desde cedo que encontraríamos na esquina uma infecção que nos custaria a vida pelo prazer. E, desta infecção, aprendemos o silêncio. Inimiga mortal que deve ser afastada a qualquer custo. O mais caro, claro, a ignorância.

Aprendemos, então, a afastarmo-nos. Há um *câncer viado*, cuidado! e, desta viadagem catastrófica, aprendemos a supervalorizar o corpo definido – dito saudável –, rivalizarmos e estarmos sempre prontos a desconfiarmos uns dos outros. A morte nos vem por todos os lados. Quanto risco cabe em um corpo?

Entre a moralização da sexualidade e o fortalecimento da lógica individualista, o isolamento passa a ser considerado medida de prudência. Em *A Doença como Metáfora*, Sontag (2002) aponta que o contato com alguém tocado por uma doença tida como um mal misterioso incita o sentimento de uma transgressão; pior ainda, de violação de um tabu. Isso é uma característica comum a todas as epidemias de rápida difusão, inclusive aquelas em que não é evidente a transmissão sexual ou de culpa atribuída aos doentes. Essas intensificam práticas de distanciamento e exclusão semelhantes, levando que o julgamento recaia sobre o indivíduo. Invariavelmente, o sentido atribuído às doenças é de cunho moralista. Ou, pior, o próprio ato de dar sentido é punitivista.

Se te culpas o macaco, morcego ou o dito inumano, concordo com Nietzsche (2004) que "a maior doença dos homens surgiu do combate a suas doenças, e os aparentes remédios produziram, a longo prazo, algo pior do que aquilo que deveriam eliminar".

Assim, unem-se os discursos das autoridades estatais, econômicas e médicas em torno da montagem de uma guerra. O vírus enquanto metáfora de guerra, ou a guerra em si proposta contra o vírus... que não propôs guerra a ninguém. Nas favelas e nos armários, em pandemia e depois dela; a guerra é a estrutura básica de manutenção de poder, um vírus biopolítico cujo poder destrutivo não consiste tanto em sua letalidade, mas em sua habilidade em passar despercebido. Estes discursos capturam-nos a libido, tentam nos submeter à distância e ao silêncio.

É uma guerra entre sujeitos, não ao organismo acelular; este minúsculo a-corpo constituído de cápsula proteica que envolve material genético. Insistem que o vírus está no outro, isolado nos corpos pretos, pobres ou bichas. Um "inimigo invisível" que se sustenta no controle de todos por todos. Tornamo-nos vigilantes do outro, segrega-se indivíduo do coletivo e é exercido poder moral em nome de uma suposta transparência. A que servem, ao agir pelo medo, o julgamento e a destruição?

No princípio são o vírus e a exploração. Um povo originário dizimado pela varíola e subjugado pelo branco. Novo Mundo é uma expressão de sádico gosto: o único ar limpo que respiro vem de um filtro vermelho. Da pangeia separaram-se África e América do Sul; cada instante mais distantes, cada instante mais irmãs. Irmandade: esta que comporta junção de distâncias.

Tuberculose ou doença respiratória não identificada, efeitos dos nomeados com siglas de pronúncia amarga, como, às vezes, o próprio fluido donde transmite a moléstia. Deste, nojo como presença vívida de morte. Excreção de um corpo de carga – sem consentimento – do que não deseja nenhuma sorte. Enquanto corpos se empilham, discute-se o óbito dos CNPJ, denuncia-se a rapidinha visita amiga ou, em praça pública, agonizam na solidão de um caixão fechado; enquanto os ditos pensadores gastam páginas e páginas e páginas de seus tediosos isolamentos apostando em um novo normal, novo mundo que se instaurará ao efeito do vírus; mais solidário, saudável, atento aos efeitos do neoliberalismo, novos usos e possibilidades de fronteiras. Sobreviventes, tal Caio F. e suas grandes lições aprendidas dentro das quatro paredes de sua casa, segurando seus empregos de oito horas enquanto em suas poltronas de couro autêntico onde assentam suas preciosas bundas após mais uma semana de batalhas inúteis, fantasias escapistas, maus orgasmos e crediários atrasados.

Toda fronteira erigida é um ato político. O discurso montado sobre o sistema imunológico, diz que o é um conjunto de códigos criteriosos sobre o reconhecimento de si, portanto, do outro. Um alerta que toca à invasão de um estranho. Estas monumentais tentativas de separação “eu” do “outro” uma hora pifam. Certamente pifarão. Não há ímã que dê conta da atração de iguais, a junção habita a diferença, dela se constitui. O mundo é visto por lentes únicas que cada um porta como óculos constituídos de histórias, frágeis construções de um corpo destituído de unidade, que enxerga no outro frangalhos de si. Mas a vida há de incidir, insistir, devorar. A exposição ao tempo provoca rachaduras desde a mais fina parede a mais retumbante muralha. Por quais orifícios entram um vírus?

Pela boca tentamos mediar o que supomos contaminar o outro. Pelos ouvidos, sempre seletivos, infectamo-nos por verdades. Os olhos procuram em cada canto a cinzenta certeza de que não-estamos-doentes-e-sós. Se te digo, ouço e vejo, respiramos do mesmo sujo ar; quais mais abismos se instauram entre nós?

Há um orifício rugoso comum. Não estou certo de que de fato haja um “entre”, mas, ao menos, um “em nós”. Um “CéU”, como lembrou Waldo Motta.

Entre armários, isolamentos, paredes e silêncios, podemos – ao menos –, compartilhar deste ponto, dado democrático. Cazuza canta que “nós, as cobaias / vivemos muito sós”. Desde a estranha diarreia que perdurou ao encontro de um deus de saia, há um rápido percurso antecipado pelas calças baixadas na praia enquanto enfileiravam-se moços para enrabá-lo. Insistem em dizer que de um lado há liberdade, do outro, castigo. Hoje consigo assistir sem um tanto de horror a face magra, o corpo frágil coberto por um branco-quase-lençol dizendo que o tempo, não, não para! Não sei o que meu corpo abriga nessas noites quentes de febre e falta de ar e diarreia e manchas e gânglios inchados no canto esquerdo da mandíbula; a pálida magreza de quem dizem não mais poder tocar – nem ser tocado.

Já sabemos que aprendemos a viver entre janelas imunológicas; este curto espaço de tempo entre infectar-se e detectar a doença em si. Há uma dose de urgência nos goles de vida. Necessária a prática de abertura de janelas, espaços abertos nas paredes de sustentação que emolduram ar com esquadrias e, a depender da amplitude da visão, provocam o desmoronamento de todo o edifício interior. Construir janelas à revelia de uma parede: uma missão bicha.

As travestis, sempre na linha de frente, vez ou outra nos salvam do Câncer Gay. Mas, com elas, pudemos desaprender o isolar e deixar-morrer? Inventamos novas formas de lidar com os vírus que sustentam discursos de que haja um grupo-sacrifício necessário? Hoje temos a PrEP, que dificulta a infecção do corpo; caso falhe, o AZT evoluiu em tríplice antirretroviral, permitindo uma vida sem que a infecção se propague e manifeste como doença.



Audiodescrição: a imagem é uma foto de uma sacada que foi tirada desde uma janela e que nos concede a vista para vários prédios próximos e mais distantes, somente aparecendo um pedacinho do céu.

Um tanto quanto perdido ao olhar pela minha janela que atravessa gente empilhada, tudo enquadrado. Cada vírus comporta um corpo descartável. Se naquele somos as bichas, neste são as pretas. Desta janela vejo gente quadrada de bairro classe média – novos Senhores e Sinhás – que dissimulam proteção enquanto recebem seus banquetes da Anastácia da cozinha ou do sujeito com cara de “bandido de bicicleta”.

Divago nestas linhas o que tento enquanto ruptura. Já somam três os meses em que insisto tentar viver no meu quarto.

Nós, as bichas, apesar das boates amontoadas, quebradas tumultuadas, estórias escorraçadas, de amiga em amiga que se viu só na esquina esperando o transporte ao fim da balada. Nas esperas, erguem-se mais e mais perguntas: Quantos dos sorrisos valeram os sulcos? Quais dessas rugas valeram à pena? Há uma dissonância neste eterno domingo em que tenho me cobrado pelas vezes que saí antes da festa acabar. E, se a festa acabou, se a luz se apagou... O preço pago pela conta valeu? Sangue imundo, o que tu te fizeste?

Se há uma solidão, ei-la na individualização. Ao confinar-se em si, imperativo atual, aponto minhas palavras. Por uma “solidão extremamente

povoada”, roubo de Deleuze. Pois é possível estar só e, ainda assim, fazer encontros; da mesma forma que é também possível o terrível desencontro da solidão a dois, o povoamento se dá numa solidão absoluta: eu um em minha máquina de escrituras encontro outro um de ideias mais um outro de palavras e mais um outro..., e é desta solidão que tornam-se possíveis os encontros. Muito menos que de sujeitos, mas dos efeitos que incidem do contato. Com Foucault, aposto que a liberdade habita na ética do poder cuidar de si cuidando, por consequência, ao mesmo tempo dos outros.

A bicha talvez se imponha como cultivo de uma praga familiar: cupim que transforma os cômodos em incômodo pó. Em sua *Epistemologia do Armário*, Sedgwick (2003) aponta que viver no armário e sua saída não compõem questões herméticas. Dos amores que não ousam dizer seus nomes, devemos estar atentos à elasticidade mortífera da presunção heterossexista e a descaracterização do “armário gay” como característica apenas das vidas das pessoas gays, apostando que cognição, sexualidade e transgressão na cultura ocidental estão prontas para um alinhamento resistente das relações assimétricas. Talvez seja importante pôr de lado a procura por potencial transformador na teatralidade fantasmática da ignorância institucionalizada, para então desvelar o segredo-aberto das dissidências sexuais no século XXI que respondem e, portanto, evocam as incoerências da heterossexualidade compulsória. A relação do sujeito com o armário não finda ao passo que este se assume, mas pode fazer transcender as conceituações categorizadoras de gênero e minoria à sua potência performática. Enquanto as questões reduzirem-se às dicotomias, é óbvio que qualquer discussão que se proponha ampla, não elaborará nada além de ratificar o mesquinho lugar do invertido ou reduzir suas performances à farsa.

Se todo belo poema subversivo materializar-se em corpo e, sob essa condição, todo corpo aberto encarnar a *poiesis* como sua criação, é então possível – se, como a linguagem, o limite dos corpos – a transformação do nascido em construído.

A Bicha não existe. Aposto no devir bicha como impedimento da mortificação melancólica, urgência minoritária que convoque o desejo a agir. Devir bicha e devir mulher se tocam, inquietantes. Ser bicha é ser revolucionária ao encarnar o paradoxo, fresco como um dia de domingo. É não caber em definições e classificações, bicha é fazer incidir a diferença na mudança das estratégias insurgentes; todos podem encarná-la: é o ato democrático de desvio da primazia do falo ao cu pessoal e universal, confronto com o individualismo aniquilador e contato com o estranho-familiar.

A despeito da moralização e do individualismo, como um vírus, nós, as bichas – uma a uma – corporificamos o desconhecido, infectamos pelo rebolar dos passos nas vias públicas e incorporamos a rebelião do desbunde às máquinas de moer gente. O vírus bicha implode as cancerosas células colonializadas. Um vírus que ataca a unidade do corpo. Se há uma guerra, nossa arma é o deboche. Se há um corpo, não o é um limite, mas ferramenta de possibilidades. Por fim,

não há distância que te isole de nossa incorporeidade. Por um vírus bicha que não contamine, mas contagie de tesão. Não adianta tapar os buracos: serão penetrados.

Referências

Nietzsche, Friedrich (2004). *Aurora, Reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia das Letras.

Sontag, Susan (2002). *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal.

Sedgwick, Eve Kosofsky (2003). *A Epistemologia do Armário*. Coimbra: Angelus Novus.

10

QUAL CURA ESTE MOMENTO ME TRARÁ?

*Dolly*²⁶

Para se falar nesse momento tão delicado o que a humanidade vivencia coletivamente, não posso deixar de mencionar minhas experiências de vida, muito menos as construções de sujeito que me trouxeram até aqui. Chama-me de Dolly, por favor! Ingressei nas artes muito cedo, aos 12 anos de idade. O teatro me abriu a visão de mundo, disciplina, liberdade, responsabilidade... mas além dos palcos, eu escolhi a arte como sendo uma forma de interagir com as minhas questões e o planeta. Porque já apresento em minha estrutura essencial uma sensibilidade diferenciada. A priori na minha jornada evolutiva, sempre tive minhas práticas de trocas homossexuais com os meus amiguinhos de infância. Bem precocemente. Aos 13 anos me assumi, antes disso eu já havia perdido meu irmão mais velho. Ele tinha 25 anos, eu tinha 12. Isso acabou com a minha vida e de minha família. A aceitação da minha sexualidade prematura foi bastante turbulenta, hoje colho frutos de respeito por causa de minha dignidade, outra estrutura essencial na minha vida. O ingresso na sociedade LGBT, mais especificamente gay, foi uma continuidade de *bullyings* que eu sofria pelos heterossexuais na minha escola. Pois quando você é afeminado, feio e fora do padrão estipulado, inconsciente coletivo, como másculo e atraente, você também é rechaçado, como não pertencente a este espaço. Comecei, então, minha jornada na ânsia de suprir minhas necessidades sexuais e afetivas pelo universo do sexo livre. Aquele dos rejeitados, fetichistas, do sexo descartável. Desta maneira, de ilusão em ilusão, descobri da pior forma que não existe posse quando o assunto é emoções, sentimentos e pessoas. De fato, o Amor é livre.

Em 1995, na onda das festas alternativas e do movimento *clubbers*, tornei me *Drag Queen*. A persona que criei contribuiu definitivamente para finalizar o que faltava na minha personalidade. Resgatou, junto com a cultura artística, minha autoestima. Em 2006, eu conheci o amor da minha vida, que iria me apoiar em tudo, desde que eu fosse apenas dele. Mais tarde percebi que eu era uma pessoa "não homem", portanto enquadrada dentro do que se chama hoje em dia por pessoa transexual. Isso também foi uma grande descoberta e libertação. Embora reconhecida no meio LGBT e fora dele como uma artista de certa qualidade e propósito, minha situação financeira nunca foi estável. De uns tempos para cá, após uma divulgação em massa de um *reality show* da cultura *Drag* estadunidense,

²⁶ Belo Horizonte, Minas Gerais.

se, surgiram inúmeras personalidades emergentes no meio. Os trabalhos que eu fazia decaíram. Coincidentemente, as casas noturnas em que eu me apresentava fecharam. As festas nas quais eu tinha vínculo, ou não existiam mais, ou não tinham mais uma relação amistosa com os *promoters*. Eu já não me divertia em baladas pela dificuldade financeira que sempre me encontrei, os trabalhos já estavam escassos, minha rotina era acordar tarde e dormir tarde. Desocupação. Nunca houve uma esperança de que algo se transformaria. Sobre a questão que todos os gays e travestis passam, de serem para a sociedade além da conotação de menos valia, há a questão ligada à saúde. Até hoje, graças a classe médica, somos considerados os propagadores de DSTs. Isso é introjetado na sociedade de tal maneira que, para se doar sangue não se pode declarar-se homossexual²⁷ e com isso, talvez seja comum o pensamento, entre nós mesmos, de sermos destinados a contrair uma doença venérea. Eu tenho medo desse estigma e isto é uma preocupação constante.

Algo que eu não mencionei até agora é com relação a minha espiritualidade. Não me prendo em dogmas, em regras institucionais. Odeio hierarquia e sou quase uma anarquista, embora adore uma ordem, mas a minha sensibilidade sempre me trouxe, essencialmente em meu coração e minha mente, que existem respostas que não podem ser respondidas por uma visão simplesmente materialista. A ciência também pode ser um preceito, quando se fecha em uma verdade única e absoluta. E sabemos que assim como os costumes e cultura, a ciência também se molda com o tempo. É temporal. Portanto, a espiritualidade é a parte que mais me nutre nos momentos de crise. A minha vida toda, com as dores, as imposições, os castigos, a falta de reconhecimento do meu trabalho, as perdas, as panelinhas, as inimizades gratuitas, os enclausuramentos... sempre foi uma quarentena! O que eu vivo hoje em casa, acordando e dormindo tarde, sem o que fazer, sem trabalho, sem dinheiro, com apoio material de minha mãe idosa, a quem eu sou dependente, tudo isso é velho conhecido de minha história. Porque eu conheço as restrições sociais que vivencio e me acostumei a viver com muito pouco. O coronavírus não me preocupa, visto que eu já vivo nesse estilo desassossegada há décadas e existe uma "praga gay" que é meu receio na vida. A vida me preparou para este momento de covid-19. Como também gosto de refletir, sei que esse momento único que vivemos juntos está além da questão de que possamos compreender humanamente. É uma revisão histórica de conceitos e preconceitos a respeito da vida individual e coletiva. E cada qual desta humanidade vivenciará esse momento com seus temas particulares específicos. O meu problema pessoal começou há mais de dois meses, a perda de 14 anos de relação amorosa monogâmica falida, ainda não sei o que o futuro me guarda. Qual cura este momento me trará?

²⁷ O Tribunal Supremo de Brasil derrubou a proibição da doação de sangue por "homens que têm sexo com outros homens" por inconstitucionalidade em maio de 2020 (nota do editor).

11

MANIFESTO DE UM CORPO ISOLADO

Camila Santos Pereira²⁸

Um espectro ronda o globo. Uma pandemia prova a pequenez da individualidade contemporânea ao mesmo tempo que escancara as desigualdades do meio social. Corpos podem carregar um perigo ainda nunca enfrentado. O nome dessa ameaça é covid-19. Uma pandemia desfez os trilhos cotidianos de bilhões de vidas. Há quase quatro meses isolada todo o tipo de pergunta já percorreu minha mente. O que eu deveria ter feito antes da quarentena começar? Será que existirá tempo posterior ao que estamos vivendo? Como deter o projeto público de aniquilações de vidas tidas como menos importantes ao mesmo tempo em que enfrentamos um vírus solto no ar? Qual será a primeira coisa que vamos fazer depois que ela acabar? Como os relacionamentos irão mudar?

Fazer comentários na primeira pessoa parece ser algo egocêntrico em tempos que o espírito comunitário é um imperativo. Infiltrado e divulgado em todo tipo de propaganda, desde pneus até *fast food*, a ordem é ficar em casa pelo bem da sociedade. No entanto, fica explícito o direcionamento para um isolamento farsante, em que as pessoas mais vulnerabilizadas estão na linha de frente de uma crise humanitária, antes em andamento, agora com índices crescentes alarmantes. Me parece que todo e qualquer relato sobre o isolamento do meu corpo é algo simplório, não representativo, não merecedor de atenção. Mas também penso que esses são sentimentos cultivados por muitas instituições e pessoas que passei e conheci na vida. Muitas delas reduziram ou nunca acreditaram que a reflexão sobre meu lugar no mundo era válida o suficiente. Talvez por isso fale tão rápido, para não desperdiçar o tempo de alguém com as minhas palavras desnecessárias. Talvez seja por isso que a quarentena me preencha com o afastamento da comunicação. O cansaço em proferir meus sentimentos, como estou, pensar, escrever, mandar áudio ou vídeo são dispositivos de fragmentação de um corpo que encontra no isolamento mais um refúgio para não conviver, para assim possuir o controle sobre o seu contato com as pessoas e fazer disso mais um escudo. Uma defesa para não se envolver, para não errar e admitir vulnerabilidade, ciúme ou falta de compreensão sobre a vida.

²⁸ Queer, 23 anos. Alvorada, Rio Grande do Sul.

Existe um conto de que aborígenes acreditam que quando é tirada a foto de alguém essa pessoa tem sua alma roubada. Escrever parece um exercício que movimenta uma adaga profunda dentro do peito. Contudo, uma forma clássica de manter a comunicação, carregada também de personalidade e originalidade. Um risco para correr neste manifesto. Gosto muito de um texto da Glória Anzaldúa em que ela escreve uma potente carta para as mulheres do terceiro mundo. Gosto tanto do conforto e rebeldia que ela apresenta, além de apontar para os mecanismos que nos censuram e acabam com nossa autoestima para produzir materiais escritos. Me dá coragem para um manifesto-rebelião em que a história e a raízes desse corpo isolado não serão ocultadas.

Meu corpo é, historicamente, isolado. O que é ser negra? Sei que essas normas foram estabelecidas muito antes de eu nascer, séculos atrás. Minhas ancestrais também tiveram seus corpos isolados, foram isolados da humanidade. As correntes grossas de ferro imobilizaram, prendiam vidas juntas a um destino trágico, repleto de cicatrizes que o corpo mostrava e a mente guardava. Deixava em um lugar bem escondido, para que os dias que se seguiam pudessem ser vividos, ou melhor, sobrevividos. As tradições eram revividas nas cantigas e nas histórias das mais velhas. Alguns estudos dizem que essas lembranças e o sofrimento foram tão brutais que as ascendentes levam os traços desses traumas no inconsciente. Também aprendi a guardar marcas na mente para seguir com os dias. Não apenas nos lados ocultos do pensamento, mas meu corpo isolado também apresenta novas marcas. Que ilusão. Mesmo depois de tanto tempo, uma falsa abolição nos condenou a buscar pela verdade em meio a cinzas de destroços. Fomos rendidas a um tratamento que nos inferioriza pela cor e perversamente foi muito bem articulado para negar, a tal democracia racial. As máscaras nos impediam de falar, de lembrar as sinhás e os sinhôs das atrocidades refletidas em suas frentes, do confronto.

Minhas ancestrais também aprenderam a amar escondido. Muitas não tiveram esse direito, de beijar sua companheira na rua. Corpos e sentimentos ainda precisam ser isolados ao redor do mundo, independente do fim da pandemia. Em muitos países a homossexualidade é crime, assim como os direitos de pessoas trans são renegados e perseguidos. Como moro em um dos países que mais mata LGBTQ+ no mundo, que possui um projeto de genocídio da população negra encabeçada pelas forças policiais, percebo que meu corpo sempre esteve isolado pelas ruas que círculo. Seja pelo medo da violência policial, pelo assédio sexual ou da violência por ter uma sexualidade dissidente. Hoje temos a saída na rua limitada, não podemos circular. Quando a pandemia acabar iremos continuar com o jogo do silenciamento e fingir que somos todes iguais? Que agora podemos andar “livremente” pelas ruas? Não podemos mais viver nessa farsa. Mesmo ao nascer os índices e os discursos antecederam minhas vivências. Continuo aqui, ao sair com um coração que bate mais rápido e com uma respiração acelerada cada vez que saio para ir ao mercado e vejo um carro de polícia, poderia ser eu o

próximo alvo? Com qual objeto periculoso policiais poderiam confundir o meu celular? Eu poderia ser mais um daqueles casos em que pessoas negras estavam simplesmente vivendo e foram aniquiladas, porque sua cor de pele é um alvo institucional.

Meu corpo isolado ainda tem tempo de se interrogar? Será que posso? Meus pelos do bigode estão crescidos e contentes, não sofrem mais com seus cortes, nem eu. Na verdade, todos os pelos estão livres e desgovernados, sem nenhuma censura. Partes de mim que a sociedade ensinou a detestar, agora aprendo a não mais ocultar. Os exercícios físicos são uma prova de cuidado e apreço pelo corpo que habito. Por isso, também, não posso deixar de questionar as extensões materiais que ele possui. Moça, você está na fila? Quem é essa moça, coberta com uma máscara de pano, faço cada vez mais essa pergunta. Existem outras maneiras pelas quais gostaria de ser lida? Sim. Tenciono como posso me deslocar estando confinada fisicamente e historicamente. Um corpo isolado ainda é capaz de mudar? O tempo se faz de outra forma nesse período. Não quero parar de pensar e refletir, me questionar. Compreender as outras ramificações de resistência que podem fazer parte desse processo. Saber que o Estado entende meu corpo como inconforme dentro das normas de sobrevivência e as taxas de mortalidade me obriga a entender que estar viva nesse momento é resistir, não irei cancelar um corpo itinerante. Que muda, se transforma todos os dias.

É como se o amor tivesse tirado férias. A sensibilidade sobre as vidas projetadas em uma sociedade neoliberal passa por um novo teste. É o cuidado de si e dos outros. É um momento de calamidade tão assombroso que a possibilidade de isolar meu corpo é repleta de emaranhados calejados por dores e sentimentos não resolvidos ou privados de ser vividos, mas que ao mesmo tempo parecem alucinações individuais. Me pergunto, será que posso interrogar as divergências de reconhecimento do meu próprio corpo construídas pela sociedade? Como posso aprender em um corpo isolado quais são as suas possibilidades de ser? É a troca social que materializa devaneios e serve para compartilhar e criar vontades. Falei um pouco sobre uma historicidade do meu corpo isolado, mas faltou mencionar uma palavra fundamental para compreender este manifesto, amor. O encontro e o toque foram restringidos. Mas meu corpo não sente falta do que nunca vivenciou. Permitir-se sentir sempre esteve acompanhado do medo da objetificação. Este corpo que fala, pulsa, estremece e se arrepia tem sua vida diminuída pelas ferramentas dominantes de representação. Seria esse isolamento o maior mecanismo para admitir que as fábulas do amor romântico não foram feitas para mim, ou um derrotismo em frente a esses meios hegemônicos de controle e preconceito? Traumatizada e com medo, seria essa minha saída triunfal de um período de quarentena?

Estes são os sentidos que meu corpo isolado comporta e me deslocam pelas vivências de um dia a dia emblemático: vejo as notícias de um país em colapso, repleto de representantes políticos neuróticos e criminosos. Também assisto a

mães negras chorando a morte de seus filhos e filhas no Brasil e no mundo. Ouço as brigas e os desentimentos das famílias da rua que não conseguem imprimir as atividades escolares das crianças em casa e quando os acompanhamentos de estudo viram gritos de ordem. Sinto o cheiro da gasolina que serve para auxiliar para levar e buscar minha mãe do trabalho, atualmente, anunciado como trabalho essencial. A pele sente com a ausência dos abraços, porém todo almoço experimento o gosto da comida caseira como um afago.

Um manifesto não indica apenas como está a situação, mas também apresenta indicações de como revertê-la. Por mais íntimo e particular que este texto seja, gostaria que ele manifesta-se o ímpeto de não deixar com que o mundo opressor mude uma corporeidade viva e em constante transformação. É sobre não deixar com que silenciem nossas urgências e descontentamentos. Seja pela cor da pele, sexualidade dissidente, identidade de gênero, fisionomia do corpo... Corpos subalternizados, uni-vos!

12 DIÁRIO DO VÍRUS

*Guido Arosa*²⁹

Rio, 16/03/2020

Diário do vírus. Mas dessa vez não mais do HIV, e sim do coronavírus. A doença que começou em dezembro na China, chegou agora no fim de fevereiro ao Brasil, vinda da Itália. Desde sexta a situação é grave. Estamos todos de quarentena. Não tive terapia, por motivos óbvios. Quinze dias sem aula, mas provavelmente prorrogarão por mais quinze. Espero que meus pais, meus tios e minha avó entendam a necessidade de isolamento. Os idosos são os mais vulneráveis. O secretário estadual de saúde do Rio disse pela manhã que, caso medidas não sejam tomadas, haverá mortes em todas as famílias. Em pouco tempo é provável que a polícia retire compulsoriamente as pessoas que estiverem na rua. Se não me engano há mais de duzentos casos confirmados. No estado do Rio, caso algo não seja feito, a projeção é de que ao fim do mês sejam computados mais de 25 mil enfermos.

Rio, 19/03/2020

Parada do Orgulho de São Paulo adiada de 14 de junho para 22 de novembro. Ontem, peneiração contra Bolsonaro. Quando ele soube que haveria manifestação contrária, convocou uma a seu favor. Informações desencontradas, falta de articulação entre o governo federal e os estados. Cada dia que passa, creio que as pessoas entendem melhor a dimensão do problema. Semana Santa provavelmente passaremos isolados. Já estou subindo pelas paredes sem homem. Novas chamadas para protestos hoje contra Bolsonaro, de nossas janelas e munidos de painéis. Há três meses entrei na lista da Fiocruz para iniciar a PrEP³⁰, mas até agora nada. Acredito que durante a quarentena nada será feito. Desde o começo do mês estou com uma dor de cabeça desagradável, mas sem febre. Medo de ser coronavírus, mas sair à rua agora e ir a um hospital se mostra perigoso. Já são mais de quinhentos casos e seis mortes.

Leio *Devassos no paraíso*, de João Silvério Trevisan. Essa história nossa, nossa história homossexual.

²⁹ Homossexual, 29 anos. Rio de Janeiro.

³⁰ A *profilaxia pre-exposição* ou PrEP é um tratamento de prevenção à infecção pelo HIV que consiste na tomada diária ou periódica de um medicamento antirretroviral (nota do editor).

Rio, 21/03/2020

Mil confirmados com o coronavírus. Doze mortes.

Ontem, meu irmão começou a sentir dormência nos braços e nas mãos, e falta de ar. Pressão alta. Meus pais o levaram ao hospital. Medo de ser infarto, AVC. Disseram que era estresse. Deram a ele *rivotril*. Ele trabalha com programação de ensino à distância, e agora seu trabalho triplicou com a impossibilidade de ensino presencial. Chegou em casa, jantou e se deitou. Perguntei, com ele na cama, se estava tudo bem, e ao me aproximar, o beijei no rosto. Algo que agora não é recomendado, mas que era preciso. Sugeri que se ele quisesse, poderia fazer terapia. Falei que ela me ajudou muito a passar por tempos difíceis.

Rio, 22/03/2020

Treze de março, último dia que de fato fui à rua. Quinze de março, fui apenas à padaria e voltei. E desde então não saio de casa. Apenas um dos dias fui à calçada ver minhas plantas. Vinte e cinco mortos e mais de 1500 contaminados. Parece que um rapaz de 25 anos conhecido de amigos faleceu. Com certeza a quarentena irá se prolongar. Já não teremos como comemorar a Páscoa. É provável que, em maio, nem Dia das Mães. Em casa, penso que tudo pode ser comportamento de risco; tudo me contaminar e eu contaminar a todos. E, com isso, promover uma cadeia de assassinatos. Segunda passada não vi minha terapeuta. Amanhã tampouco. Não me sinto confortável com chamadas de vídeo. O tempo passa. Não consigo me concentrar. Varri a casa. Preocupado com vovó. Minha tia vai todos os dias visitá-la. Espero que este seja o único contato com o mundo exterior de minha avó, mas ela esta semana saiu à sua calçada. Minha tia não se confina em casa de fato e, portanto, quando vai à minha avó acaba indo junto com todos que ela cruzou ao longo do dia, ainda que apenas por meio do ar...

Curioso ter chegado nestes tempos aos capítulos referentes à aids em *Devassos no paraíso*. Vinte e quatro horas ouvindo e lendo sobre o vírus. Sobre os vírus. Todos e nenhum. A partir da próxima terça o comércio fecha de vez. Abertos apenas farmácia, supermercado... Em metrô e trens parece que apenas profissionais essenciais. Ônibus de fora da cidade do Rio já não entram mais no município e vice-versa.

Rio, 23/03/2020

Dormi e sonhei que me levantava da cama com um aperto no peito e dormência no corpo, como que sofrendo um AVC. Então, me dava conta: tenho coronavírus. Descia cambaleante as escadas e de um degrau via meus pais e meu irmão na sala. Eu caía na escada e minha mãe, enquanto subia, me olhava displicente, como se não acreditasse que eu estava de fato morrendo. Ela me deixava ali. Meu pai e meu irmão não saíram sequer do sofá. Eu morria. Sempre sonhava isso, que

cambaleava e caía desfalecido por conta de uma dormência e uma impossibilidade de locomoção. Mas dessa vez foi novo, eu morria de coronavírus. O sonho de angústia dos tempos turbulentos voltou, mas agora com um diagnóstico.

Rio, 27/03/2020

Ano passado, quando eu ficava o dia todo em casa e o resto do mundo ia à rua, me sentia mal. Agora, comigo e todas as pessoas também tendo que se isolar, é como se eu fizesse parte de uma comunidade e, por incrível que pareça, estou bem e até me sentindo útil.

No começo da pandemia, nos chocávamos com os aumentos diários de casos e o início das mortes. Dez casos a mais era algo que saltava aos olhos. Agora, um mês depois do primeiro confirmado no Brasil, os casos chegam aos milhares e o de mortos a quase cem. Mas nos parece mais chocante o aumento de dez para quarenta casos de um dia para outro, que de quatro mil para quatro mil e quinhentos em um dia. Algo que não é da razão, foge ao nosso controle.

Às vezes, quando vejo um filme, leio um livro. Quando tudo acaba, me pergunto se é mesmo verdade que estamos em casa isolados. Não seria tudo invenção da minha cabeça?

Rio, 01/04/2020

Quase 6 mil casos confirmados. Mais de 200 mortes. Os casos são muito maiores, acredita-se que dez vezes maior. Muitas mortes estão sendo vinculadas à pneumonia, claro que pela falta de testes confirmando a contaminação pelo coronavírus.

Ainda há muita gente na rua. Vejo da minha janela gente fazendo caminhadas. E sempre acompanhadas. No fim de semana vi famílias inteiras passeando lado a lado. Inacreditável. Primeiro de abril. Mas tudo é real. Estamos sem saída. O presidente já fez nos últimos dias dois pronunciamentos desastrosos. Espero que esse pesadelo termine logo.

Passo tanto tempo trancado que, agora, estar em casa junto do mundo me parece algo aceitável. Os mais velhos que não conseguem parar. Isso mesmo alguns bem esclarecidos. Imagine os adeptos ao presidente.

Um pânico de colocar o nariz fora de casa e, por isso, contaminar não apenas a mim, mas os outros. E, ainda que eu sobreviva, provocar a morte de alguém.

Me pergunto o que a aids pode ensinar sobre o coronavírus. Nem tanto num sentido biológico, mas social. O homossexual vivencia no corpo um vírus real e/ou imaginário e cria estratégias para lidar com ele. O mundo hoje lida com outro. Mas apenas um possui carga moral.

Sonho sempre com sexo. Meu medo de contato físico é inversamente proporcional à minha necessidade de trepar.

Rio, 15/04/2020

Mais de 28 mil casos. Se fala em quarentenas intercaladas até 2022 caso uma vacina não seja desenvolvida. Meu pai está com medo de ser demitido.

Pedi para interromper a terapia. Comecei em maio de 2015, e agora acho que é hora de parar. Desde o fim de nossos encontros presenciais, no começo de março, até o retorno dos encontros virtuais, no começo de abril, percebi que já não sinto mais a necessidade. Creio que já fechei algumas portas do passado. Agora é esperar que novas se abram para saber se eu preciso voltar à terapia. Não tenho certeza de nada, mas sinto alguma segurança na minha atitude. Minha terapeuta concordou. Vejamos. Sigamos.

Sem sexo desde 13 de março. Me masturbo todos os dias, mas agora minha relação com o corpo parece outra. Se fosse ano passado, seria impensável um mês abstinência. Mesmo quando fiz uso da PEP³¹, ficar os 28 dias do tratamento sem sexo era difícil. Agora estou conseguindo. Meu medo é ter medo de voltar a fazê-lo depois de acabar essa pandemia. Medo de não poder encostar nas pessoas. Me contaminar não mais pela aids, mas pelo coronavírus, e não só morrer dele, mas matar alguém que amo.

Rio, 17/04/2020

Cada dia as mortes vão se tornando nomes conhecidos. Morreu o amigo de uma tia, morreu o conhecido de uma amiga, está em estado muito grave o tio de um conhecido.

Uma amiga, com filho de cinco meses, perdeu o emprego. Não conseguiu solicitar o auxílio emergencial do governo por conta de um problema no site. Espera conseguir o seguro desemprego.

O presidente, que deseja o fim imediato do isolamento social, demitiu o ministro da Saúde. Segundo Bolsonaro, em tom de crítica, ao demiti-lo: “A linha dele era voltada quase exclusivamente para a vida”.

Decidi interromper minha análise. Acredito que fechei algumas portas do meu passado. Tenho a impressão de já ter escrito isso aqui. Já estou um pouco perdido no tempo. Difícil perder as referências. Mas sigo bem. Dá um desespero apenas quando penso: quando poderei voltar a fazer sexo?

Li *O templo*, de Stephen Spender, traduzido por Raul de Sá Barbosa, diplomata expulso por ser homossexual do Ministério das Relações Exteriores em 1969, após o AI-5. O que impressiona, de um livro escrito no começo dos anos 1930, é: como de uma liberdade do corpo tão impressionante se chega em seguida a uma repressão absurdamente inacreditável.

33.682 casos. 2.141 mortes.

³¹ A Profilaxia Pós-Exposição ou PEP é um tratamento antirretroviral de curta duração que evita a infecção pelo HIV após um possível contato com o vírus (nota do editor).

Rio, 18/04/2020

Minha mãe disse que só hoje morreram cinco pessoas no hospital em que ela trabalha, e que o diretor da unidade arde em febre. Agora, com o primeiro caso registrado no país a 26 de fevereiro, temos 36.599 registros e 2.347 mortes.

Uma mãe anoréxica, um pai com sobrepeso e acumulador, um irmão que se fecha e com suspeita de síndrome do pânico, e eu – isto. E agora sem terapia. Acho que estou bem, mas tenho medo de ao primeiro choque, me surpreender: “agora não tenho mais análise”. Quando tudo acabar, preciso tornar a buscar a PrEP, porque nunca me telefonaram. O que me deixa nervoso é que desde dezembro não faço meus testes.

Rio, 21/04/2020

Sonhei que meu irmão pegava meu primeiro livro para ler. É onde falo do abuso. Mas em algum lugar deixo de citá-lo? Eu virava o rosto, constrangido, e pensava: “Está lendo a verdade. O que faço agora?”. Ele abandonava o livro, corria ao quarto, se trancava, chorava. Enquanto isso, de onde estava eu me culpava.

Policiais ficam na esquina aqui de casa. Um homem passa e pergunta: “O Estado não dá máscara para vocês?” No que a policial responde: “Só na zona sul”.

Rio, 23/04/2020

Recebi mensagem de um cara de Porto Alegre: “Oi! Acabei de ler teu livro e estou bem tocado, sentado no chão sem saber muito bem qual o próximo passo. Anos de análise correndo pra chegar naquele lugar que a gente sabe que nem existe e traçando todo um mapa detalhado da construção do amor e do sexo, mas sempre sem muita referência, pouquíssima identificação, um caminho muito sozinho às cegas. Te ler me possibilitou me ver como há tempos não via, assim, tanto no outro...”

O pai de um amigo morreu, uma prima esteve doente, a amiga de um amigo também não está bem. De ontem para hoje, mais de quatrocentas mortes.

O salário de meu irmão foi reduzido em 25%. A chefe de meu pai não acredita na letalidade do coronavírus, portanto quer que ele retorne logo ao serviço presencial. Minha mãe trabalha em hospital, o que a deixa vulnerável à doença. Eu vivendo de uma bolsa de estudos.

Rio, 25/04/2020

Minha mãe me disse que eu, “não sei como”, estava passando “muito bem” pela quarentena. Creio terem sido os anos de terapia.

Leio algumas pessoas criticando que, a partir de agora, surgirão inúmeras autoficções ruins sobre o período de pandemia e isolamento social. Como se fosse desejável aos escritores fugir desse tema. Mas como fugir do assunto que assola a todos e nos mobiliza como quase nada o fez nas últimas décadas? A minha literatura barata sobre esse momento já está sendo escrita aqui. Sinto muito.

Rio, 28/04/2020

Saí. Uma máscara rasgou. Pus outra por cima. Passei pela rua de minha avó. Ela, por uma cordinha, puxou de sua sacada uma comidinha que levei. Ela lá de cima me mostrou como crescem suas plantinhas. Peguei um pedacinho da que ela tem na calçada. Vai vingar no meu quintal.

Passou agora pela rua uma mulher falando que já vivera os anos do HIV, e que tudo isso agora não passava de desespero infundado.

Uma amiga de minha tia morreu com todos os sintomas, mas sem poder fazer o teste de coronavírus. Meu primo disse que do prédio de uma amiga dele diversos já faleceram. Um amigo de meu pai está doente.

O Brasil bateu novo recorde: praticamente quinhentas mortes em um dia. No total, tirando a gigantesca subnotificação, temos quase 72 mil casos e mais de 5 mil mortes, em dois meses. As unidades de tratamento intensivo de cidades como Manaus já alcançaram sua capacidade total. As do Rio estão quase. Diversos municípios reabrindo seus comércios. Hospitais de campanha. A cidade do Rio começou a montar contêineres para armazenar corpos. Cemitérios abrindo valas comuns. Caixões depositados em um único buraco, lado a lado, amontoados.

Há dois dias se completou 34 anos do desastre nuclear de Tchernóbil. Svetlana Aleksievitch, em seu livro *Vozes de Tchernóbil* (2016), colheu depoimentos de vítimas que afirmavam com espanto como suas cidades estavam repletas de flores, do verde das florestas, do céu azul, de borboletas, mas mortíferas para seus cidadãos. Com o coronavírus, olho a janela e vejo o céu limpo, menos poluído, as árvores crescendo, minhas roseiras em flor, os micos passeando por meu quintal, mas nós seres humanos rodeados pela morte, por uma morte invisível. Como no desastre nuclear onde a radiação não se enxerga com os olhos, hoje também não vemos o que nos provoca a morte, mas o sentimos o vírus, mas a sentimos a morte, e precisamos nos esforçar para entendê-lo, nos esforçar para entendê-la. E precisamos fechar nossas portas.

Acabo *Meninos de zinco*, de Svetlana (2020). O livro é o compilado de relatos de ex-combatentes soviéticos da Guerra do Afeganistão (1979-1989) e suas mães.

Rio, 29/04/2020

Em dez anos de conflito, oficialmente pouco mais de 15 mil soldados soviéticos morreram em confronto ou se suicidaram no Afeganistão. No Brasil, em dois meses de pandemia, já são mais de 5 mil mortos. Mantendo este ritmo, em seis

meses teremos no Brasil o número de mortos que uma guerra levou dez anos para provocar.

Referências

Aleksiévich, Svetlana (2016), *Vozes de Tchernóbil: A história oral do desastre nuclear*. São Paulo: Companhia das Letras.

Aleksiévich, Svetlana (2020), *Meninos de zinco*. São Paulo: Companhia das Letras.

13

E HOJE TEM LIVE DA ZELDA

*Zelda (Danilo Neves)*³²

Em dedicação a Vinnie C.
We'll love you and miss you forever, henny.
Thanks for everything.

Sobre poesia feita de sangue
 Feita de sangue e lágrimas
 Sangue, lágrimas e vazio

Francielle Thiane (trecho do poema Dandara Vive)

Acordei cansada de mais um dia de quarentena. Mais um dia. Mais uma semana. Mais um mês. Há alguns meses não dou mais aulas por conta da pandemia de coronavírus e sou imensamente consciente do privilégio que é estar protegida em casa. Também larguei o palco do teatro onde sou a Zelda, a *drag*. Não posso tampouco ir na minha costureira, nem recitar poesia nos eventos privados e públicos em que eu era chamada para ler meus poemas e fazer minhas militâncias. Nada de novo na vida de uma *drag* goiana que mora, na minha opinião, na capital mais careta do centro-oeste brasileiro.

No início, eu pensei que a política de isolamento social estabelecida pelo governo do estado fosse passar em uma semana, principalmente porque me parecia que o governo federal se opunha às políticas de isolamento. Só que o tempo foi passando. Passou-se semanas, meses e ainda estamos em casa. E eu me canso a cada dia que passa.

Lá fora as pessoas estão se expondo ao perigo. Aqui dentro eu penso às vezes que eu sou o perigo.

Não sei como vou fazer para aguentar mais um dia sem sair de casa, sem pisar na boate, sem conversar com as minhas amigas. Minhas amigas que agora estão isoladas. As amigas que podem se isolar, claro. As que não podem estão na pista. Pensando nelas, me pego cantando “por isso cuidado, meu bem, há perigo na esquina.” A Elis ainda está certa. Há muitos perigos na esquina para quem é viado (*queer*) como eu.

Antes de dormir, me canso mais ainda ao ler notícias de que grupos nazistas fizeram aquilo, que certo político que fala, anda, e age como fascista fez algo fascista. Me canso de ver como algumas pessoas não veem nada de errado com o

³² Goiás.

fascismo. Me sinto fatigada de ser a inimiga. Ser drag nunca foi sobre ser inimiga do povo. Ser drag é sobre ser do povo. Só que agora “há perigo na esquina” além do fascista do dia-a-dia e isso me assusta. Aliás, estou farta de viver assustada.

Acordei já sabendo que ficaria cansada de mais um dia lendo textos no jornal e nas redes de irmãs e irmãos negros mortos pela polícia nos Estados Unidos. Brutalidade policial. Também leio o relato da minha amiga trans negra aqui da cidade dizendo que não tem dinheiro e que já não consegue encontrar emprego há alguns meses. Brutalidade pessoal. Lembro-me de Marsha P. Johnson e tantas outras mulheres negras que lutaram pela nossa liberdade. Ser bicha é estar em eterno crédito às pessoas negras.

Cansada de acordar cansada, queria eu, *drag queen*, colocar meus vestidos, arrumar algumas perucas, fazer um *updo*, e sair para a rua. Ao invés disso, tento me animar e me montar para uma *live* na internet. A *live*, pra quem não conhece, é um tipo de exposição nas redes sociais. Você fica linda ao vivo com as pessoas que queiram assistir às suas transmissões de vídeo. As *lives* não são ideais. As *lives* não tem o calor do teatro, os aplausos do público após o espetáculo, os *drinks* da boate, o arrepio das selfies. Mas as *lives* nos deixam conectadas, em isolamento. As *lives* também nos protegem das esquinas.

Antes de *live* eu me lembro da minha amiga que me deixou em janeiro. Penso como ela estaria agora durante a quarentena se ela estivesse viva. Penso em como ela estaria agora se ela pudesse estar dentro de uma casa sozinha fumando o seu tabaco especial. A gente se conheceu em 2009 quando eu era adolescente. Ela tinha 16 anos e havia acabado de voltar de um intercâmbio nos EUA para alunos da rede pública brasileira. Uma menina genial. Foram muitos anos de amizade nos quais a gente até trabalhou juntas em uma escola de inglês no centro de Gayania. Anos e anos de amizade. E eu finalmente volto para a canção na voz de Elis que me faz pensar que há mais perigos além daqueles que nos esperam nas esquinas físicas. Há perigos também nas esquinas escuras, nas vielas desassistidas e nas avenidas despavimentadas da mente de todos nós. Há perigos no quarto.

Me pego pensando que cada bicha vivencia os seus conflitos de uma maneira diferente. Algumas fazem terapia, outros tomam remédios. Algumas se apoiam na bebida, outras se machucam. A minha amiga era do último tipo. Mas ela amava a Zelda. Ela amava a minha *drag*. Na última mensagem que ela me enviou ela dizia que estava orgulhosa de eu ter superado uma fase ruim e ter me tornado uma *drag queen* famosa na nossa cidade.

Eu lia poemas em drag, dublava em drag, performava no teatro em drag e essa minha amiga sempre me acompanhava, isso nos unia. Agora, infelizmente, estamos definitivamente isoladas uma da outra. E a saudade, a mesma saudade de sair na rua e viver normalmente, bate no meu coração e me lembra que, ao contrário dessa quarentena que vai passar, o nosso distanciamento nunca vai. O distanciamento que mais dói é aquele que não tem como se resolver.

A *live* de hoje vai ser dedicada a ela.

Enquanto a hora *live* não chega, eu limpo meus pincéis. Penso nos perigos microscópios existindo em cada cerda. “Será que lavei as mãos assim que cheguei em casa? E se eu passar corona pro pincel?” “Meu deus”. E paro. Respiro. Nesses tempos de quarentena as vezes me pego um pouco neurótica. Tudo parece arriscado. Tudo parece arriscado, para mim. Porque eu ainda não entendo como no meio de uma pandemia as pessoas agem normalmente, agora mesmo muitas pessoas saem de casa normalmente, se aglomeram, como se não houvesse corona. Parece que as preocupações com os perigos são maiores quando se é uma gay. Me questiono e me deprimos pensando em quando vou poder trabalhar normalmente. Será que serei demitida da escola? E se eu for demitida, será que um dia eu vou ficar sem emprego pra sempre? Será que eu também vou entrar na fila de pessoas como eu sem emprego, vivendo na marginalidade?

Enfim, decido preparo o que falar na *live*. Queria falar de algo feliz, mas eu já estou cansada de fingir que está tudo bem.

“Hoje no nosso encontro falaremos sobre *Black Lives Matter*, movimento negro nos EUA e no Brasil. Vidas Negras Importam. Mana, você acha que existe algo de familiar nos discursos dessas pessoas que vivem atacadas pelo racismo e o discurso das nossas amigas de palco?”

No meio da preparação e de pilhas de anotações, paro e ouço vozes.

Voices vindo lá de fora, onde as pessoas estão se expondo ao perigo. Meu coração aperta pelas pessoas que tem que sair para trabalhar enquanto eu posso sentar e planejar minha *live*, isolada. Sinto também o medo que algumas dessas pessoas devem sentir ao terem que pisar para fora de seus lares em meio a pandemia. Quando, de repente, sinto como se uma voz no fundo dos meus pensamentos me questiona se essas pessoas também, alguma vez, já se perguntaram como é viver em meio de uma pandemia de ódio e bichafobia. E eu percebo que existem mais perigos nas esquinas de algumas pessoas do que de outras.

Após tantas reflexões, tantas angústias, me sinto cansada. Me sinto frustrado. Me sinto pesado. Me sinto mal.

2 horas antes de começar a minha *live* e começo a me montar. Eu cubro a sobrancelha, faço a pele com a minha base, depois selo com o pó. Ficou babado! Após, faço uma maquiagem nos meus olhos, uso *blush*, iluminador, coloco a minha peruca que demorei 10 horas para estilizar. Hoje estou fazendo referência aos anos 60 com meu penteado.

E então a transmissão começa. Pouco a pouco as pessoas começam a entrar na *live*. 1...4...10...20... 30 pessoas! E finalmente leio o meu poema. A leitura do poema é tensa. Cada palavra pesa. Mas o peso que sai com a palavra alivia o coração e de discussão e discussão as tensões vão se aliviando. E de repente, eu não estou mais cansada.

14

UMA VIDA ENTRE VÍRUS, UMA VIDA ORDINÁRIA

*Doprá Oilerua*³³

Tornou-se viver administrar riscos, isso sabemos. Os nomes parecem colar nas coisas: risco e insegurança. Mas fui tomado de assalto pela plethora discursiva da pandemia. Digo “tomado de assalto” não por estar fora dela (ninguém está), mas sim porque vivo entre vírus desde que minha sexualidade passou a ser um estilo de vida, se é que é possível pensar em estilos de vida ou modos de ser no mundo sexuados, eu sempre acho que sim. No presente tinha tomado um pouco de sombra, descansado. Administrado farmacêuticamente com alguma calma, pela primeira vez na minha vida, o risco HIV. Mas a vida gay não é para calmarias. De repente, começo a escutar os riscos da pandemia. Pandemia, de novo? De risco em risco, vivemos alguma vida.

Lembro como no presente, embora na atualidade lembrar seja mais suportar do que recordar, quando um amigo, da minha recém descoberta no mundo gay em Johannesburgo, bate na minha casa e quando eu abro a porta para recebê-lo, ele, o Alberta, alto, bonito, ombros largos, agora com um olhar desesperado e sem camisa no rápido pôr-do-sol entre as muitas nuvens da cidade grande de vento gelado, entra e diz: amigo olha como eu estou. Eram como feridas escuras e manchas nada discretas como as nuvens no céu de Johannesburgo. As manchas estavam desenhadas ao mesmo tempo no ombro, entre os braços, pescoço e costas. Alberta já não podia mais vestir-se, andava sem camisa não por outro motivo, mas porque as feridas-manchas não permitiam outra pele. Alberta morreu em seguida, chorei não porque Geralda Alberta, como o chamávamos, tinha nos deixado, mas de uma desesperança administrativa sobre o risco, de medo mesmo. Falhamos na gestão do risco de novo, era só que me vinha na tristeza da morte de Alberta.

Eu já tinha um amor essa época. Um amor de homens. Foi quando meu amor de jovem me apresenta um amigo. Domitila viria a ser meu melhor amigo para o resto da vida. Chamávamos ele de Domitila Domênica, tal qual Geralda Alberta, nomes sempre compostos. Naquela época, nos anos de 1984, todos nós, mas só entre nós, homens gays, tínhamos nomes tipicamente de mulheres de classe média na metrópole, nomes ordinários, da vida comum, daquela que todos os dias vai a mesma padaria no final da tarde com lenço no cabelo e havaianas nos pés comprar a mesma quantidade de pão para findar o dia com a sua família

³³ Alcinha de Maria Lúcia. 58 anos.

regular: Domitila Domênica, Maria Lúcia, Geralda Alberta e Maria Laura. Éramos assim um grupo embora não nos reconheçêssemos como tal. Mas voltando a Tila, como apelidamos Domitila Domênica, iria se transformar no meu melhor amigo para o resto da vida, o risco da vida.

Tila administrava riscos, era capricorniano, sabia o valor de um projeto. Tila foi o primeiro amigo soropositivo não moribundo que eu amei. A aids viraria o meu cotidiano muito rapidamente no momento que eu descobro o sexo com os homens. A primeira vez que transei com um homem já o fiz pensando no vírus. A partir daí foi pular de teste em teste, de epidemias em pandemias, de risco em risco na administração de algo que se poderia até chamar de vida gay. Fui aos poucos tendo medo e desejo pelo esperma do outro. Um grande risco a ser administrado.

1985 é o ano que fiz meu primeiro teste para HIV. Foi amargo. Não tive força para telefonar pelo resultado no laboratório. Liguei para minha mãe, pedi gentilmente que ela o fizesse. Eu já era publicamente gay porque foi eu sacar o desejo com o outro e falar para todos sobre ele. Na noite daquele dia, minha mãe me liga e diz: que alegria deu negativo, mas Geralda Alberta já tinha morrido em um caixão todo trancafiado e Tila Domênica seguia positivo. O sarcoma de Alberta, fomos aprendendo tudo, me causava curiosidade. Eu gostava de ficar olhando, ele era a materialização de que ele tinha sido carimbado com a morte: era assim que a gente pensava. A roleta russa deixava carimbos na pele, no sêmen, na vida. Todos nós carimbados com diferentes tintas e imagens.

Minha lembrança era que eu andava de um lado ao outro sempre falando silenciosamente. Essa epidemia é conservadora. Inventada para transar? Só morria gente importante na mídia: artistas, cantores, intelectuais. E a nossa vida ordinária seguia indo à padaria todos os dias, secando a mancha molhada de sarcoma e se revoltando um pouco por dia. Logo em seguida me apaixonei. Me apaixonei por um homem soropositivo para a epidemia.

Eu fazia testes o tempo todo, de janela em janela. Seguia Tila com mil medicamentos a administrar cotidianamente. Tila tinha sorte com coragem e amava viver muito mais que nós todos. Eu convivia já com muitas mortes, administrações que não deram certo e não sabíamos o motivo: mas era como se agora cada um de nós tivesse que administrar sua vida com o Estado o tempo todo. E nessa época, anos de 1990, eu já convivia com grupos inteiros, dizimando-se. Era para nós uma pandemia geopoliticamente sexuada e silenciosamente barulhenta para dentro tal qual estridentemente silenciosa para fora. Me explico.

Enquanto para fora, para a vida ordinária lá na sociedade a aids era um pânico controlado com números, depoimentos médicos, dados estatísticos, descobertas e cuidados, para dentro, para nós, era morte, dizimar amores, chorar corpos e transar entre vírus. A aids era tudo isso. Eu vivia entre vírus. Amigos, conhecidos, maridos. Eu vivia administrando vírus, prazeres, testes, dores, choro e alguma solidariedade. Entre testes e medicamentos eram as noitadas. Um vírus

não muda uma sociedade. Seguíamos curtindo as noites, transando e comprando pães. Embora cada um no seu olhar carregava a dor de saber sua soro-qualificação e alguns velórios. Uma epidemia ensina a administração, mas jamais outra coisa além disso. Descobri o sexo com homens administrando as camisinhas: as mais seguras, as mais finas, as do tamanho justo, as que menos incomodam, as que tem cores e sabores. Tudo falava do sangue e do sêmen do outro. Tudo falava do vírus e do prazer do risco. Não acho irracional o desejo pelo risco. A vontade de fazer parte dessa roleta russa é só o cansaço de tanto administrar, é como um feriado.

Saí de Johannesburgo e foi morar em Chicago. Nos anos de 1990 eu já amava poesia rude, tinha com Ana Cristina Cesar e Caio Fernando Abreu meus melhores momentos de leitura. Em Chicago aprendi rapidamente que a aids era uma pandemia: todos os lados, o tempo todo, os corpos tinham mudado. A geopolítica do tesão gay era outra. Amedrontada, de aparência disfarçada e administrada pelo AZT e seus coquetéis: Merck e Pfizer coordenavam essa administração das nossas vidas.

A primeira vez que as siglas médicas começam a ocupar meu prazer foi ainda nos de 1980 quando Tila me conta e mostra a quantidade de remédios que tomava. Meu marido logo passará a tomar, tomávamos remédios como experimentação de pesquisas internacionais e alguma boa fé. Embora, nessa época, por um lado, tínhamos consciência de sermos um amontoado de cobaias laboratoriais da indústria farmacêutica e por outro agradecíamos cada passo em nome de mais um suspiro de vida que nós, as cobaias, podíamos ter.

Mas foi em Chicago que vi pela primeira vez uma franqueza realista, pessoas vendendo pedaços do corpo para a medicina, homens gays malhados e construídos passo a passo como uma resposta a aparente administração otimista do risco, medicamentos para todo os lados. Era muito comum alguém me mostrar pequenas falhas na pele, buraquinhos, machucados e dizer estou na pesquisa da *Merk* ou *Pfizer*, paga bem, sou cobaia, mas sobrevivo. Era cobaia para tomar remédio, era pra vender pedaços do corpo e era também cobaia doado ao meu amor. Éramos entre vírus, riscos administrados, cobaias e velórios: ainda assim sexo, noites e solidariedade entre nós. Fomos descobrindo entre os homens um jeito de cuidar. Como limpar as feridas, como lambar os machucados, como entender de siglas: CD4, AZT, HIV, SARS. Fomos construindo uma ética do cuidado.

Tila morre. Foi para mim a morte mais amarga e doída. Minha vida tem sido administrar riscos e mortes. Mas a morte de Tila até hoje me dói. Evito lembrar para ter o direito de esquecer. Tila era persistente, fazíamos festas, amamos nossa amizade até hoje. Não era um amor de um e do outro, amávamos nos amar, era diferente. Tila foi de uma dedicação incrível, viveu quase todos os protocolos de pesquisa de medicamentos até os anos de 2008. Tila era invencível. Administrava os riscos muito bem. Essa coisa de signos deve ter sentido. Tila vivia com uma

garra danada. Se apegava nos medicamentos, nos amores das amigas e dos amigos gays, em alguns sórdidos amantes e nas fotografias. A dedicação de Tila em fotografar todos nossos momentos e eu só entendi depois. Era porque ele sabia da morte e era consciente de que teria uma vida encurtada então registrava tudo para deixar a nossa amizade entre homens em capítulos, como um diário do vírus dia após dia. Um diário da epidemia. Essa pandemia me trouxe Tila para o presente.

Uma pandemia traz medo, desesperança e alguma solidariedade. É como um vulcão que entra em ação e alaga de larvas uma cidade inteira de maneira desigual. Por onde passa deixa rastros, materializa o medo, a morte e o desejo. Mas o vírus tem algo de político. É como uma microbiologia sociológica. Ele destrói as vidas de formas desiguais, distintas e próprias, mas destrói desigualmente todas as vidas. Há uma forte relação entre pandemias se escutássemos hoje os gritos daquele barulho silencioso dos anos de 1990. Embora Tila tivesse tentado deixar memórias, não temos memórias, não aprendemos com a aids nada sobre o corona: queimaram em um velho baú todas as fotos de Tila.

Depois desse medo, lembro que eu me acostumei a morrer. Morriam tantos. Alguns frequentam bares, boates ou museus. Eu frequentei velórios. E bares também. Não me incomodava mais. Eu já sabia que na vida gay viver era um tempo curto que tinha que ser administrado com muita intensidade porque sua extensão seria menor. A gente acostuma com isso. O absurdo se normaliza pela política da vida cotidiana, comprar pão todos os dias, Maria Lúcia!

Vivo entre administrar vírus. Quando a mídia apresenta os detalhes do microrganismo do coronavírus atual é um certo *déjà vu* para mim. Cansei de ver o HIV e sua horda em fotos e imagens. A gente vai criando uma relação com os microrganismos sem perceber. Vão tendo nomes, características, piadas, mídias e memes. Viram pets do mal na nossa vidinha confinada.

Por isso hoje eu penso: sobrevivi ao genocídio dos anos de 1980 e administro os riscos dos anos de 2020. Já vivíamos o confinamento e o isolamento. Embora totalmente distintos: o confinamento significava estar confinado ao gueto e o isolamento não era espacial, mas social, muito pior. Mas mesmo assim, nunca aprendi com eles nada além do que os efeitos do preconceito. Não tinham *lives* todos os dias, TT não era a dona da *live*, eu nunca aprendi nada bom com um vírus. Estou convencido disso porque a solidariedade de lá não se presentificou aqui. O cuidado de lá não se apresentou aqui. Somos uma sociedade sem memória alguma. Incapazes que somos de generalizar o dano, só lembramos do que foi nosso, não do que era dos outros. A única diferença, me perdoe a OMS, entre epidemia e pandemia é que na epidemia se permite que alguns acreditem que não tem a ver com o vírus e na pandemia se espalha a crença de que todos temos a ver com ele. De resto, elas são, as duas, uma nova sociologia da morte. Através delas podemos fazer ler a desigualdade e a dor, mas não muito mais do que isso. O que uma pandemia pode aprender com uma epidemia?

Tila: eu sigo com medo, tento disfarçar minha quarentena com *lives*, trabalho e cuidados, mas sigo amedrontado igual o dia que descobrimos que transar era administrar um vírus. Até hoje sinto tua ausência. Voltei ao mesmo, só penso em medicamentos, descobertas e cobaias, e em você! Não sei qual é a novidade do corona ainda, mas sei que se você tivesse aqui estaríamos rindo com aquela rebelião vagarosa que nos acostumamos. Volta Tila, meu amor!

Com saudades,
Doprá Oilerua (alcunha de Maria Lúcia)

15

PANDEMIA MANICOMIAL

*Júlia Marques Preto*³⁴

Começo da quarentena, cidade universitária, nenhum armário me prende, respiro livre e todas as cores me são permitidas para viver e ser. Comento qualquer história sobre aquela menina que eu sou apaixonada para a minha companheira de apartamento, *facetime* sem papas nas línguas com os meus amigos, de Cássia Eller a Zélia Duncan no último volume. A bandeira colorida na parede, os desenhos de amor, as roupas, cada pedaço meu pertence inteiro, esparramado. Como disse Guimarães, coração cresce de todo lado, mistura amores, tudo cabe.

A saudade consome quase o tempo inteiro, principalmente da família, mas aqui de longe eu posso ser inteira, eu posso ser cada parte de mim. Porém a inevitabilidade de meses de pandemia fez com que eu voltasse para casa. Sentiu saudade da gente? Não estava ruim lá, tão sozinha? Por que parece tão triste? É esse vírus né? Tá deixando todo mundo pra baixo mesmo...

É o vírus sim mãe, é a pandemia, mas é tanta coisa mais também. Já me sentia numa pandemia diferente antes disso tudo acontecer, sabia? Essa falta de liberdade já me é antiga, estava ao meu redor antes da quarentena, o medo, a delicadeza no falar, a máscara diária, que não era essa física, de tecido que todo mundo vê, mas uma máscara que me escondia, que me tirava essas tantas cores arco-íris, que me sufocava, e não era só pela falta de ar.

Silêncio.

É o vírus sim mãe, deve ser essa pandemia mesmo.

Em casa a saudade da família não tem lugar, mas sinto falta de mim. Sinto falta de me derramar com tudo o que sou para todos os lados dessa construção, de exalar tudo o que eu sinto, amo e vivo. Um pedaço nosso morre um pouco mais quando a gente esconde nossos amores e poda uma das coisas mais bonitas sobre a gente, uma das coisas que faz o nosso coração bater mais forte.

Daqui o armário sufoca, e a cada ano que passa ele vai se tornando menor (ou eu que continuo crescendo?), e pode parecer uma ideia mais fácil sair dele, mas o medo ainda afugenta. O medo vem por meio de falas homofóbicas, da instabilidade, da decepção, porque, sim, meu amor é visto como uma decepção,

³⁴ Lésbica, 21 anos. Campinas, São Paulo.

e isso é algo que eu nunca irei entender. Além desse pequeno manicômio mental, passar por uma quarentena, é uma dupla prisão, é o duplo cuidado, é o duplo medo. Prisões nunca fizeram bem para a saúde mental, e agora não poderia ser diferente.

Meu diário tem sido meu companheiro mais fiel nas últimas semanas, o papel me permite tudo e sempre está disposto, sem apedrejar, sem julgar. Escrever é terapêutico e me cabe por inteira. Minhas aquarelas também são boas amigas, me permitem todas as cores da paleta, me deixam criar do jeito que eu sou, cada gota de cor é linda e mal posso esperar para pendurá-las quando voltar para meu apartamento. Pintar é transbordar toda a cor que eu levo por dentro. Meu ukulele é meu saco de pancada, recebe toda enxurrada de sentimentos, cada choro, cada momento de excitação, me lembra como é possível produzir sons tão bons de serem ouvidos só com o dedilhar dos dedos. Tocar é transbordar. Não menos importante, minha câmera me permite me ver como eu gosto de ser vista e como eu gosto de enxergar tudo ao meu redor, com toda a sensibilidade e vulnerabilidade que merecem. Fotografar é me expor pelo olhar.

A arte é preciosa demais em locais onde não cabemos por inteiros, ela permite a expansão. Arte acolhe. Não haveria sanidade em me isolar tão longe da minha liberdade sem esses pequenos entorpecentes que me aliviam.

Meio da quarentena, interior, armários viram muralhas maiores do que eu posso sequer escalar, a falta de ar é culpa da ansiedade ou do corona? Tudo anda meio monocromático. Comento sobre o tempo e sobre a faculdade (só a parte acadêmica, claro) com a família, os *facetimes* com os meus amigos quase não acontecem mais, de Cássia a Duncan, nos fones de ouvido. As roupas são mais pensadas, nada tão “masculino” demais; as podas vêm nas coisas pequenas. Cada pedaço meu cabe se apertando no que tem nas mãos, se diminuindo. Não sei se tenho muito ânimo para citar algum escritor ou escritora por agora.

A palavra Lésbica é o meu segredo a sete chaves para dentro de casa, parece até um crime digitá-la aqui. Mas é uma palavra linda e me cabe. É uma das coisas que eu sou: LÉSBICA. Com cada sílaba, e cada letra, ela me pertence. A quarentena me fez revirar algumas fotos da última parada LGBTQIA+, mais uma coisa que o corona está me privando esse ano: comemorar esse orgulho com todas as cores, jeitos e diferenças. Estamos em junho, mês da nossa visibilidade, quase 3 meses de quarentena, nunca me senti tão apagada.

Nesses dias tão compridos de convivência, às vezes gostaria de compartilhar algumas coisas que me entalam a garganta. Eu vivi um negócio tão incrível com uma mulher ano passado, foi tão especial pra mim, sabia, mãe? Ela cuidou de mim tão bem, de formas que nem achei que mereceria ser cuidada e amada, e foi uma história tão curiosa, deixa eu te contar... Nossa, essa live da Ana Carolina está sapatão demais, você viu o jeitinho que ela olhou para a esposa dela? Ai, acho que finalmente superei aquele rolo, mas ainda a amo demais, é normal isso, mãe? Acho que agora só queria chorar um pouco no seu colo, tudo bem? Acho

que estou interessada nessa mina da minha faculdade, olha aqui, ela é linda não é? Não consigo parar de rolar as fotos dela aqui no feed.

Mas é só o silêncio de coisas guardadas com muito cuidado e carinho. A vida real é pisar em ovos. É trocar o: “Tô tão preocupada com aquela mina que eu fiquei, ela trabalha na linha de frente do hospital, cara, eu gosto dela demais, não sei o que eu faria se ela se infectasse” por: “Tenho uma amiga que trabalha na linha de frente do hospital, espero que ela esteja bem.” É sutil, mas é a supressão nas coisas pequenas que mantém o medo e que me matam um pouco a cada dia durante o isolamento.

Me esconder dentro da minha própria casa é frustrante. Porque eu existo. Existo para além do “L” da sigla, existo na vida cotidiana. Existo na minha universidade, nas minhas redes sociais, entre os meus amigos, quando eu estou ao lado de quem eu amo, quando falam sobre lesbianidades eu estou ali, eu existo para ter esse lugar de fala, eu existo para levantar e proteger outras mulheres, eu existo quando as amo. Mas pareço não existir dentro dessas quatro paredes.

Durante esses anos eu tenho crescido, e ao longo da quarentena o armário tem ficado menor pra se viver. Luto pelo movimento antimanicomial, mas me parece sempre tão difícil sair desse manicômio interno quando estou em casa. A opressão me deixa menor e ficar em quarentena me faz valorizar o tempo em que estava livre, e essa liberdade, para mim, é a possibilidade de ser quem eu sou, sem medo, insegurança. A quarentena pelo motivo do coronavírus é ruim, e quando combinada ao isolamento de não poder ser você mesmo, é insuportável.

Pensar na possibilidade de quebrar essas muralhas dentro de casa é atrelar ao pior cenário possível de convivência: medo, violência verbal, desamor. Pensar na possibilidade de nunca quebrar essas muralhas em casa é atrelar a esse cenário interminável de convivência com o medo, com a mutilação daquilo que eu amo, do desamor comigo mesma. De um jeito ou de outro, é pesado e dá medo. Mas, ao menos, quebrando as muralhas, as transformo em muros um pouco menores para as outras mulheres depois de mim, e pensar em tornar o processo menos doloroso para outra pessoa, já é tornar o processo um pouco mais leve para mim mesma.

As cores pedem veemente para serem vistas e espalhadas, o mofo do armário já está insuportável. Eu quero comentar sobre qualquer coisa que esteja no meu coração, sem medir as palavras sobre aquilo que eu amo. Eu quero ouvir mulheres que amam mulheres e me sentir representada no último volume. Quero bandeira arco-íris na parede, quero o triângulo negro invertido, quero o machado duplo, quero cuspir as sete letras que me entalam a garganta. Agora eu tenho uma citação, que não me sai da cabeça e tem me tirado o medo: “Seu silêncio não vai proteger você.” — Audre Lorde. Não vai, e não tem me protegido até agora.

Final da quarentena: “mãe, eu sou Lésbica.”

16

**COVID-19 E HIV:
REFLEXÕES DE UM JOVEM NEGRO, GAY E
SOROPOSITIVO!**

*Fefa Splendore*³⁵

Eu nunca tinha ficado tanto tempo sem ver ou estar com alguém que amo, que gosto e que está no meu círculo afetivo pessoal. Acho que essa pandemia tem mudado a minha forma de olhar o mundo. Sinto que algo dentro de mim tem se transformado. Vejo a vida da janela da minha *kitnet* alugada e agora já não participo mais tanto dela. Sinto-me distante. Às vezes sinto um aperto no peito. Tenho percebido que o isolamento tem trazido meus fantasmas, medos e preocupações à tona. Em um dos seus programas televisivos, a *Drag* norte-americana Rupaul resgatou que nós LGBT, devido ao preconceito, exclusão, discriminação e ausência de uma família consanguínea “*temos a possibilidade de escolhermos nossa própria família. Nós podemos escolher quem queremos por perto*”. E assim sempre fiz desde a adolescência. Minha família eu criei na rua, com as bichas e as travestis porque em casa não era um ambiente muito bom para se estar, mesmo que minha mãe ainda me apoiasse muito. Mas o ex-marido dela não! Fui feliz na rua. Badalei, estudei, militei e o filho negro da trabalhadora pobre se formou em psicologia, passou pelo mestrado e chegou ao doutorado. Claro que com as oportunidades de auxílio estudantil, bolsa de pesquisa/extensão e políticas de ações afirmativas tão atacadas em nossa sociedade elitista, classista, racista e cisheterossexista. Mas ainda com tudo isso eu consegui crescer muito até que perdi minha mãe no início de 2019. Minha maior força sempre foi ela e desde então sigo sozinho no mundo. Sem mãe, sem lar. É assim que me sinto hoje. Quando achava que eu estava me recuperando desse luto veio a pandemia. Um jovem negro, gay, soropositivo e isolado. Isolado pelo vírus – qual vírus? – isolado no mundo. Preso nas suas aflições. Órfão da vida. A vida, essa palavra potente, que agora lutamos para continuá-la. Mas, mais do que uma palavra, a vida é também um compromisso e imperativo ético e político. Tenho me preocupado com ela. E agora não posso nem mais encontrar minha família “de rua” ou até mesmo ir procurando outras, somando, coletivizando. Só espero que as pessoas que me restaram continuem vivas quando essa pandemia passar! Enquanto isso tenho ficado em casa e saído

³⁵ Homossexual, 29 anos. Recife, Pernambuco.

apenas para o necessário seguindo as orientações das autoridades sanitárias comprometidas com o fim e a cura dessa pandemia. Ainda tenho esse privilégio de poder ficar em casa, mas sei que existem muitos que não! E isso me preocupa. Vejo que o isolamento é um privilégio para poucos nessa desigualdade social que assola o país, sendo os direitos humanos e a democracia eixos tão centrais para respostas à essa crise sanitária que vivemos. Eu nunca fui uma pessoa privilegiada, mas reconheço que nesse contexto eu estou acessando um privilégio ainda que ele possa estar sendo um pouco difícil para mim. Transbordando no meu vazio existencial tenho ficado um pouco mais triste do que o “normal”. É horrível não poder me encontrar com aqueles que amo e que me sobram em vida. Sinto um sofrimento porque eu, um corpo objetificado sexualmente e desprovido de afetos românticos e amorosos, não posso buscar consolo nos braços de outra pessoa ou muitas pessoas, nem que seja por uma noite! Sofrimento porque a estupidez e ignorância humana estão tornando tudo isso ainda mais difícil do que já é nesse desgoverno bolsonarista. Com isso tenho tentado focar nas minhas obrigações acadêmicas e profissionais. O computador se tornou mais que meu melhor amigo. Tem sido uma ponte com o mundo mesmo que virtual. Com ele faço meus trabalhos e me encontro com alguns amigos e amigas. Mas chega uma hora que cansa. Ver a mesma tela todos os dias, a mesma rotina, o mesmo lugar. Me sinto como um passarinho preso. Há dias que a cabeça esquenta tanto que dói. Só resta dormir. Muitos dias passo dormindo ou vendo filmes e séries. Como se estivesse anestesiado esperando pra acordar apenas quando tudo isso acabar. Mas depois nem dormir faz mais efeito. Evito ficar vendo notícias e matérias sobre a pandemia e sobre as ações do governo federal. Às vezes dou uma surtada e como que numa megalomania tento me ocupar com o máximo de trabalho possível. Me inscrevo em cursos, começo a fazer revisões de artigos, tento pensar em fazer pesquisas e escrever outros artigos. Acho que se eu não sair dessa pandemia com algum transtorno mental pelo menos sairei com um bom currículo (risos). De vez em quando entro nos aplicativos ditos de “pegação” direcionados ao público gay (*Grindr* e *Scruff*) para ver o que tá rolando por lá e ter uma conversa mais picante com alguém. Quem sabe até um sexo virtual mesmo eu sendo um pouco tímido para essas coisas. Mas fico impressionado como as pessoas mesmo em uma pandemia não conseguem aquietar um pouco o “fogo no rabo” (risos). Querem se encontrar para sexo casual sem pensar na exposição e sem considerar outras formas de se obter prazer, por enquanto. Confesso que ainda não tive boas experiências nisso! (risos). Pelo menos tem sido um (dos poucos) momentos de descontração e risada. Converso com algumas pessoas, trocamos nudes, rimos, nos desejamos e nos amamos mesmo que virtualmente. Faz até bem pra autoestima (risos). Teve alguns dias que senti vontade de beber cerveja. Como dizem: “*Afogar as mágoas num copo de cerveja*”. Não deu muito certo. Eu sempre gostei de tomar uma cervejinha com os amigos enquanto fumava um *Lucky Strike Double* (cigarro mentolado). Pausa para propagandas (risos). Comprei uma caixinha no Extra

perto de casa e quando fui tomar para ver se dava um ânimo ouvindo algumas músicas passei um pouco mal e fui dormir (risos). Acho que perdi a resistência ao álcool (risos). Falando em música reparei agora que faz tempo que não ouço música. Eu sempre gostei de ouvir música. Dá ânimo, leveza e uma agitação no dia-a-dia, aliás música é alimento da alma, né? Sempre ouvia para tomar banho. Clichê! Mas até isso a pandemia tem me tirado, a vida em vida. Que horror! Preciso voltar urgentemente. Ah! Também tenho fumado menos. Pra falar a verdade quase nada. Tentando evitar agredir o pulmão para caso eu venha me infectar por covid-19 não ter tantas complicações. Saúde agradece, né? (risos). Tenho me alimentado melhor também. Acho que essa pandemia tem me gerado uma maior preocupação com minha qualidade de vida e meu bem-estar. Às vezes fico pensando em como seria se eu contraísse o vírus da covid-19. Já tenho um em mim, agora mais outro? O combo perfeito! Que ironia, não? Quase aconteceu. Estou atuando numa policlínica pública no Recife, especificamente no Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) e no Serviço de Assistência Especializada (SAE). Na equipe onde trabalho aproximadamente 5 profissionais adoeceram pelo vírus covid-19. Tiveram sintomas leves e retornaram a trabalhar após o período de 14 dias de isolamento recomendado. Um destes profissionais estava em constante interação comigo para andamento dos trabalhos na policlínica. Acabei indo fazer o exame e por sorte (ou não) deu negativo. Se pelo menos desse positivo eu já poderia ter alguma resposta imunológica contra o vírus caso não morresse (risos). Mas, pelo visto, ainda não. Fico pensando se alguém sentiria a minha falta se eu morresse, já que não me resta ninguém em vida. Até pensei que os antirretrovirais que tomo poderiam ter ajudado a não me infectar. Tudo fantasia, né? A gente sempre busca algo para confortar ou amenizar a preocupação. Com isso, entramos em rodízio na policlínica para amenizar a exposição dos profissionais. Estou indo um dia sim e um dia não. Confesso que isso tem sido bom, mas também um pouco angustiante porque pelo menos lá no trabalho eu me sentia menos sozinho mesmo que com o receio da exposição. Cientistas têm afirmado que não há estudos concretos que possam confirmar que a doença se comportaria de forma diferente em pacientes soropositivos. Mas, só de se pensar e cogitar essa possibilidade, ela já está se comportando de maneira diferente nessas pessoas. Em mim! O medo da “sentença de morte” ainda resgatada no imaginário social do diagnóstico de HIV ressurgiu só de pensar nessa coinfeção. Se eu já estava lidando com um vírus que achei estar ganhando a luta por estar indetectável, agora vem mais um pra tentar desmontar toda a minha resistência e luta pela vida. A saúde, enquanto conceito biopsicossocial, deveria estar preocupada com isso. Pode ainda não ter indícios bio e fisiológicos, mas e o psíquico? E o social? Como ficam? Não importam? Sinto raiva quando vejo tal descaso. Como pode nossas vidas não terem a menor importância e serem equiparadas e balanceadas com um modelo ideal de funcionamento biológico? E ainda usam conceitos estigmatizantes: “Grupo de risco”, “Vírus Chinês”... Não aprenderam nada com a aids! E nossa vulnerabili-

dade segue sendo menosprezada! Colocam todas as pessoas com HIV/aids nesse balaio, sem dar atenção para as especificidades da doença. Uma pessoa com aids ou que não fez adesão regular ao tratamento é uma pessoa tão vulnerável para a covid-19 quanto idosos e pessoas com outras comorbidades. Acho que precisávamos mesmo era quebrar esse mito do risco. Queria acreditar que vamos sair desse isolamento melhor do que quando entramos. Mas já não tenho mais certeza disso! Resta-nos continuar resistindo e manifestando em defesa da VIDA! Justa, digna e igualitária para todas as pessoas!

17

NÃO É SOBRE O TEMPO

*Shayene Ferreira de Jesus*³⁶

[11:49 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Quanto tempo tinha o tempo
Quando disseram que essa pandemia ia acabar?
E quanto tempo o tempo tinha
Quando sonhava em voar?

[11:49 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Parece que o tempo envelheceu
E não tem mais paciência
Pra me dar um lar

[11:50 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Ou foi eu que envelheci
E perdi a graça do sentir?

[11:50 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Eu não sei...
É que faz tanto tempo que eu tinha controle sobre o tempo

[11:51 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Até aparece que foi ontem que eu reclamava
da rotina

[11:51 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Reclamava do trânsito,

[11:52 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Da pressa,

[11:52 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Dos planos,

[11:52 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Do tempo...

[11:52 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Quanto o tempo o tempo tinha quando eu
podia abraçar?

[11:53 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Quanto tempo o tempo tinha, quando eu não
tinha tempo
de dizer que estava com saudades?

[11:53 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: Eu sei, esses versos estão uma bagunça

[11:53 PM, 22/05/2020] Shay 🙌: É que agora o tempo tá dando um tempo de
mim

³⁶ Mulher negra, bissexual, favelada, 20 anos. Natural de Salvador, Bahia e residente em Brusque, Santa Catarina.

[11:54 PM, 22/05/2020] Shay 🧢: E me deixou com as minhas bagunças que eu tanto

ignorava

[11:54 PM, 22/05/2020] Shay 🧢: É difícil organizar os versos quando eu estou tentando

organizar a vida

[11:56 PM, 22/05/2020] Shay 🧢: Quanto tempo eu tinha quando...

[11:56 PM, 22/05/2020] Shay 🧢: Deixa pra lá

[11:57 PM, 22/05/2020] Shay 🧢: Tô sem tempo pra isso, agora.

[11:57 PM, 22/05/2020] Shay 🧢: Vou organizar a vida

[11:57 PM, 22/05/2020] Shay 🧢: Depois eu te mando uma mensagem.

18 RENASCIMENTO

Mariana Teixeira³⁷

Existem várias formas de se viver um momento desses enquanto pessoa LGBTQ+. Ao meu redor, eu vejo amigos meus tendo que se dedicar o triplo para conseguir dinheiro. Outros, tendo que enfrentar famílias que não os aceitam. Os mais sortudos, felizes com seus parceiros em casa, vivendo a melhor experiência LGBTQ+ possível. Meu caso não se encaixa em nenhum dos três. Logo no início da quarentena, vim para o interior com meus pais, ambos parte do grupo de risco.

Diferente dos meus pais, não sou do interior, mas sim da capital. Na infância, vinha com frequência com eles para cá e fiz amizades. Na adolescência, cada um foi para seu canto. Eu comecei um curso técnico e passei a vir bem menos. Alguns amigos se mudaram, outros começaram a trabalhar. Quando cheguei, não restava ninguém; as memórias que construí aqui se tornaram meros fantasmas. A quarentena se tornou, então, uma oportunidade de ressignificar este lugar que tanto me marcou.

Pré-quarentena, a minha vida era bastante agitada, típica de jovens em uma capital. Entre faculdade e diversas atividades extracurriculares, nunca me faltavam tarefas e o tempo em casa durante a semana era pequeno. Aos finais de semana, optava por ficar em casa visto que sou uma pessoa introvertida.

A quarentena representou um enorme baque na minha vida. De uma rotina consistida em sair 7:00 e chegar às 21:00 para uma que consiste em sair raramente de casa. A minha vida social também foi bastante afetada; comunicar à distância não é o mesmo que conversar pessoalmente. Não só o toque humano faz falta, como as conversas virtuais costumam ser mais rasas quando ambos estão fazendo outras coisas simultaneamente. Simplesmente não é a mesma coisa para mim.

Se afirmar perante a sociedade enquanto pessoa LGBTQ+ costuma ser um processo difícil e trabalhoso. Porém, em alguns casos, mais trabalhoso ainda é se descobrir enquanto um. Para algumas letras da sigla é mais fácil. Outras letras, porém, possuem um trabalho mais difícil; alguns assexuais só descobrem mais tarde porque gostavam de ter relações sexuais, só não tiveram interesse. E o que falar das pessoas trans e não binárias que têm que enfrentar toda uma sociedade cisnormativa para conseguirem se aceitar e se afirmar enquanto seres humanos?

³⁷ Mulher trans bissexual, 22 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais.

Eu sou uma pessoa acostumada à rotina da cidade grande e vejo no dia a dia seu maior defeito: as pessoas possuem pouco tempo para se conhecerem. No meu cotidiano, passo a maior parte do tempo produzindo, parte do tempo planejando a próxima coisa a produzir e meu tempo livre é dedicado à distração. Resta, então, pouco tempo para o autoconhecimento. A rotina não te dá a oportunidade de se conhecer.

Por muito tempo, fiz terapia justamente para aprender como eu funciono e como usar esse conhecimento no dia a dia. A cada consulta, aprendia um pouco mais sobre mim e como lidar com mais problemas. Mas uma rotina estressante como a que eu tinha gerava novos problemas quase na mesma proporção que eu conseguia resolvê-los. O progresso rumo ao autoconhecimento era lento.

A quarentena, então, torna-se uma oportunidade. Morando numa cidade pequena, longe de tudo e de todos, um lugar em que o corona ainda é mais lenda que realidade. Um lugar em que eu ainda possuo acesso às ferramentas para o autoconhecimento — terapia, amigos e namorada — mas não tenho os empecilhos de outrora. Um lugar com uma história que eu posso reescrever do meu jeito, página a página, e colocar meu nome nele.

Ao nascer, designaram a mim o sexo masculino e o papel social de homem. Até meu nome dado no nascimento — Alessandro — carrega em sua grafia o “andro”, do grego homem. Porém, apesar de carregar esse sufixo, as minhas experiências não refletem tão bem isso.

A minha relação com as coisas que a sociedade define como sendo masculinas sempre foi conflituosa. Não só em questão de gostos, mas também na questão biológica; minha relação com a genitália sempre foi conflituosa e ela já foi causa até mesmo de internação. Mas ao mesmo tempo, eu gosto do respeito que minha voz impõe. Nota que há uma linha tênue nesse ponto entre “eu gosto da minha voz, logo sou respeitado” e “eu gosto de ser respeitado, logo gosto da minha voz” e essa linha tênue é uma das várias dúvidas que se acumularam nesse período.

Por outro lado, a minha relação com as coisas ditas femininas também não foi das melhores. Meus gostos não batiam tanto, não cheguei a ser o que as pessoas definem como “criança afeminada”, mas o interesse pela parte biológica permanecia. Era uma sensação estranha de que “eu deveria ter esse corpo” que eu tenho há muitos anos, mas nunca consegui identificar a origem. Em determinado momento, peguei um sutiã com uma namorada, mas achei o uso desconfortável; era como se ele me diminuísse. Mas qual era a influência da masculinidade nisso? Me sentia mal porque a ideia de ser mulher me incomodava ou porque ser mulher é ser inferior para a sociedade e eu não queria me sentir inferior?

Essas dúvidas e contradições sempre existiram em mim. Na adolescência, cheguei a escrever uma história em que eu reimaginava toda a minha vida como mulher cis, uma oportunidade tanto para reviver minhas memórias quanto para

ter um gosto de me ver enquanto mulher. Até mesmo o nome, Mariana, é o que seria usado caso eu viesse a ter uma irmã. Uma experiência interessante que me fez sentir de uma forma que eu nunca havia me sentido: livre.

E por conta desse sentimento de liberdade, decidi me afirmar trans para meus amigos mais próximos no início da quarentena. A ideia era permitir me conhecer; como eu me sentiria após um mês sendo chamado por outros pronomes? Seria difícil me adaptar a usar o nome “Mariana”? Será que algumas das minhas questões antigas ficariam mais claras após tudo isso?

O primeiro mês teve um grande valor no quesito autoconhecimento. Pela primeira vez, passei a analisar as minhas experiências de vida não enquanto homem, mas enquanto mulher. Muitas coisas passaram a fazer mais sentido observadas por essa ótica. Por exemplo, a adolescência conturbada em que eu fiz de tudo para provar que eu era “homem o suficiente”, mas nunca me senti um, mesmo quando conseguia fazer o que esperavam de mim. Por outro lado, o contrário não aconteceu; nenhuma das minhas experiências enquanto homem deixaram de fazer sentido enquanto mulher. A voz, tão amada, foi odiada em boa parte da vida; só passei a amá-la depois de passar anos ouvindo pessoas próximas dizendo que ela é bonita e tem potencial.

O autoconhecimento não foi só no sentido histórico. A minha relação com a personagem Mariana sempre foi peculiar; ao escrever sua história, sentia que ela estava viva dentro de mim, sentimento que eu nunca consegui explicar. Hoje em dia isso faz mais sentido para mim: a Mariana nada mais era do que uma parte da minha personalidade que eu reprimia por não ser masculina o suficiente. Ao abandonar o ser homem, permiti então abraçá-la e incorporá-la.

Se tem uma palavra que me descreve atualmente, essa palavra é renascimento. O Alessandro jurou um dia que tiraria a própria vida e ele assim o fez; seu corpo, porém, torna-se o corpo de uma mulher trans chamada Mariana. Alguém que possui seus próprios sonhos, anseios e problemas, mas acima de tudo, alguém que quer viver e não apenas sobreviver. Uma pessoa nova, pronta para enfrentar o mundo.

Após três meses, me sinto não só viva, como feliz pela primeira vez em muito tempo. No início da quarentena, temi por minha saúde mental. Já passei um mês sem sair de casa e foi a pior sensação da minha vida; a depressão consumiu meu ser. Desta vez, porém, me sinto leve. É como se eu tivesse tirado uma máscara que estava me sufocando sem que eu soubesse.

O Alessandro sempre teve dificuldades em fazer amizades; “seja você mesmo” é o que diziam, mas como ser você mesmo se você não sabe quem é? A Mariana, porém, sabe quem é. E se essa quarentena não está sendo uma oportunidade para fazer novos amigos, está sendo ótima para reforçar minhas amizades, pessoas que me apoiarão na jornada que terei que trilhar enquanto mulher trans. Minha namorada também está do meu lado, a primeira pessoa a saber e a primeira a decidir ficar.

O nome Alessandro está caindo em desuso. O mundo é transfóbico e é difícil prever quem vai me abandonar ao descobrir minha transexualidade. Para as pessoas próximas, o velho Alessandro se tornou o novo Alex. Uma mudança sutil, um apelido, mas remover o “andro” possui valor simbólico no momento que se compreende que essa parte do nome não te diz mais respeito.

Essa pandemia infelizmente trará mortes para muitas famílias. Eu mesma já tive minhas perdas. Mas ela significa também meu renascimento enquanto mulher, enquanto pessoa trans. Assim como várias crianças que nasceram, eu também começo uma vida nova durante a pandemia mas acima de tudo por causa da pandemia que permitiu que eu finalmente me encontrasse.

19

CAROÇO DE MANGA

*Gabriella Sabatini*³⁸

*Júlia Silva Vidal*³⁹

Neste tempo de quarentena, os meses parecem esmagar seus filhos, mostrando sua destreza. A espessura do tempo tornou-se ainda mais robusta, esbelta, suculenta. Às vezes o tempo parece uma manga madura entre os dedos. Posso niná-lo, acariciá-lo em sua excitante maneira de ser. Sinto o seu sumo escorrer entre meus braços e, rapidamente, espremo em suculência na boca, rasgando com caninos em pedaços desiguais.

Foi quando olhei pra ela com o interior de uma manga madura entre os lábios, revirando pela língua sensualmente. Não! O tempo nunca me pareceu tão esplêndido. Ela dava àquilo, tranquilamente, sua boca grande, sua vitalidade. Durante a noite era mais perigosa. Durante a noite os vasos de flores pela casa riam com ela. E quando mais nada precisava de nós duas é que pegávamos no sono. E assim, seus desejos, frequentemente, delicados guiavam a mim no sentido de tornar todo resto, belo.

Com o tempo, o desejo confundia a calma com a desordem. Até mesmo para mim que dedico apressado ao tempo cronológico, nada parece ser preciso de aperfeiçoamento. A vida podia ser feita por aquele instante íntimo e oculto. E por caminhos não inteligíveis, a encontrei, sendo surpreendida de ali caber como se a tivesse criado para mim.

São duas e quarenta e cinco da manhã e o tempo desvenda a mim uma nova espécie de gente, antes subestimadas, que vive como quem ama. Aceito atestar que o isolamento me empurra para fora, expõe a minha carne para o desconhecido de mim, que termina na superfície da pele dela.

Hoje é dia 27 de abril de 2020, completamos 40 dias de isolamento, não sabemos quantos mais virão. Quiçá sabíamos que iríamos permanecer tantos dias assim, isoladas, quarentemadas, acompanhando aflitas e enamoradas o desenrolar dos dias. Mas, nesses dias, até minha precaução — antes abotoada no

³⁸ Sapatão de Belo Horizonte, com 28 anos, me deleito entre amores, poesia e a liberdade de querer tudo.

³⁹ Sapatão de Belo Horizonte, divido o tempo entre as leituras de gênero e a música de Mônica Salmaso; prestes a completar 28 anos, sinto cada vez mais a força do quarto setênio no correr dos dias.

braço esquerdo com ponteiro apressados — sentia ternura pela minha paixão. Paixão! Paixão: "vício incontrolável, dominador". Sim, confesso!

Nunca vivi bem sem relógio no pulso. De uma maneira ou outra, controlar o tempo dava uma satisfação dolorosa. Agora, ando pelos cômodos da casa com os braços livres. E ainda pulso, mas não de maneira pressentida. Alimento corajosamente a vida que, cada vez mais, assemelha-se as mudas firmes e destemidas que crescem em nossa varanda. Enquanto isso, o tempo mostra uma nova métrica, um ritmo próprio que me parece mais como um balançar de pernas e braços ao abandonar tarefas nunca findas, sem sofrimento.

Talvez até então, frente as minhas tarefas, apenas apaziguava a vida, atenta para que tudo estivesse em ordem. Tinha o terrível hábito de separar uma pessoa da outra, usar algumas roupas apenas em ocasiões especiais, não me alimentar guiada pelo desejo após certo horário, tudo feito obstinadamente com a certeza caduca de que de um dia seguiria outro.

Esta manhã a violência do meu coração tosse minha velha gastrite contente. A tempestade retorce o capim verde que antes era sufocado por um vento morno que adormecia em mim a vitalidade. Agora aspiro a vida de maneira tão erótica que tenho medo de ser pega em pecado capital. Tal revolução tem o nome dela, seus cabelos pretos e suas pintas espalhadas pelo corpo.

Como se uma coincidência fosse, ela tem nome de santo. Confesso que às vezes, nas horas altas do dia, quando repousa sobre o meu colo e espalha o seu cabelo em meu corpo, chego a pronunciar-lo em voz alta apenas pelo prazer que isso dá: Ja-na-í-na! Mal sabe ela que, naqueles outros dias nublados, cheguei a tirar a sorte nos orixás. O veredito veio ao final: iemanjá olha por você, menina! Talvez não olhe com os olhos de fome e desejo que Janaína me fita no final da tarde — isto é certo.

Pois, fato é, que as vezes chego a sentir Janaína me despindo com olhos, enquanto me fita com a boca. Consigo sentir sua língua úmida, desvendando o meu corpo e penetrando em partes desconhecidas de mim, de nós. No final da tarde, depois das nossas parcas obrigações do mundo real, Janaína dedica-se ao meu corpo como quem se dedica ao trabalho e devota-se ao meu gosto como quem se devota ao santo. Tudo isso nesse ritmo desconcertante de quem tem o tempo em sua boca como se fosse um caroço de manga.

Certo dia me confessou que eu a lembrava de partes de si que havia perdido com o tempo. Disse, baixinho: "tem muita coisa em você que eu perdi". Perdeu, talvez, nas ruas largas de Brasília, na distância da mãe, na cachorrinha que falecera, ou pelos caminhos não tão certos que a tornaram outra. Mas, confesso que eu não sei bem o que há em mim que falta nela. Não sei bem se é verdade que também de paixão se morre, se é que se morre, a morte tem uma beleza que se vista de perto traz alegria para todos os dias.

Ja-na-í-na, quatro sílabas e duas vogais que vogam carinho com vista para o jardim. Algo para não se esquecer. Às vezes me pego olhando pra ela como modo

de guardar cada pedaço do seu jeito de ser em mim, no meu corpo, no meu gosto, na minha cabeça; para acompanhá-la quando partir. Meus olhos a seguem em busca da minha melhor parte, que surge quando olha pra mim. Acho que Deus foi inconsequente ao inventar o sentimento. Imprudente! Não pensou bem! Concedeu toda potência e vitalidade a uma raça de gente pequena demais pra tanta coisa dentro de si que não cabe em palavras, gestos, dias. Sempre sobra mais! Mais sentimento!

Lembro de quando via pessoas desconhecidas nas ruas e, caindo em curiosidade, imaginava o que elas estavam sentindo. Agora meus dias são cheios de rostos conhecidos, mas ainda penso no sentimento. O que pessoas estão sentindo em casa, no hospital, ao dirigir sua motocicleta pela cidade levando caixas com pratos que nunca poderão saborear, para estranhos que moram em casas que não entrarão? Penso no sentimento mais uma vez. Será que tem alguém sentindo tanto amor e ternura pela vida como eu? Seria esse um sentimento inoportuno? Oportuno é que amar Janaína encheu minhas manhãs e até me tornou mais interessante. Sentimento grande assim torna todos os dias, celebração.

Sentir todas essas coisas de maneira pretensiosa faz meu ser cair em beatitude e imanência. Eu entendi agora o segredo da existência: amar. Deus deveria cometer ainda mais imprudência e conceder uma vida a cada um de nós, apenas com a função de amar. E como não sei com certeza haver outra chance, não perco tempo.

O que eu sei com certeza é que Janaína lembra cabaninha na infância, pamonha, pão quentinho de manhã e cheiro de coco. Sei também que, com ela, há tempo e desejo no correr dos dias, apesar dos dias. Sei também que, ao lado dela, volto-me cada vez mais para a indagação perplexa “quem sou eu no mundo?”. E constato, outra vez, que mais do que encontrar respostas, o importante é perguntar.

Então?

Isso é real? Eu inventei? O amor? Talvez! Não se vive o amor sem inventar. Não! Para! Não que não seja real! É real! Meu amor por ela é uma realidade. Uma realidade fingida! Credo! A realidade, isto, a realidade não se sabe, temos horror em saber. Espera! Eu amo! Este amor é um fingimento vital. Talvez, às vezes, amar envolve viver mal. Não! Não prometo sempre haver ternura como agora. O amor é um fingimento que gera movimentos perigosos, dolorosos, cruéis. Mas viver mal ainda é viver. E a morte, ah, a morte queridos, é uma realidade pra qual não estamos prontos. Shiih! Não conta pra ninguém, mas eu até, às vezes, adoro fingir acreditar numa vida após a morte. E lá, tem muito desejo.

Ah sim! Janaína! Ela é real! Não sei até que ponto seus gestos, palavras, trejeito é uma realidade inventada por mim. Pelo meu narcisismo primário. Por aquilo que eu admiro e desejo. Mas não importa! Eu adoro! Morro de medo de me descobrir em qualquer fingimento inexorável antes do fim da quarentena.

Ficaria eu e ela aqui, entre quatro paredes, constrangidas. Não! Não! Não! Não me debruçarei sobre essa neurose emblemática por agora, nem serei tomada por afeições tristes que invade meu ser através de muitos tus.

A quarentena tem entre essas paredes uma loucura que de tanta, até parece pouco. Seria este o último encontro primeiro? É bem verdade que o amor por Janaina diz muito sobre mim. Sobre um eu que a linguagem significativa não é capaz de traduzir. Eu! Vixi! Palavra híbrida, perigosa. Eu sou eu e você. Pronunciar é audácia pura e simples. Falar de Janaina parece mais fácil. Ao falar dela, falto de mim também, por isso termino por aqui. Isento a mim desta tradução desumana: a tradução de um eu não sabido. Termino falando de um encanto exultante: o amor. Por favor, queridos, aceitem minha feliz e ignorante romantização das coisas. E, assim, enquanto o mundo estiver parado lá fora me resta tempo e fingimento para amar.

20

O MAIOR (E MAIS GOSTOSO) ÓRGÃO DO CORPO

*Jonata Vieira*⁴⁰

Ao olhar minha pele, eu não conseguia me enxergar nela, era difícil. Me pergunto se alguma pessoa branca já passou por isso. Me pergunto calade, mas me pergunto.

Minha pele preta nunca foi dúvida pra ninguém. Nunca foi dúvida para o porteiro do condomínio, para o segurança do shopping,
para os meus professores brancos da faculdade de artes plásticas,
para os meus colegas de turma no ensino fundamental e médio,
para aquele garoto que se orgulhava em ser pardo e não preto.

É importante dizer que também nunca foi dúvida na rua, nas festas de teckno,

nas baladas gay,
no busão lotado,
no metrô vazio,
nas pesquisas do IBGE,
na pracinha do bairro, nos cinemas cult,
naqueles teatros alternativos do horto,
nas galerias da savassi,
nos clubes que sempre desistia de ir,
nas igrejas hipócritas,
no hospital particular, dentro do uber,
no museu de arte contemporânea,
junto dos amigues na mesa do bar,
no ato por #lulalivre,
no ato #golpenuncamais,
no ato #dretasjá,
no ato #elenão,
no ato #antifacista,

⁴⁰ Não binarie, pansexual, pretx, 25 anos. Contagem, Minas Gerais.

descendo do ônibus no bairro estranho,
e corriqueiramente subindo a rua da minha casa.
A minha pele sempre veio antes. Antes do meu Cep,
da minha sexualidade,
do meu sobrenome,
escolaridade,
cargo,
gênero,
língua,
ou dos meus tantos currículos escritos muitas vezes em vão.

Embranquecer já foi meta. Alisar o cabelo, afinar o nariz, vestir aquela roupa, aquele sapato, conversar daquele jeito, ter aqueles amigos, morar naquele lugar e às vezes até desejar uma outra família. Era rotina se esconder do sol, usar blusa de manga comprida, se entupir de protetor solar, usar cronos, tira mancha, pensar em fazer tratamentos com remédios e sessões a laser. Nada disso funcionou, nada disso me tirou essa pele reluzente, de cor, de cor forte.

Descobri que o branco tem medo de gente de cor (forte).

Ah essa cor. Ah essa pele.
Sabe a pele?
A pele?
Continua aqui, pretinha!

O mundo me fez ter certeza da cor que tenho, de onde eu venho, e agradeço. Diáspora em revolta.

Olhar no espelho ao longo desses 130 dias de isolamento é terapia contra a barbárie.

Na força da insurreição, a reparação aos poucos se torna viável, rompendo com a lógica cruel dessa colônia radical chamada Brasil.

A audácia da branquitude não tem limites, e que nossas forças também não tenham, para se necessário, esfregar algumas caras no chão, na tentativa da vergonha aparecer e ser encarada pelos filhos e netos dos donos do tráfico transatlântico. Privilégios de uma população que vive sob a sombra da dor.

Que a revolução haitiana seja exemplo de futuro para nossa racista e LGBTfóbica nação. Respeitar o luto, e interseccionar a luta, é urgente. Nenhuma

gota de (nosso) sangue a mais. É hora da revirada, chacoalhar as estruturas civilizatórias do tal novo mundo, cercar a boiada e ser recíprocas nas pedradas contra o CisTema etnocida. O estado permanente de guerrilha continua sendo mocado pela mídia a serviço do capetal.

Instaurar a maloka, revisar a história, pensar rápido.

Dar uma resposta a tudo é exaustivo, muitas cobranças que latejam no corpo, compromissos assumidos, mas que aos poucos como aprendi em quarentena, o rio flui ladeira abaixo.

Me reinvento na rasa liberdade duramente construída, me afirmando na racialidade que tenho segurança de me afirmar, sem receios de pular em outros caminhos da minha delirante sexualidade ativa.

Minha cor não foi diluída pela política de estado eugenista.

Pago o preço caro da violência, mas não cedo e não cederei. Quando me olho, me enxergo naquelas que vieram antes de mim, na força daquelas que amassaram o caminho, para hoje com a minha pompa, eu possa passar.

Sua pele é preta? agradeça!

Preto é preto, essa cor forte que não gera dúvida. Minha pele, meu eu, minha herança.

No nonagésimo sexto dia do isolamento, me peguei em dúvida, perguntas que pareciam superadas, retornaram como foguetes caindo em território inimigo. Bati cabeça e firmei o ponto, me exercitei agradecendo contando nos dedos 96 vezes “sou o que sou e agradeço^a”.

- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| 02 “sou o que sou e agradeço” | 18 “sou o que sou e agradeço” |
| 03 “sou o que sou e agradeço” | 19 “sou o que sou e agradeço” |
| 04 “sou o que sou e agradeço” | 20 “sou o que sou e agradeço” |
| 05 “sou o que sou e agradeço” | 21 “sou o que sou e agradeço” |
| 06 “sou o que sou e agradeço” | 22 “sou o que sou e agradeço” |
| 07 “sou o que sou e agradeço” | 23 “sou o que sou e agradeço” |
| 08 “sou o que sou e agradeço” | 24 “sou o que sou e agradeço” |
| 09 “sou o que sou e agradeço” | 25 “sou o que sou e agradeço” |
| 10 “sou o que sou e agradeço” | 26 “sou o que sou e agradeço” |
| 11 “sou o que sou e agradeço” | 27 “sou o que sou e agradeço” |
| 12 “sou o que sou e agradeço” | 28 “sou o que sou e agradeço” |
| 13 “sou o que sou e agradeço” | 29 “sou o que sou e agradeço” |
| 14 “sou o que sou e agradeço” | 30 “sou o que sou e agradeço” |
| 15 “sou o que sou e agradeço” | 31 “sou o que sou e agradeço” |
| 16 “sou o que sou e agradeço” | 32 “sou o que sou e agradeço” |
| 17 “sou o que sou e agradeço” | 33 “sou o que sou e agradeço” |

- 34 “sou o que sou e agradeço”
35 “sou o que sou e agradeço”
36 “sou o que sou e agradeço”
37 “sou o que sou e agradeço”
38 “sou o que sou e agradeço”
39 “sou o que sou e agradeço”
40 “sou o que sou e agradeço”
41 “sou o que sou e agradeço”
42 “sou o que sou e agradeço”
43 “sou o que sou e agradeço”
44 “sou o que sou e agradeço”
45 “sou o que sou e agradeço”
46 “sou o que sou e agradeço”
47 “sou o que sou e agradeço”
48 “sou o que sou e agradeço”
49 “sou o que sou e agradeço”
50 “sou o que sou e agradeço”
51 “sou o que sou e agradeço”
52 “sou o que sou e agradeço”
53 “sou o que sou e agradeço”
54 “sou o que sou e agradeço”
55 “sou o que sou e agradeço”
56 “sou o que sou e agradeço”
57 “sou o que sou e agradeço”
58 “sou o que sou e agradeço”
59 “sou o que sou e agradeço”
60 “sou o que sou e agradeço”
61 “sou o que sou e agradeço”
62 “sou o que sou e agradeço”
63 “sou o que sou e agradeço”
64 “sou o que sou e agradeço”
65 “sou o que sou e agradeço”
66 “sou o que sou e agradeço”
67 “sou o que sou e agradeço”
68 “sou o que sou e agradeço”
69 “sou o que sou e agradeço”
70 “sou o que sou e agradeço”
71 “sou o que sou e agradeço”
72 “sou o que sou e agradeço”
73 “sou o que sou e agradeço”
74 “sou o que sou e agradeço”
75 “sou o que sou e agradeço”
76 “sou o que sou e agradeço”
77 “sou o que sou e agradeço”
78 “sou o que sou e agradeço”
79 “sou o que sou e agradeço”
80 “sou o que sou e agradeço”
81 “sou o que sou e agradeço”
82 “sou o que sou e agradeço”
83 “sou o que sou e agradeço”
84 “sou o que sou e agradeço”
85 “sou o que sou e agradeço”
86 “sou o que sou e agradeço”
87 “sou o que sou e agradeço”
88 “sou o que sou e agradeço”
89 “sou o que sou e agradeço”
90 “sou o que sou e agradeço”
91 “sou o que sou e agradeço”
92 “sou o que sou e agradeço”
93 “sou o que sou e agradeço”
94 “sou o que sou e agradeço”
95 “sou o que sou e agradeço”
96 “sou o que sou e agradeço”

Como uma oração penetrada no meu ser, agradecer é mais uma forma de exercer o direito de amar aquilo que foi obrigado a ser odiado por tanto tempo. Um ato político frente a supremacia. Implodindo por dentro qualquer tentativa de boicote ou dúvida implantada pelo “outro”.

21 CRÔNICA SEM NOME

*Argus Setembrino*⁴¹

Dedico esse texto a Rafael Kaleby Lemos: presente!

Eu me lembrava vagamente do último alarde sobre a H1N1. Depois, fiz as contas e foi exatamente numa época em que estava caído, melancólico. Eu tinha 18 anos, e tinha parado de estudar no segundo ano. “Depressivo”, mas sobretudo desiludido com a promessa de futuro. Estava no Parque Estrela Dalva III ou arredores, em Luziânia, na periferia da periferia de Brasília. Lembro de não ligar, de ninguém ligar praquela ladainha que passou.

No ano seguinte entrei na faculdade, depois de um EJA⁴² de 3 anos em 3 dias. Psicologia. 10 anos depois chega outra pandemia. Eu já era psicólogo e trabalhava em um projeto autônomo em escolas, precisamente na demanda dos adolescentes suicidas. Lembro da minha parceira do projeto comentar alguma notícia sobre o vírus na Europa, e de eu lembrar da sensação de um episódio de *Handmaid's Tale* em que estava todo mundo seguindo a vida enquanto a teocracia já mandava sinais. A distopia nos filmes e séries já nos preparava para essa possibilidade, mas a experiência apontava para outra... a de que era apenas mais um alarde.

Até que veio a notícia de que o Governador do Distrito Federal decretaria, nas próximas horas, algo como um Estado de Emergência, fecharia as escolas e proibiria aglomerações por 5 dias. Foi por volta de 11 de março essa segunda ação “do vírus” sobre meu corpo: primeiro evocando as imagens da indústria cultural e agora barrando um projeto social que compunha um projeto de vida. “Vida que segue” era ditado interdito e o vírus dizia “olha pra mim!”.

Eu estava numa lotação à noite, de Goiânia a caminho do Areal no DF, como fazia regularmente às quartas. Os grupos de *WhatsApp* estavam agitados com o vírus que chegava por lá também. Curiosamente, tinha saído desses grupos quando saiu o resultado das eleições de 2018; por causa deles, eu acreditei que estaria morto no dia 1º de 2019... o registro da campanha “vote e mim ou morra assassinado” merecia uma crítica. Não era momento, também ali com o vírus se anunciando no grupo, de sair gritando “tá pegando fogo”. A diferença é que não

⁴¹ Viado, fumante, psicólogo, acadêmico, branco (?), pobre, agnóstico, 29 anos. Luziânia, Goiás.

⁴² Educação de Jovens e Adultos.

havia um partido ou narrativa prometendo salvação. Dias depois o DF baixou o decreto, no dia seguinte Goiás faria o mesmo. Agora era oficial.

A partir daí é difícil organizar numa sequência de eventos cronológicos. O tempo se tornou para mim mais intensivo que mensurável, mais *aionológico* que cronológico. Mas alguma organização é necessária para que quem lê me acompanhe. Com mais ou menos um mês de distância já é difícil me recordar...

*

É, não consigo transmitir todo turbilhão que se passou de maneira “clara e concisa”. Talvez devesse começar por algum traço do que se passou, e não o desenho todo. Há certamente um traço de que desejo falar, que é o medo da morte: certamente é a linha de que deriva (quase) todas as outras, ou a elas está ligada.

O medo da morte é que fez calar toda minha veia anarquista para seguir as recomendações do governo e OMS; fez calar minha veia foucaultiana para transformar minha morada numa instituição disciplinar total e recomendar que as pessoas fiquem em casa; fez calar minha veia libertária para aderir ao *preventivismo*. Não sem dilemas éticos a cada dia fiquei em casa, estou em casa.

Não demorou muito para percebermos que muita gente não poderia ficar em casa, que ficar em casa era um privilégio. Certamente um privilégio que protege outro: o de estar vivo – não-assassinado, não-suicidado. Privilégio de tudo que é vivente. Mas se por um lado não me orgulho dessas decisões, me orgulho de ter decidido. Poderia ter delegado minhas decisões profissionais a um conselho; minhas decisões políticas a um partido; assim como minhas decisões do que ouvir e assistir a um algoritmo do *YouTube*, *Spotify*, ou o que o valha... “escolhi escolher”, a partir das condições concretas (e “privilégios”, como de estar vivo).

Certamente pesaram para essas escolhas a condição de psicólogo. Há um código de “ética” – que é na verdade um código moral – escrito e outro informal, que é um mínimo que a sociedade pode esperar de qualquer psicólogo. Por ele me vi obrigado a fazer coro com a categoria; a ter certas posturas na hora de me comunicar. Em 13 de março, por exemplo, postei o gráfico do achatamento da curva explicando o porquê das medidas de contenção quando queria postar uma citação de Antonin Artaud dizendo que “A peste existe para abrir abscessos na política”.

A condição de psicólogo me obrigou a agir razoavelmente, com bom senso e sensatez. Voltei minhas ações para reterritorializar na ciência que criticava, mal menor do que a linha das teorias conspiratórias ao modo dos terraplanistas deliberadamente instaladas. Fui razoável em vez de gritar aos quatro ventos, como queria, que sobrevivemos ao HIV e sobreviveríamos a este também.

A condição de psicólogo me obriga, mas também me protege. Obriga porque protege. Agir como psicólogo, em vez de agir como anarquista ou viado, é

também me agarrar a um título, uma instituição e com ela agregar valor, uma segurança, um *status*, uma posição social: ser alguém na vida, a promessa dos estudos formais. Ser psicólogo era o princípio de Estado em mim: “protejo logo obrigo”, diz o Estado. A posterior convocação em tom obrigatório de profissionais de Saúde só reforçou que psicólogo é sim um agente de Estado: seja quando posta no *Instagram* dicas de “autocuidado” e do que fazer para cuidar dos filhos neste momento, seja quando é convocado pelo ministério da saúde – podendo ser obrigatoriamente convocado em Estado de Emergência, de Calamidade, Garantia da Lei e da Ordem ou o que o valha.

A Psicologia esteve historicamente aliada aos poderes constituídos, mesmo quando milita pelos direitos humanos, pelo ECA, pela diversidade. Minha relação com ela nesta pandemia mostrou que não adianta adjetivá-la: psicologia política, psicologia da diferença... o substantivo mesmo é que é sem jeito. Já sabia, e ainda assim a desejei mais do que a viadagem e a anarquia, pelo menos nestas situações que evidencio.

Gosto do termo “viado” por dois motivos. Em certa matriz de inteligibilidade, “tudo” o que desvia do modelo do casal heterossexual (reprodutor) é viadagem. Do brinco na orelha de um homem a travesti; do abraço a sofisticação; do “casal homoafetivo” assimilado à heterossexualidade até a bestialidade. É tudo viadagem numa zona indiferenciada, indiscernível. Fora do modelo, fora da versão, é o reino da *per-versão* sexual.

Não sei dizer se essa matriz é hegemônica na sociedade. Sei que me foi hegemônica durante a infância e parte da adolescência. A partir dela, gay, homossexual, homoafetivo são possibilidades bem mais restritas... são identidades e também modelos, que, visíveis ao Estado, permitem uma produção de saberes, de políticas públicas, e territórios existenciais...

O segundo motivo de gostar de “viado” é que há também um gosto pelo contraditório envolvido... pelo “Manifesto Viado”, poema de um conhecido meu. Ele marca, para mim, uma identificação pela dor e exclusão; nessa época me identifiquei com o fato de que muitos de nós, viados, somos também espancados e suicidados no seio de nossas famílias. Mas sobretudo porque no poema e na história da comunidade, “viado” deixa de ser xingamento para se tornar afirmação de “uma outra via, uma outra vida”.

Mas já não posso afirmar que “o buraco do meu cu é revolucionário”. Uma nova identidade sexual pode ser muito potente em algumas das linhas que nos constituem: uma boa foda, uma nova família, uma outra expressividade, novos direitos, outras relações... dimensões importantíssimas, já que por elas somos mortas e nos matamos. Diadorim virou mulher porque até para Guimarães Rosa (e não só para Riobaldo), viver era muito perigoso.

*

Lá pela segunda ou terceira semana da quarentena, entre final de março e início de abril, já estava protegido das notícias... não consigo não me afetar por elas, pela sensação de impotência que elas me causam. Já estava “imunizado” desta outra pandemia, agarrado ao discurso epidemiológico, estatístico. Ficar em casa até passar, reprojeter os projetos, cuidar dos pacientes. De nada me serviria acompanhar as mortes, a não ser para ajudar a “elaborar o luto”.

No esforço de me situar, fiz um *doc* para colar as matérias que saíam com textos de filósofos, intelectuais... gente do “contemporâneo”. Um pouco dos que vi sendo compartilhados em grupos, da “Sopa de Wuhan”, dos textos da editora N-1... a ideia era me situar, mas uma dúvida de fundo era se os intelectuais ainda tinham algo a dizer. Colei tudo num arquivo só para poder ler num mesmo fluxo e fui anotando, com ajuda do *Wikipédia*, as cidades e países de que vinham aqueles textos.

Para a surpresa de ninguém, vinham sobretudo da Europa: mesmo que não de europeus. Mbembe é negro, camaronês, mas dá aula na suíça de onde pôde ampliar sua voz e ser visto; Byung Chul-Han é coreano – não sei se sul ou norte –, mas fala desde a Alemanha. Beatriz Preciado virou Paul e fala da França, do “velho continente” porque só é para este que há um “novo continente” a colonizar. Foi muito mais fácil encontrar tradução dos textos europeus do que latino-americanos.

Agora que meu cotidiano se dá quase que exclusivamente num cômodo, a linha geográfica me parece cada vez mais importante. Os textos do meu arquivo apontam para as luas, e corro o risco de estar prestando atenção no dedo de quem aponta; ou melhor, prestando atenção nos pés e chão. Mas é o que importa no momento, pois é aqui que talvez me reste algo a dizer...

Lá por 2017 eu tinha acabado de largar um emprego degradante numa organização de ensino e pesquisa em Saúde, e fui morar na casa da minha mãe, passar uma temporada e me recuperar. Era no Parque Paulistano, Luziânia; era numa das “casinhas da Caixa” e a rua estava sendo finalmente asfaltada – quando a conversa era de que já deviam ter sido entregues com asfalto. Até hoje meus livros guardam a poeira dessa época, encardidos.

Numa bela sexta-feira faltou água na rua. Podia ser que tivessem desligado novamente para passar com as maquinarias – que tremiam tudo a ponto de rachar paredes – e tivessem esquecido de religar; podia ser outra coisa. Sábado de manhã, ainda sem água, meu padraço liga para a companhia e reclama do desabastecimento e a empresa responde que só terá equipe disponível na segunda-feira, que é dia útil. Meu padraço argumenta de balde que não tínhamos caixa d’água, que haviam crianças na rua e em casa (meus sobrinhos). Nada disso surtiu efeito.

Quando atentei, meu irmão, que morava no final da rua, estava com alguns vizinhos mexendo no cano na frente de casa. Todos homens. Vira, mexe e especula o que poderia ter acontecido, eles metem a enxada num cano e começa

a jorrar água para cima. Certamente um acidente, apesar de não saber ao certo o que eles faziam batendo no cano. Mistério. O fato é que ligamos novamente para a empresa, dessa vez para avisar que estava jorrando água na rua. A mesma voz atendeu e em menos de meia hora apareceu uma dupla da companhia, consertou o problema na rua e a água voltou nas casas.

O que essa situação informa sem dizer é que a água — que é a mercadoria da empresa — tem valor, mas o bem-estar das pessoas no bairro durante o final de semana, não. Porque não se trata de uma situação isolada, mas uma série cotidiana. “É assim que funciona”. O próprio asfalto era prometido há mais de sete anos, e apenas naquela véspera de eleições é que foi entregue...

Não sei. Parece-me que nunca precisou da reação do Bolsonaro e do bolsonarismo a pandemia para que a maior parte da população soubesse que, para os gerentes das grandes empresas e os governantes, sua vida não tem valor e nunca houve “democracia”.

Parte do meu medo da morte é produzido também aí. Não faço parte do sistema de favores para conseguir vagas “no SUS”; um dos sistemas que o vírus encontra por aqui, por exemplo. O discurso do direito universal à saúde também encontra esse sistema e é por ele contrariado. O funcionamento do sistema de saúde e a realidade cotidiana é muito mais pedagógica do que qualquer narrativa piedosa; funcionamento que se dá inevitavelmente num espaço geográfico, *onde* vivemos.

*

Não ignoro os horrores das valas comuns, da distribuição espacial dos respiradores e médicos intensivistas, dos números incalculados de mortes de outras causas desassistidas, a distribuição racial das mortes; nem como este governo tem intensificado acelerado o que já estava aí, aqui e em curso. Muita história não contada. Muita *ninguénidade*.

No começo da quarentena, em meio à balbúrdia de informações, e incertezas, e a família em pânico, o grupo de supervisão que eu agenciara não estava mais funcionando, justamente quando precisava mais dele para os dilemas profissionais, a começar por suspender ou não as sessões presenciais. Ao mesmo tempo, o Brendo, meu companheiro, estava aos prantos em casa e precisou ir passar a quarentena na casa do pai; os encontros com a Flora estavam suspensos, porque também foi suspenso nosso trabalho inicial, o projeto com que ganharíamos um extra para investir em outros projetos...

É como se os pés da minha mesa fossem sendo tirados. Por sorte tinha mais de quatro. Mas foi aí que fui buscar terapia, eu próprio, já que a própria escrita diarística que me organizava estava em desuso pra dar lugar à escrita acadêmica...

Engraçado: pra falar que busquei terapia, comecei me justificando. “Fiquei sem rede de apoio”; “não estava escrevendo mais”. Isso me recorda do Herbert Daniel que escreve que “jamais vivemos, criamos álibis”. É bom lembrar dele. Bicha guerrilheira que viveu a dupla clandestinidade: comunista no AI-5, viado entre comunistas. “Meu corpo daria um Romance” é o nome da sua narrativa – desarmada. “Daria”, não dá nem deu.

Um vírus o habitava literalmente. Não como risco, nem como potencial, como somos conduzidos a tratar cada qual com que nos depararmos – infectados em potencial. Embora o risco seja um “ainda não ser” que provoca efeitos que são: preventivismo. Hebert Daniel tinha HIV, viveu o fino da ditadura e se aliou entre chês boludos. Mas quanto a mim, qual é minha desculpa para meu corpo não dar um romance? Talvez o cansaço, a solidão ou o medo da morte...

Busquei terapia com uma esquizoanalista que atendesse a preço social. Agitei a rede e peguei a primeira que apareceu. Busquei terapia com uma esquizoanalista, mas encontrei um psicólogo esquizoanalista. Senti a diferença, agora já entrando no segundo mês de sessão semanal.

Diferente da psicoterapia que sempre remete a um eu, uma integração, uma narrativa de si, um autoconhecimento; espero com a esquizoanálise chegar a um ponto em que não faz diferença dizer ou não dizer eu. Algo que conectasse minha ação ao mundo... ao fim do mundo.

Fim do mundo não no sentido da antropologia melancólica de um Viveiros de Castro. Ação e mundo não no sentido metafórico, mas no sentido de que ação é desejo. Refiro-me aqui, para o público, às questões que guardava para a terapia privada e sigilosa: que mundo minhas ações ajudam a reproduzir? Esse mundo datado, um novo mundo? Se o mundo já acabou, que fazer para construir um outro a partir de agora, daqui de casa...

Minha casa é literalmente minha ética, e não gosto dela ao mesmo tempo em que ajo para mantê-la. Abrigo-me sob a psicologia, o capitalismo, a gramática, a masculinidade, eu mesmo, o Estado, a branquitude, a morte. A quarentena serviu pra isso: intensificar o que já estava aqui. Como a questão nietzschiana que pergunta se viveríamos mil vidas como a nossa; a quarentena me pergunta se aguento uma dose cada vez maior dessa casa e desse mundo.

Que casa construir, e sobre que fundamentos? Que fazer a partir de agora, e quem mais desejará comigo? Não tenho resposta. Só sei que esse modo de vida me custa a vida. Não tenho resposta, mas tenho agora absoluta necessidade.

22

QUE QUEREM OS QUEER?

Guilherme "Smee" Sfredo Miorando⁴³

A angústia de se viver numa quarentena sendo uma pessoa *queer* é que estivemos vivendo quarentenas identitárias a vida inteira. Em determinados momentos de nossas vidas não podíamos sair de nós mesmos, primeiro por medo dos outros e depois, por medo de nós mesmos, de não sabermos nossos limites. Se a marca da doença anterior, do tal "câncer gay", que primeiro constrangeu os *queers*, era uma máscara que cobria nossa sexualidade, desta vez é uma máscara que cobre a nossa sociabilidade. Afinal, como podem saber quem somos, e podemos saber quem os outros são se nossas expressões estão escondidas?

Um dos maiores incensadores de prazer em uma relação sexual, na minha opinião, é poder identificar a reação daquela pessoa com a qual você está trocando carícias, a fim de encontrar não um prazer correlato e contemporâneo, mas de mesmo nível, de mesma duração. Se os *queer* querem alguma coisa, é o direito de ter prazer na mesma intensidade, duração e levando em conta sua imaginação tanto quanto qualquer outro ser humano. É o direito de ser estranho, ser esquisitão, ser fora do normal e ninguém ter nada a ver com isso. Os *queers* querem não ter a necessidade de escrever um texto, desenhar uma história em quadrinhos, preparar uma performance para justificar o que sentem. Os *queers* querem atuar como um outro gênero, e também como este gênero, e também como os dois, sendo atores ou não. Os *queers* querem também ter a plena capacidade de fazer isso, sem ter que fundamentar ou entender por que estão fazendo o que fazem.

Os *queers* querem abraçar a incompletude caótica prenhe de revoluções que é estar sempre à margem sem nunca poder aportar. As quarentenas que os *queers* querem é de arrastar as pessoas das suas casas, não deixá-las lá. É a quaresma, os quarenta dias em que o diabo tentou Cristo a partir do Carnaval. Mas sem o deserto que são as ruas vazias de uma pandemia como a do covid-19. Arrastar-se pelo deserto em pleno Carnaval. Seríamos nós os Cristos sofredores nessa via crucis e o Novo Coronavírus seria o diabo? Ou seríamos nós, todos os humanos, aliados do diabo, que provocamos toda essa situação ao desregular a natureza, *drag queens* transviadas, que pegam a natureza e a transformam em função do seu *lip synch*, mastigando, consumindo e deglutindo o planeta?

⁴³ Gay *nerd* fora da caixinha, 36 anos. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Afinal ser *drag queen* é ser confrontação, é foder com as certezas, sejam elas quais forem. O covid-19 então também é uma *puta drag queen* que fode com qualquer certeza, não só as de gênero. Porque nós não conseguimos confundir as pessoas esclarecendo-as se não temos como atuar no palco dessa *drag* corona, que só dá carão e tombamento em cova rasa. Nem mesmo o fazer sexo dos *queer*, tão afrontoso, tão pecaminoso, tão lacrador durante tantos anos dentro de caixas de quatro paredes são tão afrontosos, pecaminosos e lacradores como um sexo heterossexual. Solo para estar solo por estar solo. Como Onan, deixar sobre o solo, solamente.

Não acredito que eu seja um bom exemplo de pessoa *queer*, no sentido sexual da *queerness*, porque meus gostos estão aquém da *kinkness*. A não ser quando eles se encontram com a imaginação *nerd* que alimenta minhas leituras de pandemia. Na clausura, sem incitação, não é excitação. Não há imaginação quando as leituras e o desejo sexual minguem. Mas entre o *nerd* e o *geek*, o *queer* e o *kink*, pouca coisa resta. De certa forma impera o *camp*, aquela forma desajustada de ser que é motivo de chacota, mas também é um mau gosto público. O mau gosto que eu gosto de gostar, e sei que os outros não gostam dele.

Por outro lado, essa estética do mau gosto que querem os *queers*, os *nerds*, os *kinks* e os *geeks* estava invadindo os espaços heteronormativos cotidianos, muito em função da cultura popular. Usamos, por exemplo, os memes, para rir, como paliativos para sanar esses modorrentos tempos de covid-19. São belos exemplos *camp*, da junção daquilo que nos faz *nerds*, *geeks*, pois estamos dando conta de um apelo, trançado na rede, de colecionar referências. Ao mesmo tempo, sabemos como é *queer* nos apropriarmos delas para dar nosso próprio significado, como um gênero (*genre*) único e híbrido de nos comunicarmos em qualquer situação. A repetição dessa prática faz com que nos sintamos *kinks*, porque praticamente nos enfeitamos com nossas expressões, usando memes como *gadgets*, extensões de nossa forma de comunicar, para expressar nossas parcas defesas contra aquilo que abunda ao nosso redor e nos ameaça. Contudo, pouco podemos fazer contra essa ameaça, a não ser ridicularizá-la da mesma forma, ou de forma possível, com a que ele nos faz parecer abjetos e insignificantes objetos.

Um vírus que nos deixa presos dentro de casa é uma metáfora óbvia da ignorância que faz os *queers* se identificarem com a metáfora do armário. Só que enquanto com a doença que é a discriminação temos uma analogia — em que o armário é resguardar características de identidade de gênero e de sexualidade —, durante a pandemia do covid-19 a metáfora se acaba, estamos mesmo presos dentro de um armário, de um almoxarifado cheio de álcool gel e de equipamentos de proteção individuais (EPIs).

Se por outro lado, a violência estridente das mortes pelo covid-19 é horrível, ela é realizada por um vírus. Ela é justificada pelo contágio. Ela faz o mundo inteiro ficar recluso. O extermínio diário de ao menos uma pessoa LGBTQI+ no Brasil de 2020 não é realizado pela ação de um microorganismo que nem célula

tem para poder raciocinar, mas pelo homem, o ser no topo da cadeia alimentar, que tem condições de saber quem ele é e quem são os outros e ter a consciência de que todos são iguais. Que ninguém é como um vírus. Somente os irracionais, 007 e os vírus sem células, têm a permissão de matar alguém porque é da sua natureza

Os *queers* não matam, os *queers* criam memes. Não é à toa que muitos dos empregos assumidos pela comunidade LGBTQI+ tem a ver com a criatividade. Muitos *queers* dão um show naquilo que se propõem a fazer, simplesmente porque tem que trabalhar muito mais que uma pessoa comum para se provar dignos de respeito.

O que querem os *queer*? Botar a cara no sol, *bee!* E quando não é possível botar a cara, ou toda ela sob os raios que transmitem vitamina D, a gente faz o que? *#mandanudes* Não, pera, a gente faz *lives*. E então, mais uma vez estamos nós nos enclausurando em pequenos armários quadrados retangulares e exibidos dentro dos retângulos quadrangulares dos outros, quando ambos estamos fechados em cubos de proteção. Mas eu fico pensando: em um mundo em que todo mundo pode ser apresentador de sua vida, de tal forma como uma *drag queen* fazendo um show de simulacro feminino, nesse jogo de trocas alguém precisa se relegar a ser ou se tornar espectador. Ou será que estaremos sempre tendo que lidar com um outro desequilíbrio para nossas vidas: de *showmen* influenciadores com público influenciado? Sermos ao mesmo tempo libertários e escravos de nós mesmos?

Sim, porque essa é negociação que fazemos todos os dias com os limites de nossas identidades. Somos o que nos permitimos ser, não vamos muito além do que não nos permitimos. Mas a nossa maior ilusão ainda persiste em teimamos em ser aquilo que achamos que somos. A pandemia do covid-19 é um bom exemplo, achamos que estamos em primeiro lugar na cadeia evolutiva dos seres da Terra. Entretanto, H. G. Wells já provou na sua *Guerra dos Mundos* que é o contágio que é o perigo. Como naquele outro filme que para saber se você era viado, tinha que, primeiro, colocar uma música bem alta. Se começasse a rebolar, já podia pedir a carteirinha do Vale. Estava contagiado com a doença sem cura que é ser gay.

Mas somos mais que nossos contágios. Nem sempre estamos dispostos a ficar empolgados. Nem sempre, ao mesmo tempo, nos mostramos imunes. Às vezes queremos o conforto de uma caixinha segura e bem etiquetada que diga para o mundo todo quem somos e pronto. É mais fácil, mas é difícil sustentar as paredes da caixinha sem deixar um furo que observa o que tem lá fora. Como na epidemia do covid-19, todos nas suas identidades-caixa estão loucos para correr para fora e experimentar outras coisas. Fico pensando que por ser *queer* talvez eu tenha uma vantagem nessa corrida: já rasguei a caixinha etiquetada que relegou meu ser a uma coisa só a ser consumida pelo público a quem costumo me dirigir. Ser *queer* é ser todas, ser todos, ser todes, ser tod@s, ser todxs e *ay* de quem vier dizer o que

eu sou que só vai se confundir mais e mais. Tô te explicando prá te confundir. *It's not right, but is okay.* Tô te confundindo prá te esclarecer. *What's puzzling you is just the nature of my game.* Vivendo e aprendendo a jogar. *I don't worry about a thing cause nothing is gonna be alright.* Nem sempre ganhando, nem sempre perdendo. *I want to break free.* Mas aprendendo a jogar. *I'm coming out, I want the world to know.* Que querem os queer? *I will survive, I will survive, eh, eh...*

23

O ABRIGO DAS VIRTUDES

*Lipe Paes Monteiro*⁴⁴

Por muito tempo, acreditei que estar em uma relação era sinônimo de felicidade. Por imaturidade ou carência, algumas construções sociais reproduzidas por uma sociedade heteronormativa, nos fazem acreditar que os moldes e encaixes são necessários também em relações homoafetivas.

A verdade, é que após um tempo, namorando a mim mesmo, compreendendo as minhas transformações e enfrentando os meus processos pessoais, descobri que é possível existir amor sem estar necessariamente em uma relação. Eu sempre amei demais, me entregava às relações como um animal faminto e feroz destroçando a carne da caça.

Com o tempo e de galho em galho, percebi um padrão, chegava um momento em que simplesmente amar não era o suficiente para manter-me ali. Eu queria mais. O mais para quem segue as regras comuns seria casar, ter filhos ou planejar uma vida juntos baseada na formalidade dos contratos. Eu só pensava em expandir, imergir dentro de mim e se fosse possível me embrenhar em alguém de forma simbiótica através da alma. Fuder não, fundir. Descobri que o meu fetiche é a intimidade.

Mesmo isolado e desacreditado eu continuo presente nos aplicativos de paquera gay. Apesar de todos os avisos e cuidados necessários para a contenção da pandemia do covid-19, não me faltavam convites dos rapazes. *“Querida você aqui”, “Poderíamos quebrar o isolamento”, “E se a gente se encontrasse rapidinho?”, “Se você está se cuidando e eu estou me cuidando, não vejo problema”*

Em outros tempos, com toda certeza já teria saído de casa ou convidado algum deles para vir aqui tomar um vinho e claro, transar. Entretanto, prefiro me manter em uma postura cidadã, responsável e prudente. Converso com todo cuidado que teremos bastante tempo para encontros e se assim fosse, poderíamos aproveitar a quarentena, para irmos nos conhecendo melhor através da conversa. Claro, apenas um ou outro topa manter contato, provando a cultura de *“uso e desuso”* humano que se estabeleceu.

Aceitar ou não um convite para *“Quebrar a quarentena”* não é só uma questão de confiança. É de bom senso. Não consigo nem imaginar quantas vidas

⁴⁴ Homem cis homoafetivo, 32 anos, Salvador, Bahia.

estão sendo perdidas por conta da irresponsabilidade de pessoas que acham tudo isso uma besteira se negando a ficar em casa e até mesmo a usar máscaras. Por falar nisso um cara me propôs um encontro de máscaras. Foi impossível não cair na gargalhada. No final das contas, existe paliativo até pro sexo.

Outros dois rapazes, o Carlos e o Victor, não apenas toparam manter a conversa, como foram extremamente prudentes e se alinharam comigo. Conversamos quase todos os dias e não trocamos nudes, mas sim, afetos. Como tem sido importante poder conversar com eles, no alto de minha solteirice e morando sozinho com meus gatos, a saudade e a necessidade de contato, de calor humano batem forte.

Ah... E como eu queria um abraço! Que falta me faz um aconchego, poder olhar no olho, dar e receber um sorriso sincero. Que falta faz esse acalanto que nos deixa cada dia mais humanos. Que saudade me dá de me arrumar despretensiosamente para sair na sexta à noite sem as preocupações comuns e paquerar, beijar na boca, tomar uma cerveja e me acabar de rir assistindo os shows das Drag Queens no “*Âncora do Marujo*”.

Não, eu não quero me acostumar com este estado de isolamento, uso de máscaras e toda essa tensão com medidas sanitárias. Assim, como não vou me acostumar com a homofobia e a violência contra pessoas ninguém. Sim, ficar em casa é seguro agora, mas eu realmente tento ser um “Realista esperançoso” e acredito: Vai passar. Precisa passar. E espero que quando passar sejamos mais humanos e afetuosos uns com os outros.

Por hora, tento me divertir sem me cobrar ser produtivo. Aliás, essa tensão tem sido um dos maiores motivos de minha ansiedade, pois, apesar de amar escrever, criar e ter muita gente pra conversar, o melhor que eu posso fazer por mim mesmo é me acolher.

Logo mais, com todo mundo se acolhendo, se amando e se percebendo poderemos sim ver um mundo mais equilibrado e pelo menos curado. Um carnaval eterno nos corações, refletindo o que cada um tem de melhor a oferecer, sem julgamentos ou competições. Será quase uma utopia só que colorida.

Logo no início dessa pandemia o Jorge, um paquera das antigas me mandou mensagem para nos encontrarmos. Aquilo me deu certo receio. Para além dos cuidados que nós gays já tomamos contra doenças sexualmente transmissíveis do dia pra noite, também precisamos aprender a higienizar tudo, as mãos, as compras, a alma. Talvez, isso esteja nos lembrando de que ser LGBTQUIA+ já é estar em uma posição de atenção constante a ponto que podemos ser agentes de mudança cultural em diversos níveis que começam com nossas escolhas em assumirmos uma postura autorresponsável.

Preferi não encontrar o Jorge por questões óbvias. Mas seu convite me levou a uma reflexão profunda sobre as minhas relações. Conheci o Jorge depois que o Bernardo terminou comigo e apesar de achar ele muito inteligente e lindo não tínhamos muito alinhamento mental por conta da diferença de idade. Ele era

mais novo e estava entrando na faculdade, eu, já formado e cheio de frustrações profissionais. Não nos deixamos envolver para além do sexo. Apesar disso, ao longo de oito anos vínhamos nos encontrando de forma casual.

Com o Bê, namorei por três anos e meio e hoje, ele só fala comigo quando eu mando alguma mensagem perguntando como ele está ou quando nos encontramos ocasionalmente em alguma festa pela cidade. Eu entendo nosso laço não foi tão forte a ponto de sentirmos falta um do outro, nunca fomos amigos e o desajuste mental também era muito grande. Estar isolado realmente está me transformando em um filósofo de mim mesmo e me obrigando a compreender aspectos pessoais de forma muito objetiva.

Talvez, se o Bê fosse como o Jorge, alguém que eu gosto de ficar e gosta de ficar comigo, sem assim, assumirmos uma relação séria, tivéssemos mais liga. Hoje penso que uma relação só precisa existir para que se estabeleça a posse. Não me recordo de ter pedido ninguém em amizade ou de terem me pedido, só em namoro. É por isso que não quero namorar tão cedo. A nossa relação tinha virado um hábito que eu tentei mudar muitas vezes. Cheguei a negar que o cheiro dele não era pra mim um vício. Mesmo com tanta química, não deu certo. Não tinha mandinga que fizesse funcionar. Ele era raso feito salmonela que bóia em molho de tomate envelhecido e eu queria me afogar!

Namorar me colocava em uma posição que não me identifico mais, parecia que você está recebendo visita em casa constantemente e eu odeio fazer sala. É por essas e outras que eu desisti de controlar tudo, deixo que as coisas aconteçam que fluam para que o acaso aponte um caminho. Se acontecer no meio de tudo isso um bom encontro, ótimo, mas, com toda certeza não cairia mais na ilusão romântica do desejo incutido.

Tenho para mim que a melhor parte da gente reside quando estamos completamente livres. Estar preso em casa, por conta da pandemia, está me mostrando que liberdade é um estado mental. Medo, ansiedade, insegurança, solidão, tudo isso tem passado por mim mas, agora eu percebo. Não caio neles, sabe? Mas, bem que eu queria sim um chamego, ficar deitado em um peito quente e cabeludo, beijar muito na boca e fazer amor sem hora pra acabar. Por enquanto, o exercício é outro: cuidar do corpo, da mente e do espírito sem deixar de cuidar dos meus. Sejam eles familiares, amigos ou “crushes”.

Esse Isolamento social para o covid-19 só não está me matando por que posso escrever, dar aulas, gravar vídeos para as redes sociais e parar de perder tempo olhando grupos estéreis. Entretanto tenho trocado o dia pela noite, não acompanho mais o calendário e acabo perdendo a noção de tempo de forma completamente incomum. Todos os planos feitos para organizar minha vida no ano de 2020 foram por água abaixo me fazendo retornar a partes esquecidas do meu Ser como sonhos e lembranças da infância.

Há pelo menos dois dias me incomodo com um miado de um gatinho, me parece filhote e está desesperado. Percebi que o som vem do condomínio. Fiquei

algumas horas na janela até que vi o gatinho preto por lá. Percebi também que uma unidade móvel de Pet shop está parada aqui na frente, fato que me faz acreditar que alguém poderia ter solicitado para ajudar, mas não, chamaram para dar banho nos cachorros de um apartamento.

Desci para dar água e comidas aos gatinhos são dois filhotes e uma mãe. Estavam famintos. No dia seguinte, o síndico me ligou informando que eu não deveria fazer isso pois, a minha vizinha teria reclamado que assim os gatos se acostuariam e ficariam aqui. Claro que fiquei com muita raiva, entrei em contato com uma organização e eles recolheram os animais.

Quando eu era criança amava cuidar dos gatinhos da rua. Junto com outras crianças adotávamos juntos esses animais e todos os dias um era responsável pela alimentação deles. Levávamos comida escondido, mas com muito zelo. Até que algum adulto descobria e acabava com a nossa festa. Aos 32 anos me pergunto como pode, em um tempo desses alguém ainda se preocupar até com quem faz boas ações? É por causa de gente ruim assim que as coisas permanecem retrógradas.

No fim das contas não existem somente convites para afetos e quebras de regras, conviver é um convite eterno a pensar, agir, interagir, a refletir, a combater, a se defender. Apesar de cansativo é justamente isso que nos faz crescer. O Carlos ficou muito chateado com a situação, para o Victor, não contei. Eles têm perfis muito diferentes e isso me atrai. Cada um em sua particularidade encaixa com aspectos meus e imagino que isto aconteça com eles também por aí.

Estou aprendendo a desapegar, deixar para trás o romantismo tóxico que me eternizava em um “looping” de carência, lixo e dependência emocional. Não é fácil olhar para essas feridas, mas, com a maturidade vejo que a gente tende a se gostar mais e apreciar a própria companhia. A quarentena é um período sabático obrigatório e sem planejamento.

Já não sou mais tão ingênuo em acreditar na monogamia ou no amor eterno. Hoje acredito no sexo com entrega, afeto, respeito, responsabilidade. O coração pode até ser mono, mas por um tempo. Mas o corpo é poli e a alma é pan. Daí a gente até se trabalhar completamente e compreender vive nessa tentativa louca de integrar corpo, mente e espírito. Repelindo ou aceitando a todo o momento convites.

É, pensando bem, talvez a maioria desses convites representem uma falha na forma como lidamos com a vida e com as relações. Ao mesmo tempo em que uma relação séria não satisfaz, o sexo casual passa a soar irresponsável e anti-cidadania. Provando que é possível amar de diversas formas, mas, que nem todo mundo quer amar. Neste cair de máscaras e convites, a única visita que eu recebi foi a da compreensão, através dela descobri que muitos rapazes não querem afeto, querem cúmplices.

24

PEQUENO PEDAÇO DE PAPEL

*Rick Afonso-Rocha*⁴⁵

...

O que faz sentido? Manteremos a normalidade? Um conto? Uma paisagem? Uma cena? Já esqueço. Pouca coisa mudou. Meu gozo é castrado, imundo, sujo, pecador. Sodomita, viado, perverso. Transas com o ânus. Não adentrarás ao paraíso. Qual? Deus-coiso que ri, igualmente perverso e insano. Castiga-me. Fez-me ser amputado. Condenado a não ser. A anormalidade – minha cotidiana experiência sanguínea.

Não posso parar. Pernas, lembro delas, mas não sei mais usá-las, minha textura se confunde com tudo, sem limites ou extensões não posso continuar, decido ficar. Não sou mais, não lembro.

Palavras chegam e se vão, não ficam, crise, Regina, doença, contágio, gripe... nada faz sentido, gado, laranja, conta, desmorona-se. Preciso ficar, não rastejarei, sem limites estabelecidos não sou além do que tudo. Não se mexe, não canta, não dança. Sem saber, tenho convicções. Fui algo diferente deste lamaçal que agora, sem sentido, é lançado de um lado a outro da existência. Lama que é ela mesma eu, a própria existência. Perco-me na imensidão da insignificância.

O peso de ser tudo é nada ser. Não há tudo sem lembranças. Sem saber o eu, não sou. Não consigo saber a exatidão do meu próprio corpo, não sinto, sou. Sem saber o que sou, como sou, não há diferenças entre o meu eu e o nada.

Estando em todos os lados, não consigo dizer se sou capaz de ver, não distingo mais. Alucinações? Um grito se faz, cores saborosas adentram meu corpo-tudo, sinto esperança. Minhas certezas desabaram, embora nem sei se as possuía, convicto, acho que sim. Por convicção, sei que estou vivendo um pesadelo, esta realidade, na qual nada há além desse agora, que nem consigo dizer se é melhor ou não do que o antes do agora, passará.

Desabo em reflexões mediadas por palavras sem significados, mesmo sem saber o que são, sobre o que dizem, prefiro utilizá-las do que me entregar ao silêncio, dizendo, construirei meu novo mundo, nele haverá sentidos para os

⁴⁵ Bixa nordestina. Nada além. Nada mais. Só menos: doutorando e mestre em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Advogado. Bacharel em Direito pela mesma instituição. Membro do Grupo de Pesquisa “O espaço biográfico no horizonte da literatura homoerótica” (GPBIOH). Colaborador do Resista! - Observatório de Resistências Plurais.

sintomas que destruíram quem eu era, do qual nem sei se fui. Palavras que chegam, enrabadas, agrupadas.

Nego-me a não dizer, falarei... assim construirei um mundo. Brotam da minha boca vagas e intranquilas palavras, firmamentos que descolam de um eu que não mais existe. Se falo, se tenho palavras, existo. Ainda que não tenha mais um corpo. Sinto nos verbos, sinto no dedilhar impuro que proferes aquelas insignificantes palavras, que me fazem existir.

Levado sou, numa direção qualquer ou na ausência delas, por todas as direções. Sinto que ainda sou algo, sem história, deixaria eu de existir?

Não, sem palavras, eu já não poderia ser jogado, capturado por esta experiência do falar. Enquanto puder, aqui estou preso e condenado ao eterno momento, a hipocrisia da negação que sem lembrar, se põe a falar. Exasperadas palavras exageradas, falam por mim, passam, transcorrem, caminham por aquele corpo, agora indissipável. Do que me adiantaria sentir? Meu corpo não me permitiria narrar, ele existia nas mediações, entre as cavidades do dizer.

Quando, e será uma questão de tempo, as palavras domarem meu eu, terei novamente uma volumosa superfície, cuja densidade não posso prever, nem poderia, as palavras deliraram. Sem domesticação do dizer, o caos me consome em belos lampejos sonoros que colorem essa inominável realidade quase inexistente.

Subo numa alavancada sonora, parece que meu corpo começa a reagir, já consigo me rastejar, sempre deixando vestígios gosmentos por onde passo. Rastejo-me, não sei de fato se subo, desço, para qual lado estou caminhando, palavras chegam o tempo todo: grilo, comemoração, dez mil partes, mas nada faz sentido, sei que preciso destes signos, mas hipocritamente não os entendo, pronunciarei cada termo, darei dicção, ganharão sonoridade, ditos, passados por uma existência, ganharão vida.

Vida sonora, acústica, palavras fazem-me existir: eu sou. Lamentos, perdeu-se na irracional cínica dureza, a bucólica burrice... sem riscos matamos, no peito colossal emana a pútrida e lascada tentativa de ser. Sem nostalgia, grito, mas ecos não ressoam. Matamos o coletivo, desespero suicídio comum foi criado pelo sacro egoísmo que balouça vermes, fissurando a isca insana e perversa cristandade. Perco-me, isolado pela insalubre razão da besta burra que governas... eu? Resiste, não posso. Como? Transam em indizeres malditos. Canto, sem ao menos saber.

Já consigo visualizar meu texto, sacralizando meu corpo, caminho. Nada. Deixo de ser tudo, já possuo limites, consigo vislumbrar que sairei, acordarei e tudo não passará de um escroto sonho. Não sei para onde voltarei, nem se voltarei, mas qualquer outra vida é melhor do que a penalidade do viver sem memória, incorporeidade que garante a minha existência concreta.

Vivo na abstração, da dobra da linguagem, na fissura do espaço-tempo que por uma agonia insuportável é a condição de possibilidade de qualquer coisa.

Habitar o inabitável, é ter um não-corpo, sim, há corpo, mas também não há, o corpo existe e não existe ao mesmo tempo, nunca deixa de existir totalmente, como não existe igualmente. Sinto porque falo, ainda posso.

Signos, palavras, tudo precisa ser dito, sem dizer fico aqui, mas as palavras causam dor, não a sinto, mas é como se sentisse, sinto a possibilidade da dor. Ainda sem memória gememos:

Atordoa-me
Dionisiáco sentir solitário
Nas nuvens inconscientes
Do imaginário
Fantasioso filamento
Silencia

O gemido autêntico da Maria,
Virgem apavorada recua
Recusa pelo silêncio
Seus Olhos abertos
Tento fugir
Em vão

Despedaçou-me
Disseram-me que devias seguir
Em vão
Chegarei em algum lugar?
A distância amargosa
Desespera-me
Desajeitada
Em vão

Tentarei?
Retorno a minha infância
Sinto medo

Aranhas, altura, partida
Abandono
Meu pai?
Se foi, nunca estive
Vejo-me chorando
Amargo gosto
Vergonha colossal

indissociável

[]

...

Palavras performaticamente ditas. Um mundo se desvela em minha frente, vejo... parece uma lembrança, um grande terreno, muitas valas abertas, buracos preenchidos por caixas, chove, muita água, são lágrimas, tantas que formam uma grande correnteza, lavando toda aquela cena, tento pegar aquelas imagens que se desfazem em signos escritos na atmosfera.

Palavras que ganham vida, tornam-se espaços, buracos completados por mortes, lama, esquecidos, esquecíveis, signos inauditos que não mais gravitam, descem a cabeceira do rio cujas águas são sílabas ditas no desespero da perda, da não mais aqui existência. Solidão que se apresenta numa apática e lamentável espessura.

Da qual não ousaria imaginar nada que não fosse este completo e bélico vazio.

Sem mais, sem tudo, sem querer, sem dizer, sem pensar, sem... aqueles ninguéns, que também sou um, tornam-se lama de signos. A correnteza chora, leva-nos para longe, meu corpo grita, geme, apodrece, delirando sou verbo, palavras proferidas sem mundo, palavras não mais possíveis de hipocritamente fazerem-se vida. Percebo agora que a ausência, o vazio, não lembrar, o incorpóreo sempre foi. Nada havia mudado.

Não ser era a tônica, por isso tão familiar, tão eu. Ainda me sinto angustiado, não sei para onde serei levado, desisto de lutar contra aquelas lágrimas que agora me elevam, as caixas se desmantelaram no caminho, a água barrenta tomou conta de tudo. Peito aflito, coração saboroso, a respiração epidérmica, transpiro toda a tristeza em forma de verde-oliva, o aperto torácico espalha-se por cada pedaço de um eu que não sou. Neste instante, que teima em ser eterno, não resistirei.

Seremos, solidão sublimada do nós individualista. Tudo se desvelou. A clareza do fim fez-se chama. Devo passivamente aceitar que não sou. Devoro-me em nós. Como parte da podridão venal que assola este mundo, inerte, aceito nosso destino perene.

É assim que soam os perdedores, aqueles que não gozam da fruição incessante do tempo. Nós aceito. Monstruosa feiura me domamos, dilacerando tudo que sou. Algo come nossa carne, sinto a terrível dor de nada sentirmos. Foi-se. Fui. E indo, mostrou a maldade. A paisagem freada friamente em seu passar. Figura profana, persistente acinzentar. Sentidos retirados. Verdes maculados. Resignificou. Reduziu-nos. Desnutriu-me.

Falta-lhe ar.

Meu pâncreas dispara. Jeremias... lembro de quando dormia aconchegado em meu proibido gozo. Não faz muito tempo. Choro. Lembranças aparecem. Chegam. Recusamo-nos a vivê-las. Mas se não as viver, ele nunca terá existido. Ninguém mais ousará. Verme malditos, condenam-nos. Já não sei. Impedem-me de vivê-lo.

Mordo minhas entranhas, delicio-me com o gosto amargo e visível das minhas incertas verdades. Mastigamos meu feto, há pouco arrancado, o sangue jorra das mãos pequenas, daquele que não mais será castigado a viver. Minha mãe, desesperada, tenta impedir-me de dilacerar aquele eu. Bebo cada gota de seu fedorento líquido. Impedirei que viva.

Assassinar-me-ei. Perdoe-nos, mãe. Pobre coitada. Choras sem saber. Choras, arregaçada. Triste vida piegas. Mato-me porque nos conhecemos. Melhor seria se comesse teu feto, bebesse a vida colocada violentamente em sua desprezível sementeira. Útero sagaz, imaturo latejar gozoso. Perfuro, queimo, rasgando seu futuro choro. Aquele monstruoso sentimento que lhe mostra que não há beleza em nada. Engasgo em meus órgãos coletivamente doados. Levam-me a inexata queda do lamaçal. Retornamos à correnteza. Alucinado, deixaremos fluir.

Acalentado devir, cuspiamos em suas regras. Vomitas sentidos e direciona-me em sua caótica religião. Fruições orgásticas. Meu corpo diz. Transpira, clama, pede, quer, mete, desce, sobe, fede, apodrece, grita em suas overdoses cotidianas de eterno viver. Obriga-nos a nada. Desistência reconfiguradas em atalhos que desfiguram qualquer suspiro, naquele ambiental desmonte.

Sobre o que falo? Aparecemos em um nada. Há um circuito de inexistentes afetos imobilizados. Eu... existimos? Puras palavras em uma dimensão inelutável, sem frente, sem ontem. O nada se nega a fazer-me companhia. Sensações competem pelo ilimitado incorpóreo, nadificado em seus circunscritos dizeres. Persistentes signos que proliferam sem canal. Insubjetivas afecções agora trepam na esperança de sentirem algo que nem imaginamos. No circuito significante, ideias não produzem...

25

BICHA EM CATIVEIRO⁴⁶

O pavor humano à bichice talvez resida portanto na bichice-em-si e na bichice em si, das quais o humano quer separar-se por crer-se ou querer-se mais próximo do divino. Isto, é claro, segundo o humano que não se quer bicho, e tal humano diz em nome do divino que não convém deitar-se com bichos ou com bichas, nem fazer coisa alguma como bicho ou como bicha. Proíbe-se na bicha sua bichice e proíbe-se ao bicho a sua bichice. A bicha não é vista como humana por ser um desvio do divino, e, portanto, a bicha é diabólica por agir como bicho, enquanto ao bicho não se pode permitir a bichice porque o bicho é natural.

Ricardo Domeneck, *Reflexões sobre a bichice da bichice*

I. Tempo

hoje encontrei uma lista de ideias
 umas riscadas: falhas
 outras ainda no caminho
 era um papel
 amassado largado
 no canto do quarto,
 perto suficiente para vê-la
 de esquelha
 longe suficiente;

à espera do próximo ano.

II. Vontade

Quero outra vez

andar sobre o vento que leva areia da baía
 às vias de ferro e piche.
 Lamber a serpente da rua.

⁴⁶ “Que importa quem disse, alguém disse”.

Brincar de pique-esconde com o perigo.
Ouvir o trepidar das britadeiras.
Dar o gole do abismo.
Sobreviver à outra noite.
Sucumbir ao desejo mais antigo.

III. Clamor

deuses da moléstia, absolvam-me.
demônios da rua, ressuscitem-me.

IV. Trivialidade

babalú

babalú da califórnia

califórnia babalú

estados

unidos

pra preto é um perigo

rio

de janeiro

polícia mata o ano inteiro.

V. Memória

e bichas pretas continuam pulando cordas

26 UM DIÁRIO NÃO DIÁRIO

Valécio Bruno⁴⁷

Dia 1 – 19 de março

Parece que temos que ficar em casa agora. As notícias não são nada animadoras, muitos casos aqui na cidade. Hoje é meu primeiro dia de home office.

A mãe do Rodrigo acabou de nos visitar. Meus pais vieram depois dela e foram embora ontem. Tudo que a gente planejava fazer depois que esse período de visitas acabasse foi por água abaixo.

Mas tudo bem, serão só alguns dias.

Dia 2 – 20 de março

Achei que eu não fosse me dar muito bem com esse lance de trabalhar em casa. Mas até que estou gostando. Acho que pesa bastante o fato de eu me organizar bem nos horários. Rodrigo precisou sair hoje pra resolver questões do trabalho in loco. Tenho um pouco de receio por ele estar se expondo.

Dia 3 – 21 de março

Fico na dúvida se tem mais gente se preocupando em ficar em casa como a gente porque precisei ir ao supermercado e parecia um dia como outro qualquer. Cheio de gente. Ansiedade. Medo.

Hoje é sábado, o primeiro da quarentena aqui. Da nossa, pelo menos. Alguns bares estão abertos e parece até que vai ter festa, boate, essas coisas todas. Povo doido, não está se dando conta ainda do quanto isso é sério.

Dia 8 – 26 de março

Tive que sair hoje. Fui obrigado a ir ao meu trabalho. O moço do *Uber* perguntou se podia deixar os vidros abertos. Aqui faz calor e eu sinto muito calor, não sei o que é isso, mas tenho mais medo de pegar essa doença. Eu tive asma na infância, sou super alérgico, tenho sinusite. Sei lá. Fiquei um pouco apavorado com isso. Mãe até que foi tranquilo e rápido.

O mais chato é essa esfregação de álcool em tudo que é coisa que a gente traz de fora. Lembro daqueles filmes de missões espaciais em que a pessoa é toda

⁴⁷ Homem gay cisgênero, 35 anos. Recife, Pernambuco.

desinfetada quando volta pra nave depois de explorar um planeta qualquer. ~~Alienígena~~ é a palavra do dia.

Não, astronauta. Melhor.

Dia 13 – 31 de março

Home office é mais difícil do que eu pensava. Parece que a gente trabalha mais. As ligações começam muito cedo e acabam muito tarde. E precisa mesmo dessa reunião todo santo dia?

Acordo nervoso, sem saber lidar com essa rotina doida. Parece que a semana não vai acabar nunca. Pelo menos, Rodrigo é um marido amoroso e compreensivo. Ele me ajuda. A gente se ajuda a passar por isso.

Acredito que abril chega aí pra melhorar as coisas. Como, não sei. Mas quero.

Dia 19 – 6 de abril

Fiz a barba hoje. Raspei tudo. Vontade de mudar misturada com a preguiça de cuidar.

Estresse no trabalho. Afago em casa.

Ainda bem que hoje é dia de encontro (virtual, que pena!) com meus companheiros da oficina de teatro com vivências terapêuticas. Costumo chamar de terapia de grupo com vivências teatrais. É sempre bom, e hoje é um dia especial. Cada um “levou” uma bebida e fizemos a troca de histórias. Agora sabemos quem vai contar a história de quem no espetáculo.

Empolgado!

Dia 23 – 10 de abril

Eu realmente não sei o que seria de mim se não tivesse o Rodrigo aqui comigo. Ele me ouve e me entende. Às vezes, acho que tô negligenciando um pouco do meu papel nesse contrato (risos nervosos). Espero que ele tenha paciência comigo porque não tô num momento legal.

Dia 30 – 17 de abril

Hoje faz quatro anos que a gente se conheceu pessoalmente. Foi no dia do impeachment. Um dia impossível de esquecer. Engraçado como a vida nos coloca em situações que, quando analisamos, perguntamo-nos como diabos isso foi dar certo assim. Éramos dois estranhos que nos esbarramos em aplicativos de encontros. Vínhamos nos falando há alguns meses, mas não havíamos nos encontrado ainda. Já tinha levado uns “nãos”, acho que pela falta de antecedência dos convites, mas resolvi insistir uma última vez. Era o dia errado – eu tava mal arrumado e com amigas, já bêbado, na Praça São Salvador (Rio de Janeiro) – mas deu certo. Ele aceitou o convite e foi me conhecer junto com minhas amigas e o

cachorro de uma delas. Os santos bateram de cara. Cá estamos juntos, quatro anos depois, em outro estado (da federação e civil também).

Dia 31 – 18 de abril

Devia ter sido dia 17, mas o cartório do bairro só realiza casamentos na quarta-feira, então teve que ser dia 18. Agora temos duas datas.

Bodas de algodão! Ainda tinha bolo!!! Descongelamos o bolo dois anos depois e comemos pra comemorar. Ainda tava uma delícia.

Essas comemorações até aliviaram um pouco o estresse do trabalho. As coisas estão fluindo.

Dia 33 – 20 de abril

Hoje é aniversário do meu pai.

Morar longe dele é ainda mais difícil depois do infarto que ele teve dois anos atrás. Mas é um dia feliz porque ele está vivo e bem.

Meu pai é um homem inspirador. Sempre de bom humor, não se deixa abater por pouca coisa. Alguns anos atrás, tivemos nossas rugas quando eu saí do armário. Mas logo ele me acolheu, do jeitinho dele. Quando eu chegava na cidade pra passar final de semana ou curtas férias, ele sempre perguntava pelo meu namorado da época. Parecia uma pergunta sem pretensão, feita “por educação” (talvez fosse), mas acredito que tenha sido a principal coisa que nos reaproximou e nos conectou, permitindo que tivéssemos a relação que temos hoje.

Feliz 58, meu velho. Te amo!

Dia 34 – 21 de abril

Um dia de descanso do trabalho no meio da semana. Adoro feriados assim.

Mas teve aula de teatro. Nossos encontros da terça continuam firmes e fortes. É uma pena que só tenhamos nos encontrado pessoalmente uma única vez, mas é ótimo seguirmos assim, virtualmente. Acaba que nos aproxima também.

Dia 40 – 27 de abril

As quarentenas deviam fazer jus a seu nome e durar 40 dias. Já tá bom! Sei que ainda não é o momento de voltar, mas, como diria Katia, não está sendo fácil! A essa altura, já se acabou a criatividade na cozinha, já desisti das *lives* de exercícios físicos, já tô exausto de lavar louça e o banheiro. Meu cabelo tá horrível, não consigo mais produzir como antes e já tô com medo de virar *alcólatra* (é assim mesmo que se escreve, só com um o?). Acho que é *alcoólatra*, o certo.

Dia 43 – 30 de abril

No primeiro dia do mês, eu não acreditava que chegaríamos ao final dele em quarentena, sem sair de casa se não for pra ir à um supermercado ou farmácia. E ainda assim, muito poucas vezes. Duas ou três, creio eu. Parece que definitivamente teremos que aprender a viver assim. Não consigo vislumbrar o final dessa situação. Meu coração quer que acabe logo, minha esperança é junho, mas no fundo eu não creio.

Dia 45 – 2 de maio

Já tô meio cansado dessas *lives*. Eu entendo que é a forma que os artistas estão encontrando pra passar por esse momento, mas não tem nem comparação com um show de verdade, né? Eu mesmo vejo as *lives* muito bem deitado e sequer levanto a mão quando o cantor de empolga achando que tá animando, coitado. Dançar, então... Aff!

Rodrigo e eu temos visto filmes e séries. Estamos conseguindo acertar nossos ritmos de trabalho e curtindo bastante tempo juntos.

Dia 47 – 4 de maio

Parece que a chefe do meu chefe ordenou que eu (e toda a equipe) voltássemos ao trabalho presencial. Foi o pior dia de toda a quarentena até agora. Tô me sentindo acuado. Ansioso. Nervoso. Medroso.

Nem máscara, eu tinha comprado ainda porque não tô mais saindo de casa pra nada.

Amanhã vai ser o dia.

Dia 48 – 5 de maio

Que noite péssima! Acordei péssimo! E o pior é que eu tenho que estar ótimo porque preciso voltar ao trabalho presencial. Choro, grito, café. Desistiram. Continua o home office.

Eu já mencionei minha sorte em ter meu marido? Que homem!

Dia 56 – 13 de maio

Aniversário da minha mãe. Logo depois do dia das mães. Era pra eu estar lá no Ceará com ela.

Uma pandemia não, um pandemônio!

Dia 60 – 17 de maio

Hoje foi dia de preguiça e noite de dar uma chance a novos modelos de encenação.

Particpei (como espectador) do experimento de um importante grupo de teatro daqui de Recife. Interessante, a proposta. Acho até que me empolguei pra criar algumas coisas.

Vamos ver se rola...

Dia 62 – 19 de maio

Apresentei uma cena no encontro de hoje. Um coração ardente, da Lygia Fagundes Telles. Amo esse conto, essa escritora. E o teatro também. Mas que desconforto que é fazer isso à distância, sem encontrar os colegas... Uó!

Dia 67 – 24 de maio

Querido Diário, não me enche o saco!!!

Dia 71 – 28 de maio

Isso que a gente tá vivendo é real? Às vezes, eu penso que tô num mundo paralelo, tipo Caverna do Dragão. De vez em quando, vejo a vida dos outros por um portal (o celular, a TV ou mesmo a janela do quarto) e parece que tá todo mundo vivendo a sua vida entre rodas gigantes, carrosséis e montanhas-russas enquanto a gente tá preso aqui, lutando contra um dragão de não-sei-quantas cabeças que nunca deixa a gente atravessar o portal. Desânimo...

Dia 74 – 31 de maio

Mais um mês que se vai sem aquela velha rotina. Mas foi um bom mês, que começou com um feriado numa sexta-feira. E que ainda nos presenteou com cinco finais de semana completinhos: cinco sextas, cinco sábados, cinco domingos. Nenhum outro mês faz sentido.

Dia 75 – 1 de junho

Caraca. A gente ainda tá nessa! É inacreditável.

Já faz tempo que não vejo jornal, mas eu sei que não temos perspectiva nenhuma de um retorno seguro ao “normal” ou uma chegada ao “novo normal” de que tanto falam. Preguiça. Ócio. Eu tô exausto!

A gente discutiu um pouco hoje. Foi de leve, mas foi chato. A gente quase nunca briga.

Dia 81 – 7 de junho

[oitentena]

Entre hashtags, arrobas e avatares

Mais uma chuva que não molha meus pés

Mãos limpas, mas secas de tanto gel e vazio
Panos cobrem sorrisos que nunca vi
E outros que nem me lembro
Risco cada sol que nasce
Pra não me perder nas luas
De paciência em paciência
40 se tornam 80

Dia 82 – 8 de junho

Morreu a primeira (e espero que única) pessoa da minha família de covid-19. Tia da minha mãe. Irmã do meu avô. Não éramos próximos. Mas sinto muito.

E penso nos meus avós. Os últimos dias têm sido de idas a hospitais entre quedas do corpo e da pressão da minha vó. Meu avô segue forte (por fora, pelo menos).

Viver longe da família (eles moram no Ceará e eu, em Pernambuco) pesa muito nesses momentos. Ainda bem que tenho a minha nova família (Rodrigo) junto de mim.

Dia 86 – 12 de junho

Vinho e pizza.

É noite de Santo Antônio e não tem fogueira...

Dia ? – Tanto faz o dia

A conta não para.

De dias.

De mortos.

E de idiotas no shopping.

27

SER HOMOSSEXUAL EM QUARENTENA É COMO SER HOMOSSEXUAL EM NÃO QUARENTENA

*Luis Fernando Lobo Rosa*⁴⁸

Tudo a mesma coisa, dentro ou fora da quarentena. Algumas engrenagens, talvez, tenham se deslocado.

Descobri tendências (machistas, misóginas, homofóbicas, racistas), aqui ou ali, de uma ou outra pessoa próxima (antes, acima de qualquer suspeita) — represadas, censuradas e, agora, vindas à tona, em discussões acaloradas sobre nazismo, fascismo e muitos outros ismos.

Defrontei-me (e fui convidado a não confrontar) com situações de discriminação de gênero veladas, por parte de famílias, por ser professor de infâncias, e ter que ministrar aulas em ambiente virtual, durante esta quarentena. Antes disso, famílias me viam em encontros eventuais, de diversas temáticas, na escola. Mostrei-me, para além de olhares infantis, que aceitam sem muitos julgamentos moralizantes, meus brincos ou pulseiras ou roupas coloridas ou dicções sibilantes ou munhecas descoordenadas, aos papais e mães, sendo quem sou, e não quem querem que eu seja, ou pensam que eu era, ou sou (pensavam, pois me demiti, por resistência, mesmo em tempos difíceis).

Vejo, num misto de pandemia com crise política, repúdio nos olhares lançados a mim, quando sou observado, requebrando mascarado em meu andar de passeador, na praia, com minha cachorrinha vestida com uma guia da bandeira LGBTQIA+. Parece ser urgente a alguns dos espectadores e algumas das espectadoras que alguém me coloque no meu devido lugar. Fico os imaginando pensar: “Viado, perobo, boiola...”.

Onde já se viu, um homem desse tamanho, com toda essa bichisse, expondo uma cachorrinha, vítima de sua perversidade, com essa bandeira imunda?... Não é coisa de ‘gente de bem’. Tragam uma mordaca... Repreendam-lhe com choque... Cortem-lhe a cabeça!” Cogitei retirar a bandeira, pela integridade física da Mafalda... Pois é, às vezes sou laçado. Minha mente sendo convertida ao modo silencioso.

Fui assassinado várias vezes – na família, no trabalho, nas ruas, na rede. Uma violência consentida. ‘Não tinha, não tive, e não tenho a quem recorrer’, divago, em meu mundo que cai. Estou vago, à deriva, à flor da pele, à queima roupa.

⁴⁸ Homossexual. 43 anos. Peruíbe, São Paulo.

Especialmente nos dias em que sinto que nunca mais voltarei àquilo que, um dia, me ensinaram ser a vida. Será, agora, uma vida nova. Uma velha vida nova. Algo como disse Thiago de Mello: “Não tenho um caminho novo. O que tenho de novo é um jeito de caminhar”. Terei que passar por tudo novamente, como quem reaprende a andar? Será uma “homo reabilitação”? Não sei se dou conta. Não tenho vontade de dar conta.

Vivi, até um segundo atrás, uma vida já massacrada pelos ressentimentos alheios, pelas discriminações de gênero nas escolas por onde andei, pelas violências consentidas. Sempre foi assim. O quê, exatamente, estão dizendo que mudou tanto nesta quarentena? Houve um deslocamento, um transporte de autores e autoras, para locais outros, outrora formalmente institucionalizados, agora liberados a expressar seu nojo por tudo o que diz respeito ao universo LGBTQIA+, e sendo convidados a atirar em legítima defesa. Permanecem escrevendo, por linhas direitas, histórias excludentes. Permanecem desejando tortura e morte ao que consideram depravações e aberrações da sexualidade (alguns discursos parecem remeter ao fogo em praça pública medieval). Julgam ter esse poder.

Sempre estive numa eterna pandemia, num eterno isolamento social, numa luta constante para não me infectar com aquilo que querem que eu acredite – que ser homossexual não é ‘normal’, que necessito de cuidado especial, de terapias, que preciso ser curado, que não sou ‘gente de bem’ (essa expressão grotesca, repugnante), que posso ser um risco como professor de infâncias, que posso transgredir mentes adolescentes vulneráveis, que posso seduzir maridos infelizes, ou desejar homens quaisquer, que devo queimar por supor que seu profeta bem que poderia, sim, ser homossexual — ou com aquilo que me dizem o tempo todo, num pretenso solidário gesto de caridade: “ah, você é gay, mas é legal”, ou “puxa, você conseguiu esse emprego mesmo sendo gay?”, ou “ah, você é gay?... eu tenho vários amigos gays...”, ou “como funciona o sexo entre gays?”, ou “nossa, você passou na universidade X, mesmo com tantos problemas?”, ou “como você consegue viver com tantos conflitos, sendo gay?”, ou ainda (ranço) “o que você acha de ex-gays?”.

O que a pandemia está trazendo a mim, homossexual que vive a pandemia? Revelações, esclarecimentos... certezas? Ouço — “tempo de incertezas”. Às vezes sinto que o tempo é de certezas. Certezas de quem sou, fui, era, serei. Certezas de que toda pedrada, garrafada, cadeirada, chute, tapa, soco, cuspida, empurrão, arranhão, ‘corredor polonês’, lata de cerveja com urina na nuca, xingamento, que recebi nas escolas, no trabalho, andando pelas ruas, e permanecendo de cabeça erguida (mesmo que meu mundo desmoronasse, meu coração viesse à boca, meu pânico se instalasse e meu pranto, logo após, demorasse a cessar), valeu a pena. Especulo que sou mais forte do que seria se não tivesse vivido isso tudo.

O que a quarentena traz de diferente? Talvez uma impaciência, para recalques mais conservadores, que vêm à tona numa velocidade galopante. Um

descontrole da raiva para covardes, quando for esse o caso. Um desvelamento silencioso para enrustidos e enrustidas. Gritos para incompetentes megalomaníacos que veem seu pseudopoder arrefecer em meio a um caos que, infelizmente, não é o seu. A solidão?...

Estar só, a mim, sempre foi confortável. Escolhi a solidão, creio que pelo temperamento, e por essa história de vida, que sempre me fez sentir segurança apenas dentro de casa, onde sempre fui eu mesmo, onde pinte e bordei, literalmente. Sendo artista, recorro a dispositivos que me liberam o estresse, estando sozinho. Aqui, de onde escrevo, é meu refúgio. Daqui crio meus diálogos, reconstruo novos orifícios respiratórios, encontro diferentes formas de existência. Ando nu, rio, choro, sou homossexual. Minhas gatinhas amam isso. E conservadores, covardes, megalomaníacos incompetentes e enrustidos ficam lá fora. Já vivo isso independente de quarentenas extras.

Neste período, permaneço exprimindo a mim mesmo minha sexualidade, num monólogo capacitante, que me mostra caminhos e descaminhos do meu corpo marcado pela incompreensão social. Me emociono quando vejo artistas LGBTQIA+ mostrando o corpo e sua sensualidade. Pertencço a isso, e isso a mim. Fico, neste momento em que tudo é remoto, eu junto, remoto, já, e ainda... Sempre.

Emancipo-me nos gestos e me empodero nas revoltas e nas indignações que me tiram o sono. Não me acostumo a ler violência, a ver exclusões, a lidar com retrocessos. Isso está constante na quarentena que olho, da minha janela, insone e desamparado: por que meus direitos são diferentes? Por que tenho que sentir mais medo de sair de casa, ou de chegar, especialmente na calada da noite? Por que ano passado perdi a vaga de emprego para um colega professor, heterossexual, casado, cristão, filhos, vida social ativa, nada de qualificação acadêmica, e uma incompetência profissional ímpar, conhecida na cidade toda? As pessoas estão perdendo o emprego por conta da pandemia, mas perdi muitos antes dela, por ser homossexual. O que a quarentena traz de diferente? Meu colega professor aparecerá às famílias, no ambiente virtual, alinhadíssimo, conservadíssimo, um 'homem de bem', respeitável, e será bem aceito, mesmo sem nada a acrescentar de arte, a ninguém. Minha quarentena não mudou, neste caso.

Em janeiro deste ano, fui abordado na rua, com minha cachorrinha, por um grupo de homens embriagados que vinham da praia, uns doze, tecendo comentários depreciativos sobre minha homossexualidade, e causando uma situação apavorante e humilhante. Um deles causou mais tumulto, se aproximando de maneira ostensiva e me assediando de forma bastante inadequada. Não os vi mais. Pode ser que estejam aguardando o fim da pandemia para voltar às atividades, e tudo será como antes. O que mudará com o final da quarentena, neste caso? Continuo saindo às ruas com o mesmo sinal de alerta de sempre, estando elas cheias ou vazias, com meu instinto de

sobrevivência próprio de LGBTQIA+, que muitos dos meus amigos e amigas sabem como é. E se não houver um final exato para esta situação (o que creio ser possível), e todas essas patuscadas permanecerem caminhando juntas, até não-sei-onde? Como pensarei meus limites? Parece que minhas certezas já estão fadadas a novas inquietações e atravessamentos transbordantes...

Talvez esteja eu condenado a vislumbrar as mesmas coisas, dentro ou fora da quarentena. Mudam os cenários, os figurinos, os roteiros, artistas, luzes, palcos. Um foco aqui, um perfil ali, gente nova chegando, trazendo frescor, lidando com os mesmos problemas, de maneira mais ágil e inovadora, porque o mundo mudou. Talvez eu continue me sentindo sitiado, vendo morrer de suicídio, vírus, câncer ou violência, seres humanos, concretos, reais, com suas vidas. E minha comunidade LGBTQIA+ se integrando e desintegrando, sendo integrada e desintegrada, num ritmo frenético ou lânguido, que necessitará de mais ou menos caixões, em tempos mais ou menos difíceis, como sempre foi.

Esses dias recebi, de outro emprego meu, a seguinte mensagem: “Como lidar com pessoas negativas na quarentena”. Nem li. Senti enjoo. Soou presunçoso, irritante, narcísico demais pro meu gosto, negativo até. Fiquei pensando que quem enviou deve ser mestre em positividade, ter tudo muito bem resolvido, e a grande habilidade em ensinar a viver, mesmo num momento em que estamos mortos e mortas. Receberia diferente, com mais acolhimento, uma mensagem que dissesse, pelo menos: “Como ser mais positivo na quarentena”. Mesmo assim, ficaria desconfiado. Desconfio de quem batalha demais por felicidade plena. Então, para não perder o fio da minha meada (e o imenso gozo que sinto por questionamentos, mais do que por respostas), pergunto a mim mesmo, tendo ciência de que nunca encontrarei a resposta: que excitação desenfreada é essa pela positividade? Como posso ser positivo vendo tantos entes sofrendo com um vírus massacrante? Como encontro luz no fim de um túnel político interminável, que só se transforma na aparência, mas mantém o mesmo modo de operar? Como posso esperar que violências sejam subtraídas, numa vida social cada vez mais omissa? Como deleto marcas de uma cartografia desenhada em territórios acidentados, sinuosos, concebida já em emboscadas, e mantidas pelos discursos do ódio, da intolerância e da exclusão? Estou me referindo à grande parte da minha comunidade LGBTQIA+, me incluindo. Quando consigo fugir da morte por homofobia, estou fadado a enfrentar uma morte iminente por qualquer outra moléstia.

O orgulho LGBTQIA+ que preservo na minha quarentena serve para repensar meu lugar neste mundo, fortalecendo vínculos comigo mesmo; para conservar energia para uma luta que nunca cessará; para reafirmar minha homossexualidade, sendo resistente à violência a todas as pessoas que se reconhecem no movimento LGBTQIA+; sendo resistente a toda forma de violência; serve também para levantar uma bandeira por todos aqueles seres que venham com o nosso +, e que ele se expanda.

O LGBTQIA+ da minha quarentena serve, portanto, para expor marcas pessoais singulares e dolorosas, tantas vezes silenciadas (e que essas marcas ressoem em outros corpos); para impor minhas expressões; e para construir, reconstruir, esclarecer, questionar, escutar, apoiar, ajudar, vincular, acolher, abraçar, amar, compreender e multiplicar o orgulho, resistindo à opressão, me colocando à espreita, e mantendo a coragem para sair de casa, com ou sem máscara, com ou sem pandemia, um dia de cada vez. Essa é minha luta.

28

PRESENTE! EM MEIO A PANDEMIA*Igor Maciel⁴⁹**4 de junho de 2020*

Eu denominei a pandemia do covid-19 de ‘segunda guerra fria’, porque do mais basilar da vivência estou (e estamos) impedido, que é o contato humano – abrasador. Fico abismado em como um ser invisível aos meus olhos tem se mostrado onipresente e onipotente, parecendo até uma divindade, porém, de vida e fartura não tem atributo nenhum, e pelo contrário, tira o ar – ele mata!

Tenho sentido muitas coisas, algumas felizes e outras medo. Entendo a cada momento o significado ambíguo da palavra presente: um que se refere ao fenômeno tempo e outro ao que é anunciado no interfone do prédio e chega embalado em meu nome.

Eu fiz aniversário na quarentena. Nesse dia, acordei, abri a porta do quarto e minha mãe estava no banheiro. Visualizei uma farta mesa de café da manhã quase pronta sobre a mesa da sala, por isso, retornei para a cama para que ela não sentisse que eu estraguei a sua surpresa. Assim que percebi que ela finalizou, me anunciei: vou levantar, mãe!

Sentados, tomamos café com leite e comemos. Ela fez de tudo o que eu gosto para o desjejum, especialmente a minha preferida torrada, com uma camada de maionese, ovos mexidos com queijo, bacon e com uma pitada de orégano. Fui a rua após o café porque tinha alguns boletos para acertar, não justamente nesse dia, mas naquela semana, visto que o meu aniversário é sempre nos primeiros dias de maio, quando as contas mensais vencem. Felizmente estou empregado e é o meu primeiro emprego na minha área de formação, por isso, sentir o potencial de poder pagar uma dívida no dia do meu aniversário com o salário do meu tão sonhado trabalho, foi gratificante e catártico!

Voltei para casa e havia uma cesta de café da manhã embrulhada em uma embalagem transparente. Achei que fosse mais uma surpresa da minha mãe, e pensei: danada, foi só eu ir à rua e me apresentou mais essa. Entretanto, não era ela o remetente. Abri o cartão escrito pelas mãos da empresa contratada e dizia que era uma lembrança da Ju e da Jô, duas grandes amigas. Minha mãe ficou eufórica e eu também: pães, frutas, geleia, antepastos... e um grande girassol. Em

⁴⁹ 27 anos, natural de Belo Horizonte. Cisgênero, homossexual.

uma chamada de vídeo agradei, trocamos afetos, matamos um pouco da saudade e celebramos.

Não era a avaliação da fatura que havia naquele pequeno espaço de cesta que estava em jogo, mas sim o sentido do presente. Eu nunca tinha ganhado uma cesta de café da manhã e nem algo assim, surpresa. Nunca desejei especificamente uma cesta, mas uma surpresa em dia de aniversário sim — desejava dos amores passados, afinal relacionamento é para a realização de nossos desejos também, correto? Mas não obtive êxito.

Ganhei a surpresa de quem eu menos esperava e isso foi uma sensação indescritível, pois senti que duas pessoas importantes me fizeram sentir do mesmo modo — a tal da reciprocidade entendida na prática. Isso foi especial porque fez desse momento, em estado de isolamento, passível de celebração. Entendi que até a chegada da cesta eu não tinha me dado conta do que era fazer aniversário em 2020 — talvez desde os meus vinte e seis anos passados. Não porque eu não ganhei presentes, mas sim, porque até então havia a espera de uma surpresa, dessas que a gente vê em filmes piegas, entre casais apaixonados, que envolve um cartão, ou por meio de grandes e verdadeiras histórias como a que tenho que as meninas.

Decidi que não iria me dedicar a nenhuma outra tarefa formal depois da ida ao banco, por isso, não ousei ligar o computador ou abrir e-mail pelo celular. Entendi que era o meu dia. Afinal.

Eu e minha mãe almoçamos uma refeição bonita e apetitosa. A tarde lanchamos, e no início da noite ela me disse que iria na portaria do condomínio pegar um banho de ervas fortes que a mãe de santo havia mandado para mim por meio de uma irmã do terreiro, e eu não desconfiei que isso se tratava de outra surpresa: um bolo de aniversário!

Ela queria cantar parabéns, eu disse que não precisava, com medo dos vizinhos escutarem e se disporem a aparecer aqui em casa. Mais uma vez, comemos! Mais uma vez celebramos!

São coisas óbvias para esse dia — uma cesta de café da manhã e um bolo de aniversário, contudo, muitas pessoas ainda não ganharam, e se já os tiveram, pode ser que seja rotineiro, anual, por isso, não existe a surpresa do presente. Me emocionei, pois foi um grande dia quando tudo parecia estar isolado da possibilidade de êxtase. Confesso que ainda desejo um carro de *telemensagem* na porta do trabalho, com uns foguetinhos bem barangos e um choro forçado na minha fala de agradecimento que será: “sem palavras!”. Ou uma faixa em plena via pública escrita “Igor, namora comigo? Eu te amo, desgraça”.

(...)

O outro sentido do presente a qual me refiro diz do fenômeno tempo. Neste período de isolamento a minha fé natural de que o amanhã chega sente abalos — em alguns momentos são rachaduras que partem a cabeça e o peito, e em outros instantes são abalos sísmicos, chocando muitas das minhas sinapses.

O medo me assola em cada gole rápido e afobado na xícara de café para começar o meu dia – logo!, porque mais tarde o bicho, o cão, o tihoso, o belzebu microscópico pode se manifestar em meu corpo, e não será uma transe agradável. Nunca se sabe. Por isso, tenho me esforçado para fazer de todos os dias momentos singulares, únicos.

Acordo e minha mãe está me esperando para comermos torrada com maionese e ovo; reparo ao máximo se estou dando atenção a ela, porque não quero que sinta em hora alguma que estou ausente na nossa relação de amizade; abro o computador e esforço a minha coluna para que tolere o trabalho em rede das nove da manhã até as vinte e três horas, e minha estrutura óssea tem me ajudado, suportado, mesmo que a cadeira não seja a mais confortável. Não posso deixar de resolver aquela questão por e-mail, porque amanhã eu posso acordar sem ar, penso ansiosamente. É estranho, mas eu imagino a morte em todo tempo, e percebo como seria doloroso morrer a minha mãe, minha única companhia física no presente.

Minha mãe é cheia de histórias, por isso, nesses dias, quase sempre provoço nela memórias de sua infância e adolescência; da relação com o meu pai, de quem se divorciou; dos dias de função no terreiro; da viagem para o Rio de Janeiro, onde ela viu o Cazuzza na praia; as vivências da minha avó Amélia... Expliquei pra ela o que é uma revista acadêmica, o que é um artigo, o que é uma tese. Ela já sabe quem foi a Maria Lacerda de Moura, o nome do meu orientador e já compreende o que é um Dossiê. Outro dia ela ria no sofá e eu sem entender perguntei o porquê: se tratava de uma piada que ela leu na internet e achou graça (O que a diarreia disse para o peido? Vá na frente buzinando porque estou sem freio). Gargalhamos e danamos a mandar áudios para a Luiza, Thamiris, Nicole, Tia Patrícia, Letícia, perguntando se sabiam o que a diarreia tinha dito para o peido... Rir e reatar memórias tem sido uma escolha salutar em tempos de pandemia.

Renovei as minhas tintas e ela pintou comigo. Eu pedi que desenhasse umas pequenas flores, as que sempre foi habitual fazer no caderno que anotava os resultados dos jogos de baralho com o meu pai. Ela não sabe, mas eu pedi esse desenho porque é mais uma forma de mantê-la viva. Tenho todos os seus bilhetes de “filho, fui dormir com a vó no hospital. Me avisa quando chegar do bar. Beijos, te amo. Sua mãe”; “filho, estou na Camila, deixei comida pronta”...

Meu maior medo sempre foi perder a minha mãe, e nessa quarentena isso aflora. Espero que não aconteça, verdadeiramente. Ainda quero conversar muito com ela. Também, sonho com o dia da minha defesa de tese em que eu poderei agradecê-la publicamente por ter arrancado as folhas do meu caderno quando eu fazia letra feia no ensino básico, e por em todos os domingos quando íamos para a casa da vó Maria, ela só me permitir ficar na cozinha como a família reunida, após terminar o meu ‘para casa’ de matemática, lá na sala ou na copa.

Imagino a foto que vamos tirar no dia da defesa e depois emoldurar na sala. “O filho da auxiliar de enfermagem e diarista, motivo de orgulho para a mãe. Primeiro doutor da família”, ouço o meu interior e sinto felicidade por essa imaginação.

Hoje minha mãe foi trabalhar. Ontem quando ela deitou na cama eu fui lá conversar mais um pouco. Seus olhos nem abriam de sono, mas puxei papo, pois tinha que aproveitar sua companhia só mais um momento. Hoje não a vi saindo, mas perguntei pelo celular se chegou bem no serviço. Ela disse que sim, e desejei bom trabalho. Meu coração aperta em saber que em plena ‘segunda guerra fria’ minha mãe está na rua, trabalhando. Peço a Iemanjá, sua mãe, para cuidar da minha.

De tudo, ter uma mãe sempre foi o meu maior Presente. Adorava dia de reunião na escola, pois ela sempre foi a mãe mais bonita. As primas dela dizem que o meu sorriso e o dela são idênticos, o que pra mim é elogio, e eu faço questão de arregaçar os dentes nessas horas. Minha mãe é linda, por dentro e por fora. Ela está envelhecendo e não percebe, mas eu noto que a disposição não é mais a mesma, a postura, a pele do rosto, os fios brancos que ela insiste em pintar... Do ronco brando que entoa e chega no meu quarto sinto um conforto (e às vezes um incômodo), pois roncando sei que está viva, respirando.

Passados alguns anos ela já me fala, “nossa, vi aquele menino que morava lá no bairro, virou um homão”, ontem mesmo comentou sobre um. Sei que com frases assim ela continua me dizendo: “filho, ser gay é normal e eu não deixei de te amar hora alguma por isso. Besta é o seu pai”. Afinal, parafraseando Milan Kundera: o amor está nas metáforas.

Neste período, as grandes amizades, a música e a arte também me fortalecem. Ontem escutei o *cd ‘O Grande Circo Místico’*, desenhei palhaços e bailarinas, e todos os dias ligo para a Luíza, com quem converso por cerca de uma hora. A Lú é minha grande amiga, irmã de ballet, de estudos acadêmicos, confidente e meu melhor abrigo. A gente se entende, e após mais de oito anos de amizade sabemos que não vivemos sem a presença de nós. Ela me salva sempre, me resgata nos pontos em que mais preciso, sente a minha presença em momentos absurdos e curiosos, me atende, nos atendemos, em horário comercial ou mais de vinte e duas. Assim que a quarentena passar vamos fazer a nossa tatuagem.

(...)

Diferente do que canta Gal Costa, “é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte”, confesso que no presente eu mudaria o final, pois mesmo atento e quase sempre me fortalecendo, ainda sinto medo da morte.

Eu não preciso repetir, pois acredito que você que me lê entendeu que “tudo são trechos que escuto, pois minha mãe é minha voz”, como cantou Caetano em ‘Genipapo absoluto’.

Que isso logo passe, porque eu e minha mãe ainda não conhecemos a *Outback Steakhouse*.



Minha mãe, eu e o mesmo batom.

Audiodescrição: a imagem é uma foto onde há duas pessoas brancas, do lado direito um jovem com barba e cabelo curto com os olhos fechados e sorrindo e que está com o rosto levemente virado para a esquerda. Do lado esquerdo há uma pessoa de mais idade, de cabelo longo e vestida com camisa decotada que está olhando para o jovem e sorrindo. As duas usam um mesmo batom escuro.

29 AMOR DE QUARENTENA

Caio⁵⁰

Olá Gatinho, tudo bem?

Imagino que enquanto você lê estas linhas e esteja viajando para a sua cidade natal, exista uma mistura de afetos entre as expectativas dos novos projetos para a sua vida, misturada com a dor de nossa despedida. É madrugada ainda e como não consegui dormir, decidi escrever esta carta para te presentear com as minhas palavras. Não repare se eu errar a ortografia ou riscar o texto. Estou tão afoito em escrever, com tantas lembranças, afetos e saudades que já não sei se conseguirei revisar a tempo este texto, mas acredito que a imperfeição faz parte da vida e da escrita. O que sei com plena certeza é que as palavras aqui contidas são verdadeiras e comunicam o que estou sentindo... Sabe, eu sempre fui um menino romântico que idealizava uma vida feliz, estável e com um companheiro para a felicidade. Nós sabemos que ser LGBTQIA+ no Brasil exige orgulho e muita coragem de ser no mundo. Você sabe que eu cresci em um lar de desamparo, com um pai abusivo e violento e familiares manipuladores. Minha grande referência é a minha mãe, mulher negra, guerreira, sábia e amorosa que me passou inúmeros ensinamentos e que me amou profundamente, apesar de suas próprias dores emocionais. Foi ela quem me ensinou que amor é algo construído, que exige tempo e dedicação. E que a base dele é o cuidado.

Já discuti muito com a minha terapeuta a importância do amor próprio, de buscar se amar em primeiro lugar e isso é uma verdade fundamental! Porém, é óbvio que a gente sempre deseja encontrar alguém especial nas nossas vidas para ser um companheiro e assim construir um caminho juntos. Casar, sonhar com a própria casa, uma vida de casal e até com filhos. Puxa, isso é humano, não? Nesses tempos sombrios em que o ódio é o discurso recorrente, o que eu mais queria era viver uma experiência de amor em que eu me sentisse seguro e abraçado.

Estou trazendo essas reflexões para contextualizar o encontro com o "Gatinho", o meu amor de quarentena. Nunca fui de usar aplicativos de relacionamentos, mas após o convencimento de amigos decidi experimentar. Escolhi as fotos que achava interessante e comecei a brincar com o aplicativo, mas já interessado em algo sério.

⁵⁰ Homossexual.

Qual não foi a minha surpresa em te encontrar lá, um rapaz lindo, sorridente, e que me encantava com suas longas conversas até de madrugada. Memes, risadas e brincadeiras, mas ao mesmo tempo sentia que você era uma pessoa interessada na vida real e que gostaria de ir além, de me conhecer e construir uma história.

Nosso primeiro encontro ficou marcado para ser em um parque próximo de minha casa. Ponto turístico da cidade, o parque é totalmente arborizado e com uma grande lagoa em seu centro. E lá fui eu me aventurar a encontrar o Gatinho, num sábado de manhã com o céu azul e sol quente, tomando todo o cuidado para chegar exatamente no horário combinado, afinal já tinha aprendido um pouco sobre as suas manias de "pseudo-alemão", ou seja, daqueles que gostam de cumprir à risca a pontualidade da agenda.

Vi um moço extremamente lindo no portal do parque. Estava meio perdido, olhando para o celular e depois para o seu entorno. Olhar brilhante, cabelo bem cortado, sorridente... Finalmente me avistou! Era você! E ao se aproximar e me cumprimentar, já foi logo se justificando pelo pequeno atraso, o que achei fofo.

Estávamos com fome e decidimos tomar um café da manhã improvisado com pamonha, o que coincidentemente é o doce predileto de ambos. E a conversa no mundo real foi tão espontânea, presente e viva que fiquei fascinado ao descobrir nossas semelhanças e diferenças, o que alude a riqueza da subjetividade humana que se encontra sempre em construção. Nós somos guerreiros que lutamos cotidianamente contra a desigualdade social! Ambos pobres e marginalizados que enfrentaram a exclusão e o medo para lutar pelo direito a uma educação de qualidade e pelo acesso e permanência na universidade. Hoje, você é doutor e eu quase estou lá.

Mas reitero que te achei incrível não só pelo seu doutorado na Europa ou pelas suas viagens pelo mundo. Te achei incrível pela pessoa que você é, meiga, carinhosa, honesta, trabalhadora, bondosa, que gosta de crianças, de animais e de "gatinhos"...

Uma pessoa madura que não age de má-fé e que respeita profundamente as diferenças dos outros. Não é à toa que depois que você foi embora de nosso primeiro encontro que eu fiquei contemplativo e durante duas horas permaneci na fonte acústica do parque, refletindo sobre aquela experiência. Parecia que eu estava mergulhado nas músicas que tocavam, mergulhado no convite que a vida estava me fazendo... Ali, você já me marcou profundamente porque eu nunca conheci alguém como você!

Foi quando começamos a nos falar por *WhatsApp*, a compartilhar vivências cotidianas de modo íntimo e a construir gradativamente o cuidado. Recordo do dia em que almoçamos em um restaurante oriental que você ama e que passeamos pela cidade, principalmente por uma fazenda próxima de sua casa. O nosso encanto por aquela fazenda foi tão grande que convidamos um amigo para explorar o território e se aventurar em terrenos desconhecidos, no meio das

trilhas, animais e casas abandonadas. Não vou me esquecer da foto que tiramos em cima de uma porteira e sob à sombra de uma árvore para contemplar o pôr do Sol...

Por limitações financeiras ainda moro em pensionato, o que inviabilizou a sua visita ao meu "lar". Apesar da culpa que sinto em não ter lhe oferecido uma contrapartida, você aceitou transformar o seu apartamento em nosso principal local de encontro. Quando pude ir pela primeira vez em sua casa, que delícia! Que maravilhoso estar com você e perceber o quanto é especial! Todo preocupado em me oferecer algo para comer, o que achei muito fofo! E entre um café e um bolo, me contava da Alemanha, das mil peripécias que viveu, das pesquisas que fez e ainda faz na universidade, dos amigos, das festas, da visão de mundo... nesse diálogo eu também trazia as minhas viagens, que apesar de não serem internacionais eram significativas e te narrava as minhas experiências, os meus gostos artísticos, os meus amigos e os autores que eu amo. Tinha poesia em nossa conversa e viver ali era um poema vivo!

E foi justamente na primeira vez em que estive na sua casa que vivi nosso primeiro beijo roubado, seguido de um abraço demorado e carinhoso enquanto estávamos deitados em seu sofá...

Foi neste dia que o covid-19 chegou ao Brasil e tudo parou...

A orientação do Ministério da Saúde era ficar em casa e evitar o contato. Famílias inteiras sofreram a distância imposta e muitas pessoas infelizmente morreram. E foi diante da necessidade do isolamento social, da possível saudade que nos acometeria e do pouco tempo que lhe restava na cidade pois sua mudança já estava agendada, que decidi me aventurar a passar a quarentena com você, a viver uma experiência inesquecível que agora elaboro nestas linhas.

Apesar da tragédia e do medo que também nos atingiam, cada dia que convivemos confinados foram lindos encontros que guardarei com carinho! A sua dedicação em fazer novos pratos e a minha em tentar aprendê-los, fez com que eu pudesse te acompanhar nas suas experiências e crescer emocionalmente com elas. O cafezinho que te fazia pela manhã, o abacate com aveia e açúcar mascavo, o chá quente da tarde, o filme do *Netflix*, o cuidado com as samambaias e outras flores, os beijos, os amassos e o prazer pela casa toda. Você me apresentou novos sabores da vida que eu ainda não tinha tido a chance de conhecer. E confesso que sentirei falta dos seus sorrisos, da sua voz doce, dos abraços quentes e gostosos! Sentirei falta dos nossos banhos demorados em que nos amávamos, dos filmes e séries que assistimos, das músicas, comidas, danças, fotos, de adormecermos juntos a ponto de você acordar durante a noite por me ouvir dizendo enquanto eu dormia: — "eu te amo, Gatinho!"

Sim, e como eu amo...

Olha, saiba que eu procurei ser a melhor versão de mim nesta quarentena, todos os dias! E me preocupei e tentei cuidar de você quando os seus sintomas de ansiedade e depressão se intensificaram em função da tragédia do

coronavírus. Houve dias em que você não conseguia sair da cama e até ficava inacessível, preferindo dormir. Eu procurei entender o seu processo e te ajudar na consulta com a psiquiatra, na adaptação ao novo remédio e em ser uma presença próxima, sensível, mas não invasiva.

Contudo, fui percebendo que você foi ficando mais distante e o dia de sua partida para a cidade natal estava cada vez mais próximo...

Até que finalmente chegou à véspera da tão temida data. Eu já estava em minha casa há poucos dias, quando recebi sua visita no portão e me delicieei ao te ver feliz e brincando de se esconder atrás da frondosa árvore do meu vizinho! Pensei: "Que máximo, ele já está bem! Agora, vamos curtir a nossa felicidade!"

Eu estava muito feliz com a sua presença! Peguei minha máscara, a vesti e corri para ir ao seu encontro. Você me abraçou e comentou sobre as coisas da mudança e os seus projetos pessoais enquanto caminhávamos para um passeio pelo meu bairro. Eu peguei na sua mão e depois te abracei, manifestando todo o carinho que sinto por você.

E olha a coincidência da vida! Sem querer, lá estávamos novamente no parque em que nos conhecemos há três meses. E próximo ao portal de entrada, agora fechado em função da pandemia, recebi a notícia de que aquele momento era o fim do nosso namoro...

Uma dor horrível me atingiu por dentro e me destruiu, mas fiquei externamente tranquilo, afinal relacionamentos são encontros existenciais. Contudo, confesso que já estava planejando como seriam as minhas viagens a sua cidade, como eu iria novamente me cadastrar no ID Jovem para conseguir cruzar os estados, caso depois você fosse chamado naquele concurso público. Mas a vida é imprevisível não é mesmo? E ela exige de nós coragem para resistir e ser no mundo!

Conversamos longamente e eu compreendi suas dores, suas demandas e sua necessidade de partir. Andamos em torno do parque, com o som dos pássaros, num dia de Sol, mas com um vento frio do inverno. Eu achei que conseguiria passar o dia dos namorados com você e até já tinha lhe comprado um dos presentes. Mas cá estávamos de volta na frente da minha casa e foi quando lhe dei um vaso de flor como símbolo de que toda relação humana precisa ser regada de carinho e cuidado.

Vou ficando por aqui com as músicas do Caetano Veloso que refletem em poesia todo o mar de emoções que estou sentido. E quero te dizer obrigado por todas as cenas de carinho, dos abraços apertados, das conversas, dos prazeres, e principalmente da oportunidade de viver essa experiência de quarentena contigo! É em meio as lágrimas da dor de nossa despedida que vou tecendo novos sentidos para a vida, para a ressignificação do vivido.

Finalizo esta carta com a imagem da nossa despedida naquela manhã. Sentados na calçada do meu vizinho, você me abraçava forte enquanto esperávamos o *Uber* chegar. Eu segurava o choro, com o intuito de te sentir mais

intensamente naquele momento, de não me perder na tristeza, mas viver aquela experiência. Busquei sentir uma última vez seu perfume, seu toque e seu olhar carinhoso de namorado...

O motorista chegou e você pegou a flor que eu te dei, se despediu com o olhar triste, embarcou e partiu. Ali eu fiquei... fiquei um bom tempo contemplando o céu, as folhas daquela árvore, a calçada e refletindo sobre o vivido, porém desta vez não havia uma música de concha acústica tocando tal como foi na primeira vez em que nos conhecemos. Havia apenas o silêncio como canção de fundo...

30

EU, A PROFESSORA E A JÚPITER

*Maria Clara Elias Polo*⁵¹

*Giselle Tavares*⁵²

Pensei em várias formas de começar esse relato. Mas vou começar me apresentando, acredito ser fundamental conhecer um pouquinho da nossa história.

Eu sou aluna de doutorado do curso de Saúde Pública da USP, tenho quase 27 anos, dos quais 23 foram vividos sob a égide do padrão heteronormativo branco privilegiado votando em Aécio nas eleições de 2014. Podem julgar. Eu me julgo sempre que me lembro. Fui criada em colégio de freira. Não sei se dá para criar tantas expectativas sobre a minha personalidade. Acho que não. Mas a minha história se revela interessante a partir do momento que conheci Giselle. Sou formada em Educação Física, e até o sétimo período, eu de nada sabia sobre minhas tendências sapatônicas. Até uma professora entrar na sala de aula com a disciplina de Estudos do Lazer. Ah pronto. Pronto mesmo. Eu achava que era admiração, mas minha amiga super hiper mega sapatão, miss Scania, já havia me avisado: isso não é admiração, é tesão. Demorei 6 meses pra entender. E a Giselle era professora. Professora, sabe? Nunca. Inatingível.

Bem, vou “encurtar” minha apresentação para: virei monitora da disciplina, me infiltrei na vida dela e descobri que Giselle era sapatão enrustida, fiquei basicamente 6 meses comprando café e pão de queijo pra ela todos os dias (sim, sem exageros), chamei ela pra tomar açaí e mais café, chamei ela pra sair à noite – aqui, a sobrinha dela fazia aniversário sempre, então pelas minhas contas a sobrinha de 5 anos hoje deveria ter uns 87. Até que ela aceitou sair comigo, comeu sushi, bebeu do mesmo copo, nesse tempo, comprei cerveja, ela nunca me chamou pra entrar, e no final das contas, depois de 1 ano e 6 meses convivendo intensamente com esse ser humano, rolou o primeiro beijo. Eu já não era aluna dela (ainda bem). Nós já namorávamos sem ao menos ter beijado. Sabíamos segredos íntimos, compartilhávamos das mais sinceras preocupações e dos mais sinceros carinhos, assistíamos séries juntas. Finalmente. Os 6 anos de diferença não fizeram tanta diferença, no final das contas. 1 ano e 6 meses paquerando a

⁵¹ Super *sapatã*, 26 anos. Uberlândia, Minas Gerais.

⁵² Lésbica pra caramba, 33 anos de Uberlândia, Minas Gerais

Nós duas estamos na estrada, São Paulo, Monte Verde, Juquehy, Florianópolis... ocupando espaços por aí com nossa doguinha Júpiter, de mais ou menos 2 anos, vira-lata com bigodinho.

professora: beijamos, transamos, e como parte da fama das lésbicas... casamos. Estamos juntas há 4 anos, casadas (não-oficialmente) há 2 anos, com uma filha canina, adotada há 1 ano e 6 meses.

É possível entender que casamos rápido. E a partir disto vou aprofundar a nossa história de quarentena. Dividirei em três partes: quarentena e vida pessoal, solidez de uma família em uma cidade desconhecida e, solidez de uma família na casa da sogra.

Quarentena e vida pessoal

Após essas apresentações, faz-se interessante traçar comparações no que tange quarentena e vida pessoal de um LGBTQ+. De onde será que surgiu a ideia de que “sapatão gosta de casar”? Não é possível suportar o pressuposto de que “por ser mulher” a tendência é gostar de relacionamentos duradouros, apaixonar sempre, ser amorosa, cuidadosa e apegada. Não. Não é isso. Nós duas enquanto lésbicas, podemos falar o que sentimos: o lugar que nós podemos expressar o amor, sem ser alvo de violências – das mais variadas ordens, é dentro de casa. O lugar é seguro. É acolhedor. É nosso. Criado por nós. Um sonho nosso poderia ser “não ter que sair de casa pra nada”, em paz. No entanto, vale ressaltar: com amarras sociais, estruturais, pessoais e culturais. Porque a vontade é poder sair, de dentro de nós, e de dentro da estrutura estabelecida. Poder ser quem nós somos, da forma como queremos. Performar. Criar. Ter o privilégio de apenas “ser”, sem ser julgado.

Nesse sentido, tentei buscar entender a história da sexualidade, e durante séculos foi instaurada a ideia das leis naturais da matrimonialidade e regras iminentes da sexualidade – aqueles que se “desviavam” deste caminho, eram tidos como aberrações no sentido genésico, neuróticos genitais e loucos morais. Isto é, você precisava se esconder e se retrair, MESMO. De todas as formas, a história foi construída com base em um padrão em que o sexo tem sua origem da biologia da reprodução baseada numa normatividade científica e no sexo obediente, já dizia Foucault.

Pensando nisso, parece que desde sempre, nós já vivemos uma quarentena diferente na vida. Uma restrição de liberdade intensa e imensa. Mas agora, em um contexto *pandemônico*. Que coisa, né? A população da sopa de letrinhas parece acumular uma quantidade substantiva de quarentenas no currículo. Vários medos, várias prisões e várias ansiedades causadas pela falta de liberdade, autonomia e independência. E não há nada de tão negativo, quanto essa ilação.

Solidez de uma família em uma cidade desconhecida

Eu nunca me mudei de cidade. Ok. No mestrado, me mudei para Uberaba – 50 minutos de Uberlândia, e eu voltava para Uberlândia pelo menos 2 vezes por semana. Eu nunca me mudei MUDEI de cidade. Tudo que eu precisava, eu tinha.

Meu pai sempre me ajudou, seja com dinheiro, seja com marcar consulta nos amigos médicos, e minha mãe sempre me apoiou nas decisões profissionais. Nós nunca fomos muito “ligados” de ter que falar ao telefone todos os dias, ou mesmo, visitar toda semana. Carinho? Minha mãe não sabe abraçar. Mas estávamos sempre lá, um para o outro, e eu dependia exclusivamente da aprovação da minha mãe, para tudo. Quando me assumi lésbica, ela ficou sem conversar comigo por mais de 6 meses. Foi um tombo. Mas pelo menos (sim, vou usar um “pelo menos”), fui obrigada a não depender da aprovação dela. Meu pai, na segunda semana me ligou, dizendo que me ama. Tenho muita sorte.

Eu e a Gi fomos morar juntas muito cedo e éramos desacreditadas tanto de forma externa, por nossos pais, família e amigos — quanto por nós mesmos, com brigas e “saídas” de casa frequentes, e eu sempre utilizei a casa dos pais como refúgio. Um exemplo da nossa própria confusão, eram as dúvidas quando nós respondíamos questionários. Qual era nossa renda familiar? A renda familiar eu incluía meus pais que me ajudavam com dinheiro? Situação conjugal? Casada? Solteira oficialmente? O que era? O que era família? Sobre a situação de aniversários: comemorar “aniversário em família” para Giselle, compreendia essencialmente em pai, mãe, irmã e sobrinha. Eu sempre tive uma relação distante com minha família, apesar de manter o cordão umbilical com meu pai, em especial. Mas, família era o que? Nós não éramos família?

Todas essas questões se fizeram evidentes esse ano que mudamos para São Paulo. Não foi mais possível ignorar e jogar para debaixo do tapete, questões tão propínquas relacionadas ao núcleo familiar. Nós queremos ter filhos. Adotar e gerar. Precisamos entender quem nós somos. E esse período de quarentena nos fez entender que nós somos uma família. Eu, Giselle, e Júpiter, nossa cachorrinha. Nós somos suficientes. O aniversário “em família” pode ser nós três, sem problemas. O questionário que pergunta situação conjugal, pode ser “união estável” ou “casada”, sem problemas. A renda familiar, é a minha e a da Gi, sem problemas.

Não existe lado bom na pandemia. Não existe lado bom na quarentena. O momento é devastador. Estarrecedor. Mas nos fez perceber e consolidar uma família. A situação favoreceu um olhar para isso. Olhar este, que talvez nós passaríamos uma vida sem direcionar. É difícil cortar o cordão umbilical com a família, mas é necessário. Agora, nós estamos enveredando este caminho.

Solidez de uma família na casa da sogra (da Gi)

Já fazem mais de 4 meses que estamos de quarentena. Seguramos bastante tempo em São Paulo, sem contato e sem apoio físico. Uma apoiando a crise da outra, e nesse meio tempo, uma sobremesa aqui e ali, às onze da noite. Em um apartamento de 30m², que não pegava sol, no frio, com uma cachorrinha de 1 ano e em um condomínio de médicos, próximo à Santa Casa de SP. Isto é, o coronavírus estava fazendo a festa nos elevadores do prédio. Risco biológico,

certamente. Estávamos com sentimento de medo 24 horas por dia, e chegou um momento que não conseguíamos mais “ter crises separadas” (esse é um combinado interessante que temos: uma de nós duas precisa estar bem, para a outra desmoronar, e quase sempre segurávamos as pontas dessa forma).

E adivinhem qual foi a solução mais racional? (Racional, não quer dizer agradável). Estamos morando momentaneamente na casa da minha mãe e do meu pai. Aqui é uma casa, com verde, sol e espaço. Coitada da Gi. Faz um mês que estamos em Uberlândia, seguindo o ritmo de uma nova casa. Já não tínhamos liberdade na quarentena, mas agora não temos liberdade enquanto casal. Não é porque meus pais não aceitam, ou algo do tipo. É porque nós duas não nos aceitamos, perto deles. Estranho, não? Somos bem decididas, assumidas publicamente, profissionalmente e socialmente. Mas aqui, o nosso comportamento muda. Existe aquela relação de “pai e mãe” e questões sexuais como tabus. Há um acordo tácito entre nós e eles, sobre não podermos demonstrar carinho em espaços divididos. Essa tacitez nos irrita. Apesar de não sabermos (ainda) como encarar.

Discutimos a relação duas vezes, em um período de 20 dias. Nos afundamos em trabalho. Nos distanciamos como nunca havíamos nos distanciado. Em 20 dias e um ambiente não favorável, o relacionamento de quatro anos foi colocado à prova. Será que é isso que a gente quer? Porque se não conseguimos suportar uma intromissão aqui e ali, se não conseguimos blindar nosso relacionamento de forma efetiva... então estamos fracas demais. E por quê? Sempre achamos que éramos fortes, somos chamadas de “meta de vida” por outras pessoas, se referem a nós sempre como “casalão da p*”, “que casal, meus amigos”. Porque o relacionamento é semelhante à uma plantinha. Se não regarmos, ela não cresce. E é difícil pensar em regar uma plantinha no meio de uma pandemia, convenhamos.

Dentre as milhares de conversas pela manhã e pela noite, chegamos a uma conclusão: Não somos casalão da p* ainda, mas queremos ser. Não somos tão fortes como imaginávamos e não atendemos às nossas próprias expectativas enquanto casal. Mas queremos ser fortes, estabilizadas e consolidadas. Somos positivas. Seguimos juntas nos encontrando nos olhares, nos toques sutis e, entre quatro paredes em toques não tão sutis, mas afáveis, com completa certeza. Por mais que pareça clichê, é com as adversidades que crescemos, né? Né.

Termo esse texto com uma arte que o @pongocomics desenhou, quando pedi a Gi em noivado.



@pongocomics

Audiodescrição: na imagem há uma tirinha. No primeiro quadrinho têm-se duas personagens em um barco. A personagem do lado esquerdo tem cabelo longo, usa óculos, usa um pequeno chapéu de marinheiro com o símbolo de uma âncora e está com as mãos em um leme que conduz o navio. A personagem da direita tem cabelo curto, usa um quepe de marinheiro e está olhando sutilmente para a personagem da esquerda. Acima das duas personagens, tem-se a frase "Eu amo tanto as suas escolhas". No segundo quadrinho, o barco está no meio do mar passando por um temporal cheio de ondas, muita chuva e raios. No terceiro e último quadrinho as duas personagens do primeiro quadrinho estão à deriva no mar, a personagem com o quepe está segurando as duas personagens à uma porta com seu braço direito e a personagem com o cabelo longo se apoia nessa porta com o braço direito. A personagem com o quepe abraça com seu braço esquerdo a personagem com o cabelo longo. Do lado esquerdo desse quadrinho tem-se a frase: "quanto a sua dificuldade em realizá-las."

31

**DO MEU CORPO DESCOLONIZADO
PARA UM CENÁRIO (CIS) PANDÊMICO***Dani Silva*⁵³

Como eu corpo não-binário posso falar na norma binária?

Como aprendi com Grada Kilomba (2019), o exercício de descolonizar o eu perpassa pelo entendimento de si como sujeito, não mais permitindo que fantasias colonizadoras nos ocupem e nos dominem como objetos. Ao refletir criticamente sobre isso, eu proponho colocar a minha “escrita-corpo-não-binária” presente no texto como um marco de libertação possível das conceituações compulsórias que incidem no/sobre/pelo corpo e na/sobre/pela epistemologia ocidental afugentada na lógica do pensamento binário. Dessa forma, como, eu corpo não-binário, posso falar em uma ordem que constrói tanto o meu corpo quanto uma epistemologia baseada em princípios de uma organização binária? Como, eu corpo não-binário, posso produzir saberes e conhecimentos em uma norma que limita as possibilidades do meu corpo como sendo macho ou fêmea, menino ou menina, homem ou mulher, masculino ou feminino? Sendo que, até o próprio sistema computacional em que escrevo está fundamentado em um algoritmo binário, i.e., “0-1”? Como a minha escrita-tecnológica-não-binária é possível em uma máquina cerebral que só processa dois algoritmos? Aqui cabe propor uma pausa dessa escrita impossível (porque não-binária) para nos empenharmos em um exercício de descolonização coletiva para o que denomino como: “corpos em redes” e/ou “corpos-des-conectados”.

O que seria um “corpo em rede” e/ou “des-conectado”?

Estando agora em um período de “isolamento social”, em plena pandemia do covid-19, pergunto, “como descolonizar a noção do corpo, sobretudo, em isolamento?” Um ponto de partida para começar, pode ser pelo contexto real desse corpo falante (Preciado, 2017). Assim, quais são as possibilidades que estão e/ou foram disponibilizadas para que eu, enquanto um corpo não-binário, produza um saber-conhecer a respeito de si e que afete muitas outras corpes trans, binários ou não? “Se eu escrevo a partir do meu lugar, como eu posso denominá-lo?” Essa pergunta é quase-uma-retórica, pois, o meu eu como corporeidade é indissociável do lugar social em que ocupo. Nesse sentido, escrevo em casa (é politicamente importante reconhecer essa condição) como um corpo (em rede porque na *internet* e/ou des-conectado para aludir a conexão

⁵³ Corpo trans não-binário, racializado, 22 anos. Marília, São Paulo.

complementar e contínua entre *on-offline*, abandonando a pré-suposição binária e/ou excludente de que, coabitamos somente em um contexto/gênero) trans não-binário, racializado e, que, no geral, está inserido em um contexto terceiro-mundista. Essas são algumas das autodenominações desse corpo que fala. Se por um lado, refiro-me a esta pergunta como quase-uma-retórica, é porque, por outro lado, ela desvela novamente a impossibilidade de todes nós falarmos fora do nosso próprio lugar.

Portanto, é fundamental escrever a partir desse lugar social que é atingido por violências simbólicas como projeções colonialistas estruturais que incidem sobre/no/pelo corpo e também, de outras formas, i.e., a partir das pré-noções de como este corpo deveria e/ou deve ser. Para re/começar a descolonizar o meu próprio eu, em primeiro lugar, compreendo que é urgente romper com as ficções coloniais que estruturam o meu-seu corpo como binário, uma vez que, historicamente essa foi a única forma e norma que nos impulsarem a conhecer e a reproduzir como uma normatividade compulsória no tempo presente. Segundo, mas, não necessariamente nessa ordem-evolutiva-linear ocidental, é doloroso o impacto bio-psico-social que afeta a compreensão do meu corpo fora de uma ordem de organização cisgênera e binária.

Logo, o que eu quero-impossivelmente-dizer é que, o meu corpo não-binário e racializado não existe formalmente em nenhuma instância formal. Se partimos da hipótese de que o meu corpo não-binário seja infectado e transmita o vírus do covid-19 e, posteriormente, este mesmo corpo morra, em qualquer que seja a instância, jurídica, médica, legal, educacional, institucional, estrutural, etc., seria como se meu corpo não tivesse existido de qualquer forma, pois não nos foi dado a conhecer a possibilidade de existência de um corpo não-binário. Essa é parte da dimensão colonial que nos infecta e me afeta. Nesse sentido, a morte de um corpo não-binário afetado pelo vírus do covid-19 é duplamente anunciada, em vida, se houver de fato essa possibilidade, e depois, novamente, em morte. O que isso diz ou quer dizer de um *cistema* colonizado propagador e propiciador de ficções corpóreas?

No entanto, também, demonstra uma comprovação da possibilidade de, em certa medida, do meu corpo fugir à norma pré-estabelecida compulsoriamente como binária: isso é descolonizar o eu. Por sua vez, denuncia ou reconhece a condição limitada de uma vida precária e precarizada.

Afinal de contas, quais seriam os outros sentidos evocados de/sobre/por um “corpo des-conectado”? Essa des-conexão está relacionada, também, com o dito “isolamento social”. Como um corpo se isola socialmente do real? Todes os corpos podem acessar essa condição de isolamento fictício? Quais são as possibilidades de se des-conectar da matéria real da vida que considero como convívio social? Isso cabe ser perguntado porque o isolamento não é “social”, mas físico, isso requer um exercício crítico e multidisciplinar de compreensão de que, um corpo não existe sem/fora o/do social e a condição de isolamento

despertou em mim essa possibilidade de descolonizar o meu-seu próprio eu/corpo.

Aparentemente isso soa confuso devido ao fato de que, corpos cis, corpos que, em certa medida, podem ser considerados a norma e perpetradores desta mesma, não experienciam a identidade de gênero igualmente aos corpos trans. Um vírus que infecta um corpo trans, também, é possível de infectar um corpo cis, mas não afeta socialmente do mesmo jeito. Isso desvela mais uma camada da história colonizadora dos nossos corpos na cisnormatividade (e no cenário pandêmico). Por que essa condição me infecta/afeta? Ou por que não me infecta/afeta?

Outro fator importante para romper com ficções cisgêneras no cenário pandêmico está relacionada com a noção espaço-temporal. Para começar, o meu-seu corpo está inserido dentro de um espaço e localizado no tempo, a partir disso, o babado é o seguinte: a identidade de gênero se performa espaço-temporalmente. Meu corpo trans não-binário racializado e terceiro-mundista em processo de descolonização diária e, nesse momento, em isolamento físico, está mais seguro em casa do que estaria na rua. Para além de que, em casa as chances de se infectar e transmitir o vírus do covid-19 são diminuídas, estar em isolamento físico é uma possibilidade de assegurar, minimamente, a continuidade da vida desse corpo trans. Novamente pelo motivo de que, no cenário cis (pandêmico), a normatividade compulsória impõe uma ordem espacial (preferencialmente, privada) e performática do gênero e da sexualidade que é temporalmente e/ou historicamente colonial, estabilizadora, linear e heteronormativa de como um corpo deve/deveria ser ou como deve/deveria se relacionar com outros corpos. Um outro babado é que ao contrário de uma ontologia do gênero, existe uma construção colonial do corpo e, conseqüentemente, das possibilidades performáticas do gênero e das identidades de gênero, também. Todo esse babado implica dizer que: muito provavelmente, se meu corpo não-binário estiver na rua (ordem espacial pública), não somente tenho mais chances de ser infectado quanto mais chances de ser assassinado pela cisnormatividade e seus atos transfóbicos.

Como sabemos, e como é politicamente necessário desmentir o desgoverno de Bolsonaro, a situação brasileira no cenário pandêmico não é das melhores. Atualmente, sabe-se que as notificações do país o destacam na América Latina e no mundo como sendo um dos que mais se infecta e se morre pelo covid-19, apesar das controvérsias nos seus registros (El País, 2020). Como se isso já não fosse preocupante, o Brasil, também, é o país campeão de assassinatos de pessoas trans mundialmente (ANTRA, 2019). Isso demonstra e articula, sobretudo, descolonizando o imaginário social, da extrema vulnerabilidade que estão expostos os corpos trans no país. Então, se eu não morrer este ano pelo vírus da covid-19, posso morrer pela irresponsabilidade compulsória da cisgeneridade em colonizar o meu corpo com suas fantasias normativas e normatizantes.

Como/onde corpos trans pretos estão no cenário pandêmico?

O Brasil foi e é colonizado, “pasmem”. O que nos foi dado a conhecer como sendo atualmente “Brasil”, não é na sua maioria branco. Para “escurecer”, o denominado Brasil precisou afirmar e incentivar em diversas instâncias, políticas-econômicas-culturais e outras, o embranquecimento dos corpos como uma prática discursiva racial para aproximar o país de um ideal de civilização, sendo esta, exclusivamente a civilização nos/com/sobre padrões, costumes e corpos europeus advindos com todas as suas ficções sobre raça, gênero, sexualidade e outros ideais colonizados.

Contudo, a continuidade do projeto colonial não saiu como fora planejado e historicamente, o país foi e é construído por corpos chamados de negros e indígenas, que foram e são, entre inúmeras violências brancas e coloniais possíveis, dominados, escravizados, sequestrados, exterminados e privados de suas ancestralidades e conhecimentos originários. Para re-antropofagizar os corpos colonizadores, seus projetos e processos colonizatórios: sobrevivemos e sobreviveremos. Assim nos ensina, Linn da Quebrada (2019): “e que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias”.

Então, como/onde eu estou inserido nesta história? Meu corpo é afetado pela lógica do sistema-hétero-“patriarcal”-colonista-branco-neoliberal e, agora, no cenário pandêmico, sou levado a pensar que não tenho saída. Mas, como isso se relaciona com o isolamento físico (tanto como diretriz da OMS quanto como vida cotidiana de um corpo trans)? “Sem saída” serve como uma boa metáfora para refletir sobre as diversas narrativas impostas sobre o corpo e a higiene. Em certa medida, tais narrativas são impostas pelos conjuntos de conhecimentos científicos hegemônicos destinados à saúde pública universal (“universal?”), bem como, pelo isolamento físico perpetrado pela branquitude cisgênera.

Para iniciar, é necessário desmantelarmos as mesmas ficções cis-hétero-brancas de segurança e higiene, pois, da perspectiva de um corpo trans não-binário racializado, o discurso da saúde pública que é veiculado e midiaticado me remete, inevitavelmente, à uma experiência histórica e à uma possibilidade de vazão para eliminar os corpos detestáveis pelo *cistema*.

Isso não é inédito na história do Brasil, não é comum me deparar com os discursos sobre “higiene compulsória” e “segurança pública” como uma saída alvo para projetos genocidas de corpos deixadas à margem, seja pela falta de políticas públicas, assistência, violência policial e/ou outros inúmeros motivos. Tais corpos marginalizados que são marcados e às vezes, interseccionados socialmente, com raça, identidade de gênero, sexualidade, classe social, escolaridade, capacidade físico-motora, para citar alguns, é que são os alvos em potenciais e muitas vezes, recorrentes, de políticas higienistas e/ou extermínios. Não é raro, sabe-se que corpos pretos e, em especial, as corporeidades trans que foram empobrecidas e/ou deixadas à margem por um sistema-hétero-“patriarcal”-branco-racista que os usurpou a vida e o saber-conhecer histórica-

mente, devido à uma estrutural social, racial, sexual e de gênero no Brasil, são os primeiros a serem mortos. A pandemia pode infectar a todos, mas não afeta socialmente da mesma maneira um corpo em situação de vulnerabilidade (em seus múltiplos sentidos e significados) que foi acometido por um processo histórico colonial violento.

O que estou querendo dizer é que, os corpos pretos morrem mais do covid-19 do que corpos brancos (Medicina, 2020), os variados motivos envolvem, a disponibilidade financeira, possibilidade de acesso à saúde privada e/ou plano de saúde, a mobilidade, localização físico-geográfica, acesso à uma alimentação boa e saudável, etc, isso não remete à uma herança histórica do passado colonial em que somente os corpos brancos enriquecidos tinham acesso aos cuidados relacionados à saúde?

Interseccionar raça e identidade de gênero desvela um cenário ainda pior para os corpos trans, pois, no cenário pandêmico, houve um aumento na taxa de mortalidade de corpos trans no dito Brasil (ANTRA, 2020). Isso em função da necessidade de alguns corpos trans “desrespeitarem” (desrespeitar como alternativa de vida) o isolamento físico (ordem espacial privada) para trabalhar na prostituição, uma vez que é a sua única garantia de subsistência em um *sistema* capitalista neoliberal descomprometido com a vida e escasso de políticas públicas destinadas aos corpos dissidentes.

Nesse cenário, eu, corpo não-binário racializado, que intersecciono raça e identidade de gênero, estou em um lugar tanto de alvo como de denúncia (principalmente, neste cenário pandêmico) da falta de políticas públicas eficazes que visam dar conta (do mínimo, como cidadania e direitos outros à uma vida digna) dos corpos dissidentes e marginalizados na dita sociedade brasileira, e, além disso, é urgente a necessidade de uma reparação, compreensão e descolonização ética e complexa da história colonial passado-presente-futuro do Brasil.

Conclusão

Isso não é um término, mas um começo. Como diria Grada Kilomba (2019) ao citar Frantz Fanon para falar sobre o mito de Édipo ilustrar o genocídio de um povo (contrariamente ao que foi recorrente afirmado como uma metáfora para a traição): Quem pode saber sobre sua história? E quem não pode? Se não pode, por que não pode? Quem tem o privilégio de não saber? Aqui, eu, corpo não-binário racializado e terceiro-“imundista”, sou levada a pensar sobre a estrutura que beneficia a branquitude cis-hétero-“patriarcal” em não saber sobre sua história higienista, tanto no contexto da saúde pública quanto como metáfora para um genocídio histórico e em curso. Assim, eu, como um corpo falante, posso afirmar a minha memória e presença com/sobre/na história porque os carrego na minha corporeidade. Outro aprendizado que Kilomba me ensinou foi que, a memória é uma teoria do esquecimento, pode-se tentar não lembrar, mas é

impossível esquecer, pois, a experiência vivida permanece guardada na memória (no lugar do inconsciente). Dessa forma, já aconteceu e está acontecendo, permanentemente, memórias e saberes-conhecimentos descolonizados neste variado e significativo isolamento físico que meu-seu corpo experienciou no cenário (cis) pandêmico. Se meu corpo trans se tornar alvo do covid-19 e/ou da cisnormatividade, como saber se fui infectado/afetado primeiro por um vírus ou por suas fantasias coloniais de limpeza? Objetivo uma desobediência do sistema-hetero-“patriarcal”-branco-colonial como uma “profecia de vida” (PROFANA, 2020). Este é o primeiro passo para me re/ocupar comigo mesmo com auto-responsabilidade, auto-cuidado, auto-percepção e auto-validação do meu próprio eu, do meu próprio corpo descolonizado.

Referências

Benevides, Bruna G.; Nogueira, Sayonara Naider Bonfim (Orgs). (2020). Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE.

ANTRA (2020). Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/05/03/assassinatos-de-pessoas-trans-voltam-a-subir-em-2020/>.

El País (2020). Após recordes na contagem de mortes por covid-19, Brasil muda divulgação de dados e reduz informações. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/apos-recordes-na-contagem-de-mortes-por-covid-19-brasil-muda-divulgacao-de-dados-e-reduz-informacoes.html>.

Kilomba, Grada (2019). Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1a ed. Rio de Janeiro: Cobogó.

Linn da Quebrada (2019). Oração. Sentido Produções. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI..>

Medicina, UFMG (2020). População negra é mais vulnerável ao novo coronavírus. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/populacao-negra-e-mais-vulneravel-ao-novo-coronavirus/>.

Preciado, Paul B. (2017). Manifesto contrassexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições.

Ventura Profana (2020). Profecia de vida. Kuceta – Pós pornografia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aaT-R3oGJ94>.

32

QUEERENTENA: MASCARÁS, PLÁSTICOS E LUZ ARTIFICIAL

Alexandre Luiz Polizel⁵⁴

I

Creio que muitas histórias aparecerão, histórias de resistência, atraque e outros potenciais afirmativos. Mesmo em meio a histórias de luto, choro e distanciamento, há o processo de se afirmar. Talvez seja devido a isso que a *queerentena* surge como uma nominação de um entremeio, de um tempo em intensidade a qual ainda estamos vivendo e nos deixará marcas significativas no que *há porvir*. Me encontro, em pensamento, com aqueles que perguntam e compartilham se *há um mundo porvir*, como nos compartilha Deborah Danowiski e Eduardo Viveiro de Castro. Outros que viveram constantemente a força da peste, nos fornecem suas *ideias para adiar o fim do mundo*, como Ailton Krenak. Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas nos oferecem *encantamentos* para que não nos tornemos meras sobras viventes. Talvez soe sem graça iniciar histórias de quarentena mostrando encontros dados entre um corpo gay com amontoados de papéis velhos, de folhas amareladas e suas simbioses micóticas e acarídeas. Talvez pareça desinteressante uma *queerentena* que busca em grafias apócrifas – e aqui digo pois são escritos que não tem um pingão de interesse em definir alguma verdade – em tempos que os irmãos morrem e carecem da atenção básica para saúde, educação e segurança. Talvez pareça indizível falar de lignina, celulose e hemicelulose, em tempos em que uma peste respiratória emerge em meio a uma peste bubônica e milicosa. Talvez pareça inefável falar de caligrafias que auxiliam neste tempo a mover o pensamento, a viajar por outros possíveis e a poder encontrar outros corpos, em meio às narrativas afirmativas que se colocam *de front* aos genocídios, que o Estado e suas integrações com o Mercado fagocitário protagonizam. Talvez... Tantos talvezes que talvez tais formas sejam modos de pensar sobre *Cronos devorando seus filhas e filhos*, e estas filhas e filhos compartilhando acerca do que pensam durante esta consumação... É o pensar destas consumações que pretendo compartilhar...

II

Creio que na bruma pandêmica que modaliza o ambiente tornando-o opaco. O número de mortos é subnotificado. Apagões são orquestrados na plataforma que

⁵⁴ Jovem gay. Londrina, Paraná.

divulga as poucas vidas que foram contabilizadas e transformadas em número. Alguns são Messias, mas *não fazem milagre* frente ao *destino de todos*: a morte. A gripezinha escapa aos pulmões e torna-se atmosférica. Encontrar-se com o Outro em corpo é um absurdo, a peste pode residir no corpo do infectado. O contágio sonda no mais próximo, não o toque e não o deixe te tocar. Não fale próximo, escreva; não fale distante, é tempo de silenciar. Não se manifeste porque não é hora, aliás, a pergunta que ecoa aos quatro canto é: que(m) pode falar? Nada torna-se mais significativo do que essa bruma, a criação do sujeito contaminado, a possibilidade de ficar sem ar. Ao menos duas sensações me vem em mente. A primeira afetação é que o vírus democratiza o direito de matar, mas não gostaria de dizer isso para parafrasear Achille Mbembe, mas para relembrar. E o que relembrar? Dos corpos LGBTs os quais não podiam (se) tocar, não podiam ser relatos, pensados, eram todos contaminados (a SIDA os sondava, mas era só eles que ela sondava?). Oras, nos tornamos todos contagiosos, estamos todos (potencialmente) contaminados. A dificuldade da alteridade não realizada com o suposto enfermo agora é alteridade compartilhada – ou não. A segunda percepção é a de um novo símbolo que toma o ar do tempo: a máscara. A máscara nos cobre o rosto, nos coloca ao indagar, “*Quem somos nós neste período?*”. A mascarará cria barreiras sob a pele, dificulta o tatear dos poros. A mascarará esconde a cara, obstaculiza a possibilidade de direcionar o olhar ao Outro e o reconhecê-lo. A mascarará, ah, a máscara costurada por anciãs que alguns se põe a desdenhar, “*Só morrerão idosos*”. A máscara, a barreira protetora contra este agente etiológico que pode nos infectar e dificultar nossos movimentos respiratórios; a proteção que utilizamos para tal e nos atrapalha o respirar. A máscara nos simboliza que os ares do tempo são difíceis de respirar...

III

O tempo envolve o sempre uma relação com o espaço em deslocamento, de uma viagem. Ao retornar de uma viagem, ao início do pandêmico, deparo-me com uma mulher: luvas, máscaras, tocas, aventais, revestimento polimérico em seu calçado. Surpreende-me o que o medo faz ao lembrar-nos de nosso desamparo. Não resistimos à natureza e buscamos uma ciência para controlá-la. Não resistimos a responsabilidade sob nossos actos e produzimos um Deus para incriminar. Não resistimos aos efeitos de nossas condições-ações e encontramos um outro para culpabilizar. Não resistimos nem mesmo à nossa falência de compreender que não conseguimos sequer nos narrar. Quando nos deparamos com um vírus – agente que ainda discutimos sua característica de ser vivo, ou não –, que atravessa o mundo e marca seus rastros nas múltiplas “nações” possíveis, lembramo-nos que a resistência uma hora borra. Ao perceber que não resistimos nem mesmo resistir personificamos a mulher, personagem conceitual com que me encontro, passamos a nos plastificar. Plastificamos a comida,

plastificamos nosso corpo, plastificamos a cidade, plastificamos os lugares de possível vivência pública, plastificamos nossas bocas... Esquecemos que o plástico raramente possui condutibilidade, não transporta os calores dos afetos – os isola. Esquecemos a potencialidade do plástico em seu efeito isolante. Esquecemos que o plástico sobre a boca sufoca. Esquecemos que nosso canudo de papel vem empacotado em revestimento plástico. Esquecemos do oceano de plástico que deixamos e do qual já se alimentamos. Esquecemos que o plástico raramente é útil para construção arquitetônica de algo. Esquecemos que o plástico não apagará nossa condição de desamparo. Esquecemos, por medo e pelo conforto, de estar empacotado aguardando consumo. Os animais com medo, como somos, são os mais perigosos, eles dão o bote e avançam arriscando morrer.

IV

A distância, a separação entre dois pontos. Pouco se preocupou com a distância – a não ser aqueles que buscaram a produção de cursos utilizando de um mesmo docente para vender trinta mil aulas –, aparentemente sempre precisamos estar em algum lugar, situados em um ponto. Ah, como é difícil estar em um entre lugar; como é triste precisar se distanciar. A problemática é sempre problemática, me recordo de Friedrich Nietzsche em seu *Assim falou Zaratustra*; todavia há sempre uma resolutiva nova no mercado. Estão distantes, mas podem se encontrar em salas de *webconferência*. Estão distantes, mas comemorem seu aniversário em uma sala de *Skype*. Estão distantes, mas desengavete suas fotos antigas para publicar. Estão distantes, mas existe uma nova *tag* nas redes sociais. Estão distantes, mas existem vários cursos remotos para que possam se profissionalizar. Estão distantes, mas podem se lugar. Estão distantes, adoecidos pelo momento, mas temos terapias EaD para você se tratar. Estão distantes, mas ainda podem trabalhar. Estão distantes, mas aproveitem para publicar. Estão distantes, mas... mas não faltam cafeína e luzes artificiais para que o corpo não possa parar. Parar, não ir além, aproveitar o espaço-tempo em que se encontra e dele desfrutar. É a criação de um lugar que não depende de um ponto construído por algum sacerdote dos desejos – seja o mercado ou da religião – e sim da possibilidade de criar territórios existências para desfrutar. A pandemia nos convida a parar, refletir, meditar... A pausa gera mal-estar, não há dúvidas, “o corpo que se encontrava em movimento caso não encontre um conjunto de forças para anular as forças que o move mantem-se em movimento”. Parar o movimento externo e permitir o acontecer de um movimento interno nos leva a sentir o impacto da coalização de forças. É importante manter a distância, estar nômade e não se sedentarizar; contudo é importante demorar-se onde está.

V

Nada é mais tentador em meio a pandemia do que normalizar as atividades a distância. As relações sociais foram arrastadas para as telas: bendito seja o

computador e o celular. Achatados para caber em projeções de feixes de luzes pixelizadas. Deixadas transparentes sem calor, sem forma, sem odor, sem tato, sem gosto, inaudível... As luzes piscam e isso é o Outro. Perde-se a alteridade áspera, do sentir e do negociar; nas telas uma alteridade lisa, não conflitiva, igual. Os jogos realizados para criar e reiterar uma relação com o Outro são cambiáveis. A amizade é realizada com um clique de solicitação, e se desfaz se enfrentar nem mesmo a resistência do ar. A paquera é realizada com um deslizar de dedos para a esquerda e para direita, facilita a escolha de acordo com o perfil e nem mesmo os olhos precisam se deslocar. É a era das imagens, que tentadoras são as imagens. Me bombardeio com estas, gosto do *show* de luzes que um artefato tecnológico pode produzir, gozo vivendo de modo cibercultural. É isso que pedimos? Um outro mundo para viver é criado, enquanto este é pulverizado com o contágio de capsídeos revestindo uma molécula de RNA: *Nada é mais tentador que isso!*. Aliás, somos especialistas a criarmos outros mundos para nos refugiar. Quantos céus e infernos elaboramos criativamente para nos aguardar!? Quantos futuros não criamos para nos impulsionar!? Quantos passados inventamos para de nossa própria vida se interessar!? É isso que buscamos com as técnicas e tecnologias que temos, um buraco para nos entocar. Pena que nenhum refúgio suporta bombardeios, é preciso guerrear.

VI

Vivemos uma peste! Ah, é na peste que os ratos saem as ruas, as casas de fecham e não se vê o Outro. Ah, é na peste que os sujeitos somem, que a colaboração se esvai, e a competitividade aumenta. Ah, é na peste que se buscam responsáveis, que se mata o Outro, que seleciona quem deve viver. Ah, é na peste também que se percebe o que o trabalho os furtou, os afetos que estavam insensibilizados pelo tsunami do Saturno e pelos lugares que se frequentava. Ah, é a peste e em que nos distanciamos e percebemos o quanto estávamos antes distanciados. Ah, é a peste que nos mostra que cozinhamos a próxima peste, que consumimos florestas e vidas. Ah, é a peste que permite que os resíduos dos quais fingimos não existir nos visitam. Ah, é a peste que reflete nossa face e apresenta nosso desamparo. Ah, é a peste que nos interroga sobre o como vivemos... Ah, a peste é um presente, é um presente pois presentifica interrogações das quais esquecemos de nos perguntar. Mas nem toda a peste presenteia, e nem sempre o presente é agradável. Às vezes somos presenteados com peças desagradáveis das quais nos perguntamos se o Outro nos conhece. As vezes somos presenteados com objetos indesejáveis pois nos remetem ao que não toleramos em nós. As vezes somos presenteados com itens que memoram o que fizemos. Tríade pestilenta que nos elogia e retoma na mesma intensidade o que operamos em tempos (não tão) remotos. A peste capsídica nos interroga sob o que fizemos com os Outros modos de vida e o que estamos fazendo!? A grande questão é a pergunta que outra peste nos faz, a peste belicosa!? E o que fazer com o tísico belicoso que *bosteja!*? Que(m)

colocou o agente infeccioso sob as luzes!? Quem deseja armar e atirar? O risco a vida depara-se com duas pestes, a que presentifica o tempo e a que tira a vida, infelizmente a segunda utiliza uma faixa presidencial. É a peste executiva que é mais difícil de enfrentar, que adoece, sobe ao púlpito e convida seu rebanho a assassinar. É a peste dirigente que lembra que nenhum organismo mata mais que este, que com sua caneta Bic faz o povo sangrar.

33

ANAGRAMA

*Dinho Hortencio*⁵⁵

Hoje acordei com as saudades de outra pessoa. Uma mensagem de alguém do passado dizendo: saudades. Nunca mais encontrei, não sei mais quem é. Era só história e hoje me acorda. Tão esquisito.

A quarentena tem feito dessas, bagunçado tempo e espaço. Me pego o tempo todo vivendo em outro tempo. As virtualidades me relativizam o espaço. Tive até uma ideia para um podcast: eu, que tenho quarenta e três anos, converso com um jovem de seus vinte e poucos anos sobre músicas marcantes para nós, homens gays de gerações diferentes. Ao piano, outro homem gay de sessenta anos toca trechos das músicas que dão base à nossa conversa. Uma bagunça de tempo e espaço. Como essa quarentena.

Essa ideia tem martelado a minha cabeça. A gente se entende muito pelas músicas que cruzam nossa vida, como se elas fossem pontos no mapa para nossa história. Comigo sempre foi assim. Hoje aqui no meu apartamento, só, me sinto vivendo no meu quarto, na casa dos meus pais. Refúgio. Esconderijo. Um tempo em que ser gay era o inimaginável desejo. As cifras se revelavam nas músicas. Você reconhecia um “igual a você” no artista, em um conhecido que gostava daquela música, no amigo que revelava gostar daquela banda, ou que sabia tal coreografia. Mas tudo era tão distante e impossível. Longe feito o ano de dois mil e um.

E você, menino de vinte e poucos? Me fale sobre a sua canção. Sua música de estimação. E ele discorreria como a diva pop o fez perceber que poderia cruzar a fronteira dos gêneros e pintar suas unhas da cor que quisesse. Não é espantoso de lindo? O inimaginável desejo. Daí o Pedro (esse é o nome do pianista) tocaria a canção da diva, ao que todos cantaríamos em comunhão. Bem brega. Bem bonito. Eu escavaria na estrutura da música algo de remanescente da *disco music*, da *house* dos 90, do *synth pop* para dizer – sem dizer – para o menino de vinte poucos anos que o presente precisa reverenciar certos passados. Nessa hora o Pedro tocaria a melodia de um hino das discotecas dos anos setenta.

Tão esquisito. A quarentena tem bagunçado os espaços. Dentro e fora. Estou aqui em frente ao espelho, olhando para minha cara como quem olha para dentro. Lendo as histórias do meu rosto, ouvindo essa música. Ela vem de dentro, da

⁵⁵ Homem cis, gay, 43 anos. São Paulo, São Paulo.

minha cabeça, ou de outra anatomia mais adequada para uma música. Acho que vem do meu quarto. Não. Não o meu quarto de agora, mas o quarto que está dentro de mim, da casa dos meus pais. Refúgio. Perigo. A história que se escreveu no meu rosto é a do menino feminino, com medo do pai. O quarto é o lugar mais seguro para ouvir música e para ser com tranquilidade. Se eu abrir a porta o homem que não tolera o feminino – nem no menino – vira bicho. Tranco a porta. Não do quarto dentro de mim, mas do de agora, no meu apartamento, na quarentena. Com medo do pai... Está tudo bagunçado. Que dia é hoje?

Vou para uma rede social buscando me reconhecer. Sempre tive esse desespero: me reconhecer. Estou aqui olhando para a minha cara na rede social, como quem olha para fora. Essa ficção de mim mesmo. Tanta verdade nela... Tem filtro, tem meus cenários, tem a escolha do ângulo, as coisas que amo e tem afirmação: sou gay. Toca a melodia suave de um tema de filme clássico do final dos anos trinta e o Pedro – que nem está aqui agora – diz que para ele demorou tanto e foi tão difícil estampar sua verdade. A gente precisa reverenciar certos passados. Vou até o perfil do Pedro na rede social e lhe dou um coração, ou outra anatomia que se dá em espaço virtual.

Me sinto dando voltas. Deve ser porque o apartamento é pequeno. O espaço bagunça a quarentena. Ligo a vitrola – sim, eu tenho uma vitrola – e escolho o disco mais velho que eu tenho, que roubei da minha irmã: ABBA. Ela agradeceu. Gira a primeira música que pu, que pu, que pula porque ele está velho e riscado. O menino de vinte e poucos anos ri. Não o menino do podcast, mas o menino que eu fui. Ele não está nas redes sociais, nem imagina que isso existirá. Não tem *google* para salvar, nem grupo virtual para representar. Também não está aqui comigo. Ou está? A bagunça dá espaço ao tempo. Eu mostro a capa do vinil no espelho e explico que tudo bem. Sim, depois fica tudo bem. Danço como quem gira para ver a saia rodar. A gente ri da minha foto de saia que o homem pai tirou para me humilhar no futuro. Nem deu tempo, também não adiantaria, porque agora ele é passado e porque nem tem mais espaço para humilhação.

Que horas são? Já é de madrugada, já é outro dia. Teve nova contagem de mortes. Não tem número que conte a perda. Nada conta a dor do descaso. Meu primo morreu, por isso ele não está aqui hoje. Ou está? Morreu na pandemia que atingiu números alarmantes por conta do abandono do poder público. Não essa, a de oitenta e poucos. Descobri há algum tempo que ele tinha só vinte e poucos anos. Só conseguia me lembrar que ele era muito mais velho que eu. Tão esquisito. Aqui no meu apartamento, só, pergunto para ele: qual a sua música de estimação? Ele não responde. Me desespero porque me reconheço nele, mas não deu tempo de dizer.

Vou ouvir um podcast porque estou sem sono. Uma bagunça esse tempo. Acho que estou dando voltas na cama, só. Está tarde para mandar mensagem para minha irmã: saudade. Queria dizer a ela que ouvi esse podcast que fala sobre irmãos e eu chorei porque se não fosse ela, eu nem sei. Agora ouço risadas aqui

dentro. Não de mim, mas do meu apartamento. Deve ser porque ele é pequeno. A janela da cozinha é colada ao prédio vizinho. Duas namoradas estão bêbadas. Têm vinte e poucos anos e riem, e falam, e bebem, e são. Elas podem ser. Elas só se trancam no quarto porque querem, não porque precisam. Mas é bom trancar a porta do apartamento, porque o homem que não tolera o feminino está lá fora. Vivo. É quase um vírus, que nos obriga a trancar tudo para se proteger. Esse é o espaço: dentro, essa bagunça.

Onde está meu violão? Queria tocar aquela música que fala sobre a delícia de ser o que é. Não tenho a cifra, mas o Pedro deve ter. Queria ir à casa dele, mas ele tem mais de sessenta anos e precisa ficar sozinho. Por causa do vírus. Já era sozinho antes da quarentena? Porque tem que ser assim. Lembro do meu professor, igualmente gay, que tem mais idade do que o Pedro e sobreviveu à outra pandemia. Desde então está sozinho. Tudo está dentro e fora dele: o vírus, a pandemia, a solidão. Tudo bagunçado. Ele não tem rede social. Eu queria mandar um coração para ele. Queria fazer um podcast com ele. Espero que dê tempo. Daí eu vou chamar para participar um aluno meu que sobreviveu à pandemia que atingiu números alarmantes por conta do abandono do poder público, essa de agora. Mas já está bem. A vida dá voltas. Sim, depois fica tudo bem.

Ele é jovem (você sabe quanto anos ele tem) e não vive com a família desde que seu pai abriu a porta do seu quarto. Foi uma bagunça. Veio para São Paulo e se não fossem as divas pop, eu nem sei. A história que o rosto dele conta é de reconhecimento: ele se afirma. Ele pode ser. Anda de saia porque sim. Não tem espaço para a humilhação.

É o sol entrando no meu quarto. Lá fora aqui dentro. Coisas de fora que têm entrado aqui: delivery, o sol, risadas, saudades, redes sociais. E o tempo, essa bagunça. Não vou me levantar. Vou achar meu violão e mostrar nas redes sociais uma canção que é tão esquisita... Assim alguém se reconhece. E me dá espaço. Me diz que está bem. Nenhum vírus vai mais conseguir contar gente, tempo e solidão. O homem que não tolera o feminino vai girar de saia até que sua foto entre para a história como alguém que não existiu.

Todas as casas acordaram. Eu sei disso porque meu apartamento é pequeno e todas elas estão aqui, coladas. Uma febre. Um fôlego. É o sol entrando feito risada. Feito dois mil e um. Réveillon. Meninos e meninas e tudo o mais acenam com suas unhas pintadas das cores que quiserem. É preciso reverenciar certos fut, fut, futuros. Esqueci de desligar a vitrola, agora ela vai me revelar, nos vinis que contam minha história e que agora revisito nessa quarentena. Dentro de casa, dentro de mim. Pedro, tem tanto espaço para ser gay hoje! Espera tudo isso passar que a gente vai gravar um podcast. Sabe o que é isso? Você vai gostar.

Um som, aqui dentro no meu quarto. É o meu celular, uma mensagem: alguém me mandou um coração. Saudade.

Sou eu aos vinte e poucos anos. Tenho sono. Vamos dormir? Só.

34

APRENDER A DIZER “EU TE AMO”

*Diego Oliveira*⁵⁶

Era aparentemente mais um dia comum na minha vida. Mais uma segunda-feira em que eu acordava às sete e meia da manhã pra trabalhar, mas nesse dia eu não iria trabalhar. Muita gente não iria trabalhar. Estávamos em quarentena. O dia estava nublado, o céu estava cinza e havia muitas nuvens no céu. Provavelmente iria chover. Era um daqueles dias ruins, um dia daqueles em que a gente não quer sair da cama, um dia daqueles em que a gente só quer que o dia termine bem, assim como na canção de MPB. E que termine logo pra que um novo dia possa surgir.

Lembro que uma semana antes, num sábado, como de praxe em qualquer outro sábado, teve uma baladinha na Rua Augusta com os amigos. Lembro que bebi pouco, ao contrário do que sempre faço quando saio com os amigos. Aquela noite eu queria apenas me divertir. Queria ouvir música alta, ver os amigos, ver gente, dar risada e comemorar com o Pedro os nossos oito meses de namoro. Mas não abri mão de dançar. Dancei muito. Dancei até de manhã, até que os pés doessem e que meu corpo pedisse um banho quente e cama. No domingo, como de praxe em qualquer outro domingo da minha vida, porém com menos ressaca do que nos domingos anteriores, acordei depois das duas da tarde com a luz do sol entrando por uma fresta da janela que esqueci aberta na noite anterior. Pedro havia dormido com a cabeça no meu ombro como dormia todas as noites em que dormíamos juntos aqui em casa. Passamos um domingo bem preguiçoso: ficamos o dia todo de pijama, assistimos séries, um filme francês com o Louis Garrel no elenco, fizemos uma macarronada com molho branco que vimos no programa da Ana Maria Braga, comemos chocolate, reclamamos da programação de domingo da TV aberta e transamos duas vezes. Ou três. Não lembro.

Quando chegou a segunda-feira, às sete e meia da manhã, mesmo sabendo que não precisaria sair pra trabalhar, acordei. Olhei para o Pedro que dormia nu ao meu lado, acariciei seus cabelos pretos cacheados, cobri seu corpo com o lençol e fiquei alguns minutos admirando ele dormir antes de me levantar, escovar os dentes e tomar banho. Ele ficou na cama mais um pouco. Eu saí do banho, coloquei uma roupa confortável, preparei um café, fiz torradas e me sentei no sofá pra ver um pouco de TV antes de ligar o notebook e começar a trabalhar em

⁵⁶ Gay, pardo, 30 anos. São Paulo, São Paulo.

um texto que precisaria entregar no fim da tarde. Na tela, a palavra “urgente” piscava em letras maiúsculas no canto inferior esquerdo enquanto a jornalista, com a voz embargada e usando um tom mais sério e seco do que o normal, anunciava o agravamento da situação no país: o número de pessoas infectadas pelo covid-19 havia triplicado, assim como o número de mortes. Senti uma sensação estranha como nunca havia sentido antes. Era um pouco de medo, um pouco de desespero e um pouco de tristeza. Pedro acordou, vestiu a cueca e uma de minhas camisetas, sentou-se ao meu lado no sofá e me deu a mão. Ficamos em silêncio ouvindo o noticiário com nossas mãos entrelaçadas, mais apertadas do que o de costume e nossos ombros tensos diante da televisão.

Parecia coisa de filme de ficção científica. Não parecia real. Quis chorar, mas segurei. Vi que Pedro tinha os olhos marejados e o abracei forte. Muito forte. Senti seu coração batendo apressado e o abracei mais forte ainda até sentir seu coração se acalmando, até que os nossos corações batessem tranquilos, no mesmo ritmo, em sintonia. Sabíamos que seriam tempos difíceis, tristes e que esses abraços seriam comuns e essenciais para enfrentarmos os próximos dias, as próximas semanas e os próximos meses. Não dava pra saber o que iria acontecer. E isso aumentava minha crise ansiedade, até então controlada. Mesmo com um aperto no peito e a intensa sensação de incerteza do que viria pela frente, agradei ao universo. Agradei por ter um teto para me abrigar, agradei por poder ficar em casa trabalhando em home office e agradei por ter o Pedro, um homem incrível que me ama, ao meu lado nesse momento tão difícil.

Comecei a meditar pela manhã. Pedro me acompanhava apesar de nunca ter levado a meditação a sério. Depois, tomávamos o café da manhã, colocávamos uma playlist de música pop, fazíamos coreografias esquisitas e totalmente desordenadas, mas fofas para um casal de namorados totalmente apaixonados. Por último, mas não menos importante, respirávamos fundo para poder enfrentar mais um dia, dávamos um selinho e íamos cada para um cômodo fazer alguma coisa de trabalho mais confiantes e com mais energia. Às vezes dava certo, às vezes não. Mas pelo menos eram atividades divertidas e ocupavam nosso tempo, nos aproximava como casal, era um dos poucos hábitos saudáveis que criamos e ainda e nos fazia rir um pouco no meio de tantas notícias ruins, tristes e desanimadoras que víamos na TV.

Os noticiários mostravam a cada dia um aumento cada vez maior do número de mortos em nosso país enquanto a Europa mostrava índices cada vez menores. Isso mexeu comigo e com muitos amigos e parentes. Estava todo mundo desesperado. Passamos os quinze dias seguintes preocupados, mas tentando manter a calma. Os problemas em casa também contribuía para que a gente se desestabilizasse um pouco. Como em qualquer tipo de relacionamento, às vezes acabávamos brigando. Algumas vezes dormi no sofá e, algumas outras vezes, não nos falamos durante o café da manhã. Algumas vezes brigávamos e nos desculpávamos meia hora depois fazendo juras de amor um ao outro e pedindo

desculpas por palavras ditas no calor da emoção. No geral, fazia bem estarmos juntos. A gente se ajudava. Não só nos afazeres da casa ou com a louça que se acumulava por dias até que a gente lavasse, mas mentalmente e emocionalmente éramos imprescindíveis um para o outro. Pedro me consolava quando eu precisava e eu o encorajava quando ele acordava em um dia ruim, ansioso ou meio deprê. Fernando Vicente, um amigo da época da escola, ator há 20 anos, premiado por seus trabalhos no teatro, ligava todos os dias para contar que estava tentando escrever um monólogo, mas dizia que estava com bloqueio criativo. Conversar o inspirava. Ele morava sozinho em seu apartamento no centro da cidade. Estava solteiro desde que seu namorado tinha morrido em um acidente de carro no ano passado e ainda estava de luto. Ele estava triste e preocupado com o cenário cultural do país. A incerteza do que viria, de quando viria e se viria o assustava e fazia com que ele abusasse de remédios para dormir. Eu, como amante da arte, do cinema e do teatro entendia sua angústia e também temia pelo futuro. Não só pelo futuro da cultura brasileira, mas com o país como um todo. De repente, Fernando parou de ligar. Não atendia mais o celular, nem respondia mais os e-mails. Hoje, a irmã dele ligou para dar notícias. A voz trêmula deixava claro que algo estava errado. Suas palavras chegaram em mim como um soco no estômago. Nosso amigo se suicidou. Não aguentou a pressão do isolamento.

Nos dias seguintes me questionei o quão importante é ter amigos e o quão importante é que eles saibam que podem contar conosco. Quantas vezes eu tinha dito pra ele o quanto eu gostava dele? Quantas vezes eu disse para algum amigo que eu o amo? Provavelmente nenhuma. Mas, sim, eu amo meus amigos e eles são importantes para mim. É muito comum dizer “eu te amo” para um namorado, para nossos pais, nossos irmãos, mas dificilmente a gente diz “eu te amo” para um amigo. Parei o que estava fazendo e mandei um “EU TE AMO”, em letras maiúsculas, para todos os amigos da lista de contatos. Sem esperar nada em troca. Vários amigos me ligaram para agradecer a mensagem, outros responderam com um *emoji* de coração, alguns fizeram uma vídeo-chamada para conversar e até fiz um jantar virtual com um casal de amigos que não via pessoalmente desde que começou a quarentena e nos isolamos em casa.

Coloquei na balança tudo o que está acontecendo e avaliei ao meu modo, sem embasamento científico, só no achismo mesmo. Peguei uma folha em branco no *word* e criei uma tabela. De um lado, listei os pontos positivos e do outro, os negativos da pandemia. O Pedro me ajudou nessa parte, pois sou péssimo em criar tabelas, gráficos e essas coisas todas. Do saldo negativo consegui listar: perdemos o contato físico, despertamos tristezas e angústias que escondíamos diante das nossas rotinas conturbadas, perdemos empregos, perdemos vidas. Mas do lado positivo — onde pensei que não ia achar mais que dois ou três itens — acabei listando muita coisa como, por exemplo: descobrimos novas formas de nos relacionar, aprimoramos talentos, compartilhamos conhecimento e lemos

aquele livro que tanto queríamos mas estava esquecido na estante junto com outros tantos livros que queríamos ler, mas nunca tínhamos tempo. Se não lemos, pelo menos tivemos a oportunidade de ler. Agora, em meio a pandemia, descobrimos aptidões, aprendemos a respeitar o próximo, a olhar para nós mesmos com mais carinho e a nos cuidar. Em meio ao caos, aprendemos a administrar melhor o nosso tempo, a valorizar o abraço, o toque, os beijos, as amizades e o mais importante: Temos tempo de sobra para aprender a dizer “eu te amo”.

35

NÃO SEI QUE DIA DA QUARENTENA!

Nicole Bezerra Costa⁵⁷

Não sei que dia é hoje, se não fosse o celular, não saberia de fato que dia é hoje. Estou tentando de todas formas transformar esses dias em dias de autoconhecimento, de toque, de cuidado. Tem dias que eles são bons, e que consigo de fato transformá-los nisso, tem dias que eles são dias de choro, de tristeza, de briga interior, de posição fetal na cama.

A cama, um dos lugares que eu menos utilizava antes da pandemia, tem sido meu lugar quase que único no apartamento, e não, isso não é legal, porém, tem dias que é. Entre dias com vídeo chamadas pra matar as saudades dos amigos, dias de balada sozinha em casa, dias de choro enquanto vejo um filme de romance e me lembro o quanto ser um corpo não binário dificulta o afetivo, entre pizzas inteiras devoradas em minutos, e litros de vinhos em plena terça-feira, vou vivendo!

Mas, nem tudo é ruim. Sabe, tenho evoluído bastante nesse tempo, todos os toques e a descoberta de uma nova espinha tem me feito perceber que estou viva. Estou resistindo. Estou existindo. A cada dia que passa, me descubro ainda mais, me conheço ainda mais, e percebo quem sou. Sou um corpo não binário em completo descobrimento e completo contemplamento de quão incrível eu sou.

Aprendi que me conectar para que o outro possa se conectar comigo é necessário e libertador, e é isso, tenho me conectado a mim mesma. Percebi que o afastamento afetivo sobre mim, a culpa não é minha, o que mais percebo é o quão o diferente assusta as pessoas e faz com que eles não se aventurem na descoberta que eu sou.

Enquanto a minha rotina diária tem sido silenciada pela pandemia e pelo isolamento físico, pois, mesmo que pela internet, o social ainda tem acontecido, continuo sendo útil, continuo trabalhando em casa, porém, por eu mesma fazer meu horário de trabalho, a produção não tem se mostrado eficiente, os atrasos na conclusão de demandas tem se feito presente, as cobranças diante a falta de compromisso também aumentaram, e com isso vem as cobranças internas para eu ser o que eu era, mas como ser eficiente em um cenário onde cada vez mais o voltar a realidade se torna distante?

⁵⁷ Pessoa trans não binária pansexual, 27 anos. Iguatu, Ceará.

Sinto falta dos abraços, dos sorrisos amostrados que hoje se escodem entre máscaras, sinto falta do assoprar de uma vela de aniversário, de uma aglomeração ao som de um funk, dos filmes nas casas dos amigos. Tudo isso tem sido substituído pelas vídeo-chamadas, pelas mensagens de texto, pelas as ligações que tem durado horas, não, não nos abandonamos!

Estamos lutando de todas as formas para nos fazermos presentes mesmo em distanciamento. E diante disso temos conseguido perceber quem sim, quem não e quem nunca. Acredito que além de nos perceber, percebemos os outros, passamos a nos preocupar com os nossos próximos, com as famílias que perdem seus entes queridos seja pelo coronavírus ou pela truculência policial ou pela LGBTfobia que nos persegue todos os dias.

De certa forma, temos nos visto como unidos diante de tudo isso, por mais que não conheçamos as pessoas, nos sentimos tocados diante das notícias, da incerteza da volta a realidade normal, ao mesmo tempo que vemos novas possibilidades de nos encontrar, de nos comunicar, de nos orientar, e com certeza, a volta será pra um lugar que já não é mais o mesmo.

Os dias têm passado devagar, será que é uma chance da vida dizer “Ei! Tá na hora de você se valorizar mais!” antes eu me arrumava para ir festas, para ser notada, hoje, me arrumo para eu mesma notar a pessoa que sou. Hoje me arrumo para acompanhar as *lives* que tem sido as programações nos últimos meses. Hoje percebo o quão cultural nosso país é, e o quanto não valorizamos isso.

Hoje percebo que a vida sem cultura, não é vida. Que precisamos de cantores/cantoras, das peças de teatros, dos shows, dos filmes, e dos debates sobre a arte em nós e em nosso meio.

Percebemos a falta que faz a faculdade, os corredores dos colégios lotados no intervalo, o barulho da sineta sinalizando mais um dia finalizado, a ansiedade pré-prova, e os debates sobre as questões resolvidas depois dela, percebemos o quanto reclamar da aula daquele/daquela professor/professora nos fazia bem, saudades matar aula pra poder ficar deitada embaixo de uma árvore na praça central da cidade.

Percebemos o quanto sentimos falta das coisas, que durante o dia a dia nem notamos que fazem falta. O que aprendi nesse isolamento, foi o quanto sinto falta do que eu não percebia, do vento no meu rosto durante uma caminhada, das folhas da árvore do meu quintal caindo, das formigas que fizeram mais um caminho entre minhas plantas, dos vizinhos nas calçadas enquanto passava para ir ao trabalho e nos cumprimentávamos.

Tem dias que a minha única preocupação é em saber qual dia é o dia da terapia. Percebo meu privilégio de poder fazer terapia durante o isolamento, e de como isso tem me feito continuar os dias. Minha terapeuta sempre fala que devo caminhar mesmo com medo do que vou encontrar pelo caminho, ela não me deixa parar, na verdade, eu que tenho medo de parar, eu não posso parar, tenho que continuar.

Parafrazeando Engenheiros do Havaí “Eu não vim até aqui, pra desistir agora!” Eu tenho que continuar, por mais que haja perdas, que seja necessários deixar pessoas pra continuar a caminhada, tenho que continuar, afinal, estou em mudanças, e nem todo mundo acompanha esse processo, eu mesma quase não acompanho, porém eu sou a única pessoa necessária para continuar, somente meu pé pode apertar o freio, e por enquanto estou gostando de seguir.

Normalmente tenho percebido que minhas noites têm sido um pouco mais tristes, não bem tristes, mas, paradas. Organizei uma rotina, e normalmente a noite ficou para ver minha séries, filmes, ouvir minhas músicas, escrever meus textos, porém, a maior parte do tempo eu apenas fico pensativa enquanto escuto a mesma playlist de sempre, e percebo que não gosto de pensar, às vezes me dói pensar, mas às vezes me mantenho viva pensando, e quando durmo ou pelo menos tento, sempre coloco na minha cabeça que apesar dos dias terem se tornado iguais, o dia seguinte sempre será diferente, e tento vê-lo como um dia a mais e não a menos!

Hoje é mais um dia daqueles em que não quero levantar da cama! Me recuso a fazer qualquer esforço que seja para sair dela, me recuso a lutar contra a vontade que tenho de levantar e encarar tudo como sempre encarei, mas hoje, eu perco pra mim mesma. Não vou me levantar!

Já é quase meio dia, meu celular já tocou umas seis vezes, olho, é minha amiga, não atendo. Não quero ouvir ninguém, não consigo ouvir ninguém, eu não me calo, eu não abro espaço para ouvir outra coisa a não ser meus “eus” dentro de mim. Perdi!

Tudo dói. Viver dói, desistir dói, resistir dói! Meu gato mia por mim desesperadamente, talvez esteja com fome, ou, só percebe que eu preciso ouvir algo. Paro e penso se vale a pena deixar meu gato com fome por minha causa. Se eu morrer nessa cama, ele será a única testemunha de que não tentei sair disso, mas, e quem vai ficar com ele? Como ele vai se alimentar? Será que ele sabe onde guardo a ração dele? Porra gato, sério que você vai me fazer levantar? Te odeio por isso!

Enquanto coloco sua ração, ele se enrosca nas minhas pernas e me olha com cara de quem diz “você tem a mim e você é importante pra mim!”, impossível não chorar depois de todo o fracasso do dia anterior, quer dizer, de todos os dias. Não me lambe, sai daqui me deixa só e vai comer sua ração! Por que você insistiu em subir em mim? Eu não quero seus lambeijos! Para de lambe minhas lágrimas! Droga! Te amo.

Meu telefone toca, você mia desesperadamente, como se pedisse para que eu atendesse. Dou de ombros. Você derruba meu celular, como se implorasse por uma reação minha. Você vem até a mim, miando, e me lambendo, indo e voltando várias vezes até o celular. Não acredito que vou ser convencida por um gato!

“Oi amiga! Estou bem, só, dor de cabeça. Vir aqui? Pode deixar pra amanhã, tô meio doente, quero descansar. Se eu melhorar a noite te ligo! Beijos

Pronto. Tá feliz agora? Atendi o telefone. Agora vá comer sua ração e me deixa deitar novamente de onde eu não deveria ter levantado. Por que continua miando? Sua ração já está lá, sua água também e você sabe pular a janela pra ir fazer merda nas plantas da vizinha. O que mais quer de mim?

Vou ter que levantar pra fazer você parar né? Tá bem! Pronto! Tá feliz? Levantei, já sei que não posso me deitar se não, volta o escândalo novamente, vou procurar algo pra fazer.

Não tenho gato!

36

**MAMÃE, EU TÔ EM LUA-DE-MEL...
DO JEITO QUE O DIABO GOSTA***Ana Ester Pádua Freire*⁵⁸

Sempre achei que a gente saía do armário uma vez na vida. Ledo engano. O armário, como uma grande metáfora da intimidade, é um lugar de idas e vindas. O termo “sair do armário” vem da junção de duas expressões em inglês: *come out* (sair, revelar-se) e *skeletons in the closet* (esqueletos no armário). A primeira dizia respeito às debutantes que se apresentavam à sociedade, tradição bem conhecida pelas brasileiras de 15 anos. Já a segunda era usada como sinônimo de “segredo vergonhoso”. À junção das duas expressões, surgiu o termo *come out of the closet*, que foi traduzido para a língua portuguesa como sair do armário.

Usualmente, sair do armário significa assumir publicamente sua dissidência sexual e/ou de gênero. Esse é um daqueles momentos que todo mundo, que teve que passar por ele, se lembra bem. Primeiro, a gente sai do armário pra gente mesma. E esse é um daqueles processos que podem ser bem doídos. O armário é aquele canto do quarto, lugar da intimidade, onde guardamos – ou enclausuramos – aquilo que nos é importante. Pensei, de verdade, que essa seria uma saída única, doída sim, mas quase triunfal.

Mas, a vida, essa mulher atrevida, acaba nos mostrando que, em relação à sexualidade, há sempre muito o que se revelar. Quarentar e quarentenar me fez revirar os baús do meu armário. Isso mesmo, completei 40 anos há alguns meses, e depois dessa celebração, minha vida foi fechando vários ciclos em aberto. Em um período de quatro meses, eu terminei meu doutorado, fui ordenada ministra por minha denominação religiosa cristã, me mudei para os Estados Unidos e me casei!

Uma doutora lésbica, uma reverenda lésbica, uma imigrante lésbica e uma lésbica casada. Acho que meu mini currículo está do “jeito que o diabo gosta”! Mas, o que eu me tornei só faz algum sentido para mim, porque a quarentena me jogou pra dentro... dentro de casa, dentro do armário, dentro de mim mesma. Revirar os processos que marcam essa nova fase de minha vida é fundamental para que eu mantenha alguma lucidez.

Eu falo a partir de um lugar de muitos privilégios. Ser branca e de classe média me proporcionou possibilidades infinitas. Só posso quarentenar em segurança, porque esses marcadores me trouxeram algum conforto. E é esse

⁵⁸ Lésbica e teóloga, 40 anos. Kansas City, Missouri, Estados Unidos.

conforto que me faz poder usar a quarentena como tempo de retorno aos baús do meu armário. Todas as vezes que tenho que usar minha lesbianidade como adjetivo para o que sou, isso representa uma saída do armário. Mas, para sair, eventualmente, tenho que estar dentro. Por isso, retomo aqui a minha ideia inicial de armário como local de trânsito, de idas e vindas.

No Brasil poucas casas têm um *closet*, geralmente temos um armário comprado nas Casas Bahia, ou então um armário embutido, que já veio com o imóvel alugado. Esse é o nosso padrão. Aqui nos Estados Unidos é diferente. Os armários são *closets*, você entra dentro deles, alguns têm até lâmpada. Quem não se lembra de um filme de terror com alguma criança tendo que se esconder dentro de um *closet*? As dimensões do *closet* aqui são do tamanho dos nossos segredos, das nossas intimidades, das caixas de nossas personalidades.

Confesso que o baú mais mofado de meu armário sempre foi o do casamento. Eu sempre tive a certeza de que nunca iria me casar. Onde está a minha dignidade? Abandonei minhas convicções em nome do amor romântico? E a minha crítica feroz à cisheteronormatividade? Acabei eu mesma sendo enclausurada pela forma, pela norma? Não é possível que eu serei mais uma representante do ideal familiar religioso cristão! Pois é, a vida, essa safada convicta.

No dia 19 de março de 2020, há exatos sete dias em quarentena, eu e Nancy tirávamos um cochilo depois do almoço. Foi, então, que ela recebeu uma mensagem de texto de uma ex-aluna dizendo que, muito provavelmente, os cartórios iram fechar, por isso, se houvesse algum interesse nosso em oficializar o casamento isso deveria ser feito logo. Olhamos uma para a outra e dissemos: vamos! O processo tinha começado há alguns dias, justamente pelo medo que a pandemia já nos colocava. Aqui nos Estados Unidos, o primeiro passo para a oficialização do enlace é a retirada de uma “licença de casamento”. Você vai ao cartório, preenche alguns formulários e paga uma taxa. A licença é dada na hora. Com a licença em mãos você tem um período para oficializar o casamento, e, é claro, que não me lembro desse prazo.

Alguns dias antes da mensagem da ex-aluna de Nancy, nós decidimos providenciar essa licença. Os boatos de um *lockdown* anteciparam qualquer desejo nosso de nos casarmos. Se eu já teria que ficar presa no país por causa da pandemia, que esse tempo servisse também para o andamento dos trâmites do casamento. E isso sim sufoca mais do que o vírus do novo coronavírus: eu estou presa no país. Explico-me. Depois do casamento, é preciso dar entrada em uma papelada para mudança de status de imigração, ou seja, para que eu possa entrar e sair do país como esposa de uma cidadã. Geralmente, esse processo dura de nove meses a um ano. Agora já não podemos prever o tempo. O difícil de lidar é que, durante esse período, não é possível a saída do país. Se eu sair, o processo é prejudicado. Sufocantemente simples assim.

Fico imaginando se acontece alguma coisa com meus pais no Brasil. Eles estão em Belo Horizonte, MG, onde morei minha vida inteira, e as notícias sobre o enfrentamento ao novo coronavírus por aí são as mais desanimadoras possíveis. Enfim, “o que não tem remédio remediado está”. Não havia outro plano. O destino, esse (in)amigo implacável, se ocupou em enfiar o Plano B em minha goela abaixo. Para ir para casa – um dia, eu precisava casar. Para casar, eu precisava assumir o compromisso de ficar presa aqui. Um isolamento dentro do isolamento.

A mensagem da ex-aluna de Nancy nos obrigou a antecipar qualquer plano. Onde, como, agora? Nancy ligou para essa ex-aluna, que é juíza no estado do Kansas e perguntou se ela poderia se encontrar conosco no estacionamento de um *shopping*. O lugar foi escolhido por Nancy, porque justamente ali havia uma imagem de Amelia Earhart. Amelia foi pioneira na aviação dos Estados Unidos, autora e defensora dos direitos das mulheres. Ela foi a primeira mulher a voar sozinha sobre o Atlântico. As bênçãos de uma mulher como Amelia simbolizavam muito do que somos e queremos ser como casal. Decidimos improvisar a roupa de acordo com a temática da aviação. Nancy montou um figurino parecido com os que Amelia Earhart usava. Eu, ao contrário, estava mais para Tom Cruise no filme *Top Gun* (bem modestinha, eu). Pegamos dois anéis de tucum que usamos por causa de nosso compromisso com a Teologia da Libertação e partimos para o sim.

Precisávamos de duas testemunhas. A esposa da juíza e sua filha logo se prontificaram. Éramos cinco. Cinco pessoas em cinco minutos. Os abraços ao final da cerimônia foram receosos. Já estávamos em isolamento social, mas como não receber um abraço de parabéns pelo seu casamento? Nos abraçamos, meio e longe, meio sem jeito. Mas, com muitas risadas, nos despedimos daquele momento único. Um casamento lésbico, celebrado por uma juíza lésbica, no estacionamento de um shopping, sob as bênçãos de Amelia Earhart, em plena pandemia.

No caminho de volta, um silêncio tomou conta de nós. As palavras não cabiam ali. Esse era o meu primeiro casamento. Esse era o quinto casamento de Nancy. Eu reverenda ordenada pelas Igrejas da Comunidade Metropolitana, ela Bispa na mesma denominação. Eu teóloga, ela professora de direito aposentada. Eu sem filhos ou sequer desejos maternais, ela com um filho e duas netinhas. Eu 40 anos, ela a poucos dias de completar 70. Eu com medo, mas feliz, ela também.

Ah, o armário. Dele tirei mais um aspecto importante de minha sexualidade, o amor intergeracional. Essa não foi minha primeira experiência intergeracional, confesso. A primeira mulher com quem morei durante seis anos era 19 anos mais velha do que eu. Mas, 30 anos é muita diferença. Ou, pelo menos, parece ser. Brincamos por aqui que os 70 são os novos 50, e que os 40 são os novos 80. A vitalidade de Nancy! Sou velha perto dela, e minha rabugice me torna mais velha

ainda. Ela é cheia de energia, de luz. Tudo irradia perto dela. Cheia de sonhos, de planos, de projetos. Quando ela fala, tudo por perto para.

Volta e meia me pego olhando para ela, vendo se faz algum sentido estarmos juntas. Minha resposta é sempre sim. Qualquer desejo de lua-de-mel em algum lugar especial acabou se tornando um passeio dentro de casa. Uma lua-de-mel em plena pandemia, em isolamento... sinceramente, me pergunto se poderia haver algo melhor do que isso. Acho que não. Enquanto nos preparamos para retornar ao convívio social, com familiares e amigos mais íntimos, completamos três meses em lua-de-mel. E, confesso, nada poderia ser mais perfeito. Seria heresia romantizar a pandemia? Muito provavelmente, sim.

Diante de tantas mortes, de tantas dificuldades, de tanto desespero, de tanta miséria, de tanta falta de esperança, experimento o que poderia considerar como sendo o melhor momento de minha vida. E tudo isso, graças ao armário, que me revela tantas possibilidades de existência que guardo em mim mesma. Experimentar ainda é possível. Quem como nós conhece a escuridão do armário? O forte odor de passados que não queremos presentes. Comecei essa narrativa com uma música de Lulu Santos, afinal, como boa quarentona, amo os anos 1980. Um pedaço da música diz o seguinte:

Da vida eu já conheço
A dor de não poder
Viver como eu queria
Mas uma coisa eu posso
E quando quero canto e canto
Lua-de-mel, ma-ma-mamãe
Eu tô em lua-de-mel
Eu tô morando
Num pedaço do céu
Como o diabo gosta!

Acho que é assim. Sufocantemente simples assim. Nas idas e vindas pelos armários de nossas relacionalidades, encontramos muita dor de histórias que deixamos de viver. E quando, subitamente, aparece aquela oportunidade de sair do armário para experimentar um “pedaço do céu”, só podemos agradecidamente dizer: “mamãe, eu tô em lua de mel”.

37

O QUE A COVID-19 QUER DE MIM?

Caio Henrique Moura de Almeida⁵⁹

Nada foi simples em minha cabeça quando descobri — muito criança — que o simples fato de eu ser o que eu era não poderia continuar existindo. Isso percorreu os meus pensamentos desde o início da quarentena. Estar em apenas um lugar, com as mesmas pessoas por um longo espaço de tempo ocasionou o aparecimento de sombras do meu passado. Porém, consegui seguir em frente ao longo do meu percurso.

Atualmente, namoro alguém. O nosso afeto é gigantesco, sinto-me amado em completude. Eu sei que essa é uma visão romantizada e exagerada, mas é o que me ocorre. Somos ambos afeminados, bichas. Tivemos alguns desafios parecidos, principalmente na questão da performance de nossos corpos. Compartilhamos os nossos tempos há mais de 3 anos. Os meus pais e minha irmã conheceram-no. Contudo, demorou bastante tempo para que eu encontrasse com o pai dele (com a mãe e a irmã eu tenho contato desde o início de nosso relacionamento). A quarentena possibilitou algo que era difícilimo de concretizar: que eu, Caio, namorado de Rodrigo, conhecesse o meu sogro. Meu companheiro enfrentou a recusa e resistência de seu pai, e disse, sem pesares: “O Caio virá aqui em casa, ficará aqui comigo, lide com isso!”. O pai de meu amado recusou me conhecer em diversas ocasiões. Ele evitava as reuniões familiares em que eu estaria presente — por exemplo, não compareceu à festa de Réveillon da família dele, porque eu estaria por lá, mesmo com sua esposa, filha e filho indo à comemoração. Em uma outra ocasião, ele compartilhou uma foto de meu *Facebook* (sem ter-me como amigo) e legendou praticamente assim: “Esse é o menino assustado e inconstante que está levando meu filho para outros caminhos”. Ele fez referência à legenda da minha foto “assustado e inconstante” e compartilhou-a em seu perfil. De qualquer forma, logo em seguida ele apagou a postagem. Nossa relação ficou em um grande vácuo afetivo por bastante tempo.

Inclusive, esqueci de dizer algo muito importante: eu mantenho um namoro a distância. Moro em Belo Horizonte e meu amado em São João del-Rei. Nós não nos víamos havia muito tempo — dois meses —, estávamos com saudades um do outro. Existia a possibilidade que nós dois fizéssemos o distanciamento social apropriado, juntos. Evidentemente, foi um grande risco fazer a viagem para a cidade dele. Eu poderia ter sido infectado. Ambos sabíamos dos perigos, mas

⁵⁹ Gay/Bicha, 23 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais.

persistimos. Era importante para ele e para nós, como casal. Não estive bem com a ideia de ir para a casa dele, sou extremamente inseguro, ainda mais no período da quarentena. Todas as minhas recusas anteriores, relacionadas a minha sexualidade e ao meu semblante, voltaram exacerbadas. Eu sabia que o incômodo que eu causava em meu sogro não era sobre mim, mas sobre o que eu representava, mesmo assim não conseguia estar em paz. O ser humano pode ser muitas coisas boas e muitas coisas ruins, eu também não sabia quem ele era, só o que falavam dele.

O que me restava era a minha voz, os meus pensamentos e o que eu acreditava. Caso eu sofresse alguma violência, moral ou física, eu poderia ser capaz de defender-me. Porém, tomar posições é uma tarefa árdua por causa de um gigantesco motivo: sou gago. Eu tenho sempre muitas coisas a dizer, faz parte de minha “natureza”, mas ainda não consigo lidar com o olhar do outro sobre minha fala. O silêncio que acontece entre uma palavra ou outra, e a repetição de fonemas faz com que eu fique desarranjado. Ainda bem que faço análise, isso tem mudado. Aprendi que posso estar desconcertado a todo momento e, ao mesmo tempo, seguir em frente com o que eu quero fazer. Posso agir com medo. Sou extremamente assustado, mas isso não é motivo para que eu me acovarde. Tenho pensado dessa forma, sei que há potencialidades em mim e quero testá-las.

Assim, vim para São João del-Rei em maio. Fui bem recebido por todos, até pelo meu sogro. Havia uma tensão muito forte de ambos os lados, talvez estivéssemos compartilhando o medo e a recusa da presença um do outro. Porém, estava sendo tudo muito novo para os envolvidos. A minha sogra, a minha cunhada e o namorado da irmã de meu amado também se encontravam na residência. Seis pessoas em um mesmo recinto.

Nos dois primeiros dias compreendi-me como um intruso. Todos eles sabiam das dinâmicas interativas de cada um e eu não tinha conhecimento de como eles agiam no cotidiano — nem eles sobre as minhas ações. Como gostavam que as louças fossem secadas ou as roupas estendidas? Isso pareceu um completo inferno na Terra em meu cérebro. Porém, tudo se resolveu com a minha constante presença.

Na casa deles há algo que não ocorre na minha: eles comem todos juntos na mesa, durante o almoço. Essa situação tornou-se intrigante. Era naquele momento em que eu encarava de frente, com mais firmeza, o meu sogro. Consegui perceber minúcias divertidas, constatações de que minha presença era nova demais e extremamente repulsiva. Quando começava a falar sobre algo, ele não conseguia pregar os olhos em mim. Era um diabo fugindo da cruz. Quando ele abordava sobre qualquer assunto (ele é extremamente tagarela), não conseguia olhar em meus olhos e expor o que queria dizer. Não foi fácil no início, achava que era algo pessoal. Contudo, consegui manter uma postura que deu determinados frutos, apesar de verdes: encarava-o sempre que podia. Não fugia o meu olhar da presença dele. Quis parecer convidativo e aberto.

Essa ação, de não recusa e da não exposição de meu desconforto, contribuiu para uma leve abertura da possibilidade de um desenvolvimento de nossa relação. Com o tempo, ele conseguiu, de forma breve, olhar para mim ao mesmo tempo que eu olhava para ele. Uma vez perguntei se ele e minha sogra queriam ajuda para colocar o cabo HDMI na televisão e, com grande surpresa, ele sorriu para mim e disse que não precisava porque estavam indo recolher as roupas secas no varal. Também existiu um outro episódio interessante: estava comendo ao lado dele na mesa e ele surpreendentemente puxou a manga de meu suéter, para evitar que a roupa tocasse a comida. Ele se permitiu tocar em mim! Fiquei tão assustado nessa ocasião, achava que qualquer tipo de toque voluntário da parte dele viria num momento inexistente. A partir daí percebi que eu, o Caio, estava sendo enxergado como um ser humano ímpar e não como uma representação de algo.

De uma maneira ou de outra eu tornei tudo isso como algo pessoal. Eu tenho convicção de que a recusa inicial não era sobre mim, mas sobre a relação dele com meu amado e, sobretudo, acerca da homossexualidade. Porém, é árduo separar o trigo do joio, não há como eu ignorar o fato de que isso envolve-me. A quarentena tem mostrado, para mim, que o confinamento possibilita afetos. Eles não estão sendo os mais ideais ou os mais desejados, mas estão presentes. Tenho entendido que os processos são lentos, não posso acelerar a visão de outrem sobre conceitos que em minha cabeça são óbvios de serem abraçados. As relações familiares são muito complexas.

O pouco tempo em que estou aqui — e devo voltar para casa em breve, pois meus pais estão com muitas saudades de minha presença — contribuiu para que a minha relação com meu querido Rodrigo chegasse em um novo nível. O fato de meu sogro ter “aceitado” que meu corpo estivesse presente em sua residência, mudou o ritmo invisível das coisas. A engrenagem agora é outra. Não somos melhores amigos, não conversamos mais do que com “bons-dias” e com elogios ao preparo de um determinado alimento. Tenho focado na linguagem não-verbal, mas não apenas eu. Cheguei aqui pensando que teria uma experiência insuportável, mas tenho tido grandes surpresas, mesmo com altos e baixos.

Esse período amargo foi capaz de solucionar uma lacuna na relação entre meu sogro e meu namorado. Se fosse em outros tempos, o desenvolvimento dessa dinâmica relacional estaria ainda mais lento. A (possível) nova percepção que meu sogro está (possa estar) tendo sobre a homossexualidade foi graças ao tempo em que estou hospedado aqui — há um mês. As pessoas só mudam as suas respectivas visões de mundo quando presenciam momentos. A experimentação é impactante. Às vezes as palavras podem mudar comportamentos e entendimentos, disso eu não tenho dúvidas, faço terapia e acredito no poder da conversa, sei dessa potência. Contudo, o incremento das palavras com as ações e performances podem reformular um ser humano num piscar de olhos. E digo isso não visando a rapidez das mudanças, não concordo

com a agilidade desenfreada que as coisas têm que acontecer em nossos tempos. Digo isso pensando que criamos nossos próprios caminhos, opiniões, visões, interpretações, quando usamos os nossos cinco sentidos dentro de uma determinada experiência. É necessária a exposição. Por isso, hoje mais do que nunca, entendo que para viver e para amar é necessário expor-se. Cada um de sua maneira, cada um em seu tempo, cada um de sua forma. O confinamento contribui em dobro para isso. E, sem sombra de dúvidas, estou radiante com os rumos que as coisas estão tomando. O mundo real pode ser grotesco, ainda me sinto desconfortável por aqui, mas sigo em frente. Apenas sigo. E penso, reflito.

As minhas emoções foram para diversas direções nesta casa. Consegui driblar minhas angústias lendo e usando um caderninho (escrevo frases, trechos e poemas que me impactaram e também permito-me criar novos entendimentos e histórias). “Ser recusado pelo meu sogro/ não pode tornar-se um gozo/ de sofrimento num corpo amoroso/ Entenda: isso é mesmo doloroso”. Não sou bom em construir poemas, mas, por algum motivo, em momentos extremos gosto de produzi-los. Acima está um trecho de um poema que escrevi quando estava no auge de meu desconforto. E, de fato, eu estava certo: é realmente doloroso, mas não preciso deixar essa sensação dominar-me. Além disso, refugio-me na literatura e na escrita, pois é difícil, para mim, falar sobre esse assunto de forma aberta e totalmente sem filtros. Não posso dividir tudo com meu companheiro e também é difícil com que eu exponha tudo o que sinto com minha psicóloga — estou sendo consultado de forma online e por estar na casa de meu amado, as chances de eu ser escutado são maiores, a acústica da casa tem seus problemas. A gagueira, inclusive, que é algo que me traz dores de cabeça, está inativa quando busco métodos de alívio que não utilizam a fala.

O percurso agora é outro

A pandemia da covid-19 tem mostrado a todos e todas caminhos muito singulares, travessias dolorosas e, sobretudo, visões reformuladas. Hoje recebi a notícia de que meu pai foi demitido de seu emprego. Ele obtinha a maior renda de minha casa. Eu, meus pais e minha irmã tínhamos planos de nos mudar de casa, queríamos uma residência mais confortável e que nos desse privacidade. Infelizmente esse sonho teve que ser adiado e eu estou imobilizado. Foram tantas surpresas que março, abril, maio e junho de 2020 proporcionaram-me. Eu entendo que neste momento eu preciso agir e ajudar com mais firmeza os meus pais nas contas de casa. Tenho feito isso desde abril, quando a quarentena foi necessária e afetou em minha renda familiar (antes de ser demitido, meu pai foi dispensado). Sei dos percalços que é ser gay afeminado e gago. Entendo as dispensas que obtive em vagas de emprego ou de estágio por causa disso. Dói-me saber a inexatidão de meu destino.

Comecei o texto falando de uma experiência e acabei-o falando de outra. O fluxo da vida tem mostrado que existe e que não dá avisos prévios. Suponho que

é hora de aceitar as coisas, pois o que aconteceu terá acontecido. Não há mais nada que eu possa fazer. Pretendo voltar para Belo Horizonte na semana que vem, encarar de frente as feras que preciso conhecer. O meu maior desejo é que as pessoas certas entrem em meu caminho, gostem do que demonstro ser e possam contribuir para as mudanças que quero realizar em minhas vidas e nas vidas daqueles que amo com muita intensidade. A quarentena tem sido o puro caos. Neste momento, sinto-a insuportável. O que a torna enfrentável é a presença de Rodrigo. Ele escuta-me, ajuda-me (até financeiramente) e contribui para as minhas melhoras. E digo isso visando a potência de meu relacionamento, que favorece o meu avanço como pessoa. Então, é hora de mudar-me mais uma vez. Encarei meu sogro, agora é hora de presenciar a queda de minha renda familiar e a frustração de sonhos não realizados. O que você quer de mim, Corona?

38

CARTAS DE AMOR SÃO RIDÍCULAS

Ana Luiza Torres Figueira da Silva⁶⁰

o mundo começou a desandar desde que você foi embora. não meu mundo, mas o mundo. me lembro perfeitamente a manhã do segundo turno, depois daquela festa onde prometemos várias coisas num monte de ilusão e serotonina. nada aconteceu como a gente sonhava. o dia amanheceu cinza, meio que a gente já sabia.

agora, estamos assistindo onde tudo isso vai levar. congelados atrás da tela dos celulares, exatamente da maneira que estávamos antes. alguns sozinhos, outros presos no mesmo grupo de pessoas por maldição ou não. espero que esteja bem — acho que tá né? — e sobre o meu mundo depois daquilo, tudo bem. não desandei da mesma maneira, mesmo assim insisto em ficar. também, não tem muito aonde ir agora.

estamos, também, presos em nossos corpos, anulados. as existências foram ainda mais digitalizadas, somos por trás de telas. vendo evangélicos e milicianos destruindo o nosso país. muita, mas muita gente morrer, e não só de *covid*. buscando entender como reagir diante dos delírios do governo fascista enquanto uma epidemia desafia a humanidade. tudo pela internet. sem ter mesmo muito o que fazer além de repensar e transformar costumes de dentro de casa. obrigados a viver em bolhas, no micro, isso pode ser uma oportunidade.

nunca tive muitos amigos, lá não foi diferente. nem sabia direito sobre a epidemia. antes era só uma tosse, muita tosse, pensei que fosse a friagem ou o haxixe dos angolanos. era muita dor de cabeça, de não poder abrir os olhos, aí veio enjojo e incontáveis dias me arrastando da cama para o banheiro. aquela pequena amostra me fez sentir que poderia morrer sozinha. ninguém ficaria sabendo. nas noites, enquanto me afogava, imaginava meus mortos que já poderiam vir me buscar. aí, pensava no proprietário do imóvel que encontrava meu cadáver no mês seguinte. indo cobrar o arrendamento. nem poderia avisar minha família e este seria o meu fim. resolvi mandar o telefone do sr. tiago para a minha mãe.

só fui entender que era *covid* depois. daqui, assisti o que realmente estava acontecendo. tem muita gente morrendo em casa, uma morte incerta, qualquer um pode se entregar. pessoas abandonadas pelo estado morrem em suas casas,

⁶⁰ Bissexual, 28 anos. São Paulo, São Paulo.

nas ruas e nos corredores dos hospitais. a angústia dos pacientes entubados, desligados com hora e documento para poder lutar pela vida. sem planejar ou se despedir. nosso corpo se tornou uma ameaça para a saúde das outras pessoas a ponto da gente morrer sozinho. famílias não podem se despedir, nem da gente, nem do corpo. tenho amigos preparando velório e testamento para poupar os filhos caso algo aconteça. percebi que a verdadeira solidão do coronavírus é a morte.

no brasil já era carnaval. tentaram cancelar os blocos de rua no *whatsapp*. a gente deu risada e virou meme na internet. podia até ser prudente porque bloco do jardins viaja para a europa. nunca vamos saber. enquanto isso, eu estava me afogando, vomitando e sentindo a maior urgência em falar com você. sozinha e sem contato próximo com outras pessoas, eu nem imaginava. foi mais de uma semana sem conseguir levantar da cama. e quando saí, o mundo já estava diferente. foi um susto, entendi que ficaríamos daquela maneira por bastante tempo. vim correndo para o brasil.

tudo já estava bem esquisito por lá, europeus ainda mais reacionários e xenofóbicos, muito medo do estrangeiro. a miscigenação enfraquece o pensamento eurocêntrico, né? os olhares... uma resposta descarada. notre dame pode ter sido um marco nesse climão, acho possível. foi na mesma época que Bolsonaro virou presidente, se me lembro direito. o mundo já estava estranho. e agora, nem imagino o que pode acontecer com a gente. sinto também um pouco de responsabilidade, aquela história de estarmos construindo o mundo do séc xxi. como, também, podemos deixar passar batido, não sei. é muita gente pensando novos meios e agora que tudo congelou pode ser um bom momento para transformações.

você também tá sentindo o mundo mais unido? mesmo com tanta escrotice e irresponsabilidade.

parece que o bom senso tá ganhando espaço na vida das pessoas. espero. e os seus dias, também estão mais curtos? sinto que semanas equivalem aos antigos dias, os acontecimentos se deslocaram e mesmo assim dá tempo. como estão seus pais? e as crianças? deve estar sendo uma função. e mesmo triste, a gente sempre consegue trabalhar. parece que a estamos vivendo na literatura, uma espécie de realismo mágico meio futurista. todo mundo preso num mundo digital por causa de uma epidemia, políticos sem noção e caricatos. o humor e imaginário dos brasileiros acompanhando tudo isso. as catástrofes naturais, o ecossistema respondendo tudo, os dilúvios, as secas, as mudanças climáticas. a regina duarte...

pensando em quando fomos congelados, se a gente pudesse se preparar pelo menos. aquela brincadeira de escolher quem levar para a ilha deserta, ou qual momento parar o tempo. a gente pode até brincar de eternizar as coisas no *instagram*, mas é a maior mentira, vai. os momentos reais e amor não são vividos

na internet. isso está mais claro do que nunca, porém não podemos negligenciar o afeto digital que estamos explorando e valorizando pela impossibilidade.

se fosse para escolher, teria algumas opções como o tapete da sua sala, o sofá-cama que pode escrever e falar sozinha durante horas que o seu fone segura. a rotina de PS4, os passeios de carro na madrugada. quando eu lia livros em voz alta e você fingia que escutava. a gente no patinete indo comer hambúrguer, as noites. o gato, sentar na padaria. o bar no mangue.

ana luiza

são paulo, 9 de maio de 2020

15o C

03:50

39

LÁ ONDE ESTOU EU, O TEMPO É OUTRO

João Victor da Fonseca Oliveira⁶¹

Um dia escrevi que tudo é autobiografia, que a vida de cada um de nós a estamos contando em tudo quanto fazemos e dizemos, nos gestos, na maneira como nos sentamos, como andamos e olhamos, como viramos a cabeça ou apanhamos um objeto no chão. Queria eu dizer então que, vivendo rodeados de sinais, nós próprios somos um sistema de sinais. Seja como for, que os leitores se tranquilizem: este Narciso que hoje se contempla na água desfará, amanhã, com sua própria mão, a imagem que o contempla.

José Saramago, *Cadernos de Lanzarote* (1997)

o silêncio tardou a chegar. antes veio a solidão, a solitude, o desânimo, a desesperança, o caos, o medo, o pavor, a incompreensão, o tédio, o descanso, o cansaço do descanso, o vazio, a ocupação, a distração, a passagem do tempo, a agenda atrasada, o compromisso cancelado, o quarto constantemente desarrumado, o susto, o curso, a palestra, a live, reunião disso, reunião daquilo, a rotina, a troca, o provisório, o temporário, o estendido, o adiado, a vida-entre, o ainda-não.

a quarentena prometia um tempo de recolhimento, de reflexão, de reconstrução dos valores pessoais, de escolhas revisitadas e outras dissimulações. proposta adiada. o caos não permite planejamento. o tempo urgente não cede espaço para meditação burguesa. o tempo da sobrevivência não negocia com a intenção. os dias correm como os números de contágio. quando vemos já se passaram meses, já se foram milhares.

inumeráveis.

como são minhas tentativas frustradas de organizar o caos. de atribuir sentido à esta experiência fragmentada. em aberto. ainda assim, talvez eu possa contar o que vejo da minha janela. janelas, contudo, são sempre enquadramentos. reduzem o valor da experiência, mas anunciam a renovação necessária de todo cômodo, através dos ventos, mais ou menos tímidos, que levam embora a densidade da noite passada, não sem arrastar poeira.

⁶¹ Bixa Católica, 23 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais.

abro a janela. falo neste instante. único tempo que disponho. entre o passado e o futuro: o instante. não estou preparado para inventar o agora, para pensar o presente. o futuro suspenso dói. não porque fossem grandes minhas expectativas sobre ele, mas porque só resta o presente. ele não perdoa. não desfaz o incômodo. não aceita adiamentos, nem compensações. ele solicita presença. ocupar o presente é agir sobre ele. interromper o tédio também é uma luta contra o tempo. perdida e necessária.

dia desses, saí de casa. depois de um longo tempo sem colocar o pé na rua. minha mãe faz as compras quando volta do trabalho. (tem sempre alguém pagando a conta das empresas, e não são (só) os patrões). fui me vacinar contra a gripe. sou professor, faço parte do grupo prioritário. aproveitei para ir ao banco resolver um problema com meu aplicativo do celular. apesar da conta, até aquele momento, sem o salário do mês. coloquei a máscara. o cenário era de total estranheza. caminhei até o banco olhando o cenário de pavor. pessoas com o nariz fora da máscara, coçando os olhos, tirando a máscara para conversar. gente sem máscara. no caminho, guardas municipais correram para pegar uma pessoa que acabara de roubar uma loja. algemado, ele ria, diante do constrangimento, filmado por outras pessoas. algumas delas, tiraram a máscara para gravar com seus celulares. ah... as fotografias, as filmagens... provas incontestáveis da experiência (?). escutei 3 pessoas, em momentos diferentes, falarem da falta de comida e da aflição em que estavam. olhei para baixo: a máscara me protegia, também, da vergonha e da frustração que senti. cheguei ao banco com medo. mantive distância. entrei. meu celular não tinha armazenamento. o aplicativo não funcionava. a internet parou. com raiva, fui para o posto me vacinar. ao chegar, fui avisado que o estoque estava acabando. parecia bom acreditar que "ainda bem, cheguei primeiro". não era. subi o morro, voltei para casa. tirei os sapatos. a roupa. fui tomar banho. lavei o cabelo e as lágrimas. sequei o medo e o desânimo. continuei. coloquei-me no lugar dos meus alunos que não têm internet. da falência de um governo medíocre que não garante a vida, nem a saúde do seu povo. da diferença que faz a Educação e a consciência social — e do seu poder curativo. diante de uma política de morte, que não só manda matar, como deixa morrer, não há prioridade para os pobres, nem para os trabalhadores. essa escolha é política e não tem vacina para a hipocrisia. depois de pouco mais de duas horas, voltar para casa foi, antes de tudo, uma necessidade. Isso que faz doer a tanta gente não passa com a quarentena. não bastam as máscaras. as algemas não disfarçam o caos.

dia seguinte. disposição. acordo cedo. adrenalina que nem eu explico. o sol aparece. amanheço em mim. sensação de alegria. tão fugaz quanto o tempo, é minha expectativa sobre ele. faço o que é possível. projetos na mesa, não dou cabo a nenhum. boa mesmo é a sensação de achar que tudo é possível. o tempo é outro.

falo com os amigos. pratico yoga. trabalho. procuro os cursos *onlines* que prometem alguma produtividade que aplaque a culpa. infâmia. riso largo, troca

de canal. filme. uma coisa aqui, outra dali. o céu também já não é o mesmo. o banho mais demorado relembra o corpo onde habita a existência. conversas inéditas em família. outras, melhor que permaneçam censuradas. não há quarentena que anule a força do risco. o café tem um gosto especial. o fim da tarde aguardado, ganha plateia. as plantas têm atenção. tudo parece ter novo ritmo, gesto e superfície. a vida é possível.

também os espaços se recriam. a cama não tem pausa, a cozinha não é mais passagem, torna-se paragem. a sala é agora um olho-que-tudo-vê. o correio é um evento. o quintal, um alívio. o dia encaminha seu fim, num traquejo que pleiteia alguma consciência sobre o que foi feito. restam as esperanças para o dia que virá. mas com ele, vem o passado. nem sempre tão fácil de prever.

já o passado, ele pesa um pouco mais. no instante, não tenho tempo para gangorrear entre a frustração e o esquecimento. As marcas e as dores, todas juntas, barganham com a alegria e a satisfação, demandando algum reconhecimento. não existe nenhum tempo que sobra que não me lembre dos restos. a pandemia expõe minha precariedade, a qual visito e reconheço a metros de distância quando penso em sair do quarto e de casa. ela não passa com a pandemia. *know-how* de fim de mundo é parte de toda experiência “abjeta”. dessas que conheci no primeiro contato com alguma verdade sobre mim mesmo. reconhecido o desejo, veio a sentença. desse passado que o instante me permite recordar, permito-me sentir algum alívio na reclusão. conforta essa pausa do mundo que não perdoa o tempo de ninguém. por isso, eu tenho medo do silêncio. ele fala o que eu nem sempre quero ouvir. contraditoriamente, devo admitir, há algum conforto no caos. ele suspende a coerência, permite o inacabamento, o provisório, o não-feito. o caos, às vezes, é um alibi.

mas o silêncio veio. trazendo aquele barulho que a rotina suspendia. veio me lembrando das questões há muito sem respostas. debulhando o espanto e a aridez. ele veio. com ele, o privilégio de um quarto e a redenção da palavra. meu lugar no mundo. no quarto, onde a intimidade pode existir sem constrangimentos, é onde passo a maior parte dos meus dias. o mundo visto daqui parece não ter tanta força sobre mim. meu corpo protegido parece proteger minha intimidade. nem sempre possível. os limites do mundo são físicos, como é também toda coragem, dizia foucault. as ideias sobre o mundo descansam num corpo sem endereço, deslocado em si mesmo, que não se coloca quando não sabe para onde ir. mas isso é justo e necessário, é meu dever e salvação, dar graças sempre e em todo lugar. talvez seja verdade que todo começo exige um fim. a aparente angústia converte-se em consciência e barro, de onde emerge nova criatura. este é também um tempo de passagem. pequenos proveitos que tiramos da tragédia, resistindo à destruição.

mas não me basta o silêncio. quero o grito que denuncia o silenciamento. quero o luto que lamenta os mortos. os quantos morrem, morrem para alguém. essa precariedade me atravessa. um rastro, um resto e um risco. sobre os vivos?

ah! aguardo a vacina — mas não aquela que alvitra um ‘novo normal’. desejo a imunidade contra os pedágios que cobram ao corpo pelo que não lhe emprestam. desejo a imunidade contra os tribunais da normalidade. estar imune aos gritos de ódio, dissipando todo eco que possam ter. a cura é corpórea, toda liberdade também é.

finda o instante. já devo terminar. é que às vezes esse tempo suspenso me dá a impressão de ter todo-o-tempo-do-mundo. ilusões de quarentena. logo, devo voltar a falar a linguagem acadêmica. a subjetividade já não terá tanto espaço em suas práticas ascéticas. chegará o dia de fechar a janela, e abrir a porta. oxalá seja possível continuar falando em primeira pessoa. falar em primeira pessoa também insinua alguma coragem: aquela de não se esconder por trás do narrador. mesmo assim, relatar a si mesmo expõe uma violência: a de se explicar perante os outros, sem os quais, nenhuma interrogação teria razão. o indivíduo conhece a certeza do seu próprio mundo. a dúvida me humaniza e me abre aos outros, dependentes da mesma carência. já a palavra... ela insinua a busca obstinada de garantir algum sentido a este tempo — que já é outro — no qual continuamente sigo me perdendo e me encontrando. lá onde encontro o privilégio de um quarto e a redenção de uma caneta...

me salvo.

eu creio na ressurreição da carne.

40

CONTRAIINDICAÇÕES QUEERENTENA: RELATO CONFUSO E CONEXO COM A REALIDADE

*Marcus Antônio Neiva Carvalho*⁶²

Leio com tédio e escrevo com um sentimento de incerteza. A quarentena tem sido assim, agitadamente chata. Eu vejo tudo sem tesão, parece que se isolar me trouxe para um tempo paralelo de um ano que será jogado fora, ao mesmo tempo parecendo ser útil ou necessário. Nem passava pelas minhas ideias ficar sempre com minha família, nada contra eles, é só que eu tenho um conforto diferente lá: praça, casa dos amigos, bar. É diferente, não adianta.

Eu morei em cidades pequenas a maior parte da minha vida. Dom Cavati, onde estou agora, uma cidade de cinco mil habitantes. Fui para BH e explorei áreas que nunca tinha visto antes. Eu beijei na rua, fiz carnaval (duas vezes), fui para boate e me embriaguei sem lembrar o caminho de casa. Não que já não tivesse feito isso antes, mas é diferente em BH, lá é grande demais.

E foi tão de repente esta pandemia, acho que ninguém esperava, fevereiro estava todo mundo tão juntinho, tão normal, foi meio que de uma vez. Bem, para muitas pessoas o isolamento não passa de desinformação da mídia, elas confiam no palhaço do executivo. Aqui na minha cidade percebi com clareza os efeitos da fala dele, virou um filme de terror, do tipo psicológico. É o palhaço fascista nos simbolizando, pior que o *It*, a coisa. Poucos usam máscara, e se usam saem com o nariz para fora e vão tomar um cafezinho na casa de um parente, amigo, vizinho. Qual o mal, afinal? Está nas mãos de Deus, ele sabe o tempo de cada um. Parece não haver onde recorrer.

Por essas e outras que eu acabo me esquecendo de outras coisas. Tudo parece perder a importância comparado com as notícias do Jornal Nacional. Mas nem tudo perdeu a importância. Vim para casa, estou com minha família, o agora bate na minha porta e exige uma postura de mim. E aí, Marcus, o que você vai fazer?

Eu sou gay, e evito falar sobre isso em casa, mesmo que não seja um problema. É saber e pronto, eu acho. É estranho como algo essencial não seja uma questão em casa, para mim faz mais sentido quando tiver um namorado, sei lá, assim posso ter alguém comigo. Dezenove anos, já ouvi muitas vezes para esquecer a pressão. Ficar de boa. O problema é que em Dom Cavati não tem muitas opções. Eu tenho uns amigos mais corajosos que saem com os héteros

⁶² Gay, 19 anos. Dom Cavati, Minas Gerais.

daqui, os casados, os crentes. Eu fico chocado como eles fazem uma vida sexual tão ativa no *Grindr*. Eu sou inseguro, se a pessoa que estiver comigo não estiver confortável, provavelmente isso vai me incomodar.

Eu tive umas boas vivências gays em BH, talvez lá que de fato me libertei. Foi depois que entrei na UFMG que conheci tantas pessoas mente aberta, que era raro demais para minha realidade. Não vou citar nomes, mas no início de 2019, na calourada do DCE, conheci o tal, ele me fez muito bem, me fez sentir meu corpo como nunca antes. Eu sou peludinho, mas isso não parecia importar para ele. Eu me transbordei de prazer, tanto que essas várias experiências que tive com ele voltaram para mim em forma de sonho, sonhos molhados. Ele me marcou e também cada relação é diferente da outra... É assim que encontro uma maneira intensa de sentir prazer, visualizando pelos sonhos. Fora isso, nem sinto vontades em me auto satisfazer com vídeos pornográficos, por exemplo.

Eu tenho sonhado muito durante essa quarentena, venho anotando o máximo que consigo sobre os sonhos logo depois que acordo. Geralmente são coisas sem sentido, mas algumas foram tão preocupantes que recorri a minha terapeuta. Desde o início da pandemia eu havia parado, mas senti necessidade de voltar, porque para mim pareceu que eu estava perdendo o progresso que com tanto custo avançamos. Eu sonhei que estava órfão. Meu pai é diabético e minha mãe tem pressão alta, ou seja, os dois estão no grupo de risco. Eu acordava assustado com pressentimento que a guarda dos meus irmãos poderia cair para mim, que sou o mais velho e o maior de idade. Estranho e louco demais. Mas faz sentido. Uma vez sonhei também que estava sonhando, e acordei durante o sonho. Eu fiquei preso como estivesse em um abismo. Cheguei a anotar isto depois: “Dentro da nossa mente, parece haver um teatro, em que tudo é encenado para a gente mesmo se ver”. Que loucura, não?

Homofóbicos também apareceram nos meus sonhos, fiquei pensando tanto sobre isso que cheguei a lembrar minha infância. Foi duas vezes, uma eu estava com desprezo por eles e outra eu estava com atração, ambas com postura na defensiva, e por isso acho que na segunda vez já era algo que eu achava, e não o que era de fato. No sonho eu tinha momentos egoístas, que eu não dava a menor ideia e até mesmo desprezava a presença dos homofóbicos na festa (era onde eu estava, tipo um churrasco ou algo assim). Fazia isso para eles nem terem chance de me atacar de alguma maneira. Mas também tinha os momentos que eu me soltava e ficava todo radiante, longe deles, dançando, sem dar a mínima com a presença e os olhares deles, uma explosão de felicidade. Com ajuda da psicóloga, percebi que isso era algo bem antigo meu, que veio lá da infância, quando mesmo pequenininho eu sabia onde era o meu lugar e onde não era, onde eu podia estar confortável e onde eu era uma “quinta roda”, ou talvez um prego para o pneu dos homofóbicos do sonho. O outro sonho também aconteceu em uma festa, mas dessa vez foi algo mais tranquilo. A pessoa me encarava e eu retribuía. Mas me sentia desconfortável. Ao mesmo tempo que me atraía, eu sentia um impulso

para me afastar. Eu senti que isso foi uma insegurança desenvolvida para me proteger, para evitar me machucar.

De alguma forma parece haver necessidade nisto, ou melhor, que o tempo dado nesta quarentena abriu possibilidades para (re)pensar, de um jeito que eu não faria sem ela. Não estou dizendo que é bom, porque não é. É doloroso, é inseguro, é incerto. Mas porque esperar que seria de outra forma? Acho que o discurso *coaching* cai por terra, não é possível ser feliz o tempo todo, nem tudo é sobre mim, a maioria não é. O meu sucesso não depende de mim. As pessoas em minha volta, a minha família, se estarão ou não bem, até mesmo vivas, não depende de mim, está tudo muito longe disso. Um amigo meu apontou para o discurso religioso, que é por meio dele que somos acostumados a pensar que “tudo irá ficar bem, amanhã. Tenha fé e perseverança”. Sabe... não vai ficar tudo bem, não está nada bem e quando é que alguma coisa esteve “bem”? Tem gente morrendo todo dia. LGBTQIA+, pretxs e diversas outras comunidades vivem em um caos há bastante tempo. Vivem em isolamento, às vezes, por medo da situação lá fora. Nem dentro de casa, como aconteceu com o menino João Pedro, tem segurança. E são essas mesmas pessoas que temiam o desgoverno atual, mas agora é coletivo, atingiu todos (apesar que ainda sim continua mais forte para alguns).

O que quero dizer é que viver no caos não é algo tão impensável, ou fora da realidade, ele é comum. Para mim ficou mais explícito, mais didático eu diria também. Apesar de que não acredito também haver coisas boas aprendidas nesta lição, a maior parte dela é ruim. Alguns dizem que aumentou a solidariedade nesse período, pode ser. Não sei se alguma coisa fez sentido, ainda estou muito confuso e perdido. Não sei o que pensar sobre tudo isso. Parece às vezes um pesadelo, ou um teatro trágico. Mas é a realidade. Calamidade, coletiva, pública. Pode ser que a conexão minha com o outro se dá por laços dolorosos, uma proximidade de dor, eu sinto, você sente. O principal é o exercício da empatia, eu acho. Que além de sentir uma compaixão, é também necessário se colocar no lugar do outro, daquele que está distante de mim, vivendo algo que eu nem poderia suportar. E é nessa prática, falha e espontânea, que me leva a pensar muitas coisas sobre a vida, tentando me ensinar um pouco. E que apesar de que estou sofrendo, não estou sozinho. Eu olho para um outro alguém e vejo, sinto, uma tomada de vivência muito forte que posso aprender, ou seja, consigo pensar por mais perspectivas. Alcançando assim um nível onde certas atitudes posso repensar e ainda ressignificar elas. Enfim, sendo um sujeito autônomo, mas percebendo muito dependente do outro. Poderia ser diferente, para mim, mas acho que tudo está seguindo um fluxo síncrono e em linhas tortuosas com tudo que já vivi antes. Não é possível fugir, e nem mesmo o *Instagram* pode dar conta de mascarar minha subjetividade. Sinto ansiedade, brigo, sinto solidão e às vezes me sinto leve e feliz. Escrever este relato me ajuda com tudo isso. Não escondo meus pecados e nem procuro fazer de outra forma, todas sensações fazem parte

da minha rotina. É sobre acolher meus piores sentimentos e pensamentos sem julgá-los ou tentar apagá-los. Mas acho que também eu deveria valorizar mais as partes boas, minha terapeuta diz que temos uma certa tendência em balancear mais favoravelmente para as coisas ruins, é verdade. Afinal não há como ser perfeito, estou ora pesando mais para um lado, ora para o outro, até chegar no equilíbrio – e depois bagunçar tudo de novo. Descobri que a quarentena foi contraindicada para personagens e expectativas que criei, todas elas afundaram. Por outro lado, é por minhas sensações confusas que a vida parece vibrar em mim. Leio bastante e tento me abastecer assim, sabendo que esse momento é único, como qualquer outro, e que não irá voltar mais.

41

**SOBRE VIVÊNCIAS, SOBREVIVÊNCIAS E MECANISMOS
DE RESISTÊNCIA DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL
EM DECORRÊNCIA DO CORONAVÍRUS**

*Túlio Vinícius Andrade Souza*⁶³

Noventa e um dias em isolamento social, uma cidade que não reconheço mais como minha, uma casa que não parece lar. É a partir desse cenário que escrevo, hoje, totalmente desorientado, a minha história de *queerentena*. Ela será composta por (re)organizações de relatos que eu escrevi no meu caderno de desabafos durante todo esse período.

Inicialmente, almejando contextualizá-los, é importante que eu narre os motivos que me trouxeram até aqui. Fui “criança viada” do interior pernambucano, mas moro na capital há 10 anos para estudar. Com a suspensão das aulas nas universidades federais, voltei para a casa dos meus pais, em um interior de aproximadamente sete mil habitantes, imaginando que, em no máximo um mês, tudo voltaria ao normal e eu estaria de volta à Recife, onde moro, meu lar.

É necessário que eu reconheça, no entanto, que sou muito privilegiado por poder ficar em quarentena, direito que deveria ser, indiscutivelmente, de todes. Nesse sentido, gostaria de compartilhar minhas (sobre)vivências durante esse período e todos os atravessamentos que estão acontecendo.

Voltar e passar tanto tempo em casa me trouxe várias repercussões internas. Há 10 anos eu não passava tanto tempo aqui. No máximo, 2 semanas durante as férias. Estagnado, sem ação! Comecei a recordar os processos de violência psicológica que sofri enquanto vivia aqui, os tempos da escola, das brincadeiras de rua. Nesse momento, me pergunto: quem escreve? Sou eu? Mas quem sou eu? Após tantos dias de confinamento, não me reconheço, não sei mais o que sou. Faço minhas refeições na mesma mesa que, há 16 anos, me escondia embaixo para chorar e ninguém saber do meu sofrimento. Meus pais não poderiam me ver chorando. Eu não queria ser questionado. Eu não podia responder que tinha sido chamado de “bixinha”, “viado”, pelos meus colegas de classe ou na rua. Reconhecer, exteriorizar, falar, tudo isso me feriria novamente. Não sabia os motivos pelos quais estavam me ferindo. Simplesmente pelo fato de eu ser quem eu sou?

⁶³ Homem gay (?). Me questionando, me descobrindo, me (re)inventando...

O início do meu processo de autoaceitação, enquanto não-heterossexual, é muito recente. Comecei a trabalhar sobre isso com minha psicóloga em 2016, há pouco mais de 3 anos. Atualmente, quando estava vivendo momentos que eu considero como o ápice dos meus processos de libertação, estou preso novamente.

Preso dentro de casa, ansiedade me corroendo, começo a sentir dores de cabeça, não sei se é um sintoma do coronavírus, ou se é uma decorrência de tudo que está acontecendo. Começo a sentir falta de ar, mais uma vez, não sei se é uma implicação da ansiedade, ou se é mais um sintoma. Sem forças. Perco o olfato e o paladar. Testei positivo. E agora? Estou com o novo coronavírus.

Não sei exatamente como me infectei, mas minha imunidade costuma baixar bastante quando estou mentalmente vulnerável. Nesse contexto, não poderia ser diferente! Enfim, não adianta procurar explicações. Estou infectado. Em isolamento dentro de casa, agora dentro do quarto, da minha mente, lutando com os pensamentos mais difíceis e dolorosos. A sensação é de que voltei para o “armário”. Estou preso novamente?

Tento não assistir os noticiários, apesar de reconhecer a importância do jornalismo e de todo o trabalho que estão fazendo, mas preciso cuidar da minha saúde; agora não apenas da mental, mas também da física. É inevitável, no entanto, olhar os grupos do *WhatsApp*, principalmente preso dentro do quarto. Sou bombardeado com notícias do caos. O mundo está em crise, as pessoas LGBTQTs, que já são vulnerabilizadas, estão sofrendo múltiplas violências.

A tentativa de suicídio de uma pessoa que minha prima conhece, aqui do interior, gênero não-binário, em razão das constantes violências que passou a sofrer, diariamente, dentro de casa. Demétrio Campos, jovem transexual negro, suicidado no dia internacional de combate a homofobia. Duda (nome fictício), meu amigo, transexual, expulso de casa em plena pandemia por transfobia. E agora? Vão conseguir nos exterminar? É um projeto de genocídio dos grupos que já são vulneráveis! Literalmente no chão, chorando, encontro “conforto” ouvindo a música “Indestrutível”, da cantora Pabllo Vittar. Respiro. Recomponho-me.

Não vão conseguir nos exterminar!

Com esse pensamento, gostaria de utilizar esse espaço para, além de reiterar todos os múltiplos processos de violência que estamos sofrendo, compartilhar (já que testei positivo), qual o respirador (no sentido metafórico, uma vez que, felizmente, não precisei literalmente de um) que estou utilizando, ou seja, quais estratégias de enfrentamento (e de sobrevivência) estão me ajudando a passar por esse período. Não em ordem de importância ou de eficácia, narro conforme elas emergem nos meus pensamentos.

Como mencionei, meu processo de auto(aceitação) é um pouco recente, na minha percepção. Nesse sentido, estou utilizando esse momento para ler mais sobre dissidências de gênero e sexualidade. Inclusive, em razão disso, minha autoidentificação enquanto “homem gay” está acompanhada de uma

interrogação. Hoje, muito mais que ontem, estou conhecendo novas formas, na teoria, de experienciar a minha vida. Essas leituras estão me ajudando bastante a me aproximar dos movimentos sociais LGBTs, por mais que eu já faça parte de vários deles e da militância, estou aproveitando o momento para me apropriar dos fundamentos, do surgimento, das estratégias utilizadas antigamente e de como podemos aprimorar a nossa luta por direitos fundamentais. Além disso, também tenho encontrado mais afinidades com determinadas questões e, assim, acredito que isso facilitará meus futuros diálogos com pessoas da nossa comunidade e comigo mesmo. O que fica, por ora, é que o processo de autoconhecimento pode ser muito doloroso, mas é magnificamente libertador.

Outro mecanismo de sobrevivência é que, em decorrência das leituras que venho realizando e das conexões pessoais com outros sujeitos LGBTs, encontrei um grupo de apoio para jovens LGBTQ+, que foi pensado por dois profissionais de Psicologia, justamente para o período da quarentena, pois reconhecem os efeitos que o isolamento social pode nos causar. Esse é um grupo que tem encontros semanais, através de videoconferência, com duração de 1 hora e 30 minutos, onde podemos compartilhar os nossos pensamentos, os nossos sentimentos, tudo sem julgamento e, ainda, é gratuito, o que oportuniza o acesso às pessoas de diferentes classes sociais. Esse grupo foi pensado, inicialmente, para ocorrer em oito encontros, mas já estamos construindo vínculos e laços que, independente da permanência dos profissionais na mediação do grupo, podem perpetuar a existência dos afetos e afetações que essa vivência semanal tem nos propiciado. Se algum profissional de Psicologia estiver lendo esse relato, saiba que esse grupo está sendo essencial para a continuidade da vida e a minimização dos sofrimentos de 10 jovens LGBTQ+, estamos encontrando afago em tempos catastróficos.

Arte! A arte, que me salvou diversas vezes durante esses 24 anos, reapareceu na minha vida. Antes, com toda a correria, com toda a rotina universitária, tinha esquecido o poder que as artes possuem sobre mim. As músicas e performances de Lady Gaga (especialmente “Born This Way”), Pabllo Vittar e sua capacidade de me fazer sentir pertencente e “Indestrutível”, e tantas outras, que não são (e não precisam ser) resumidas apenas ao Pop. Recentemente e felizmente, “descobri” uma artista brasileira chamada “Oxa”, que se apresentou no programa “The Voice Germany” em 2019. As quatro apresentações dela são incríveis e me dão uma força imensa, especialmente (e novamente) a de “Born This Way”, que é uma espécie de hino para mim. Buscando não apenas desfrutar do poder que essa arte tem, mas também falar sobre o quanto essas pessoas nos ajudam, enviei uma mensagem para Oxa através do *Instagram*. Ela não só me respondeu, como também agradeceu muito o reconhecimento e mencionou o quanto isso faz ela querer continuar. Narro esse evento, em especial, para lembrar que é preciso que nós, da própria comunidade, continuemos a dar as mãos

(virtualmente, por enquanto) e lembrando aos nossos o quanto eles são importantes e nos fazem querer prosseguir.

Além da música e da dança, outro instrumento que estou revisitando é a poesia. Algumas pessoas me indicaram alguns livros; outras, poemas específicos. A poesia me faz parar, respirar, e saber que ainda estou vivo. Algumas pessoas do grupo de apoio, que mencionei acima, também encontram em séries e filmes uma forma de cuidado. No entanto, como não tenho acesso a canais da televisão fechada e o sinal de internet aqui não é tão bom, não tenho utilizado esse recurso, mas achei válido mencionar, pois pode ajudar outras pessoas.

Dividir os pensamentos com indivíduos que posso confiar está sendo essencial. Ressalto, apenas, que antes de conversar com essas pessoas, fiz uma análise crítica e criei uma espécie de “rede de afetos”, onde listei pessoas que sei que posso contar durante esse momento. Isso não significa que as outras pessoas não sejam minhas amigas, no entanto, muitos também estão passando por sofrimentos, ou seja, é preciso filtrar em quem podemos confiar e partilhar nossas angústias e sentimentos, sem gerar caos neles. É preciso nos cuidar, mas também, mais uma vez, cuidar dos nossos.

Ao escrever essa última frase, lembrei de uma colocação feita por uma amiga: “gestos de autoamor: eu estou me amando?”. Ela, que é uma das pessoas que está na minha rede de afetos, sugeriu que, diariamente, eu me perguntasse: eu estou me amando? O que eu fiz por mim hoje? Esse exercício tem sido bastante válido e marcante, uma vez que, antes disso, as horas e os dias passavam e eu não sabia exatamente o que estava acontecendo, onde eu estava, que dia da semana era, muito menos o que eu tinha feito por mim. A partir disso, todos os dias eu tenho praticado um gesto de autoamor. É revigorante!

Por fim, depois de tanto escrever em meio a essa bagunça desorganizada que está o mundo, minha sugestão é a escrita! Muitas das experiências e sugestões que coloquei nesse texto foram extraídas do meu caderno de desabafos, mencionado no início desse texto. Os meus pensamentos surgem em uma velocidade inimaginável, em uma quantidade exponencial e não me deixam dormir, não me deixam descansar, a sensação é de descontrole total da mente. A ansiedade toma conta e controla tudo. O caderno de desabafos, nesse contexto, serve para escrever absolutamente tudo e qualquer coisa que venha em forma de pensamentos. Sem regras, sem ordens, sem sentidos. Mas, depois de escrever 3 ou 10 páginas, dependendo do dia, a sensação é de alívio, é terapêutico. Inclusive, essa técnica é muito sugerida por profissionais de Psicologia, mas confesso que eu nunca tinha utilizado. Durante essa pandemia, meu caderno está sendo meu melhor amigo.

Incerteza. É assim que eu termino esse texto. Incerteza sobre a vida, sobre o amanhã, sobre o mundo, sobre tudo, sobre mim. No entanto, lembrando que, durante toda a nossa vida, enfrentamos momentos de muitas adversidades e chegamos até aqui! Vamos além! Vida, direitos, saúde, reconhecimento para as

LGBTQI+ e todas as outras formas dissidentes e/ou consideradas abjetas de gêneros e sexualidades.

42

FILHXS DE DILMA

Leandro Gantois Luna⁶⁴

12 de março de 2020

Estou na rodoviária de São Carlos, interior paulista, esperando o ônibus para voltar para a capital, para ficar hospedado na casa do meu namorado, André. Usando fones, escuto o álbum “Introspective” do Pet Shop Boys, enquanto olho impaciente e percebo o tempo não avançar. Uma hora para a partida do ônibus ainda. São nove e meia da manhã. Lançado em 1988, o álbum do duo britânico tem a melancólica “Domino Dancing” em que Neil Tennant canta “todos os dias, todos os dias, assistindo a todos eles caírem. Todos os dias, todos os dias, efeito dominó”. A letra é uma referência à pandemia de aids na década de 80. A dupla, grande crítica da então primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, chamava a atenção para o descaso das autoridades com a crise de saúde. As imagens homoeróticas do videoclipe passavam pela memória. O disco segue com “Im Not Scary” no que parece ser um canto de libertação sobre sair do armário. Passo rapidamente na plataforma de streaming de música para “It’s a Sin” do álbum “Actually” de 1987. O videoclipe dirigido pelo cineasta Derek Jarman é um dos meus favoritos. Jarman, além de filmar outros videoclipes de bandas britânicas da década como “The Queen is Dead” do The Smiths, possui uma profícua carreira no cinema. Derek Jarman, vítima da aids, utilizaria uma tela azul e elementos sonoros no último filme de sua carreira, “Blue” de 1993. O cineasta, assim como o Pet Shop Boys, era um grande opositor do conservadorismo da administração Thatcher, como pode ser percebido em boa parte de sua obra, especialmente em “Crepúsculo do Caos” de 1987. Peço perdão pelo excesso de referências audiovisuais, mas produzimos e consumimos tantas imagens ao longo do século XX, e de forma mais acelerada no início do século XXI, que sempre penso que pode ser uma boa forma de narrar. Preciso admitir também que sou formado em Cinema em Pernambuco. Chamo-me Matias e tenho 30 anos. Sai do Recife para São Carlos para iniciar mestrado na área. Consegui me matricular na Universidade Federal de São Carlos, mas ainda procuro uma vaga barata em uma república universitária. Ando pesquisando, mas a maioria que encontro parece ter maioria hétero e nunca sei exatamente como perguntar se os estudantes são LGBTQIA+ *friendly*. Parece que sempre que estou em um novo ambiente, preciso me assumir novamente. E agora sinto a nova sensação de ser

⁶⁴ 33 anos, Recife, Pernambuco.

nordestino na região Sudeste. Ao abrir a boca para falar algo simples, alguém questiona imediatamente: “você é do Norte?” “Nordeste”, digo meio envergonhado. Isso quando não pedem para eu repetir algo que falei. Às vezes me pergunto se meu português com sotaque recifense é tão diferente assim. Não pertencimento e sensação de estrangeirismo, porém, não é novidade para alguém que precisa estudar o ambiente antes de poder dar pinta mesmo na cidade natal. Meu ônibus para a capital finalmente chegou, com sorte chego em três ou quatro horas a depender do trânsito na marginal Tietê. A música do Pet Shop Boys me deixou meio triste, decido então pular para “Relax” do Frankie Goes To Hollywood. A música do grupo, também do Reino Unido, ridiculariza a paranoia e o moralismo sexual da Era Thatcher. “Relaxe, não se segura, quando você quiser fazer, relaxe não se segura quando você quiser gozar”. Já estou dentro do ônibus no meu assento rumo à capital.

Acordo já nas proximidades da capital, trânsito intenso na marginal Tietê. Calculo que vou perder ao menos mais uma hora até chegar à rodoviária paulistana. Enquanto pego meu celular, vou me dando conta do alvoroço dos mercados financeiros por causa da medida restritiva adotada pelo presidente norte-americano Donald Trump aos voos vindos da Europa. A União Europeia parecia sinalizar um crescimento agudo do número de casos e mortes da covid-19. Até então, apesar do medo, a doença parecia distante e relativamente controlada em países asiáticos. O pronunciamento feito por Trump nos Estados Unidos na noite anterior soava um sinal pessimista com o avanço da peste. No anúncio, Trump deixava evidente o posicionamento isolacionista e xenófobo dos Estados Unidos desde 2016. A derrota de Hillary Clinton nas eleições presidenciais tinha deixado boa parte do mundo ocidental assustada. E embora representasse certo status quo, a ex-senadora foi vítima de notícias falsas e de uma misoginia que via com maus olhos uma mulher em tamanha estrutura de poder. Fria, calculista e ambiciosa eram alguns dos adjetivos de seus detratores. Quatro anos depois, o Partido Democrata tentava superar o trauma da derrota, mas continuava fragmentado entre a ala mais ao centro representada por Joe Biden e uma forte base mais à esquerda com Bernie Sanders e Elizabeth Warren. A novidade nas primárias era Pete Buttigieg, que havia feito um bonito discurso ao afirmar que na adolescência, ainda no armário, jamais imaginaria estar se candidatando à presidência dos Estados Unidos ao lado do marido. Buttigieg, porém, tinha posições conservadoras, lembrando quase um político idoso, branco e heterossexual. Sempre foi visto pelo movimento LGBTQIA+ como homonormativo, isto é, que reproduzia signos da heteronormatividade. Não parecia bicha. Será que Buttigieg era a única alternativa para nós, bichas? Casar, ser cristão, uma casa e dois cachorros? Como fugir do modelo de Buttigieg? Não tinha a resposta exata. Na realidade, Pete já havia desistido da campanha, mas o modelo comportamental dele reverberava uma ambiguidade identitária. Ser gay parecia ser aceito, mas existia apenas um modelo permitido para ser bicha. A impressão é que Trump seria reeleito repetindo mentiras e disparando contra

inimigos imaginários. O Brasil, infelizmente, não resistiu às tentações autoritárias de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. O país, é verdade, ainda estava polarizado após o controverso impeachment de Dilma Rousseff. Legítimo para uns, farsa para outros. Bolsonaro, claro, ainda apelava para o pânico moral costumeiro de sua retórica. Eu me sentia cada vez mais inseguro em saber que ele estava no Palácio do Planalto. Achava que jamais estaria. Embora tenha chegado ao segundo turno, acreditava que o Brasil perceberia a ameaça ao consenso da Constituição de 1988. Consenso desprezado por Bolsonaro.

Era ainda mais doloroso saber que Bolsonaro montou o palanque eleitoral em programas de auditório desde o início da década de 2010 e inventou um terror moral contra o avanço dos direitos civis LGBTQIA+ para criar uma base de apoio. Do outro lado, havia o Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores, com todo o ônus de pertencer a um grupo político que havia vencido quatro eleições presidenciais seguidas. Haddad tinha participado dos governos Lula e Dilma como Ministro da Educação e proposto a criação do programa Brasil Sem Homofobia. Quando prefeito de São Paulo, colocou em prática o Transcidadania para retirar travestis, mulheres e homens trans de situação de vulnerabilidade social. Haddad parecia o candidato perfeito para quem era LGBTQIA+ no Brasil. Ao menos simbolicamente. Mas Haddad também seria o candidato perfeito para Jair Bolsonaro espalhar seu modelo heteronormativo em uma campanha presidencial. Parecia sonho demais para uma bicha brasileira ver Haddad, mesmo com todos os problemas das administrações petistas, derrotar Bolsonaro em uma eleição. “Ideologia de gênero”, gritavam Bolsonaro e seus apoiadores em 2018.

Finalmente chego na rodoviária. Já é quase final da tarde. A estação de metrô Tietê/Portuguesa está completamente tomada de gente. Preciso descer na estação da Sé e fazer uma baldeação da linha azul para a linha vermelha. André mora na República, perto do Largo do Arouche e de frente para o Minhocão, que se chamava Elevado João Goulart. Confesso que minhas maiores referências do Minhocão eram do videoclipe “Let’s Make Love And Listen To Death From Above” do CSS e do filme “Terra Estrangeira” de Walter Salles e Daniela Thomas. Na estação da Sé, percebo que meu celular está descarregado e tento encontrar, no meio daquele fluxo de pessoas, alguma sinalização do itinerário da linha vermelha. Afinal, não faço ideia se devo pegar o metrô no sentido Barra Funda ou Itaquera. Sinto-me um pouco a vocalista do CSS no videoclipe de “City Grrrl”. Com toques de Xuxa em “Lua de Cristal”. Não tinha originalmente chegado de ônibus de São Carlos, mas de avião do Recife. E embora Recife fosse uma metrópole, São Paulo era um nível diferente de megalópole.

Descubro que para chegar na República preciso pegar o metrô no sentido Barra Funda. Quando chego lá, encontro André me esperando antes das catracas. Ele me zoa por eu estar meio perdido. Digo que não estava perdido, mas menti, estava completamente perdido. André tinha 28 anos, namorávamos há 10. Havia

passado em um concurso e por isso veio para São Paulo. O emprego público dava segurança financeira a ele para continuar tentando escrever seu primeiro romance. Ele me contava que a partir da próxima semana, passaria a trabalhar home office. Chegamos em casa, fizemos sexo e depois ficamos conversando a respeito da pandemia. Boatos sobre quarentena ganhavam força e eu argumentava que talvez o país conseguisse controlar o avanço da moléstia. André era cético.

12 de junho de 2020

Eu e André transamos o dia quase todo. Não por ser dia dos namorados, até porque minha libido estava mais baixa. A de André nem tanto. Mas tinha dia que minha sexualidade cobrava. Estávamos há três meses em quarentena, o home office de André continuava e as aulas na universidade estavam suspensas. E só tinha vindo passar uma semana na casa dele. O Brasil passava das mil mortes diárias. Nós saíamos de casa com máscaras e luvas apenas para fazer compras no supermercado próximo. Procurávamos ir em horários que tinham poucas pessoas. Mas flexibilizaram o isolamento depois desses meses e muita gente estava na rua. Apesar dos números apontarem para a aceleração de contágios e mortes, São Paulo formava filas de saudosistas nos shoppings. Fila para morrer, acho eu. Difícil não lembrar de “Despertar dos Mortos” de George A Romero. “Há promoções nessas reaberturas”, diziam alguns. “Zumbis”, pensava eu. Cada ida ao supermercado era como transar com um desconhecido por aplicativos. “Posso ter contraído alguma DST”, falava amedrontado para André. Ele ria e dizia que eu estava sendo paranoico pois sempre tomava todos os cuidados ao transar. É claro que sexo com desconhecidos após a pandemia não existia mais, mas o medo da doença a cada saída de casa permanecia. Viramos compulsoriamente um casal monogâmico.

Perdi meu pai para a covid-19 no início de maio. Ele estava no Recife e não tive como viajar para o Nordeste. Acho que nunca conheci uma pessoa com tamanho culto à liberdade como meu pai. Admirador dos Beatles, dos jovens de Maio de 68, Lenin e Eisenstein, ele vislumbrava um mundo utópico sem religiões e estados nacionais. Como naquela canção de John Lennon. Os vinis de John Lennon, aliás, faziam parte da decoração da minha casa na infância. O “Walls And Bridge” despertava em mim curiosidade especial por causa da arte da capa. Mas eu preferia David Bowie e dizia a painho que faltava maquiagem nos garotos de Liverpool. Ele achava graça e dizia que a geração seguinte precisava questionar a anterior ou o mundo ficaria estagnado. Dizia para não acreditar em pessoas dogmáticas. É curioso saber da morte do meu pai estando em São Paulo. Foi aqui que meu pai, quando eu era criança, me ensinou sobre a arquitetura modernista paulistana na República. Conheci Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos e Walter Hugo Khouri em uma coleção de VHS que ele me deu. Era um

ateu que acreditava em vida após a morte pois tinha fé na expansão e transformação da matéria.

Após a morte do meu pai, a perda de conexão com o Brasil se acelerou. Eu não reconhecia mais o país que elegera uma mulher divorciada para presidência da República. Uma mulher como minha mãe. Aliás, o divórcio dos meus pais, em 1991, chocou minha família, mas era uma decisão deles. E foi a melhor. Minha mãe também sempre foi uma amante da liberdade. O modelo de casamento seguramente não foi desenvolvido para os meus pais. Eles até tentaram, mas chegaram ao fim dizendo que era preciso cinismo para um casamento dar certo. Eles não falavam em heteronormatividade, mas reclamavam dos códigos e regras dela. Uma mulher divorciada parecia mexer com o imaginário nacional. Mexeu na série “Malu Mulher” de 1979. A sexualidade feminina assustava parte da sociedade e atingia todas as classes sociais. Mexera também quando as televisões do Brasil desligaram ao mesmo tempo em “O Dono do Mundo”, novela de Gilberto Braga, quando a protagonista perdeu a virgindade para o vilão antes do casamento.

Parecia que no século XXI, questões como divórcio, virgindade feminina e ameaças contra a família estavam superadas. Parecia. Em março de 2015, alguns meses após a reeleição de Dilma Rousseff, os televisores voltariam a desligar. Agora por causa de um selinho trocado entre as personagens de Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg na novela “Babilônia”, também escrita por Gilberto Braga. A novidade no país era que a patrulha moral atuava em aplicativos de mensagens. “Desconstrução da família e da heteronormatividade”, diziam os textos. Algo no Brasil havia mudado. Ou algo havia sido despertado. Algo que estava adormecido. Da novela das oito, as notícias falsas começaram a atacar museus, exposições, peças teatrais, universidades e bienais. Era o mesmo medo do nu frontal de Norma Bengell em 1962 no filme “Os Cafajestes” de Ruy Guerra. A insatisfação e o ódio contra Dilma não pareciam ser apenas pela recessão de 2015 e 2016. A forma como opositores se juntaram a Eduardo Cunha, Michel Temer e Jair Bolsonaro guardava uma vingança contra uma mulher que não seguiu as normas. Como minha mãe. Parece-me ingênuo achar que a barbárie que transformou Bolsonaro em presidente não reverbera um ressentimento de gênero. É só olhar a ascensão de Donald Trump nos Estados Unidos contra Hillary Clinton e de Boris Johnson no Reino Unido após a queda de Theresa May. Apesar das diferenças ideológicas, Dilma, Clinton e May eram desenhadas como mulheres frias. Mulheres que não deveriam estar ali.

Depois de transar novamente com André, decido olhar as notícias. Biden aparecia como favorito nas eleições de novembro de 2020. O descontrole da covid-19 e os protestos antirracismo após o assassinato de George Floyd por um policial branco em Minneapolis abalaram as chances eleitorais de Trump. Mas quatro meses e meio parecem muito para políticos que aprenderam a usar redes

sociais para disseminar conteúdo falso. Seria um respiro para o Brasil pois não me parece que Jair Bolsonaro iria imitar a Casa Branca comandada pelo ex-vice-presidente de Barack Obama. As estátuas de Cristóvão Colombo continuavam sendo decapitadas nos Estados Unidos na esteira dos protestos. De Massachusetts até a Virginia. Há quem diga que a pandemia e a depressão econômica podem produzir um novo 1968. Mudanças boas podem acontecer. Não consigo afirmar. Não consigo ser otimista. Sequer consigo vislumbrar o início de 2021. Para falar a verdade, até o segundo semestre de 2020 parece nebuloso. Não tenho controle. Tenho medo. Acho que ganho mais transando com André de novo.

43

AQUILO QUE NÃO OUSA DIZER SEU NOME

Luciana Guerra Malta⁶⁵

Ontem foi Dia dos Namorados. Eu moro embaixo, minha namorada em cima. Ela veio morar com a filha aqui no prédio uma semana antes do início da quarentena. Essa semana eu comecei a sentir tédio, um sentimento que eu não tinha, pois mesmo dentro de casa praticamente o tempo todo, encontro sempre algo que me ocupe: trabalho doméstico, monitoramento remoto dos meus pais, conversa com os amigos, as notícias do *Twitter*. Mas ela olhou para mim e disse que queria tomar um floral contra o tédio e a partir do momento que descobri que ela sentia tédio estando junto a mim, passei a sentir tédio não só junto dela, mas quase o tempo todo. Tédio, pessimismo.

Como disse, ontem foi Dia dos Namorados. Por isso, eu entrei no *Instagram* e vi todos postando fotos com seus pares. Perguntei a ela se podia postar uma foto nossa e marcá-la. Ela viu a foto que escolhi e disse que estava horrível. Eu falei que ela podia escolher uma foto e me mandar, para eu postar. Sei que ela não me mandou a foto, não publiquei nada e fiquei chateada. O problema remonta a uma questão antiga: para muitos amigos dela eu sou apenas uma amiga. Para as pessoas do trabalho também sou uma amiga. Comecei a pensar que, a essa altura da História do Mundo não há absolutamente o mínimo sentido em manter esse véu sobre nossas cabeças. Afinal, havia muitos amigos e amigas na minha *timeline* ostentando sua felicidade com seus pares. A maioria hétero, é verdade, mas parecia muito natural ver nas redes sociais casais homossexuais. Parecia natural porque é... é natural. Ela me respondeu que é reservada, sempre foi assim, mesmo em relações heterossexuais. Eu respondi que duvidava que ela me escondesse tanto se eu fosse um homem e estivéssemos há mais de três anos namorando. E eu mesma, que sou bissexual, pensei se não seria mais fácil estar namorando um homem. Sim, talvez fosse, mas não era para ser. Namorar alguém do mesmo sexo não precisa ser assim difícil, obscuro, ridiculamente proibido. Não em 2020.

Pensei na minha mãe também, falando da minha “amiga” para outras pessoas e decidi que vou interromper qualquer um que classificar minha namorada como “amiga minha”, porque estou absolutamente cansada de compactuar com a hipocrisia.

A quarentena parece mesmo potencializar tudo, colocar uma lente de aumento sobre nossas mazelas. Eu estava em vias de me tornar roteirista profi-

⁶⁵ Mulher cis bissexual, 50 anos, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ssional, tinha assinado meu primeiro contrato, mas tudo ficou paralisado, em suspenso. Não faço ideia do que virá, mas sei cada vez mais o que eu não quero que venha.

Ontem eu me arrumei para o nosso jantar, passei um lápis nos olhos, pus um vestidinho. Quando me olhei no espelho, tive a grata surpresa de constatar que não tinha mudado tanto assim. Engordei um pouco, mas bem pouco. E estava uma gracinha, uma gatinha. Tirei selfies.

Desde o início de nosso namoro, fui me adaptando a ela. Fui parando de postar fotos minhas. Acho que eu exagerava um pouco, mas hoje compreendi bem que aquela exposição era reflexo também de minha personalidade solar. E eu entendi que na minha relação com ela, em que uma simples foto pode virar uma coisa tão complicada, meu lado lunar foi tomando conta de mim em boa medida. Eu me fechei, fui absorvendo parte de sua discricção. Por um lado, essa introspecção é boa; leio mais, escrevo mais. Por outro lado, é ruim; interajo menos com as pessoas. Isso, de interagir menos, pode ser complicado: as pessoas se esquecem da gente e a gente vai ficando sem naturalidade para se expor. Algo que antes era tão fácil virou um parto. O fato é que ela parece ter vergonha de nós e eu estou achando difícil lidar com isso. Não quero esse peso. Quero uma relação leve, mesmo dando o desconto de que leveza não combine muito com confinamento, quero essa leveza.

Cheguei a muitas conclusões nesses meses. Hoje, por exemplo, percebi que amar é, entre outras coisas, dizer: “Se é importante pra você, tudo bem”. Amar é isso também, reconhecer o que importa para o outro.

Nessa semana, desde que ela chamou minha atenção para o tédio, comecei a implicar com minha casa. Meu apartamento de 42 metros quadrados começou a parecer muito pequeno para mim. Eu pego sol num retângulo estreito e esse espaço me parece agora cada vez menor. Todo dia dou graças a Deus porque tenho água corrente, acesso à Internet, e vivo em um espaço pequeno, porém mais do que suficiente. Enfim, o que eu tenho me basta, mas está começando a me doer o que eu não tenho. Já briguei muito e talvez tenham me lançado maldições. Briguei com amigos, amigas, namorados, namoradas. Sei que magoei e ofendi. Claro, também me magoaram e me ofenderam, mas sei que o que eu fiz de mal, recebi de volta. Só que o mecanismo de compensação da vida é esquisito: você faz mal a alguém, mas é outra pessoa que depois lhe faz mal equivalente. Pensei nisso outro dia, mas agora parece que isso nem importa, não se trata de uma vingança do universo, é tudo uma questão individual: sou eu comigo mesma. Minha maior inimiga sou eu. Sei que também posso ser minha maior amiga, porém. Talvez essa história de leveza seja uma questão de começar. Eu resolvo ser leve, respirar antes de falar, e tudo fica mais fluido e fácil. Em parte é isso, mas volto ao ponto: não dá para ser leve com esse peso, esse véu da vergonha pairando sobre nós. Esse véu é ridículo, é anacrônico, ele nos enfeia e nos entristece.

Então, eu descubro que estou triste. Tem um cachorro aqui no prédio que não para de latir e isso me lembra que ontem eu peguei uma roupa há muito tempo guardada e senti um cheiro que me pareceu semelhante àquele cheirinho natural do cachorro, o cheiro do pelo. E eu senti saudade da minha cachorra, que morreu quando eu tinha 19 anos. Não me recupero dessa saudade. Agora mesmo me dá um nó na garganta. Ah, se eu tivesse um cachorro, coitado dele. Ia ficar mal acostumado para sempre com tanto amor que eu tenho para dar. É isso, amor não me falta, mas não quero envelhecer mais rápido, secar por dentro, isolada na minha toca, escondida do mundo, por sentir um amor supostamente proibido. Completamente sem sentido isso. Completamente.

O país não ajuda. Todas essas mortes, a reabertura da economia enquanto o número de óbitos não para de aumentar. Sem contar as ameaças de golpe, de ruptura institucional, tudo tão incerto e confuso. Eu tenho medo do amanhã, e esse medo não se restringe apenas ao aspecto político-econômico, temo também por nós duas. Isso de não se assumir completamente me parece de uma pequenez tão absurda... não quero isso, não admito. Antes havia as resoluções de Ano Novo, agora temos as resoluções da quarentena. A primeira delas para mim é essa: sair do armário incondicionalmente. Penso no lema das manifestações norte-americanas, "I can't breathe". É isso, não dá para respirar preso num armário. E qual é o sentido de ficar preso se ninguém trancou a porta? Se fomos nós que entramos e nos fechamos. Eu quero me abrir. Que essa quarentena seja o casulo e que ao fim se dê uma bem-vinda metamorfose. Que nossa relação também se transforme.

O dinheiro, há tempos, não vem sobrando. É um sufocamento de todo lado... grana restrita, amor na encolha. Mas fizemos as pazes, agora. Reafirmamos nosso desejo de casar. Trocamos juras de amor conforme acontece todo mês. Na TPM há sempre uma briga e, depois, uma reconciliação. Não está fácil para a gente, não está fácil para ninguém. Ela tem que voltar a trabalhar e está morrendo de medo. Eu posso ficar em casa porque minha mãe ajuda. Ela precisa sair porque não tem mãe e tem uma filha que faz 18 anos depois de amanhã.

Outro problema é a pré-menopausa. Tenho 50 anos e agora minha TPM dura uma eternidade. E sinto saudade das pessoas. Minha mãe, meus irmãos, meu sobrinho, meus amigos. A internet pouco ameniza a falta. Minha mãe tem 83 anos, preciso urgentemente aproveitar o tempo que temos pela frente. Essa urgência permeia tudo. Preciso escrever urgentemente, ler urgentemente, ganhar dinheiro urgentemente. Se no início da quarentena não havia pressa para nada, agora o tempo escorre. Não sei o que aconteceu, só sei que agora nunca consigo fazer o que eu queria fazer. Faço listas para nada, estou sempre aquém do meu planejamento.

No começo, também danei a comer coisas gostosas. De algumas semanas para cá, comecei a me conter. A preocupação não é só o peso, mas também a saúde: como andar meu colesterol, a glicose, os triglicerídeos? Deve ser tão fácil

quando se tem dinheiro, não? A pessoa liga para o médico, ele passa os exames. Depois, vem o funcionário do laboratório para tirar-lhe o sangue, normalmente um preto de uniforme branco, usando máscara e escudo facial. A pessoa com dinheiro, normalmente branca, posta sobre a quarentena e agradece porque enfim tem a oportunidade de prestar atenção em si mesma e nos filhos. Ela agradece porque é como se estivesse de férias. Ela, a piranha. Eu leio no jornal que a desigualdade e a concentração de renda só aumentam, mas a piranha com dinheiro não está nem aí. Ela quer apenas que tudo volte a ser como antes, sobretudo para que possa fazer suas viagens internacionais e sair para comer em restaurantes de luxo. Já eu, não quero que volte a ser como era. Hoje sei que estava tudo muito ruim, mas eu que não tinha tempo de parar para pensar. Por essa razão, eu quero que tudo seja bem diferente. E quero que aquilo que não ousa dizer seu nome tenha coragem de gritar, para quem quiser ouvir: “Meu nome é amor!”.

Quero isso e muitas outras coisas. Quero que acabe o racismo, a homofobia, todos os medos e preconceitos que vêm de fora e nos ferem por dentro. Que o “novo” normal seja bem doido, porque de perto...

44

**A RESSIGNIFICAÇÃO DA ERA DA SOLIDÃO
ACOMPANHADA**

*Mike Faria da Cruz*⁶⁶

A casa foi ressignificada, para além do morar, ganhou status de sentimento e privilégio. Novos sentidos e ultrapassou apenas o habitar e as quatro paredes. “Quem casa quer casa” diziam eles, ou melhor, nós nas brincadeiras do pré pandemia, mas agora todos queremos e fazemos o possível para nos manter nela.

As máscaras deixaram os carnavais e as festas de fantasia apenas e invadiram nosso cotidiano. Nunca antes foi tão importante o olhar que acolhe, informa e transmite cuidado, sem abraços perdemos um pouco da nossa identidade, mas também ganhamos a chance de repensarmos nossas formas de sociabilidade e afetividade, afinal, será que é realmente necessário já abraçar de cara alguém que você não conhece ou até mesmo está vendo pela primeira vez?

“Mais do que estar em casa, é preciso se sentir em casa”, acredito que esse é o maior ensinamento que vou levar desse período de quarentena. Essa expressão acompanhou uma postagem minha no *Instagram* em maio, mês do meu aniversário de vinte e dois anos, e provavelmente vem me provocando reflexões diariamente. A sensação é de que estou vivendo de nostalgia e expectativas, que se perdem e ao mesmo tempo se nutrem das incertezas.

Antes mesmo da pandemia nos atingir, eu buscava fazer passeios sozinho para curtir os momentos ao meu tempo e do meu modo, como ir a museus na Praça da Liberdade sem precisar preocupar com o tempo gasto em uma exposição do CCBB ou ir no Cine Belas Artes ver aquele filme que me chamou a atenção logo pelo cartaz, isso sem precisar lancha depois, o que provavelmente faria dependendo do amigo ou amiga que estivesse me acompanhando, podendo ainda correr para pegar o ônibus e enfim chegar em casa em uma hora razoável.

Isso tudo agora são lembranças, boas por sinal, e motivações para continuar a cada dia e encontro online feito com sucesso. Fato é que é preciso encarar a realidade e se adaptar para lidar com os desafios. Podcasts e cursos online estão sendo minhas maiores companhias durante o isolamento social, a cada tema diferente, vivências conflitantes e experiências sonoras que me deparo, me sinto ao mesmo tempo junto de alguém, tão perto, mas tão longe que, acima de tudo, compartilha comigo momentos e pontos de vista.

⁶⁶ Gay, preto, 22 anos. Contagem, Minas Gerais.

As reuniões e cursos entram na famosa produtividade, desejada por muitos e alcançada por alguns. Aproveitei para participar de treinamentos e capacitações que antes, talvez, não teria tido a oportunidade, me joguei em reflexões relacionadas a minha formação, como o jornalismo na pandemia, a cobertura do covid-19 agora e no futuro, comunicação digital, marketing ligado a causas e até um curso sobre fascismo ganhou espaço na minha “nova” rotina.

As aspas tornam-se necessárias pois o confinamento não foi totalmente uma surpresa para mim. Desde janeiro deste ano, após concluir a graduação de jornalismo e, conseqüentemente, o estágio de quase dois anos, estava em casa, experimentando na pele o drama do jovem recém-formado a procura do primeiro emprego. Nesse tempo, enquanto a oportunidade não aparecia, me joguei em projetos paralelos, além de dar continuidade a colaboração voluntária que já fazia para um portal de jornalismo cultural, aliás, minha principal via de produção de conteúdo no confinamento.

No campo afetivo, me abri mais para os aplicativos de relacionamentos, aos quais enfrentava certa desconfiança antes, apesar de já usar um pouco para exercitar aquela expectativa e aguçar os sentidos. Como sou gay mas não sou assumido para minha família, esses tipos de recursos tem me ajudado a comunicar e me relacionar com pessoas que acreditam e vivem realidades parecidas com a minha.

As telas viraram meu divã inconsciente, minha forma de expressar meu sentimento político e social confuso, cansado e exausto de ter que dizer e repetir o óbvio. Nesse tempo, percebi a necessidade urgente de romper com essa barreira da omissão da minha sexualidade dentro de casa e com os parentes, algo que só eu mesmo posso resolver.

Tenho me sentido cada vez mais confiante para me abrir, principalmente com meus pais, não para assumir algo, pois esse verbo refere-se a crimes e aqui não estamos nessa condição, mas para aproximá-los mais de mim e reforçar nosso vínculo de amizade que já existe. Quero que eles compartilhem comigo minhas experiências e conquistas por inteiro e com a quarentena, percebo cada vez mais a importância, como isso vai me fazer bem e fortalecer minha auto aceitação e confiança.

Além disso, com a formatura na faculdade de jornalismo em dezembro de 2019, reconheci certos pontos que passaram por mim, porém muitas vezes não parei para analisar e pensar sobre, isto é, a gratidão sobre a coragem de seguir o meu próprio sonho e intuição, o jornalismo, em meio a falta de certeza e experiência. Por acreditar nas minhas habilidades e apostar nos meus pontos fortes, por fazer desses quatro anos de universidade um processo de autoconhecimento.

Me permiti ser por completo, arriscando me expor a novas situações e pessoas que, até então, eram muito distantes para mim. Sem dúvida o crescimento foi expressivo e hoje vejo o quanto mudei do dia que cheguei e me

apresentei para a turma com timidez, até hoje, em que consigo me comunicar mais naturalmente, dominando melhor minhas atitudes e aspectos emocionais.

Talvez, muitas vezes preferi teclar do que falar, curtir a elogiar ou compartilhar do que divulgar efetivamente, mas atualmente ando sabendo mais como é importante estar e me sentir saudável, corporal e mentalmente, me conectando com minhas raízes e o meu corpo. Dessa forma, ultrapasso as pequenas alegrias da vida adulta para me conectar com o que me mantém forte e vivo e indico você a praticar também.

Mais do que a ressignificação da era da solidão acompanhada, proporcionada a partir das interações virtuais, imposta para uns e intensificada para muitos, acredito que precisamos dar um novo sentido para a rua, nos fazendo chegar onde a intolerância e a falta de informação ainda se fazem presentes e persistem em tentar nos limitar, além de nos interpretar por cartilhas que prometem uma sociedade apresentada como mais segura e controlada.

Ainda, o maior desafio para nós, minorias políticas, à medida que aprendermos a lidar com o coronavírus será desconstruirmos a guerra de narrativas criada no período de desenvolvimento da pandemia no país, isto é, a procura de estabelecer e legitimar ideias de acordo com princípios políticos e ideológicos, o que nada tem a contribuir no enfrentamento do vírus. Assim, além da crise sanitária, viemos nos deparando com uma crise política de grandes proporções que ameaça à democracia e o imaginário coletivo para, principalmente, tomar decisões e conviver com as diferenças.

Grandes motivadores desse cenário, alguns representantes acabaram por criar uma desordem e confusão na sociedade e reuniu suas forças para guiar reações a um inimigo comum, seja ele um ministro demitido por relações ou ideias contrárias ou um inimigo invisível, idealizado como foco de reação.

Vemos emergir assim uma postura contra a modernidade e as instituições progressistas para refazer o passado e, de certa forma, “purificar” a espécie, uma luta de caráter cultural e civilizacional que não se revela por inteiro, mas cria confusão e impulsos nos indivíduos, carentes de solução e recursos para amenizar o caos, sobretudo, humano que estamos vivendo.

Teremos que rever nosso modelo de afeto por proximidade, somos referência pela personalidade generalista e tradicional do povo afetuoso, acolhedor e, acima de tudo, por abraçar facilmente, muitas vezes sem conhecer realmente o outro para isso. Então, volto a perguntar, será que é realmente necessário abraçar alguém que pouco conhecemos ou estaria em jogo uma identidade do povo brasileiro, que sem abraço estaria carente e mais perdido na confusão da sociabilidade.

Resta a mim e a você, repensarmos nossas decisões e comportamentos, como chegamos até aqui e como vamos nos relacionar para além do abraço, afinal, o pessoal das aglomerações, do carnaval, futebol, precisa continuar e o real crescimento do país em diversos campos também.

Estar em confinamento vem abrindo meus olhos para novas possibilidades pessoais e profissionais que vão além do apenas "ficar em casa". Assim, ainda mais na condição atual, percebo a necessidade e a importância das tecnologias digitais de comunicação e produção artística para falar diretamente com o público e atender as demandas, estas que muitas vezes partem do social.

Seja você artista popular, independente, pessoa LGBTQIA+, fato é que na era digital a comunicação é essencial para garantir uma relação próxima entre os artistas, comunicadores, cidadãos e seu público, na busca de levar propostas que destaquem e gerem visibilidade a um causa, baseadas realmente na sensibilidade social.

Venho me movimentando na busca da iniciativa de enfrentamento e inclusão, com foco na gestão de comunidades. O isolamento social é um processo para nós de desconstrução, de rever nossas próprias práticas para alcançar a democratização do acesso e produção de identidades, pois muitas vezes ficamos presos a nossa realidade e não percebemos que uma rede, ideia ou mídia acessível a um grupo não é popular a outro.

O debate do ser ou ter tornou-se relativo e agora enquanto uns se queixam do tédio, outros procuram a sobrevivência. Precisamos pensar que para alguns talvez isso não vai passar, não dessa forma fluida que vemos sendo declarado por aí. Para mim está sendo um período de aprendizado, de sair da zona de conforto e a possibilidade de me conhecer e esclarecer minhas limitações.

Por enquanto, sei que as pequenas alegrias da vida adulta são a vitamina d do sol da manhã, a chamada de vídeo do aniversário da minha vó, os shows à distância. Abro os olhos e vejo que essas realizações são seletivas, são privilégios e nos mostram que é importante viver a sua maneira e encontrar formas de proporcionar ao outro essas experiências também.

Penso que as distopias podem ter saído das páginas e telas, o cansaço ultrapassou o corpo e a barbárie alcançou as lideranças, mas a beleza ainda resiste e os laços existem para nos mostrar que vale a pena viver e sobreviver.

45

SE A MINHA QUARENTENA FOSSE UMA SEMANA

Isabela Muzzi Vasconcelos⁶⁷

Segunda-feira

Eu acordo com o meu despertador às 6:30, como havia programado na noite anterior. “Essa semana vai ser diferente” eu decido. Desço até a cozinha e faço um suco verde de couve, laranja e gengibre. O plano é ser saudável, dormir em horários regulados e estudar. Me matriculo num curso online sobre vírus respiratórios, incluindo o covid-19. Tento fazer alguns exercícios sobre genética.

Quando já não estou aguentando mais, olho o relógio, são 10 horas da manhã. Decido que não fará mal assistir à algum filme ou série até a hora do almoço. Abro a *Netflix*, mas já assisti a todos os filmes que eu gosto do catálogo e não sei se começo outra série ou se assisto a outro filme do estúdio Ghibli.

Acabo no meu celular, entre várias redes sociais. No *Youtube* assisto a mais um vídeo do canal “Living Rosa”, sonhando sobre como vai ser a minha família. Será que eu vou adotar? Ou será que eu poderia fazer como elas e gestar o bebê biológico da minha esposa? No *Twitter* vejo memes sobre a quarentena, mas eles me deixam estressada e eu penso se me faz bem ficar no celular por tanto tempo.

Ainda são 11:54 e eu tenho que esperar até 12:00 para almoçar, de acordo com o horário que eu fiz no dia anterior. Quando enfim é meio dia eu vou até a cozinha e faço meu parto. Arroz, feijão, abóbora, abobrinha e tomate. Como tão rápido que os outros se espantam. Não sei dizer se é por ansiedade ou fome.

Depois do almoço eu faço uma caminhada. “Esse ano eu vou emagrecer” eu penso. Mas uma voz na minha cabeça me pergunta: “Isso importa?” Enquanto desço a minha rua, usando uma máscara com estampa de cactos, escuto ao último álbum do meu artista favorito. Estar na rua traz uma paz estranha, mas familiar. Eu sorrio por trás do pano, quando uma senhora passa por mim, mas me lembro que ela não pode ver meu rosto.

Voltando para casa eu vou para o meu quarto e ligo o computador. Pelo quinto dia seguido passo duas horas jogando *The Sims 4*. Minha família possui três gerações, as avós, as mães e duas netas gêmeas. Elas têm uma bandeira do orgulho LGBTQ+ na sala de jantar e todas tem o traço “vegetariana”. A casa delas é grande e cheia de flores. Elas têm o próprio pomar com muitas árvores frutíferas e pés de batata. É um pequeno universo perfeito.

⁶⁷ Bissexual, branca, 20 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais.

Eu decido descer para comer uma fruta, mas chegando lá eu vejo que meu pai comprou mais do meu pão preferido e devoro três fatias com o *hummus* de grão de bico que eu fiz na semana passada. Me sinto arrependida instantaneamente.

O resto do dia eu passo numa chamada de vídeo com minha prima. Me sinto com medo de alguém da minha família pegar o corona vírus, mas tento afastar esse pensamento. Quando desligo já são quase 23:00 horas e eu ainda não tomei meus remédios. Engulo os dois comprimidos pequenos sem água e quase me engasgo. Já sei que não conseguirei acordar cedo no dia seguinte.

Terça-feira

Acordo às 10:29 da manhã. Me xingo muito por não ter conseguido acordar mais cedo. Não tenho forças para fazer um suco verde hoje, então como duas bananas e me sento na rede da varanda. Está quase frio, mas eu já sinto minha rinite piorando. “Será que minha esposa também vai ter rinite?” é um pensamento aleatório, mas eu me divirto imaginando nós duas reclamando da época de alergias que quase sempre acontece no inverno.

Me lembro como eu odeio o frio e faço um *tweet* sobre isso. Mas acabo passando mais tempo que eu queria no *Twitter*, porque quando olho já são 13:09. Almoço a mesma comida do dia anterior, só que hoje também tem mandioca frita. Eu tento comer só uma, mas está tão gostosa que quase acabo com tudo e não deixo nada para minha irmã.

Decido que hoje eu vou cozinhar. Olho na internet por algum pão vegano e acho uma receita fácil no canal “Ta na mesa vegg”. Vou até o supermercado perto da minha casa e quase esqueço a máscara. Lembro de pensar que eu me sentiria pelada de estar sem ela fora de casa. No caminho até o supermercado, vejo que a rua está ficando mais cheia que antes e com certeza bem mais cheia do que deveria. Compro o fermento biológico, a farinha de trigo e as batatas, já que os outros ingredientes eu tinha em casa. Chegando em casa passo álcool em gel em tudo e lavo minhas mãos por 20 segundos.

O pão leva quase duas horas para ficar pronto. Todo mundo ama. Minha irmã é a única com críticas: “Da próxima vez você deveria fazer de tomate e não de cenoura. Aliás, não. Da próxima vez você deveria fazer um pão doce”.

Penso sobre isso e decido que no dia seguinte eu vou fazer “cinnamon rolls” veganos. Eu vejo rapidamente se tenho todos os ingredientes, mas percebo que eu havia usado toda a farinha de trigo. Então faço uma lista de tudo o que eu preciso e já deixo na mesa da cozinha para o dia seguinte.

Quarta-feira

Acordo estressada e desmotivada, mas do que nos outros dias. Não quero fazer nada o dia inteiro. Não consigo me olhar no espelho, porque sinto raiva de mim mesma. Meus pais me irritam e não consigo explicar por que não me sinto bem.

Só consigo me sentir melhor por lembrar que a última temporada da minha série favorita vai sair na sexta-feira. Assisto ao meu filme favorito com a minha irmã. Nós choramos no final e nos engasgamos com a pipoca que eu fiz, porque os milhos não estouraram direito.

Quinta-feira

Nesse dia eu faço os “cinnamon rolls”. Eles ficam tão gostosos que eu decido fazer uma fornada a mais para as minhas amigas. Depois que eu termino tudo peço para a minha mãe me ajudar a levar para elas, já que eu morro de medo de dirigir sozinha.

Fico orgulhosa de fazer uma comida gostosa para as pessoas que eu amo e me imagino velhinha fazendo comida para os meus filhos já crescidos. Minha esposa vai rir da minha cara porque eu já vou estar confundindo o sal com o açúcar, mas não vai deixar ninguém me criticar.

“Será que algum dia essas coisas vão mesmo acontecer?” eu penso, porque nesse momento a quarentena já está atingindo minha autoestima. Eu tenho medo da solidão, mais que nunca. Olho no espelho, mas não me reconheço. Meu cabelo está muito longo e minha pele ainda mais branca que o normal. Eu sinto raiva de Deus, muita raiva.

Minha irmã entra no meu quarto chorando. Ela pesquisou o número de mortes de novo. “Eu não entendo porque as pessoas estão morrendo e eu ainda estou aqui, Isabela” ela diz. Eu me sinto tão mal por ela, mas não sei o que dizer.

Naquele dia eu pulo o banho e apenas escovo os dentes antes de dormir, mas demoro muito para pegar no sono pela ansiedade que tomou conta de mim. “Pelo menos amanhã vai sair a última temporada de *She-Ra*” e isso me deixa animada de novo.

Sexta-feira

Eu acordo às 4:47 da manhã e desço as escadas bem devagar, tentando não acordar ninguém. Eu ligo a TV e abro o aplicativo da *Netflix*. Aperto o play. Minha semana melhora 100%.

Eu não consigo comer direito depois de terminar a série. Eu fico tremendo por três dias seguidos. Me sinto de novo com 17 anos, minha fase de fã obcecada.

Desde que eu comecei a ver a série eu queria que as personagens Catra e Adora fossem um casal. Elas tiveram vários momentos durante as 4 primeiras temporadas que poderiam ser considerados flertes. Infelizmente a Catra era a

vilã, então eu não estava com grandes expectativas. Eu gostaria que elas ficassem pelo menos amigas no final da série, isso já seria bom para mim.

Mas não foi isso que aconteceu. Na verdade, elas se declararam uma para a outra, se beijaram e salvaram o universo. E foi perfeito.

Quando eu estava assistindo ao último episódio com a minha irmã, quase duas horas da tarde porque ela me fez esperar para assistir com ela, eu gritei e ela chorou quando elas enfim se beijaram. Foi tudo tão incrível que eu não consegui parar de pensar nisso nem um mês depois.

Sábado

Acordei feliz e confusa pensando nas falas das personagens: “Você não entende? Eu te amo. Sempre te amei! Então só dessa vez, fica! ... Fica...”. Eram 5:48 e eu não consegui dormir de novo. Fui para o *Twitter* acompanhar as *fanarts*, mas me deparei com uma notícia que mudou tudo.

George Floyd, um homem negro de 46 anos foi morto no dia 25 de maio por policiais dos Estados Unidos. Esse acontecimento infelizmente é recorrente. Em grande parte do mundo e principalmente aqui no Brasil.

Eu me sinto frustrada. As manifestações no Estados Unidos e no Brasil são grandes e a violência policial contra a população negra nunca foi tão explícita. Eu não posso participar dos protestos então assino petições, compartilho *stories*, dou *retweet* em várias campanhas, mas ainda assim me sinto frustrada.

O dia passa devagar, pessoas postam um quadrado preto no *Instagram*, como se isso fosse mudar alguma coisa. Eu sinto raiva. Raiva do preconceito que estimula toda essa violência. Raiva da minha condição de privilégio. Eu brigo na internet, lembrando as pessoas que a realidade só mudou quando as pessoas foram violentas. Não sinto mais raiva de Deus, porque praticamente não acredito mais nele. Não me orgulho de nenhuma dessas coisas.

Domingo

Eu acordo tarde de novo, já não tenho vontade de mudar a minha vida. Não como nenhuma fruta e não tomo muita água. A verdade é que eu cheguei num momento da quarentena que nada faz mais muito sentido. Cada dia é igual ao outro, o mundo está horrível e todas as notícias são ruins.

O mês do orgulho LGBTQ+ começa e eu penso em comprar uma bandeira arco-íris, mas nem isso me deixa feliz. Ser lembrada toda vez que eu entro nas redes sociais de como é difícil ser negro no Brasil e no mundo me faz pensar como ainda é difícil ser LGBTQ+. Os meus sonhos podem ser bons, mas ainda são imaturos. A verdade é que nada parece certo. Eu tenho medo de ser quem eu sou 100% do tempo. Tenho vergonha do que a minha família vai achar quando souber e do que as pessoas da igreja da minha mãe vão dizer pelas minhas costas. Mas

tudo bem. Eu aprendi muito cedo que a única coisa que não podem tirar de mim é a esperança. Porque se tirarem ela de mim, aí eu não vou ter mais nada.

E não é que eu estou sendo otimista, porque eu desisti do otimismo lá na quarta-feira. Não. Sei que está muito difícil sobreviver a 2020. Mas mesmo na minha condição de privilégio, sabendo que está pior para muitas outras pessoas, eu ainda me sinto muito mal. Eu estou triste, sozinha, assustada e com muita raiva. Uma parte de mim quer que tudo acabe logo e outra parte tem medo de que piore ainda mais.

Faço uma chamada de vídeo com minhas amigas pelo *Zoom*, jogo um jogo de tabuleiro com a minha irmã, assisto “Imagine eu e você” pela quinta vez no mês e escuto o meu álbum favorito enquanto leio os *tweets* sobre *She-Ra*.

Quando são 22:45 eu deito minha cabeça no travesseiro, viro de um lado para outro na cama e quando acho uma posição confortável fecho os olhos e penso “Espero que amanhã seja melhor” e antes de dormir eu mesma me respondo “É, talvez seja”.

46

RELAÇÕES INTERROMPIDAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: AS (NOVAS) FORMAS DE ENCONTRO AFETIVO

*Maurício João Vieira Filho*⁶⁸

Abruptamente, nossas rotinas foram completamente alteradas em razão da pandemia de covid-19. De repente, vimos que os toques, os abraços, os cumprimentos e até estar juntos não seria possível. Tudo parou. Eu estava iniciando uma nova jornada acadêmica em Belo Horizonte com o início do mestrado em Comunicação Social e me vi perdido quando a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) suspendeu as aulas e as atividades presenciais no campus. Menos de quinze dias depois de realizar minha mudança, tive que retornar para minha cidade natal. Vários sonhos foram por água abaixo naquele momento. As expectativas (sem a pandemia e suas consequências) eram conhecer novas pessoas, fazer amizades, experienciar os locais que não conhecia e planejar um novo ciclo. No entanto, tudo foi paralisado e findado mesmo antes de começar. A incerteza pairou e me vi questionando inúmeras vezes: até quando isso vai durar? Lembro que pensei que duraria pouco, mas estava enganado.

Dia após dia trancado em casa. Saindo apenas quando é extremamente necessário. A experiência de andar pelas ruas é completamente diferente e assustadora. Máscaras, olhares desconfiados, passos rápidos, álcool em gel para todos os lados, lojas fechadas e com atendimento *delivery*. Minha observação ficou mais aguçada, algo que antes talvez não fosse. Pelo cotidiano tão corrido, eu não parava para observar os espaços por onde passava e as pessoas que estavam próximas. Comecei a ver situações inusitadas e que não imaginaria nunca que viveríamos.

A ausência de toque, de cheiros, de contato, de abraços, de beijos, fazem nossos corpos sentir um vazio. Vazio que me parece ser permanente desde que estamos neste mundo. Sempre fomos privados de vivenciar nossas experiências na sociedade. Quem não se encaixa nos modelos cisheteronormativos impostos desde que nascemos é violentado cotidianamente, ou melhor, antes mesmo de nascermos com os ultrassons para saber o “sexo” do bebê, os chás de revelação e a escolha da cor do quarto do bebê (lembrei-me da frase insana “menino veste azul e menina veste rosa”). Desde que nasci fui impelido a seguir padrões de como ser e estar no mundo. Em casa, na rua ou na escola, vamos sendo ajustados

⁶⁸ Gay, 22 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais.

para tentar integrar no que é aceito socialmente. Minha sexualidade também passou por essa “tentativa de molde”. Acredito que essas vivências que tive são próximas a de muitas pessoas LGBTQIA+.

Sinto que a pandemia e sua consequente obrigação de afastarmos uns dos outros vem como um complemento ao controle dos nossos corpos. Se antes sair à rua vinha acompanhado do medo da violência, que infelizmente sofremos em nossos cotidianos no país, agora, vem junto ao perigo do coronavírus. Neste período, conversando com alguns amigos notei como estar na casa dos pais ou de parentes, por exemplo, pode ser algo adoecedor. Conviver com pessoas que não te respeitam é um desafio e uma luta diária para viver. Esses conflitos nos ferem e nos desgastam.

Para tentar suprir a falta do outro, recorremos a aplicativos de relacionamento, como *Tinder* e *Grindr*, e as redes sociais digitais – *Instagram*, *Twitter*, *Facebook*, *WhatsApp* e tantas outras que nos aproximam e possibilitam que não nos sintamos sós. São os espaços possíveis para contato (virtual) com amigos e com novas pessoas. No entanto, não entrei nestes aplicativos para uma conversa com possíveis “contatinhos”, procurei observar modificações em suas funcionalidades neste período e o modo como elas atuam nas (novas) formas de sociabilidade. O *Grindr* ampliou a gama de perfis possíveis para conversas; antes, eram 100 pessoas disponíveis para contato, agora, o número ampliou para 300. Além do aumento nas possibilidades de conversa, o aplicativo emitiu mensagens sobre prevenção e cuidados com o novo coronavírus. No *Tinder*, aconteceu algo semelhante; tornou-se possível conversar com pessoas de qualquer parte do mundo. Parece-me que, essas estratégias que visam aproximar pessoas independente da localidade ou distância que as separam, são maneiras de passar este complexo tempo. Obviamente, são também estratégias de marketing para captar novos públicos. Outro ponto crescente são as *lives* de todos os tipos – de música, bate-papo, para reflexão e até de sexo. A qualquer hora do dia terá alguém produzindo algum conteúdo ao vivo e aliviando nossos tédios.

Percebi que essas formas de ter encontros afetivos, impossibilitados de serem feitos pessoalmente agora, parecem ser novas, mas não são. Antes da eclosão da pandemia, muitas vezes, nós iniciamos relacionamentos, seja amizade ou até namoro, por meio das possibilidades que as redes sociais digitais nos oferecem. Antes, matávamos a saudade de alguém que está distante geograficamente por meio das videochamadas. Esse novo não é recente, apenas intensificado. Pode ser um afago para a ausência do toque e das sensações, porém não substitui o contato. Sinto falta disso. Com certeza, terei que lidar com as ausências por um longo tempo.

Como só estou em casa cumprindo as medidas de segurança estabelecidas em razão da pandemia, decidi me dedicar ao início da pesquisa do mestrado. Entre as várias leituras, buscas e reflexões que sigo fazendo diariamente algumas têm me chamado a atenção e compartilho com vocês a seguir. Meu interesse ao

ingressar na pós-graduação era estudar sobre gênero e sexualidade nos meios e diferentes formas de comunicação. Meu propósito em cursar o mestrado e doutorado posteriormente é ser professor futuramente. O sonho da docência me acompanha desde a infância quando me imaginava em uma sala de aula. O tempo passou, muita coisa aconteceu, e durante um bom tempo da minha vida esse desejo foi sendo esquecido. Mas, na época da graduação, a partir de momentos nas aulas sobre “Discurso e Mídias”, percebi esse sonho que estava apagado se afluando novamente. Depois disso, busquei caminhos para torná-lo realidade um dia. E nesse caminho está a pós-graduação.

Retornando aos pontos que me despertaram curiosidade, ali está a pornografia – meu atual objeto e interesse de estudo – e como ela atravessa nossas experiências, fundamentalmente, para pessoas cujas sexualidades e suas formas de vivenciá-la são sufocadas, silenciadas e proibidas na sociedade. Trata-se de um campo múltiplo e vasto – às vezes, esquecido e só lembrado na busca de prazer – com infinitas possibilidades de abordagem e de interesses de pesquisa. Eu e muitos amigos que conversei buscarem na pornografia saber o que era sexo e como acontece, já que em nossas casas e nas escolas isso nunca foi falado abertamente. E aí está um grande problema, já que os filmes pornográficos da indústria comercial, a título de exemplo, são gravações mediadas por câmeras, cenários e edições, dirigidas, encenadas, enquadradas e disponibilizadas em plataformas cujo interesse é exclusivamente comercial. Ademais, nessas gravações, reverberam-se problemáticas como a ênfase nas masculinidades hegemonicamente construídas e seguem reforçando como os desejos e os prazeres são socialmente criados por concepções heteronormativas. Nessas conversas com amigos, lembrei-me das pouquíssimas vezes que na época da escola se falou sobre isso. Sempre foi abordado de forma rápida, mecânica e ligada à biologia. Uma vez foi a professora na aula de Ciências, na quarta série do ensino fundamental, mostrando os sistemas reprodutores (marcados como masculino e feminino) e a função de seus órgãos; outra vez, a professora de Biologia, na sétima série do ensino fundamental, mostrando os métodos contraceptivos e suas funções para o corpo; e, por fim, no primeiro ano do ensino médio, o professor também de Biologia mostrando fotografias de pessoas com infecções sexualmente transmissíveis (IST). Esses únicos momentos se privaram a uma perspectiva médica e biologizante, em que apenas aqueles modelos de masculino e feminino eram considerados naturais ou ligados a uma natureza dos corpos cuja finalidade era a reprodução. Então, se apenas estes modelos representados eram considerados corretos, eu me sentia fora da caixa, não representado e sem entender quem eu era. Rememorando estes momentos, lembro o quanto era estranho para mim estar naquela bolha e imagino que para muitos também poderia ser.

Com isso, percebi o quanto a pornografia perpassa as nossas experiências. Neste momento pandêmico, encontrei alguns dados que são muito curiosos, que

apontam o aumento no consumo de vídeos deste tipo. De acordo com informações divulgadas pelo *Pornhub*⁶⁹, um dos sites de compartilhamento de vídeos pornográficos mais reconhecido mundialmente, houve um crescimento nos acessos do site desde o começo da pandemia. No Brasil, o pico de acessos, até o momento, foi em 11 de maio de 2020, indicando um salto de 30,6% em relação a um período comum. Curioso notar também que o site criou uma playlist de vídeos sobre como se prevenir do coronavírus e sentir prazer. Durante toda essa análise, fiquei pensando: para que a pornografia nos serve? E aqueles corpos são apenas para satisfação dos nossos prazeres? Ou são para satisfação de interesses capitalistas? A pornografia é arte?

Por falar em arte, ela está sendo o nosso alento, o nosso sustento e nosso alívio em tempos tão difíceis. Tão necessária e tão importante sempre, mas, infelizmente, no Brasil, seu valor não recebe o devido respeito, principalmente, pelo governo. Para lidar com o estresse que o momento está me causando, sigo lendo, assistindo séries e filmes, ouvindo música... Assim, a gente segue torcendo por dias melhores. Apesar do horizonte nublado, ainda há um raio de sol diário que nos dá esperança.

Durante esta escrita, falei muito sobre tempo e sobre rememorar acontecimentos que me marcaram. Agora com a pandemia, fico refletindo sobre o passado, pensando no presente e imaginando futuros. Apesar de não saber quando este presente difícil passará, sigo na expectativa de que logo isto acabe para que possamos viver experiências, sonhar cada vez mais e realizar cada sonho com amor. Este texto foi escrito em junho de 2020, mês do Orgulho LGBT. Infelizmente, por conta de toda circunstância pandêmica, não poderemos expressar nossa alegria, manifestar nossas lutas e estar juntos nas ruas e nos espaços públicos, mas on-line continuaremos unidos e sendo resistência.

Desejo a todxs que lerem este texto muito amor e que, em breve, possamos voltar aos beijos, abraços, contatos físicos.

⁶⁹ Dados apresentados no site Pornhub Insight. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

47

UMA BICHAROCA⁷⁰ TOMADA PELA PULSÃO DE VIDA EM MEIO À PANDEMIA

Lucas Eduardo Souza Assunção Lopes⁷¹

São exatamente quatorze de junho de dois mil e vinte. Estou há exatos oitenta e oito dias de quarentena. Escrevo com desejo de compartilhar experiência, vivência e por quê não sobrevivência? Estou vivo. E esse sentimento significa muito. O desejo de viver e de seguir quando tudo parece tão incerto diz de uma pulsão de vida. E escolhi falar sobre a vida. Ou sobre viver, sobreviver.

Tenho pensado muito em Clarice Lispector ao escrever este texto. Afinal, sempre me identifiquei com seu jeito introspectivo, calado, autocrítico, sensível e exigente com a escrita que produzia. Clarice não relia suas obras depois de publicadas, uma vez escrita e finalizada, ela se encontrava em estado de mortificação até a próxima fricção se apoderar dela. Clarice vivia para a sua escrita da qual ela não atribuía como um trabalho, mas sim, como uma forma de se fazer viva, presente. E enquanto escrevo, sinto vida, sinto desejo em continuar escrevendo, mas uma vez finalizado, meu texto também estará morto, até a próxima fricção. E é inclusive irônico que eu comece este texto falando sobre a vida e invoque inevitavelmente a morte. Mas não seria essa, uma condição estrutural do ser humano?

Solitude – ser e estar só no mundo, nascer e morrer só.

Enquanto me colocava a trabalho para elaborar essa condição estrutural, pensava não ser tão difícil para alguém como eu – mais recluso e que encontra refúgio nos livros, nas músicas e nos filmes – ficar em casa. Mas a verdade é que frente a esse real da pandemia, da quarentena que é tão difícil de simbolizar e que me é tão caro nesse atual momento, me faltam palavras. Faltam palavras que antes pareciam estar até mesmo sobrando. Mas que agora preciso tomar cuidado para que elas não me escapem. Receio perdê-las ao passo que avanço na escrita, mas agora não vejo outra saída, preciso continuar.

Estar em quarentena e residir no Brasil me preenche de vivências mais do que significativas para falar de sobrevivência. Frente a um período de calamidade pública, tensionada por um (des)governo de morte que a todo

⁷⁰ *Bicharoca* – é um termo informal usado para se referir a uma pessoa estranha, assustadora (que se comporta feito bicho).

⁷¹ Psicólogo Clínico e praticante da Psicanálise, membro da Comissão de Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual do CRP/04. Belo Horizonte, Minas Gerais.

momento instiga o caos e a desinformação, que tem urgência em desmaterializar o que se tem de história, de resistência e de simbólico para construir narrativas de terror. Um gabinete do ódio armado com práticas genocidas, eugenistas e higienistas que só fazem demarcar os abismos entre os saudáveis e não saudáveis, entre os que são jovens e atléticos para os que são velhos e conseqüentemente descartáveis.

Tenho vinte e seis anos, o que a princípio me enquadraria na categoria dos que são “jovens” e necessários como massa de manobra *fascistóide Tupiniquim*, mas em contrapartida, também sou viado e não tenho histórico de atleta, o que logo me transporta para a categoria dos indesejados e descartáveis. Para piorar, também não sou cristão, não acredito que a Terra seja plana e nem que o vírus seja uma criação da China para instaurar o comunismo no mundo. E não, eu não acredito em um Messias enviado pelos deuses divinos com sede em manipular a cloroquina goela a baixo.

Mas espera aí, eu deveria estar falando sobre a vida, uma sobrevivida, não é mesmo? Por que eu estou invocando esse (des)governo de morte? Morte, vida, genocídio, sobrevivência. Por quê tudo parece estar tão conectado? Por quê para escrever este texto em primeira pessoa do singular eu preciso invocar a situação política, uma pandemia, um vírus?

Bom, a Clarice Lispector invocou uma barata no seu romance “A paixão segundo G.H.” para falar sobre autoconhecimento ou melhor sobre desconhecimento, ou seria sobre despersonalização de si? Já não saberia dizer, mas posso me conceder a licença poética de trazer a covid-19 e o estado de quarentena para ser a minha barata encontrada no quarto de despejo. O encontro com a barata no quarto de despejo serve como metáfora da minha experiência frente ao real da pandemia, frente ao real de um vírus que me coloca a sair na rua de máscara e não ver mais os rostos das pessoas na sua integralidade.

Ao falar de integralidade, realizo o movimento de retornar na minha adolescência, onde me deparava com o sentimento de fragmentação, como se faltasse algo que me fizesse inteiro. Me via fragmentado e as pessoas ao meu redor também, era incapaz de constituir uma imagem inteira, de olhar às pessoas na sua integralidade. Essa experiência, era fruto de uma fobia social tão grande que o simples ato de sair na rua e encontrar pessoas me desencadeava uma síndrome do pânico que na minha invenção subjetiva era mais fácil visualizar como se tudo estivesse em pedaços, de forma (des)integral. Assim, eu não seria o único em pedaços.

Hoje, eu bem que queria voltar a ver o rosto das pessoas para além da máscara de proteção individual que me impede de reparar cada detalhe singular presente em cada um na rua.

Hoje, eu não sinto mais medo em olhar e ser olhado. Eu quero que me olhem. E quero olhar também.

Mas enquanto uma bixa afeminada na rede de ensino brasileira, tudo o que eu queria era não ser olhado. Era não ser notado. Frente à violência, eu demonstrava não me importar, o que tornava o bullying cada vez pior. Os conselhos que eu ouvia, diziam para não me importar que os incômodos cessariam, mas isso nunca funcionou. Até que um dia eu chorei e meus pais me colocaram na análise. Quando fui para a análise, eu não chorei. Guardava para o travesseiro, pedindo às forças superiores que me fizessem mais forte no dia seguinte. O que também nunca funcionou.

De volta a quarentena.

No segundo mês em casa, era maio de dois mil e vinte, um domingo, dia das mães para ser mais específico, tive o meu encontro com a barata no quarto de despejo, quando não consegui controlar as emoções e fingir não me importar, pelo contrário, eu desabei, chorei. Naquele instante, eu pude enfim assumir que eu havia perdido o controle – e que bom que eu havia perdido esse falso controle.

Perder o controle, desabar, me deparar com a falta de sentido era exatamente o que eu precisava. Perdi o ar ao encontrar aquele ser que à primeira vista me soava tão asqueroso. Poderia se tratar de um ataque de pânico ocasionado pelas notícias diárias nos telejornais sobre o avanço da covid-19 no Brasil, mas era meu corpo-coisa gritando por socorro, gritando para ser ouvido, gritando para deixar de ser coisa? E eu quis fugir, correr, me esconder.

O ato de me esconder sempre foi um mecanismo recorrente ao tentar maquiagem minhas fragilidades e fraquezas. Tentava a todo custo separar o emocional do racional. O corpo da mente. Como se fossem duas áreas completamente antagônicas. A mente dotada de força e beleza, o corpo repleto de incertezas e inseguranças. Me frustrava por não conseguir realizar tal separação.

E se tratando de alguém marcado pela viadagem, pelo “*dar pinta*” e pelos trejeitos que sempre chegavam primeiro do que qualquer frase que eu pudesse pronunciar era até engraçado cogitar ser possível separar alguma coisa, como: corpo e mente; sexualidade e ser; eu e minha viadagem; eu e meu feminino; eu e meus comportamentos femininos; eu e meu corpo – que juntos eram constantemente denunciados – antes de emitir qualquer som, que também calhava em ser feminino.

Eu estava diante da barata, daquele ser infamiliar, que era tão humano a ponto de me causar verdadeiro pavor. E diante do pavor, eu chorei. Quando ouvi pela primeira vez que eu era *boiola* aos seis anos de idade, eu também chorei. É curioso o efeito de devastação quando eu escuto ou enxergo aquilo que me aproxima verdadeiramente de quem sou.

Me vi exposto, nu, sem máscaras – me vi sujeito. Até que eu me aproximei daquela barata e vi que ela não era tão infamiliar, tão estrangeira assim, aquela barata era eu. Aquele choro que já era conhecido de tantas outras vezes que eu havia deparado comigo mesmo e recuado, retornava do meu inconsciente que

havia feito o trabalho de recalá-lo. Encontrar a barata me proporcionou me reencontrar também.

Eu não era mais fragmentado. Eu não era só o que eu pensava, separado de um corpo, como também não era só um corpo, sem a história que ele carrega. Eu sou um eterno vir-a-ser.

Eu sou a barata, eu sou a bicharoca capaz de sobreviver à uma pandemia.

Eu sou o ser que vivia às escondidas, nas frestas, no subsolo e que agora pode sair. Sair usando máscara de proteção individual e respeitando o distanciamento recomendado pela Organização Mundial de Saúde. Um sair mais humano e menos coisa. Um sair que envolve uma escolha que somente eu, restituído da minha condição humana posso fazer.

48

CORONATENA

*Mateus Aparecido de Faria*⁷²

Esquerda, esquerda, hmmm... esquerda, esquerda. Os dias passam devagar, em um ritmo diferente daquela música de outro tempo. Tempo este em que era possível se sentir isolado também na rua. Agora o isolamento permanece apenas em casa. Interessante que a sensação de estar isolado não é pelo óbvio – afinal moro, junto com meu marido, “de favor” em um apartamento possuído por uma felina, a Monique. Não parece com o estar sozinho, não lembra o estar solitário. É isolado mesmo. Não posso abraçar aquele amigo de infância que se tornou padrinho de casamento, nem aquela amiga que está na linha de frente contra o coronavírus. Fazer isso seria uma tentativa de (auto)extermínio. Por outro lado, ao olhar pela janela, por entre as grades que evidenciam o medo, me sinto isolado por não participar dos furos quarentenais, no qual pessoas saem às ruas sem máscaras, ou estão em ônibus lotados. Elas parecem bem, mas o meu privilégio de trabalhar em casa sem que o empregador me ameace de demissão ou de cortes prevalece e, portanto, quaisquer motivos para sair se esvaem por entre a sequidão do clima.

Esquerda, direita, esquerda, esquerda, esquerda. A chuva de *lives* que cai sem parar, quase me mata de tanto esperar: imagina se aquelas teorias quânticas que extrapolam a velha mecânica dos corpos age agora e a tela se torna um portal para minha reintegração social? Poderia, mas o futuro do subjuntivo sequestra qualquer indicativo de certeza. O verbo foi substituído por um substantivo na função de mediar a realidade: qualquer filme, qualquer conversa, qualquer contato é restringido pela quantidade de bateria que possui. Festival do Orgulho em casa, palestra sobre gêneros e sexualidades em casa, curso sobre direitos das pessoas dissidentes em casa, práticas naturistas em casa. Aqui jaz nosso lar.

Esquerda, direita, esquerda, muito direita, esquerda. O refúgio nos braços dele se torna o acalento em tempos pandêmicos. Seu olhar castanheiro, que brota amor, me desvia para o vermelho e preto, me protegendo do branco. A concha que se forma pela união entre a cama, o cobertor e nossos corpos é um antídoto para flagelos. As risadas, precedidas de referências (como amo referências!) apaziguam o que em mim chora. Já as patas dela se tornam o toque de Midas, que transforma meu desespero em calma. O cuidado em se aproximar aos meus pés me provoca um exercício filosófico de parar e observar. Seus miados sem

⁷² Poc, 28 anos, casado. Belo Horizonte, Minas Gerais.

aviso preenchem o ambiente, quase como um Patrono que me protege dos dementadores que rondam o país. O ronronar – que verbo lindo! – que emerge de todo o seu corpo me impacta fortemente como o resvalar das folhas quando o vento trespassa sua copa e minha sala. Para terminar, o verde da Marcela, a samambaia, colore os espaços vazios de afeto. Em casa. Tais momentos são respiradouros para o caos das notícias que se resumiram em noticiar o caos e o governo da morte.

Esquerda, direita, direita, direita, esquerda. O que me resta é o computador, pelo qual vendo as obras de minhas mãos em troca do que mais valia antes, e a cozinha, por onde vago em busca de algo que me complete. E essa busca já completou sete quilos para o lado e para baixo. Essa soma de vetores resulta em uma curva tendente ao achatamento. Não do número de pessoas mortas, que já beira a uma função exponencial, mas sim da disposição em colocar meu corpo em movimento. Não quero sair do pouco conforto que tenho ao digitar caracteres sem fim e da mesa cheia de produtos que me esvaziam. Tenho a impressão que deixei os exercícios físicos no clube e, como ele fechou para proteção de todas as pessoas, não pude buscá-los. Já tentei achar um aplicativo que auxiliasse na recuperação deles, mas me disseram que não se aplica.

Esquerda, direita, direita, direita, direita (quero!). O prazer, o gozo, as experiências, as prosas de botequim se resumiram aos 280 caracteres de léxico sexualizado. O *nude* é o novo cartão de visita – até o tamanho é parecido. Se bem que alguns têm maiores que outros... De toda forma a barreira tecnológica, antes ultrapassada pelo encontro presencial, se torna o meio exclusivo do encontro. Será que encontro um encontro aí? Talvez tenhamos nos tornado o primeiro casal não-monogâmico não-praticante. Já imagino um documentário no *Netflix* contando o nosso exótico relacionamento. Mas aí me lembro de que especial não temos quase nada – a ordinaryidade de nossas vidas nos coloca em um lugar mediano, possível, facilitado de viver. Afinal, como é difícil ser espetacular. Não que em algum dia fomos. Não precisamos ser.

Direita, direita, direita, direita, direita. Outro aplicativo: esquerda, esquerda. Ela atende ao telefone já perguntado se irei no próximo fim de semana. E há meses a resposta começa com um colóquio introdutório de apresentação da subfamília *Orthocoronavirinae*, seguida de um discurso breve sobre sintomas e riscos à saúde conhecidos da covid-19 e terminando com um *clipping* das principais notícias sobre o aumento do número de casos e o colapso de sistemas locais de saúde. Em muitas dessas vezes o espetáculo final é o choro de saudade, acompanhado de um saral de dor, medo e sofrimento cujo tema é uma mãe prestes a perder seu único filho. O que me cabe é desconstruir o roteiro e ensiná-la a usar a videochamada como garantia de que eu estou aqui, ainda que perdido em mil versões, só esperando a coragem ficar maior que a insegurança de pegar um ônibus intermunicipal.

Direita, direita, direita, direita, direita. Outro aplicativo: esquerda, esquerda, direita. O mundo se prepara para voltar à normalidade. Como se fosse possível voltar através do tempo. Mas, aparentemente, dá para voltar através do espaço. Economias devem voltar. Comércio deve voltar. Escolas devem voltar. Trabalho deve voltar. O dever se torna o devir. Ter que reconstruir um cotidiano sem os mesmos recursos de antes é a ilusão do momento – as mudanças pelas quais passamos são diminuídas para que o *shopping Center* deva abrir. Normal é não morrer tanta gente por algo evitável. Mas hoje comprar presente para o Dia dos Namorados é o novo normal. Que de novo tem “só” a pandemia.

Direita, direita, direita, direita, direita. Outro aplicativo: esquerda, esquerda, direita, direita. Mas quem não quer bater perna por aí, farrear pelos rolês, que dê o primeiro espirro. A vontade de apertar o botão do Foda-se é grande – e conheço uma galera que me acompanharia nesse quebra-quebra do distanciamento. Confiar no visível ao alcance da córnea e deixar o vento me levar pelas ladeiras da cidade. O mesmo vento que transporta o visível apenas aos pulmões, nas cicatrizes que deixa, na falta de aparelhos respiratórios nas UTI. Volto-me para casa, para o isolamento: não quero que minha córnea veja isso.

Direita, direita, direita, direita, direita. Outro aplicativo: direita, direita, direita. Eu também sonho mais alto que drones. Porém é bem menos difícil voar quando suas asas são aceitas pelo bando. Bando de branco, macho, hétero, rico. Algum tempo atrás, quando era possível conversar com o rosto colado, uma pessoa me ensinou o significado de passibilidade. Sabe quando você anda na rua e as pessoas te percebem pelo que aparenta ser e não exatamente pelo que entende de si? Eu, por exemplo, posso não “dar pinta” que passo como hétero *topzeira*. Caso sua resposta tenha sido positiva, bem-vindo ao time de privilegiados. Isso é um resultado de atravessamentos que não temos culpa, mas responsabilidade e obrigação de aprender e agir diferente. Sejamos antirracistas, antimachistas, antimisóginos.

Direita, direita, direita, direita, direita. Outro aplicativo: direita, direita, direita. O que tanto busco aqui? *App* atrás de *app*, de loja digital em loja digital, de *stream* em *stream*. De estrangeirismos a neologismos, busco incessantemente algo. Cada deslizada para a esquerda, cada certeza para a direita, julgo corpos, aparências, interesses resumidos em *hashtags*. *Gamificaram* meu afeto. Tornaram-me juiz, advogado, executor e cliente da mesma relação. Parece que a tendência à direita não está só na tela trincada do meu celular. Talvez por essa via busco sair disso. Isso que não tem um nome visível, às vezes pandemia, às vezes isolamento, às vezes gripezinha que quando muito seria acometido (como ainda deixam esse cara livre?!).

A descoberta de seu verdadeiro nome permitirá que eu fique com o que mais amo?

– Rumpelstiltskin! Seu nome é Rumpelstiltskin!

Você pode imaginar que nada aconteceu. Certamente errei o nome – que bobagem pensar que histórias poderiam me salvar. Devaneios demais para algo que de mais sólido, se desmancha na poluição. Ar já não tenho. Emicida, me ensina a revidar. Cadê a força do brilho do sol em dias nublados de corvos? Nem de longe essas palavras rimam, quiçá *hit* de sucesso, mas igualmente um grito de socorro. Se acha que tá ruim porque estou no inferno, cuidado: aqui tem subsolo. Como faço para calar minhas cicatrizes, se elas me lembram quem cortou minha garganta? O troféu já é dele. O algoz me chamou para jogar em algo que comecei perdendo, cujas regras mudam para que eu não morra, mas defínhe. Produtivamente vivo, humanamente morto. Ano passado declaram-me morto, mas esse ano...

A bateria acabou.

49

OS SONS DO TEMPO, O GRITO DO OUTRO

*Matheus Henrique da Silva Salvino*⁷³

*Sônia Caldas Pessoa*⁷⁴

Narrar em primeira pessoa do singular deveria ser o imperativo deste texto. Se não o fazemos em sua totalidade é pela escolha, que imaginamos que entenderão, com o trilhar das linhas, na tentativa de um atravessamento entre a experiência individual e passos, cuidadosos, para sua compreensão em um coletivo muito mais amplo e mais importante. O que apresentamos é uma articulação entre um eu e a Outra, um mestrando em pesquisa e uma voz outra a estar com ele. Esperamos que muitas outras vozes se juntem neste diálogo. A outridade aqui é, pela experiência textual, atravessada e exposta em diversos momentos. Atravessamento de vozes que, em outros textos, poderiam soar como dissonâncias gramaticais ou rompimentos narrativos. O que propomos, por meio do “eu” e do “nós” é, sobretudo, a grafia de uma escuta sensível dos sons que ressoam em nossos viveres.

Terá a tragédia um som particular? Os primeiros acordes do plantão da Globo interromperam a voz melódica de Sergio Pererê na noite do dia 5 de junho de 2020. O timbre marcante do jornalista crava as 35.026 mortes em razão da covid-19. Desde a infância, aquela música alarmista do plantão afeta o meu corpo com medo, paralisa-o, faz dele mais vulnerável a um futuro provavelmente ruim prestes a ser anunciado. Crescido entre atabaques e pontos; do terreiro de Candomblé da minha família paterna; e ave-marias e pai-nossos; nas casas dos parentes da minha família materna; alguns sons me parecem a interrupção de um culto cotidiano do viver. Lembro-me, em especial, das pausas sonoras provocadas pelas ocasiões do falecimento de Airton Sena. Enquanto um de nós que aqui conversa com vocês era criança na morte de Sena, a outra saiu às pressas de sua folga dominical para integrar um plantão emergencial em uma grande emissora de rádio mineira. Morria ali a esperança, para alguns, de um suposto herói nacional. O áudio do plantão reconfigurava o ritmo daquele domingo, primeiro de maio de 1994.

Hoje, domingo, 7 de junho de 2020, Sergio Pererê canta “Não me iludo / Tudo permanecerá do jeito / Que tem sido / Transcorrendo, transformando / Tempo e espaço navegando todos os sentidos” — Tempo Rei, de Gilberto Gil. A primazia

⁷³ Gay vivendo com HIV, 29 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais.

⁷⁴ Heterossexual, 49 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais.

presentista do verbo “cantar” é seccionada pelo “pause”. Recorro ao *site* do *GloboPlay*, a fim de, novamente, assistir àquele plantão de dois dias atrás. Os acordes alarmistas e dolorosos do Plantão da Globo correspondem aos primeiros oito segundos do vídeo⁷⁵, após isso, Bonner informa: “São 21 horas e 45 minutos agora, pelo horário de Brasília”. Naquela sexta-feira, o governo de Jair Bolsonaro — por meio de seu Ministério da Saúde —, atrasou a divulgação dos dados referentes aos casos e óbitos relacionados à covid-19, alegando problemas técnicos. As informações, anteriormente, eram difundidas à imprensa às 19 horas. No mesmo dia, o comunicado oficial enviado diariamente à imprensa considerava apenas as vidas interrompidas e afetadas pela doença nas últimas 24 horas. A conversão daquelas vidas em números, somadas a corresponder a um total de mortos ou infectados desde o início da pandemia, não mais integrariam o boletim da pasta da Saúde. William Bonner faz uma marcação temporal, ao que parece, a fim de reivindicar e, ao mesmo tempo, denunciar. Reivindica a posição do jornalismo enquanto combatente voraz em uma *guerra* contra o novo coronavírus, enquanto denuncia o descaso do executivo nacional com um evento histórico que já vitimou mais de 35.000 brasileiros.

Meu corpo, novamente afetado pelo alarme do Plantão da Globo, reage com a costumeira inércia. Segundos depois, o que me acomete é o choro. Fui surpreendido por um pranto que cortou-me a alma e, talvez, a vontade de viver. Grafar, na materialidade da história, mais outras vidas convertidas em razão numérica, assim como em tantas “guerras” que atravessaram as histórias possíveis da humanidade. As aspas se referem à metáfora da guerra. A alegoria bélica tem sido reivindicada há anos para diversas doenças (Sontag, 1989) e surtos epidemiológicos. Foi assim com a sífilis, com o câncer e com a aids. O que escutamos nos intervalos das canções que nos acompanham nesse período de isolamento social são apenas alarmes e números? Ou estão para nós como granadas, helicópteros e gritos de soldados que padecem no anonimato?

O som seria, durante a quarentena, companhia e vetor a impulsionar o sentir e o pensar. Se, para uma de nós, o áudio é um marcador sensível pela história de vida, a experiência em emissoras de rádio e as aulas sobre rádio e mídias digitais, somente agora o outro é capaz de escutar, em detalhes. E por meio dele, há tiros e preces pela paz; o ranger da cruz e o ressonar do *Àjà*; o amém e, ao mesmo tempo, o pedido de *Àgò*. Recordações sonoras colocam-se ao meu corpo como se fossem contemporâneas do meu pensar. Lembro-me, por exemplo, da voz de papai, quando ofereceu-me carona, em 2010. Levou-me de um hospital até o meu local de trabalho, na época. “Pai, tenho aids”, tornou-se a interrupção temporal daquele trajeto. Eu ainda não sabia ao certo a diferença entre viver com o vírus e ter manifestada a situação clínica causada por ele. O carro parou abruptamente em uma avenida movimentada da Região Centro-Sul de Belo Horizonte, as mãos do condutor foram ao volante, o rosto repousou sobre elas e, acho, vi meu pai

⁷⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8607221/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

chorar pela primeira vez. Recuperado o fôlego, a mão direita foi até o meu ombro, dois ou três tapinhas acompanhados de um “você vai vencer essa batalha”. Essa frase foi dita por uma de nós, no dia em que o Pai, com 80 anos, chorou, talvez tenha sido a primeira vez que o viu chorar, ao entender que não venceria o câncer, instalado em seu corpo há dois anos. Dois meses depois, a morte anunciada se materializava em meio à pandemia, chegou a hora do adeus a um corpo idoso, magro, abatido pela doença. A guerra física estava perdida. E a despedida foi restrita, com poucos outros, todos mascarados.

Essa figura masculina é, para mim, um signo contraditório de leitura do tempo. Papai, filho de Ogum – que na mitologia Iorubá é o Orixá das guerras –, deixou na voz um tom ambíguo de premonição da derrota e, ao mesmo tempo, de desejo de bons tempos. A figura da paternidade contrastou, por toda a minha vida, a noção ética das religiões de matrizes africanas; daquilo que pode ser bom ou ruim, a depender do caso (Rabelo, 2016); com a moral maniqueísta da lógica judaico-cristã (Souza, 2011). Meu pai praticava a fé do juízo desprovido das moralidades, mas, não raro, tratava-me com desrespeito quando eu não cumpria as suas expectativas de filho “macho”. Tornei-me o filho da contradição ao, por escolha, tornar-me católico, dividindo as minhas semanas pela presença litúrgica nas missas dominicais. A chave de apreensão dos fenômenos; se pelas relações éticas ou pelos juízos morais; faz-se, também, pelo modo de vivenciar o tempo. A guerra reivindicada, com a noção Iorubá cíclica do tempo (Prandi, 2001), um lugar de revisão; com a ideia progressiva do tempo moderno (Latour, 1994), o estatuto de vencedor ou perdedor, do imaculado que protege as suas fronteiras daquele inimigo representante de todo o mal. O pai da Outra dizia não ter religião mas jurava manter diálogos diretos com o amigo J. Cristo. Antes de partir para outra dimensão refez laços e assumiu arrependimentos. A guerra espiritual, se não teve vencedores, descortinou pistas de paz consigo e com outros. Não se importava com os julgamentos sociais; seguia uma intuição e uma ética excêntricas ao olhar alheio desprovido de sensibilidade e de outridades. Pai presente faz falta, alguém nos guia em meio à instabilidade vivida e às ameaças constantes atiradas por todos os lados em direção principalmente de vidas que pouco parecem importar.

Pessoas que, assim como eu, vivem com HIV, tornaram-se invasoras potenciais desde que a “peste gay” dos anos 1980 colocou em choque os valores morais ocidentais. As histórias possíveis a respeito da aids, certamente não são as mesmas no decorrer de décadas desde o início da epidemia, mas, um estrato do tempo parece perene: a alcunha de “grupo de risco”. Homens gays, mulheres prostituídas, assim como as travestis e transexuais, permanecem marcados como o inimigo a ser combatido no processo de metaforização da aids (Waldby, 2005). Eu já era um inimigo possível desde antes do diagnóstico positivo para a infecção; fizeram-me o vírus do corpo social. Tornei-me ator de uma guerra que por mim não foi declarada. Deverá ser por isso que Caio Fernando Abreu,

falecido em decorrência das complicações da aids em 1996, disse estar “Armado com as armas de Jorge” (2014, p. 132), rogando ao santo a sua proteção.

É a primeira vez que a metaforização de uma infecção, que não o HIV, interpela-nos de uma maneira tão intensa. Por isso, sentimo-nos compelidos a estar no lugar da fronteira. Muros erguidos entre as formas de leitura do tempo; entre o corpo e os outros a transitar sobre o mundo; entre o possível inimigo e aqueles que não declararam uma guerra na qual lutam. É esse lugar fronteiro, de onde os sons afetam-nos de modo peculiar, que somos, cada vez mais, provocado a pensar sobre o “eu” e o “outro”, já que “A história das guerras é uma história de alteridades” (Magnoli, 2006, p. 15). A suspensão temporal provocada por aquela vinheta do Plantão da Globo indica-nos prováveis interrupções da responsabilidade sobre a vida daquele que é o Outro, o estrangeiro, o infinitamente estranho a mim (Levinas, 2007). O conflito armado, mesmo em sua alegoria, corresponde à ocasião perfeita para a cessação do compromisso *para-com* o Outro. “Para”, preposição a indicar uma direção; e “com”, a evidenciar companhia e simultaneidade. O Rosto, que propõe Levinas, é o índice da fragilidade daquele externo a nós. Aquilo que nos convoca a lutar por vidas que não as nossas. O rompimento do mero status do “ser”.

Embora o Rosto não se reduza à plasticidade do elemento que figura sobre o pescoço, tudo o que podemos ver — nas raras vezes em que saímos às ruas por necessidade — são partes; tudo mais está escondido sob a máscara. Não dependente de uma materialidade propriamente dita, o face-a-face levinasiano gravita, na sua dimensão estética, mais próximo àquilo que podemos ouvir, do que daquele que podemos ver. Mais escutamos do que vemos. Há, sobretudo, gritos: “Justiça!”. Este texto mesmo, emerge em relação à injustiça que identificamos ao citar vidas pelas quais não pudemos responsabilizar-nos, que tornaram-se anônimas ao serem significadas na frieza dos números e, que mesmo numericamente, foram ignoradas pelo executivo nacional. O que é justo, ou não, estará em evidência quando esse estatuto da outridade é um fenômeno coletivo. Existirá sempre um Outro para esse Outro que não podemos nomear, cujo nem mesmo sabemos o nome. Certas formas de vida, na coletividade, perderão, então, o status daquilo que merece viver. O humanismo radical, frente à guerra que nos anunciam cotidianamente, torna-se, no máximo, uma utopia.

O meu viver, no sentido biológico do verbo, está condicionado à política estatal. Literalmente, dependo do oferecimento de drogas antirretrovirais para que eu viva. Em primeiro lugar, singularmente, ao anúncio da pandemia, tudo o que pude escutar foram as ressonâncias do medo. Faltariam remédios? Nas trincheiras da guerra, seria a minha vida preterida caso viesse a necessitar de assistência médica? Por razão da imunossupressão causada pelo HIV, estaria eu mais susceptível a infectar-me pelo novo coronavírus? O som da minha voz, estremeçada pelo temor, foi abafada pelos sons do mundo. Em relação à minha

experiência singular, outras tantas estão dispostas e, vez ou outra, mereceriam ainda menos luto no caso do perecimento físico (Butler, 2015).

Sergio Pererê, cantando Gil, continua a nos acompanhar nesta escritura. Desta vez, entoa: “Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei / Transformai as velhas formas do viver”. A experiência temporal do cântico — e da escritura — é apenas interrompida por um som relativamente estridente, advindo de alguma sacada dos prédios que rodeiam o lugar onde estou recluso. São 18 horas, anunciadas por algum instrumento de sopro que deixa escapar uma Ave-maria, aplaudida pelos vizinhos. Mais tarde, deverá ecoar, por meio do televisor, outro Plantão da Globo, a reduzir tantas outras milhares de vidas a números, ignorados, mais uma vez, pela normatividade estatal. Sem aplausos, sem amém. No repertório espontâneo das janelas da quarentena, *Bella Ciao*, canção hino da resistência italiana ao fascismo de Benito Mussolini ecoa em espaços-tempos ininterruptos em nossas mentes. Menos pelo ritmo que paralisa ou acelera o movimento da vida e mais pela política poética a nos interpelar a refletir sobre a ameaça da morte, a incerteza de um enterro, a magnitude das montanhas, a delicadeza das flores, um conjunto tão cruel quanto poderoso que alimenta o perseverar conosco e com os outros na esperança de transformar as velhas formas do viver.

Referências

- Abreu, Caio Fernando (2014). *Pequenas epifanias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Butler, Judith (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Latour, Bruno (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Levinas, Emmanuel (2007). *Ética e infinito*. São Paulo: Edições 70.
- Magnoli, Demétrio (2006). No espelho da guerra. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das guerras*. 3. ed. São Paulo: Contexto.
- Prandi, Reginaldo (2001). O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 47, p. 43-58.
- Rabelo, Miriam (2016). Considerações sobre a ética no candomblé. *Revista de Antropologia*, v. 59, n. 2, p. 109-130, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/issue/view/9155>. Acesso em: 04 mai. 2020.
- Sontag, Susan. *AIDS e suas metáforas* (1989). Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Souza, Priscilla Santos de (2011). A influência da moral cristã na sexualidade ocidental. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá. v. 3, n. 9, jan. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/issue/view/1077>. Acesso em: 04 maio. 2020.
- Waldby, Catherine (2005). *Aids and the body politic*. Nova York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

50

EU, SINGULAR

*Marcelo Pereira*⁷⁶

A construção de novas memórias talvez seja o maior desafio em um processo de separação. Depois de um casamento longo, quase tudo pertence ao casal desfeito. Nada é meu, ou dele, individualmente. Não são só os móveis da casa, os espaços compartilhados, os livros, os objetos. É o cachorro, são as famílias e os amigos, que no decorrer do tempo foram se acostumando a se referir a mim e a ele como “vocês”, como se fossemos uma pessoa só – como vocês estão?... um beijo pra vocês... e vocês, vão passar o natal onde?... – são os sobrinhos, as crianças que vimos crescer, os lugares que visitamos, o restaurante preferido, as mesas dos bares de sempre, os filmes, as *timelines* das redes sociais, as viagens (e as cidades pelas quais nos apaixonamos), a rotina das manhãs de sábado, o jeito de cozinhar, o jeito de beber vinho, o jeito de pagar as contas, o jeito de fazer compra, o jeito de descansar da vida, o jeito de ficar triste, o jeito de demonstrar, o jeito de lidar com as coisas, o jeito, o jeito... a gente pega um jeito que não é meu, não é dele, é nosso.

E aí, de uma hora pra outra eu me vejo precisando ter de novo um jeito que seja meu. Para trás não tem mais nada – eu não me lembro mais de mim, do indivíduo eu, no singular, de antes do casamento, ele não existe mais. O “eu”, agora, é alguém que nasceu e que precisa crescer, precisa andar sozinho, criar seus próprios jeitos, ter seus próprios sonhos, visitar os lugares e criar suas memórias individuais, ir empurrando para baixo o “eu casal” na *timeline* do *Instagram*, até que as pessoas consigam me ver no singular. É pra isso que serve o luto, que a gente sente pena da gente mesmo, enche a cara, dá vexame, corre pros amigos, faz perfil em aplicativo de relacionamento, muda o corte de cabelo, viaja sozinho, compra roupa nova, busca novos afetos, muda a forma de fazer as coisas de sempre. Todas essas coisas que eu deveria estar fazendo agora. E que não estou fazendo. Porque a minha separação aconteceu no mês de março de 2020, poucos dias antes da pandemia se alastrar no Brasil e do confinamento se tornar necessário. Assim como os projetos, os sonhos e as necessidades da vida privada de todo mundo, o meu luto também foi obrigado a esperar.

Durante muito tempo eu fui esse “eu não indivíduo”. Eu era o “vocês” referido pelos outros e o “a gente” referido por mim mesmo. Foi uma identidade construída – uma identidade *gay*, política, posicionada. Uma identidade fácil de vestir – confortável, sólida, segura. E então, em um intervalo de tempo

⁷⁶ Gay, 50 anos. Brasília, Distrito Federal.

incrivelmente pequeno, eu vi esse “eu casal” se desmanchar. Alguma coisa começou a dar errado, e em menos de um ano, a gente decidiu sentar um na frente do outro, ter a conversa mais difícil da vida, tirar a aliança do dedo e reconstruir os indivíduos, ainda a tempo de não começarmos a nos detestar. Deixamos a parte prática para ser resolvida aos poucos, porque naquele momento a ideia de dividir sofá e geladeira, decidir a guarda do cachorro, ou imaginar a figura de um caminhão de mudança encostando na frente do prédio eram difíceis demais para serem levadas adiante. Colocamos um sofá a venda, ganhei uma cama de presente de um amigo próximo, e ao invés de um grande anúncio comunicando a decisão, decidimos deixar que as circunstâncias, o convívio cotidiano com os próximos fossem revelando nosso novo *status*.

Era assim que era pra ser. Comprei uma passagem para ver minha mãe e minha irmã, e quando elas notassem o dedo sem a aliança, seria a deixa para eu contar. Reservei outro fim de semana pra ir ao Rio, sozinho, depois de tantos anos, reencontrar algum velho amigo, quem sabe conhecer algum novo amigo... e as famílias de lá, a minha e a dele, saberiam então. A outra parte do plano era a minha própria reconstrução – achar um bar novo, frequentar outros bairros, pedir para os amigos apresentarem novas pessoas, conhecer gente que não me conhecia antes, gente que não soubesse nada da minha vida, que já chegasse me chamando no singular. Arrumar um namorado. Trocar de academia. Mudar os horários. Mudar a rotina. Matar o “vocês”, o “a gente”.

Só que não deu tempo de nada. Eu vivi uma semana na inércia inicial, no piloto automático, como se nada tivesse acontecido, uma semana planejando a futuro próximo e comprando passagens, e aí o mundo parou. Eu entrei em casa e o meu luto congelou. A construção do meu “eu indivíduo” teve que ser adiada para depois. Chegou o mês de junho. Do dia em que eu entrei em casa para me isolar até aqui já se passaram três meses. Levo, até agora, noventa dias sendo o indivíduo de *Schrodinger* – o eu que eu era já não existe mais, mas continua sendo e o eu que eu preciso me tornar já sou, embora ainda não o seja.

Nessas semanas de isolamento e quarentena, minha vida virou uma sequência de *home office* – pequenos passeios diários com o cachorro – cultivo de amizades e (quem sabe, né) futuros *dates* em *lives* em redes sociais – *selfies* e *posts* de comida de minha própria autoria – reflexões fotográficas cotidianas para encher as *timelines* com meu novo eu. E nessa rotina circular, angustiante e sem sentido, eu venho abandonando o “a gente”, inconscientemente, quase sem pensar. O “nosso” vem sendo substituído pelo “meu” nas conversas. Às *selfies* diárias foram sendo acrescentados os registros da mesa posta para um, da taça de vinho solitária. As declarações sobre o tédio, a solidão, a saudade de contato físico e a falta de sexo foram ficando mais frequentes. Do alto do enclausuramento, o eu indivíduo começa a se impor. Um eu triste, angustiado e sozinho. Mas ainda assim, um eu indivíduo.

Talvez o processo fosse mais rápido se fossemos héteros. Em um casal *gay*, os indivíduos são vistos como se fossem um só, mas o casamento em si, por mais político que tenha sido, por mais visível que tenha sido (e o meu foi), parece que não é visto com a mesma solenidade que o casamento hétero. É curioso, e eu precisei me separar para perceber isso. Quase ninguém estranha uma *live* em quem só eu estou dentro da casa. Quase ninguém estranha a foto do jantar individual em cima da mesa. Ou o *storie* com o único par de pés balançando em cima da mesinha de centro, próximo à garrafinha (única) de cerveja *long neck*. Quase ninguém pergunta. Quase ninguém percebe a ausência da vida a dois. Mesmo quando eu menciono a solidão ou a abstinência sem rodeios, no singular e sem meias palavras. O casal *gay* é visto personificado em cada um dos indivíduos, mas a vida a dois, a intimidade adivinhada no universo dos casais parece que ganha um véu, um bloqueio, quando se foge da heteronormatividade e ninguém percebe que não há mais uma aliança, que estamos sozinhos nas fotos, que não tem mais ninguém em casa. Ninguém nota. Ninguém estranha. Ninguém pergunta. Ninguém vê.

Existe um ganho nessa jornada mais difícil e nessa invisibilidade. A mudança está acontecendo sem plateia. Não é possível sentar na mesa de um bar com alguns amigos para comentar, entre o primeiro e o segundo *chopp*, com ar *blasé* e planejadamente ácido (ou zen, dependendo do dia e dos ouvintes) o quanto a mudança foi um processo maduro e pensado e o quanto estou maravilhosamente feliz e dedicado a buscar novos caminhos e um pouco mais tarde, depois do quinto copo talvez, destilar ressentimento e autopiedade, e mais um pouquinho (outro *chopp*), terminar pedindo um ombro, um abraço e chorando a mágoa verdadeira dos ébrios. Não é possível “zerar” o *grindr*, virar figurinha carimbada nas baladas *gays* ou mergulhar nas delícias imediatistas do sexo casual com desconhecidos ou semi-conhecidos, vivendo na plenitude o meu momento de recém solteiro maduro e insaciável solto na praça. Não há necessidade de trocar o guarda roupa, de começar a usar preto dos pés à cabeça para disfarçar a barriga e os quilos a mais, de comprar maquiagem para disfarçar olheiras, de trocar o corte de cabelo para valorizar os grisalhos e me iludir atribuindo a eles um charme e um *sex appeal* que (no fundo eu saberia) só existem para os meus próprios olhos. Não tenho como ir para o interior. Passar uma semana com a mãe, os irmãos, os sobrinhos, para sentir nostalgia, me dar conta que o tempo passou depressa demais, querer voltar a ser criança, viver de novo, fazer tudo diferente, errar menos. Não. Nada disso é possível. Somos só eu, o cachorro, o apartamento vazio, e todos os meus cegos, bem intencionados e bem amados (uns mais, outros nem tanto) do lado de fora, do outro lado de alguma tela, também sozinhos, mergulhados nas suas próprias jornadas.

No começo eu me propus sair disso – do casamento e da pandemia – uma pessoa melhor e mais forte. Passados tantos dias, e sem saber quantos dias ainda tenho pela frente, já não faço questão desse altruísmo ético, de buscar esse

heroísmo de manual de autoajuda. Se sair uma pessoa inteira, já me dou por satisfeito. Não sei o que vou encontrar quando finalmente conseguir arrancar todo cinismo, todas as defesas, todas as camadas de marido, toda autocomiseração, todo verniz. Ainda não consigo vislumbrar, mas imagino que haja alguém lá dentro. Alguém que pode até não ser lá grande coisa (embora também possa ser, quem sabe) mas que é o que me foi dado, o que construí, o que sobrou, o que foi remendado, o que restou do expurgo, o que nasceu, o que vai ter que começar tudo de novo.

Começar sim. Recomeçar. De novo. Eu, meu ex (sim, eu já consigo falar – meu ex-marido, meu ex-companheiro, minha ex-vida), você que me lê, meus cegos bem amados e os nem tão amados assim, todos nós vamos recomeçar no dia em que pudermos abrir a porta, sair sem máscara e nos olharmos novamente sem uma tela ou as regras de conduta de algum aplicativo entre nós. Nesse dia, nesse novo mundo, terei a oferecer esse novo eu. E da mesma forma que o mundo ainda não consegue me dizer se será melhor ou pior, eu também não consigo dizer a ele se serei melhor ou pior. Mas serei eu, o ex, o indivíduo, o eu singular. Um dia. Um dia que há de chegar. O dia em que a quarentena acabar. Eu vou sair. E eu serei.

51

**ESTA É UMA HISTÓRIA DE INÍCIO SOLITÁRIO,
MEIO FELIZ E FINAL INDEFINIDO**

Elisa Bertilla de Siqueira Silva⁷⁷

Eu abro os olhos sem saber as horas e o que será do meu dia do mesmo modo que o fiz pelas últimas semanas. Não sei precisar quando iniciei meu isolamento social. A verdade é que eu autopromovo quarentenas de acordo com minha necessidade e vontade de imergir nas minhas emoções e pensamentos. Todo ano tenho picos de festança, barzinho e finais de semana que passam num piscar de olhos na companhia daqueles que quero bem. Em oposição, fico semanas sem querer ver sequer uma alma que não a dos meus gatos, e as que vejo, são aquelas obrigatórias: do estudo e do trabalho.

A questão é que eu sempre decidi por isso. A escolha de sair, ou não, sempre foi minha. E se tem uma coisa que eu preciso trabalhar na terapia é a minha necessidade de controlar tudo. Porque o que eu posso controlar, não necessariamente devo. Mas, o que não é possível estar sob meu controle gera frustrações sem fim.

E assim iniciei minha quarentena. Com o controle de existir no mundo externo podado de mim. Não que isso seja novidade. Afinal, sou mulher. A vida pública me é socialmente podada pela minha própria existência.

Talvez tenha sido uma semana após o carnaval? Dez dias? Não sei. Mas, a sensação que tenho é que a última vez que eu saí para me divertir foi na ressaca da festa da carne. Entre tantos cheiros, texturas, sons e cores, não digo que é a pior das memórias. Contudo, se pudesse escolher qual seria minha última interação social com meu grupo mais próximo de amigos, gostaria que tivesse sido na casa de alguém. Cervejas e vinhos abertos, cartas de um jogo de buraco esquecido pelo desejo de conversar, o pé gelado de algum querido procurando se esquentar entre o sofá e minhas pernas. O amigo que sempre se atrasa chega pedindo desculpa e quando dá dez horas, a gente abaixa a música, pois os vizinhos vão reclamar.

E embora não saiba quanto tempo faz que não vivo esse momento que, saudosa, brevemente descrevi, tenho memória nítida de me isolar voluntariamente no início do ano, pensando que precisava pôr ordem na vida: controlar o incontrolável. Mesmo precisando inserir-me em mim, no fundo do pensamento

⁷⁷ 27 anos, é uma mulher bissexual que estuda Direitos Humanos e meios para sua implementação. Belo Horizonte, Minas Gerais.

a trilha sonora era Chico Buarque anunciando o que eu também me impunha como limite temporal: “vou me guardar pra quando o carnaval chegar”.

Ele veio. Se foi. A pandemia chegou. Ficou.

A tão desejada solidude que eu ora vivi, transformou-se em solidão. Não vou dizer que não pensei que um ou dois meses em casa seriam uma dádiva. O corpo cansado e os projetos precisando daquele pontapé pareciam problemas próximos de serem solucionados. E eu, que gosto de controle, teria nada mais, nada menos, que vinte e quatro horas do meu dia a meu dispor, para fazer o que quisesse. Sem ter que enfrentar trânsito, sem ter que me arrumar, pois estaria na frente do computador sem ninguém me ver, e sem aguentar infinitas reuniões presenciais que não mudam em nada a situação que precisa de ajuste. O paraíso era a quarentena.

Entretanto, controlar o seu dia quando ele possui uma restrição básica, o novo mandamento, que é “não sairás de casa”, parece uma missão impossível. Todos aqueles planos que eu havia feito desde meus cinco anos de idade e que executaria quando “tivesse tempo” não poderiam ser realizados agora, haja vista que, para tal, eu precisaria sair. A vontade de assistir a todas as séries e filmes disponíveis durou, talvez, uma semana. Depois disso, livros se tornaram mais atraentes. Mas, até a vontade de ler, que antes nunca havia me abandonado, parecia sumir.

Redes sociais se tornaram cansativas. As pessoas estão sempre bem. Bem demais. Acorda cedo, faz exercício, coa café com um filtro de fundo *aesthetic*, trabalha com roupa social e maquiagem, faz um almoço bonito e saudável, trabalha mais, faz curso disso e daquilo, brinca com os cachorros e finaliza o dia dizendo que merece ver uma série ou filme na companhia de uma taça de vinho. Eu amava fazer isso. Eu amava ver isso. Vivia para assistir a esse tipo de conteúdo.

Eu, inclusive, sou aquela pessoa que assiste vídeos de rotina matinal no *Youtube*. Sabe aquelas pessoas que acordam cinco horas da manhã e fazem a propaganda de que esse é o segredo da produtividade? Meu sonho era ser uma delas. Os vídeos têm um som leve e gostoso, todas as cores na casa das pessoas são pasteis e a rotina parece ser atingível, de modo que você vai dormir até motivada e querendo mudar de vida. Meu sol em capricórnio com ascendente em virgem não aguenta tamanha perfeição.

A questão é que almejar esse tipo de vida quando você tem impedimentos estruturais, como o tempo que passa no trânsito, o horário de almoço limitado, o trabalho pesando, os estudos exigindo demais de você, as obrigações para além de casa que você tem que resolver e uma vida social para manter a sanidade, é uma coisa. Outra, é você, na teoria, poder viver essa vida, mas não conseguir.

E olha que eu estou no ápice da pirâmide do privilégio. Eu sou branca, de classe média e não preciso sair de casa para trabalhar. Só faltava ser hétero e homem cis para ser a cereja desse bolo piramidal.

Mas, estar em casa implica se responsabilizar por ela. E a casa não é apenas a estrutura física onde você mora. A casa é você.

Estar bem consigo quando todas as informações que chegam até você são angustiantes é difícil. O número de mortos aumentando, violência contra as mulheres escalando nas estatísticas e o governo nada. O governo nada na onda da indiferença, da negação e das *fake news*.

Eu aprendi que quanto mais tempo eu fico nas redes sociais, mais tempo eu me exponho às notícias, mais triste eu fico por elas e menos eu quero sair da minha cama. O sonho da produtividade, pois o ócio criativo está em baixa, se desmantelou em menos de três semanas na minha frente. E eu vi cada pedacinho cair.

Lembra que sou privilegiada? Pois bem. Faço mestrado e nenhuma linha da minha dissertação eu consegui escrever. Quando uma amiga se prontificou a me ajudar organizando um cronograma, criei esperança de que a coisa ia finalmente fluir. Mas, como toda a esperança que eu tinha para a quarentena, o tiro saiu pela culatra.

Como eu não conseguia lidar com a minha presença, que via como fracassada por não conseguir executar nada além de tomar banho, trabalhar o mínimo e comer. Comecei a ficar obcecada por arrumar e controlar o meu ambiente físico.

Mas, isso também não durou. Se for ficar obcecada com a limpeza da minha casa, não consigo comprar nada. O vírus pode estar em qualquer lugar. Não há banho de álcool em gel que elimine a possibilidade de me contaminar. Eu posso me cuidar e reduzir as chances. Mas, garantir é impossível. É igual método contraceptivo. O único cem por cento eficiente para mim, mulher cis fértil, é não transar com alguém que possua espermatozoides aptos a fecundarem o ovócito dois que tá lá só aguardando pra me dar um susto. No caso do vírus, seria não sair de casa e impedir que qualquer coisa entre. Inexequível, se pretendo comer.

A mudança nessa situação veio por meio de uma mensagem da minha mãe.

“Filha, estou só. Você não quer vir aqui para o interior ficar comigo?”

Ela mora no interior do Espírito Santo, em um sítio, e me pareceu uma boa ideia pegar meus dois gatos, Pinky e Cérebro, fazer uma mala para duas semanas e carregar todo o material que preciso para trabalhar e estudar em uma viagem de carro de oito horas.

Realmente, foi uma ótima ideia.

Vim para a roça destinada a imergir na experiência de evitar as redes sociais, a vida perfeita da imagem e cuidar do meu corpo, físico e mental. E no início, fiz isso. Fotografei as plantas, brinquei com os bichos, comi mexerica e mandioca que nunca viram agrotóxicos, dormi bastante e descansei até o corpo pedir para acordar. O resto eu encaixava nas lacunas de tempo.

A rotina de dormir de madrugada e acordar meio dia em desespero já não era. Agora antes da novela das nove eu já virei abóbora e estou pronta para

dormir. Às vezes me desperto antes do sol, outras com ele. Quase, mas quase mesmo, comecei a me sentir as blogueiras que acordam às cinco horas.

A fuga da cidade, outro privilégio, dentre os tantos que mencionei, me trouxe paz. Contudo, inesperadamente, senti também uma angústia, uma vontade de fazer a diferença, me posicionar, ter contato com os outros de modo mais amplo, ter acesso a outras plataformas.

E do desejo de me isolar, sumir, ficar quieta, comecei a conversar com meus amigos, minha família, estudar mais, iniciar um processo de questionamento da minha posição no mundo, da utilidade social do que tenho aprendido e como trazer isso de forma clara, como retribuir o que tenho recebido de bom.

Criei um canal no *Youtube*, virei um dos corpos que faz *live* no *Instagram*, aprendi a editar *podcast* e agora eu escrevo. Escrevo para me entender e para me expressar. Escrevo sobre o que vivo, vivi e gostaria que outras pessoas vivessem.

Trago no peito menos fumaça do que a cidade me impunha, menos peso do que antes me apertava. As cobranças agora são outras. O desejo de manter essa rotina de descoberta, de pulsar nas veias. O tempo é outro. Passei o final de semana sem fazer nada que não fosse cozinhar, arrumar casa e assistir a filmes. E tá tudo bem.

Engraçado como a gente sai do interior querendo a cidade, o urbano a liberdade de todas as possibilidades. Mas, por vezes, precisa da perspectiva de estar no fim do mundo para se encontrar.

Conversei com minha mãe sobre meu processo de entendimento, de descobrimento sexual. Agradei a ela por todo o apoio que sempre me deu. Pedi permissão para compartilhar minha vivência. Ela me disse:

“Filha, toma cuidado. Mas, não deixe de fazer o que te faz bem, de ser quem você é”.

Abri os olhos hoje de manhã e, após sabe-se lá quantos dias, tive esperança de poder mudar meu modo de encarar esse isolamento de forma permanente, pois outros fios de esperança já haviam surgido. Talvez sejam os novos projetos, talvez o estabelecimento de outra rotina dentro desse caos tenha me feito bem.

Seria a falsa sensação de paz pelo controle que sinto retomar para as minhas mãos? Possivelmente, converti toda a dor que sinto ouvindo e lendo as notícias, sabendo da dor das pessoas próximas e das perdas de conhecidos em ódio e agora, com tempo, estou processando de forma mais positiva a informação.

Embora saiba que esse controle e dormência são temporários, sei também que não estou só, mesmo que eu escreva para um leitor único. Mesmo que este relato não seja lido, não escrevo para mim. Escrevo para alguém que potencialmente lerá isso e, com sorte, terá forças para acreditar que as coisas podem mudar.

Nossas dores, angústias, aflições e obstáculos são reais. Em perspectiva, podem parecer insignificantes, mas a superação das nossas barreiras ocorre por camadas, por pequenos passos. O meu foi sair da minha zona de conforto e parar

de lidar com as possibilidades das coisas e imergir numa rotina, numa estrutura diferente da minha, para poder lentamente me compreender no mundo e ver o que desejo.

Agora já retomo alguns hábitos, sem me sentir pressionada por eles.

Hoje mesmo, enquanto eu tomava café numa xícara lascada, vi um *story* no *Instagram* de alguém coando café com um cenário todo *aesthetic*. Abri um sorriso enquanto bebericava a bebida quente sob a luz do sol da manhã.

Sim, optei por um relato contendo apenas recortes do que é mais leve, mais cotidiano e mais real dos pequenos empecilhos diários. O que está por trás disso: complicação no trabalho, perda de pessoas queridas, falta de perspectiva, medo do porvir, ainda não posso opinar, pois preciso de tempo para digerir, refletir e fazer isso agora pode me levar para aquele lugar de tristeza, dor e isolamento de novo.

Esse foi meu escape, minha fuga da realidade, e, quem sabe, a construção de uma nova verdade.

A gente pode conversar sobre isso depois. Agora, preciso dar conta de andar para frente pensando positivo como estou agora, acreditando naquele controle que a gente sabe que eu preciso tratar na terapia.

O início foi bem complicado, acho que agora vivemos o meio. Espero. Ando confusa. Mais do que jamais estive. Não vejo a hora de saber mais e poder ver essa situação tão triste, para muitos, se encaminhar para o fim. Mesmo que não saiba qual a cara que esse final tomará. Apenas creio que, agora, no meio, estou feliz de estar melhor do que estive. Eu não estou bem, não consigo enganar nem a mim se disser o contrário. Mas, desejo seguir esperançosa de que dias melhores virão e, quando estiver em algum momento muito ruim, quero lembrar que há espaço para me sentir bem e para ter esperança.

Espero que vocês consigam também.

52

PARA ALÉM DE MÁSCARAS E QUARENTENA: REFLEXÕES SOBRE DISTANCIAMENTOS E FORMAS DE AMAR

*João Ricardo Jortieke Junior*⁷⁸

No momento em que estou terminando de organizar este texto, o Brasil já atingiu a marca de quarenta e duas mil, oitocentas e duas pessoas mortas e devidamente registradas em razão da pandemia de covid-19. A escolha em escrever tal número por extenso foi uma tentativa de traduzir a extensão do número de histórias de vida interrompidas em mais do que os cinco dígitos deste valor. A preocupação com as subnotificações é algo constante em minha cabeça e a falta de boas iniciativas envolvendo o governo federal é uma problemática que me deixa ainda mais inquieto.

Falando em governo federal, uma das notícias mais recentes e, infelizmente, não tão chocante envolvendo nosso “suposto” Presidente Jair Messias Bolsonaro trata a respeito de uma convocação feita por ele para que o povo invada hospitais e grave os leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTI). Trata-se de mais um golpe à população e, principalmente, à comunidade científica que tanto vem lutando contra as investidas anticientíficas deste mesmo governo.

Ou seja, apenas um brevíssimo panorama baseado nas principais notícias da manhã do dia 14 de junho de 2020. Iniciar este texto com os dados citados busca registrar uma pequena metáfora de como tem sido para mim, diariamente, as quase treze semanas de quarentena: um café da manhã, uma ida ao banheiro ou até mesmo uma espiada nas redes sociais vieram a ser, cada vez mais, substituídas por buscas no *Google* com os termos “*covid brasil*” e “*bolsonaro*”. Acordar tornou-se sinônimo de tristeza, preocupação e ansiedade.

Penso ser aqui o momento de me apresentar, mas não de qualquer forma. Na atualidade, creio ser importante reconhecer o lugar de onde falo para evidenciar os privilégios que me é dado ou as violências as quais posso estar sujeito. Me identifico como um homem cisgênero. Sou branco. Não possuo “limitações”⁷⁹ sensoriais ou motoras. Natural de São Paulo (capital), mas residente em um

⁷⁸ 23 anos, homem branco, cisgênero e gay. Araras, São Paulo.

⁷⁹ Uso o termo limitação entre aspas tendo em mente que ser surdo, por exemplo, é considerada socialmente uma limitação devido à falta de adaptação à sociedade para com essa comunidade e suas necessidades. A Língua Brasileira de Sinais é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão nacional apesar de pouco ser explorada nas escolas e pelos ouvintes.

bairro afortunado na cidade de Araras (SP) a pouco mais de seis anos. Fui criado com pai e mãe, apesar de divorciados. Sou acadêmico bolsista, cursando Mestrado em Educação em Ciências e Matemática em uma universidade federal. Sou bicha e viadinho assumido. Estou em um relacionamento monogâmico com princípios do amor livre a quase cinco anos. Sou gordo. Tenho transtorno de ansiedade e faço tratamento psicológico e psiquiátrico a quase um ano pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Sou comedor compulsivo. Enfim, algumas informações a respeito de mim.

Partindo para minha experiência pessoal em meio à pandemia da covid-19, reflexões me levaram a perceber que, minimamente, algumas características citadas ali em cima estão sendo basilares para a forma como estou vivenciado a situação de quarentena: minha sexualidade e a intersecção entre meu privilégio de estudante bolsista, meu transtorno alimentar e de ansiedade. Pretendo relatar e refletir sobre cada um desses dois pontos.

Eu me assumi como gay para uma pessoa em meio a uma briga quando eu tinha dezessete anos. Em um momento carregado por sentimentos negativos, essa pessoa decidiu me expor para toda minha família, desencadeando uma série de processos traumáticos e lotados de violência (em sua maioria simbólica, mas salpicado com uma ou outra violência física). O ano era 2013. Apesar de haver um grande intervalo temporal entre esse ocorrido e a pandemia de covid-19, percebo que as principais consequências apenas vieram à tona no fim do ano passado.

Minha família não soube lidar de forma saudável com minha sexualidade (como ocorre em grande parte dos casos). Em meio a uma luta entre o amor próprio e o amor familiar, eu também não soube. Desde que me assumi, perdi o contato com alguns familiares de forma definitiva; me sujeitei a relações inconstantes que oscilavam entre meses que se passavam sem um simples “Como você tá?” e meses de uma vaga e frágil relação supostamente saudável; e me submeti a relações onde minha sexualidade era ignorada e, quando inevitavelmente manifestada, encarada com constrangimento.

O auge do conflito entre meu amor próprio e o amor familiar foi o gerador do clímax que ocorreu ao fim de 2019. Na graduação, meu tema para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) envolvia o enfrentamento da Violência de Gênero e o Ensino de Ciências e, nesse contexto, era inevitável trazer à tona minhas vivências como motivadoras para o desenvolvimento de minha pesquisa. Apesar de eu ter relatado situações com cuidado para evitar a exposição individual de outras pessoas envolvidas ou violências que transpassavam a esfera familiar, se ampliando para diversos âmbitos, minha pesquisa e apresentação foram tidas como indigesta pela minha família. Dessa forma, fui acusado de tentativa de humilhar meus familiares, recebi descrédito pelo caráter científico de meu trabalho e alguns tipos de ameaças.

Naquele momento, só pensava em duas alternativas: seguir mantendo relações que sobrepunham o amor familiar em detrimento de meu amor próprio; ou abraçar a mim mesmo e desfazer os laços que mais feriam do que cuidavam. Pensando na coerência com a minha pesquisa e em comprometimento comigo mesmo, escolhi a segunda opção sem pensar quais seriam as consequências de cortar laços familiares em um contexto de sociedade neoliberal e cristã que nos ensina desde criança a importância da família.

Por três meses morei de favor na república de algumas amigas. Além disso, elas me ajudaram na organização de uma vaquinha online. Não viajei para a casa do meu namorado por questões financeiras: buscava encontrar algum emprego ou bico para conseguir ajeitar minha vida. Por sorte, me indicaram uma empresa onde trabalhei como barman “colaborador” em pouco menos de dez eventos entre o ano novo e o carnaval. A chegada da pandemia complicou esse setor quase que imediatamente, porém tive o privilégio de ser selecionado para uma bolsa de mestrado logo no começo de março. Antes de falar desse grande privilégio, gostaria de expor uma série de inquietações relacionados a ausência da família em tempos de pandemia.

Era dia 19 de março de 2020 quando refleti sobre responsabilidade emocional e tomei a decisão de comunicar a minha família que, em meio ao terror do começo da quarentena e da pandemia, eu estava bem e avisaria caso algo acontecesse (apesar da ausência total de contato que mantivemos desde a apresentação de meu TCC). A essa altura do campeonato, eu havia passado bem o tempo sem bolsa devido aos bicos que pude realizar, havia recém alugado uma pequena casa utilizando a combinação do dinheiro que consegui arrecadar com a vaquinha e a estabilidade da minha bolsa de mestrado. Tudo estava muito bem. Retomar o contato com a minha família, mesmo que em uma breve ligação, parece ter causado uma impressão de que eu estava disposto a retomar laços que ignoram meu modo de ser: ligações e mensagens semanais se tornaram frequentes. Cada mensagem ou ligação que eu recebia parecia tornar uma página mais distante o capítulo do meu TCC. Cada vez mais as dores e problemas descobertos naquele episódio pareciam ser enterrados até aparentarem que nunca existiram.

Mais uma vez, eu me vi na encruzilhada entre o “me amar” e o “amar a eles” que não deveriam jamais ser ideias conflitantes. Tentei um diálogo para resolver todas as feridas que foram feitas, mas só obtive raiva e rancor como resposta. Na verdade, eu nem fiquei surpreso...

Atualmente, minha família (aqueles que eu amo pelo que são e me amam pelo que sou) se constitui de amigos muito queridos e, principalmente, meu namorado e nossos companheiros animais. No entanto, a preocupação pela família que me criou é algo que não desaparece jamais. Longe de presumir que minha família não se preocupa comigo (inclusive recebo ligações esporádicas de um familiar ou outro). A questão é um tanto mais complexa. Como posso definir o limite ou as capacidades de um amor se o mesmo esbarra numa questão, de

certa forma, trivial como a sexualidade? Passei grande parte desse período de quarentena refletindo a respeito e acho que parte da resposta envolve a incapacidade, ou até mesmo falta de disposição, em ter solidariedade com a dor das pessoas diferentes. Ora, é muito simples para qualquer pessoa virar pra mim e dizer que eu sentir uma pequena fagulha de dor no peito ao ouvir dois amigos se chamando de “Viado” é frescura, principalmente quando essa mesma pessoa não consegue ou está disposta a compreender o verdadeiro significado por trás desse “Viado” e as consequências que tiveram em mim quando eu escutava isso enquanto criança e, com certeza, segue tendo em inúmeros jovens por aí.

Outras questões que vivem em minha mente: Onde está o limite entre amor próprio e egoísmo? Sou egoísta por escolher não me submeter a situações que me façam mal, sabendo que minha escolha fará mal a outras pessoas?

Uma linha de pensamento que levo para tentar aquietar essas perguntas envolve o sentimento de saber que fiz uso de tudo aquilo que percebi que estava ao meu alcance, como buscar dialogar para ajudar a cicatrizar algumas feridas e evitar o afastamento. Então, como poderia eu ser egoísta se fiz o máximo para me manter aberto a um caminho saudável para todas as partes? Mesmo assim, não encontro paz na escolha que fiz. Penso ter sido a mais adequada, mas já se foram algumas noites sem sono pensando se, além da esfera da saúde, minha família está conseguindo passar bem pela pandemia: que tipo de preocupação é causada pelo fato de eu ter escolhido me distanciar deles? Será que todos estão cientes da seriedade da situação sanitária e mantendo as recomendações de segurança? Todos estão tendo um mínimo de estabilidade financeira para passar pela pandemia?

Penso ter tido tempo e oportunidade para refletir muito sobre algumas coisas pelo fato de eu ser um acadêmico bolsista. Aqui, parto para o segundo ponto base que sustenta minha experiência de quarentena. O privilégio de ser bolsista de Mestrado em tempos de pandemia, para mim, tem seus altos e baixos. Primeiramente, o fato de meu projeto de pesquisa ser baseado em atividades que necessitam, essencialmente, de internet me permite manter o distanciamento social e minimizar, a mim e a pessoas próximas, o grau de exposição pelo vírus. Em segundo lugar, apesar da atual instabilidade das bolsas de estudo, tenho uma fonte de renda que me fornece uma (in)certa segurança financeira. Portanto, faço parte da parcela da população que tem condições de manter um distanciamento social sem ver a comida desaparecer da mesa.

Em contrapartida, e aqui acredito já partir para um processo de causa-consequência, passar quase que a totalidade dos dias de distanciamento dentro de casa amplificou meus problemas psicossociais. Como demonstrei sob a forma de uma metáfora no começo do texto, meus dias e noites passaram a ser pautados no acompanhamento das notícias. No começo, buscava algo para usar como ponto de sustentação para esperanças e pensamentos positivos. Porém, com o

desenvolver da pandemia e o agravamento da crise social e política, o hábito de ler jornais foi se intensificando até o tiro sair pela culatra.

Se nos meses antes da pandemia eu estava conseguindo controlar minha ansiedade e ter conquistado um mês sem ter um episódio de compulsão alimentar, hoje meu contexto está completamente revirado: episódios compulsivos quase que diariamente em uma relação quase que inversamente proporcional à hábitos simples como escovar os dentes; falta de energia para realizar as atividades acadêmicas é uma das coisas que mais vêm me afetando (hoje faz aproximadamente trinta dias que me afastei das atividades acadêmicas não obrigatórias); além de questões psicológicas carregadas de sentimentos negativos.

Sinto que, assim como muita gente, meu transtorno de ansiedade está sendo conduzido à um extremo que eu desconhecia. A sensação de não conseguir retomar o controle sobre a própria mente é progressivamente preocupante e parece um objetivo cada vez mais impossível em meio ao cenário atual. No entanto, racionalmente eu sei que crises são passageiras. O que também me atormenta são as consequências daquilo que vivo hoje, do ponto de vista pessoal.

Com relação ao meu individual, minhas sucessivas crises compulsivas já conquistaram um incremento de quase 10% de massa corporal. Aumento de peso não é um problema. Contudo, os padrões de beleza tornam isso problemático a partir do momento que dificultam um processo de amor próprio em pessoas gordas. Em meio ao isolamento, já perdi as contas de quantas vezes tive pânico em imaginar como seria voltar a ter aulas presenciais com uma turma de mestrado que não cheguei a conhecer pessoalmente ainda. Quais serão os preconceitos que eu irei despertar nessas pessoas por ser gordo? Elas irão querer se aproximar de mim e estabelecer algum vínculo de amizade? Tenho um medo quase que irracional que vêm se amplificando nesta pandemia de que as pessoas terão aversão a mim simplesmente pela minha aparência física. Além disso, quanto às pessoas que já me conhecem, como irão se comportar ao notar minha mudança física? Me recordo que minha família era uma constante “polícia da saúde” sob a premissa de que ser gordo é não ser saudável. Ninguém nunca me perguntou como eram meus hábitos alimentares, o que me leva a concluir que a preocupação com minha saúde não era legítima como faziam parecer. Falando em saúde, tinha o privilégio de fazer exames de sangue periódicos e eles nunca apontaram algum desequilíbrio...só para evidenciar que ser gordo não é sinônimo de ser doente.

Soma-se às questões terríveis do padrão de beleza e da insegurança a problemática de uma alimentação compulsiva baseada em alimentos com índices nutricionais terríveis. Quanto tempo vou manter o descontrole dos meus hábitos alimentares, consumindo poucas refeições saudáveis por semana? Como meu corpo vai reagir a isso no futuro, sendo que atualmente já sinto mudanças negativas?

Me sinto inquieto e aflito só de imaginar uma volta à normalidade.

Enfim, trouxe apenas algumas reflexões que me cercam nesse caos da pandemia. Por algum motivo me senti seguro em despir meus pensamentos e compartilhar com qualquer pessoa que terá a oportunidade de ler esse texto. Espero não ter soado ofensivo em momento algum ao longo desta escrita e desejo muito que todas as pessoas possam superar logo os obstáculos amplificados por essas crises social, política e sanitária.

53
APENAS MAIS UM...

Douglas Tomácio⁸⁰

Às vezes os abraços se desenham no ar, junto a eles os beijos de carinho amigo. Nestas bandas, as linhas de limite não se desenham e, por essa liberdade toda, tecemos até histórias de sorrisos e afagos à amigos.

São horizontes moldados à lembrança e solidificados na fé de que tudo pode se ajeitar, embora ela esteja em corda bamba. Ainda assim, fé cheia de cores, credos e de força, inclusive dos não deuses.

Pedaços indígenas, pretos e daqueles que nem mesmo nomino, se encontram. Na esperança fortalecem as preces. Imbuídos de desejos amigos, fico cá alimentando a saudade a mais desses horizontes sem limites de carinho... sem a escassez dos toques. E que falta fazem!

Estou aqui, ainda que estando sob artifício também artificial. Enquanto me ajeito, fortaleço e, sinceramente, desfaleço. Crio espaços para torcer, vibrar, sonhar com os abraços que em breve terão carne.

E, assim, descarnado, vou como quem caminha de modo errante, acertando uma forma outra de viver incerto. Ontem estive em Londres. Anteontem, na Nova Zelândia. Nesta manhã, fui Tuareg que se recusa ao chá inglês. Vou brincando de andanças que, nesses aventureares, são o infinito que não reconhece os limites de metragem quadrado em apês alugados e tão pouco se importa com as contas que não mais posso pagar. Preciso de trabalho!

Pela janela, com café já frio, sinto que perdemos nossos elos, enfraquecemos nossos amores, olhamos de modo distópico o mundo de distopia que hoje nos encerra, como se fosse aquele de antes, o dos abraços... Até o era, mas daqueles bem selecionados – outubro reveladores. Há braços que não abraçam, ao menos não na vida e bem o sabemos... Ainda assim, cá fico a respirar de modo profundo aquele mundo-imagem que de real só tem a ilusão que o sustenta. Ao menos algum sustento...

Outro suspiro, agora de quem reconhece a ingenuidade própria, parceira recorrente em tantas horas. Mas ousa delas, neste lapso de lucidez grafada, rir. O riso louco de quem sequer pode acreditar na magnitude e na sua própria ignorância. Dói.

⁸⁰ Bissexual, indígena, 33 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais.

Doí saber-se sem resoluções, tecedor de subterfúgios por vezes ressentidos e sôfregos, como quem vive a impotência diante do impossível. Mas, sinceramente, de algum modo fui, sou, somos a impossibilidade vivente. A respirada amena do viver igual nunca me foi uma primazia. Pelo contrário, voraz e não fortuita, foi a vida marginal onde aprendi meus corres de respirar. Agora, mais um deles. Sim, mais um de tantxs impossíveis viventes quarentenadx.

A despeito dos inalcançes, sempre houve espaço para o voo torto e forte, ainda que na estratégica firmeza embebida de timidez disfarçada e sob necessários rompantes de adrenalina. É um “modus operandi” pelo qual continuo a me (re)ver... em um contínuo vendo, vou sendo e, ignorantemente, sigo me debatendo em olhos sangrados de realidade. Falta-me ar. O de antes, o de agora... quem sabe até se terei a respirada para o futuro?

Vida de quarenta...

Dia a dia, vou-me construindo pela ira justa, pela raiva consciente e lúcida, pelo choro com mais dores que as de costume. Tento. Refaço. Caio. Tímido, ensaio o novo voo, afinal é preciso parecer vivo nas *lives*. Meu cabelo está arrumado?

Olho para um sem fim de lados nestes mesmos metros quadrados que me levaram ao continente-mãe, ou ao mundo dito “velho”. Aqui, como lá, o ensejo de horizontes, de caminhos, de lugares, de possibilidades, de querereres que docemente intentam enredar o inesperado. O elixir parece sem muito efeito. A magia, mais escassa, ostenta-se em tentativas de galopes de força-encanto. Mas, ao fim, também ela em quarentena, indica o cotidiano próximo. Aceitar o horizonte.

Tarefa minha. Mais uma de tantas... exacerbado.

Descalço, atento ao tal cotidiano, busco o verde de minhas plantas, também já pálidas. Vidinhas quase que cerzidas neste chão cinzento e que, ainda assim, oferecem-me a delicadeza de companhias cheias de histórias de fortuna. Nelas, vejo-me o religioso (apenas assim) a brincar com a espada, a acessar costelas. Posso ainda na flora ter a fauna ofídica e paquiderme. São toques cheios de encantos inventados, a dar-me, no horizonte de possível vivência, retalhos de sanidade não lúgubre. Busco saídas, inclusive de mim.

Melhor têm sido as tentativas de deitar e olhar com mais compaixão e calma ao meu mais fragilizado eu, como quem entende os necessários desenvolvimentos paulatinos. É sabor de imprescindível aproveitar esse “cadim” de rara compaixão; preciosidade que, sendo marginalizado, na margem junto a tantxs aprendi.

Nesta luta, aguerrida e afeta, busco pela compreensão dos tais desenvolveres que fazem parte de nosso viver, de nossa construção das vivências em marca. Hora são elas mais doces, hora dizem de um ritmo que, em *lockdown*, soa a vitalidade à qual não estamos acostumados. Como que se enveredando por sinfonias e timbres inéditos, inclusive em suas facetas de horror...

Nessa gestação de medo, às vezes, aquela dúvida que, nem bem sei expressar, me dá o chão arredio, em que cada passada se sustenta no infame frágil, na torpeza da rigidez instável advinda de um baile vital medroso. Mas, em tudo, há vida. É vida. Vivo?

Vivo. Isolo-me. E o faço habitual, nefasto e indigno. Preciso agora também isolar-me do sorriso, do abraço, do beijo cheio de afago, da certeza do encontro de labor que sustenta, das prosas que deixavam a vida em sabor comível... Preciso viajar, (re)desenhar a constância dos abraços nos ares, suspirar o ar resistente e, então, prosseguir o isolamento são. São devastadoramente árduas as empreitadas. Como disse, a magia já escassa vem em tentativas de galope, o elixir não dança bem com o cotidiano. Desculpem-me, plantinhas...

Mais uma coisa, a culpa. Dose certa de morte diária... jogo danado do ruim em que, historicamente, já entramos jogados na desvantagem. Tenho me recusado às partidas. Mas, confesso, nem sempre consigo a proeza. Faminta que só, ela vem sob as faces em tela, pensamentos desavisados, comparações desmedidas...

Não, ao menos agora, saberei culpar a culpa.

Culpada.

Retomo as plantas, as viagens, os desenhos aéreos e, em *"looping"*, retomo também a vida em quarentena. Há sabores, como este dizer, que a mim permitem a conversa com tantas faces imaginadas, mas há, com força incontável, dissabores tantos. É luta constante pelo estar bem. Sem devido amparo, paro.

Mas, teimoso, meu parar é movimento. É parada devida de quem mira, inspira e faz depois o prosseguir.

É reflexo de vida preta indígena, é vida que, "nêga", nega e não aceita e se aceita e também hoje grita nos choros, nos silêncios e nas janelas, com fúrias também travestidas de panelas batidas e deitares nos chãos de praças 7 (e 8, e 9, e 10, sejam elas quais forem para além de Belo Horizonte); desta vez, sem gás. É quarentena também coletiva, manifesta. Junt@s!

E assim embalado o amanhã imaginado corre livres pela rua, almas sorridentes que gritam sem o afã do medo somado. É tentativa de poesia, de resistência banhada nas lembranças dos meus e minhas.

E como quem respira a necessidade do viver. Sonho e digo de lugares não quarentenados, sustentados pela força ancestral que emana rebentos de ousadia no esperar, assumindo a aura da sabedoria guerreira sorridente.

Em ecoar de liberdade risonha, nutrido pela vida-dança, busco timbrar a alma para o amanhã, estratégia resistente que ainda criança aprendi. E, em meu hoje, tempo presente, desenho o passar das horas, ensaiando a despedida, inclusive, desta faceta minha em que os sorrisos se dão de modo mais espaçado.

São tessituras de escape do agora, na chamada de uma engrenagem nova, sábia, sabida em fazer terra-sonho na tenacidade do afago viver.

Pretensiosamente, tento a despretensão. Na força travestida, cheia de minha timidez vacilante, saltito de terras oníricas o caminho real desse amanhã. O de hoje parece um pouco avesso a isso. É necessário “cavucar” os cantinhos, celebrar os achados, abraçar a respiro e dele retirar o fôlego para a empreitada.

Até que passem as horas, até que passe o hoje, até que, enfim, o amanhã seja o agora.

Amanhã, ainda vacilando, desta ingenuidade sinto-me já livre, produziremos mais resistências, mais gritos, mais faces nas janelas, mais de nós, mais delas e de tantos e tantas que, já livres, não se encontram no medo de apenas serem.

Cantamos um que virá enquanto ainda não se é. Talvez seja esse canto que nos permita atravessar. Talvez esteja nele a força de, no hoje, velejar rumo aos encantos iguais, à estada afeta, aos olhos já sem sangue e braços que apenas escancaram a força do entrelaçar empático.

É no canto e cantando que posso hoje bancar o inglês, o neozelandês, o Tuareg, e até o crente com reminiscências do passado. Banco tantas coisas e tanto de tudo que, às vezes, penso que apenas não o faço com o quê de mim mesmo, ou, melhor, que o faço sob os tantos quês que de mim há. Ao fim, pareço então bancar minha própria existência que, bonita e penosa, é constatação de quem, tentando, se vê (des)fazendo em doses de perdição.

E perdendo-se se acha e se perde para encontrar-se. E nesses vires e devires, faz a travessia quando destes tempos ainda mais escassos. Experimentando encantos lúcidos e crueza insana, reafirma o existir que subsiste e insiste. E será...

54
CORONAVÍRUS “DESCORTINANDO”
VULNERABILIDADES:
O RELATO DE UM PSICÓLOGO CLÍNICO
EM TEMPOS DE PANDEMIA

*Fabiano Saft*⁸¹

Formado em Psicologia desde 2016, sempre estive inclinado a atender a população LGBTQIA+ vítima das mais variadas formas de violência. Compreendo a comunidade LGBTQIA+ tão desigual quanto as metrópoles brasileiras. Existem LGBTQIA+ ricos, assim como existem LGBTQIA+ pobres. As violências apresentadas a estes grupos, entretanto, muitas vezes não são tão desiguais. Elas se apresentam, de formas variadas, mas recorrentes, seja nos seus trabalhos (para a sorte daqueles que conseguiram um), seja na sua família, em uma instituição religiosa, ou na rua. Enquanto o discurso da cisheteronormatividade for predominante em nossa sociedade, haverá alguma forma de violência às pessoas LGBTQIA+.

A graduação em Psicologia não é completa. Faço aqui um adendo à minha experiência, mas nos últimos meses tenho me dedicado a pesquisar as ementas das instituições de ensino e são poucas as que dialogam em uma disciplina obrigatória, na grade curricular do curso, com orientação sexual e identidade de gênero. Portanto, não, a graduação em Psicologia não é completa e não propõe ressignificar a cisheteronormatividade. Para não ser leviano, existem docentes fantásticas e totalmente inclinadas a mobilizar seus discentes neste sentido. Esse fato, infelizmente, acaba por mobilizar somente ou grande maioria das pessoas que se identificam enquanto LGBTQIA+ a se dedicarem a pensar neste grupo. Não foi diferente comigo.

Sou gay e depois de muitos anos em psicoterapia, tenho mais domínio para falar sobre qualquer assunto correlacionado à minha infância, que sim, não diferente de outras narrativas, foi vítima de diversas formas de sequestro de afetividade, *bullying* escolar, abandono familiar, entre outras. Acho que de forma muito inconsciente, quando escolhi a Psicologia, já me propunha a isso. Confrontar a cisheteronormatividade. Talvez como forma de reparação ao que fizeram comigo e com muitos amigos.

⁸¹ Gay, 27 anos. Salvador/Bahia.

O encontro da Psicóloga com uma pessoa LGBTQIA+, por sua vez, requer delicadeza. Longe de mim querer desnaturalizar as expressões e formas de vivências de nosso povo, pelo contrário. São inúmeros os relatos de pacientes, que chegavam a mim, com a demanda de que não tinham se sentido confortáveis o suficiente para “se abrir” com a outra colega. Existem um milhão de formas de deslegitimar alguém. É provável que algumas dessas pessoas tenham se sentido dessa forma. Para os que leem: existe neste “desabafo” uma crítica à Prática Psicológica. Afinal de contas, com quem a Psicologia está comprometida? Mas, longe de mim querer afastá-las da psicoterapia. A psicoterapia, mesmo antes de me graduar Psicólogo, foi capaz de recuperar algum resquício de empoderamento que existia em mim e me permitiu dizer: sou gay. Portanto, acredito que a Psicologia seja uma grande aliada. Correlacionando com o que eu já disse a respeito das instituições de ensino, basta que a profissional esteja apta a compreender as vicissitudes da vida e suas mais diversas formas de representação.

Aproveito o gancho para ressaltar que este não é um problema somente da Psicologia. Ainda essa semana, ouvi de uma amiga trans que somente buscaria ajuda médica se estivesse sufocada, uma vez que a presença dela em instituições de Saúde “não é bem-vinda” e a violência decorrente da deslegitimação que viria a sofrer ali, poderia ser pior do que qualquer outro sinal de adoecimento.

Aliado a isto, não são poucos os relatos, sejam de amigos ou pacientes, que denunciam que as delegacias e demais instituições voltadas à proteção do indivíduo também continuam a invisibilizar a nossa existência. A pessoa, vítima de LGBTfobia, que busca alguma delegacia para prestar queixa, também encontra ali um discurso cisheteronormativo, totalmente inclinado a deslegitimar as vidas LGBTQIA+. Trata-se, então, de algo estrutural. A cisheteronormatividade está presente em todos os lugares: nas casas, nos ônibus, nas clínicas psicoterápicas e instituições de saúde, nas delegacias e nas escolas.

Muito provavelmente por isso, grande parte de nossa comunidade optou por uma autosegregação. Trata-se de um processo histórico, onde pessoas LGBTQIA+ não eram bem-vindas em ambientes quaisquer: boates, bares, clubes, etc. Hoje, na maioria das cidades brasileiras e do mundo, existem estes espaços e até mesmo instituições religiosas, destinadas a comunidade LGBTQIA+. Como sinaliza Castañeda (2007), existe uma forte tendência por parte da comunidade LGBTQIA+ em uma “guetificação⁸²”, consistindo na dificuldade em relacionar-se com os heterossexuais. Trata-se, sobretudo, de um mecanismo de defesa, uma vez que não nos sentimos seguros em ambientes que costumam nos ser hostis.

Diante minha experiência, apesar de as constantes lutas por acesso democrático às cidades, grande parte da população LGBTQIA+ continua a optar

⁸²“Guetificar”, simplificada, significa segregar, separar e isolar social e geograficamente determinada parte da população. Neste caso, trata-se sobretudo de uma estratégia de sobrevivência diante às violências atreladas às diversas formas de vivências LGBTs.

por estes lugares “guetificados”, por vermos nele um espaço de libertação, que vai de encontro e nos resguardam das violências sofridas em nossos bairros, trabalhos e sobretudo no seio familiar. Ainda nesse sentido, é possível perceber a construção de um intenso sentimento de pertencimento, uma vez que este encontro com semelhantes contribui para o fortalecimento de nossa identidade/orientação sexual. É perceptível que tais lugares contribuem para a materialização de uma fraternidade e, principalmente, acolhimento.

Quando o isolamento social decorrente da pandemia de coronavírus (covid-19) foi decretado, continuei meus atendimentos de forma online. Portanto, meu isolamento deixou de ser individual e passou a ser coletivo. A quarentena passou a ser não apenas a “minha”, mas as de quem eu atendia também. O contexto do isolamento social trouxe desafios e problemas para as cidades e isto reflete diretamente nas relações interpessoais.

No contexto das pessoas LGBTQIA+ que não convivem com aceitação familiar, isto traduz-se, de uma forma explícita: a redução de sua “rede de apoio”, atrelada ao impulsionamento de violência doméstica. O conceito de rede de apoio pode variar a depender do contexto, mas aqui, diante do que já foi exposto, trata-se exclusivamente destes espaços que estão atrelados à liberdade e destes encontros com semelhantes, que rotineiramente reforçam e autorizam as nossas identidades. Além disso, o isolamento reforça uma convivência obrigatória com pessoas que não legitimam a nossa existência.

Inicialmente, foi um processo delicado trazer a psicoterapia para dentro de suas casas. Na minha percepção, a pandemia age descortinando opressões. É uma crise dentro de uma crise. Muitos dos meus pacientes optaram por fazer as sessões nas escadas de seus prédios, uma vez que ali seria mais seguro e sigiloso, pois não existe uma relação harmônica com a casa. Castañeda (2007), em um diálogo direto com as diversidades sexuais, aborda que quando uma pessoa se reconhece homossexual, não existem benefícios visíveis. Diferente disto, confrontam-se com um futuro isolado que tendenciosamente trará conflitos com a família e a sociedade. Assumir-se homossexual, em sua perspectiva, não parece uma volta ao lar, mas, antes, um exílio.

O modo como a família lida diante das diversidades de orientação sexual ou identidade de gênero está intimamente correlacionado à qualidade de vida e saúde da população LGBTQIA+. Vale salientar que a violência doméstica, hoje, constitui a principal causa da morte de homossexuais. A rejeição ao indivíduo acarreta maior probabilidade de problemas de saúde mental como ansiedade, depressão ou ideação suicida. Importante ressaltar que diante desse cenário, a população Transexual tende a sofrer violências mais severas, atreladas à deslegitimação de sua identidade.

Schulman (2009) descreve a família como a proteção da crueldade social, mas uma vez que a família representa esta crueldade, o papel tende a ser inverso e a vítima há de transformar a sociedade em seu refúgio. O questionamento mais

pertinente, seguindo essa lógica, é: onde há de refugiar-se de toda crueldade, sobretudo no contexto do isolamento social, a pessoa LGBTQIA+ vítima de vulnerabilidade?

Não obstante as grandes mídias, nos últimos tempos, terem dedicado, mesmo que minimamente, algum espaço de sua grade televisiva para assuntos pertinentes à comunidade LGBTQIA+ e que a LGBTfobia já tenha sido declarada crime pelo Supremo Tribunal Federal (STF), as violências continuam apresentando números viscerais e toda a vivência LGBTQIA+ permanece estagnada “à margem”. Viver ainda é o nosso maior desafio.

A ONU (Organização das Nações Unidas) reconheceu em um comunicado que a crise global está potencializando as dificuldades da população LGBTQIA+ e pede a atenção dos países à saúde e às violações de seus direitos humanos no contexto da pandemia. O comunicado destaca que ao ficar em casa, crianças, adolescentes e adultos LGBTQIA+ estão obrigados a uma exposição prolongada a membros da família que não os aceitam, o que aumenta as taxas de violência doméstica, de agressões físicas e emocionais, assim como de danos à saúde mental.

Seguindo o Código de Ética Profissional da Psicóloga, não estou apto a trazer e nem relatar casos. Mas de antemão, gostaria de frisar que refugiar-se nas escadas foi a menor forma de violência que pude acompanhar nesses últimos dois meses, desde que iniciei os atendimentos de forma online. A quarentena da população LGBTQIA+ que não vive em com um contexto de aceitação familiar é violenta. Muitas estão sujeitas a estupro corretivo, agressão física, privação de alimentos, etc. Estar em casa, para muitos, é estar no inferno.

Enquanto Psicólogo gay, militante, muitas dessas coisas não eram novidades. Mas, em contexto de isolamento social, as coisas foram muito mais “desmascaradas” ou, como gosto de dizer, “descortinadas”. Entrar em contato com tamanho sofrimento, tamanhas privações, diversas formas de violência e, atrelado a isto, viver em um país com um (des)governo que não está preocupado com os Direitos Humanos, e pelo contrário, luta pelo fim destes, é assustador.

A minha quarentena foi fortemente mobilizada por essas percepções. Além do fato de estar isolado, sozinho, desde abril, venho tentando ressignificar várias ideias, inclusive a de tempo, para que me permita respirar. Fazendo uma analogia com a ideia de um avião que está a cair: é importante que você esteja apto a colocar a sua máscara primeiro, para que assim você possa ajudar a quem está ao seu lado. Basicamente o meu ofício resume-se a isto.

A comunidade LGBTQIA+, por sua vez, me traz forças para manter a coragem e a cabeça erguida. Como dito anteriormente, a existência ainda é o nosso maior desafio e ser ponta de lança não é fácil. Apesar das privações dos nossos becos e vielas, a fraternidade é viva. Está viva! Os abraços estão por vir. Abraços por Demétrio Campos, Marielle Franco, Natasha Ferreira Lobato e tantas outras vidas interrompidas por uma sociedade cisheteronormativa.

Precisamos nos propor a enxergar o sofrimento humano em articulação com o seu plano de vida. Vida essa em suas infinitas manifestações: dor, sofrimento, medo, desamparo, desigualdades, iniquidades, etc. Percepções essas que se renovam a cada encontro, pois cada pessoa é dona de uma história singular, que nos apresenta a complexidade da vida.

Enquanto homem gay, Psicólogo, recorrentemente abordando a importância da intersectorialidade/interdisciplinaridade, e inclinado a lutar pela população LGBTQIA+ vítima de violência, sentindo também de maneira muito peculiar os movimentos de resignificação que a pandemia nos tem proposto, aproveito a oportunidade para descortinar as questões acima citadas. Além disso, quero reiterar a importância da nossa luta, a fim de elaborar ações estratégicas e afirmativas, em prol da população vítima de violência, uma vez que todos esses fatores apresentados constituem nada menos do que uma forte expressão da privação dos Direitos Humanos.

Perceber as diferentes quarentenas para a população LGBTQIA+ faz-se uma reflexão crucial, viabilizando reconhecer que vivemos em um mundo de opressões, que nega direitos e extermina pessoas. Entender as origens e mecanismos de perpetuação da LGBTQIA+fobia é o primeiro passo para combatê-la.

Referências

- Castañeda, M. (2007). *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: Girafa.
- ONU. (2020). Organização das Nações Unidas. UNAIDS e MPact manifestam preocupação com relatos de abuso contra pessoas LGBTI em meio à pandemia. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unaidsempactmanifestam-preocupacao-com-relatos-de-abuso-contrapessoas-lgbti-em-meio-a-pandemia/>> Acesso em: 10 jun. 2020.
- Schulman, S. (2009). *Ties that Bind: Familial Homophobia and Its Consequences*. New York: The New Press.

55

**RELATO EM PLENA PANDEMIA DE UM REENCONTRO
[LÉSBICOMEDO]**

Jessica Tatiane Felizardo⁸³

O tom desta narrativa se faz pela madrugada, estou sentada no meu sofá, nua. Acabei de tocar no violão uma canção que tem me acompanhado: “Sei lá Mangueira” de Maria Bethânia nesta *queerentena*. Estou triste, não estou para risada. O covid-19 produziu nos meus dias afetos triste. Dia ou outro, faço outros usos dessa tristeza, esforço para abrir os poros da minha pele para outras experiências. São 00h55min terminei uma conversa com a Girassol pelo *WhatsApp*. Disse para ela que não iria ao seu aniversário que era correr um risco ao sair de Espírito Santo para Minas Gerais. Depois disso, ela meio que sumiu quando leu. A gente estava experimentando outro modo de construir um relacionamento afetivo *[online]*. Ao afirmar por via texto que não iria para o aniversário, eu enviei um áudio de 12 min. [eu dizia para ela reinventar o aniversário em plena pandemia, fazer de outra maneira]. Sugeri uma festinha *online* em que os convidadxs pudessem receber um *link* para entrar na festinha virtual. Eu dizia para ela também, se potencializar nesse momento, cuidar de si, dos seus sentimentos, de se alimentar de coisas boas, que dias novos virão. *Posteriormente* ao áudio, eu enviei um poema de Elizabeth Bishop “A arte de perder”. Em suma, eu descarreguei tanto naquela conversa *online* no *WhatsApp* que ela sumiu. Eu tinha que delirar justo para Ela? Bom, na verdade eu pensei que íamos ficar mais próxima neste momento, mas ocorreu o contrário. No fim, eu quis me afastar. Isto mesmo. Eu quis me afastar. Comecei a usar máscara em nossos encontros *online*. Estava fadada de tanta virtualidade no meu dia. Em um dos dias de isolamento, ocorreu um episódio em que a Girassol surtou comigo. Motivo? Por eu ter respondido ela de modo “fria”, por eu ter ficado horas sem visualizar suas mensagens no *WhatsApp*. Eu expliquei que esse distanciamento naqueles dois dias era devido a experiência em que meu corpo estava forçando naqueles fragmentos de amanhecer em plena pandemia. Foi então que ela começou a questionar outras coisas a mim, se era apenas isto? Se não havia acontecido outras coisas naquela tarde? Eu decidi então, dar um tempo. Comecei a elaborar se essa fuga minha não era outra coisa? Algo por exemplo relacionado

⁸³ Bissexual, cu mestiço. 27 anos, andarilha, certidão de nascimento registrada em Minas Gerais, mas o coração é do mundo. Respira no Brasil sendo tomada pela perturbação de estar no Brasil, porém não tem medo do Brasil.

ao tempo para o outro *online*. Então, comecei a perceber que se tratava disto mesmo, ou seja, do meu tempo, das horas que estava ficando com ela *online*, e do modo como a gente estava se fragmentando nas nossas conversas. Em outras palavras, estava gerando afetos tristes, maus encontros. A partir disso, resolvi começar a usar máscara no virtual. Passaram alguns dias, em meio ao meu distanciamento *online*, das chamadas de vídeo, do compartilhamento fotográfico do isolamento cotidiano, começamos apenas a trocar mensagens de: boa noite; como você está? Boa noite? Bom dia? Nossas conversas viraram um clichê *online*. Foi então, que resolvi sair do meu isolamento e encontrá-la. Estava apreensiva, ansiosa, com saudade e com desejo de vê-la. O nosso reencontro aconteceu. Mas de forma estranha, porque o medo estava sentado conosco na mesa. O vinho delongou em seu término. O beijo meu era com excitação, e o dela sem tesão. Eu queria tirar a roupa, ficar nua. Fazer amor. Ela não. Ao chegar ao fim do baseado e do ato de olhar com leveza o céu estrelado, eu pus novamente a beijá-la, foi aí que notei que seus arrepios não eram de prazer e sim de estranhamento. Terminamos o nosso encontro com roupa e de máscara, algo que nunca havia atravessado em nossos encontros e com um componente novo: O MEDO.

56

ATITULADA

*Isadora Campos (Dora)*⁸⁴

14 de junho de 2020

Pensei muito se escreveria esse relato. Estranho que sempre me entreti pelas escritas do eu e a maneira que a personalidade toma caráter universal de vez em quando, mas, ainda sim, nunca fui muito de relatos. Talvez por não acreditar muito na suficiência dos meus problemas e entender que, para além das minhas barreiras, existe quem sofra em situações muito piores. Talvez por acreditar que já existe no mundo tragédia demais e não tem lugar para mais um choro acuado dentro de tantos absurdos costumeiros. Talvez porque — principalmente em tempos como esses — a realidade não me cause nada além de uma ansiedade nauseante, fazendo que eu evite ao máximo me abater dela.

O ímpeto por escrever veio, no entanto, da solidão perene de meus pensamentos, que já não se aguentavam mais entre si e precisavam atingir algo além de minhas lágrimas ásperas. As palavras vieram como um acalanto único e deveras juvenil, como em um desabafo de adolescente em uma plataforma qualquer. Decidi voltar a minha anterior e despejar aqui os sentimentos confusos e pesados que me rodeiam, e toda noite me ameaçam o sono de dentro do meu armário.

Decidi então que digo, mas digo aqui do meu lugar. Daqui do quarto que divido com a minha irmã na casa dos meus pais, isolada socialmente em um bairrozinho pacato de uma cidadezinha patética. De um espaço no qual se estranham quatro adultos e dois animais que brigam a luz de qualquer mísera interação. De um lugar calmo e sem paz, sob um teto que me protege e me pesa. De um colo materno que não me reconhece nas minhas pequenas faltas e não me enxerga nem quando eu me rasgo em desespero. Digo ainda de um lugar de saudade, que sobrevive aos prantos longe daquela que amo muito — mais agora por entender que a distância física importa tão menos que a insegurança provocada por tempos de mudanças bruscas, e por saber que ninguém ao meu redor veria a importância de um afeto que entendem amigo. Mas, antes de tudo isso, digo principalmente de um lugar de medo, de um terror congelante que emana de um presente sem perspectiva alguma de futuro.

⁸⁴ 21 anos, bissexual-poliafetiva. Lagoa Santa, Minas Gerais.

Estar em isolamento me obrigou a conviver comigo e, por consequência, com todos os meus pequenos pânico fomentados pelas mais diversas mentiras. Todas elas tão minhas que me confortam dentro da beleza do meu mundinho de devaneios. E ao mesmo tempo que eu criei pra mim um interno impenetrável, estabeleci um lar do lado de fora dessas paredes. Adquiri conforto na multidão de rostos que nem se ligam para a aparência do meu, que ignoram os meus trejeitos cômicos e pouco se importam se em verdade eu moro em um não lugar depravado e mesquinho. Eu era mais eu quando ninguém me olhava. Agora me apavoro sob olhares de pena que sequer compreendem de onde vem minha energia tão melancólica e saudosista. Saudade de que? Saudade de tudo, acredito, mas principalmente saudade de não ser. De seguir livre da ânsia de ser compreendida por quem me olha, mas não me vê. Aqui só eu me vejo — e Deus como eu evitei esse olhar.

Enclausurada, olho pro mais feio e pessoal de mim mesma. Sento de frente ao espelho e entendo o porquê de tantos soslaios piedosos. O medo tem cheiro acre e expressão disforme. Já não há futilidades suficientes para me encobrir, então alimento diariamente uma besta inútil com os sabores do meu retrocesso. Todas as lutas que tive comigo para conquistar o direito de ser algo além de farsas coloridas. Toda culpa enviesada por uma religião que não era minha mas me forçou a crer que não havia nada no mundo mais repugnante que a carne suja e desviada na qual se enterrava fundo uma filha do Pai. Tudo aquilo pelo qual eu orgulhosamente neguei ser perdoada. Tudo que eu persisti à flagelos, muitas vezes auto aplicados. Tudo ficou lá, no antigo lado de fora — e nem eu sei se existe mais. Fiquei eu mesma do lado de lá, enquanto aqui dentro restou apenas o covarde, acuado demais para arriscar perder mais outra. Por isso digo, mas não falo nada. Ecoo palavras mastigadas e engolidas a vigor. Me acovardei nos meus confortos superficiais. Restou apenas o familiar amargo do incômodo interno, mas só este é apenas medíocre, não me seduz à luta — há muito me acostumei ao desconforto de estar comigo.

57

A MAREZIA DA MINHA CIDADE NÃO ENFERRUJA JANELAS, MAS VENTA PASSADO, PRESENTE E PRESENÇA

*Ana Clara Gadelha Mendes*⁸⁵

Tenho carregado o mundo nas costas uma vez por semana, mais do que isso não conseguiria sair da cama. Tenho carregado da sala ou do quarto para lugar nenhum, que ainda sim acho que é melhor do que o lugar atual o qual ele se encontra. O devolvo na janela. As vezes em lágrimas, as vezes em céu aberto. E de costas livres tenho me olhado muito no espelho. Percebo os pelos da sobrancelha crescerem como nunca antes, o que tem dado uma aparência menor aos meus olhos, mas também os realçados. Comecei a poda-las desde a puberdade, tinha medo de deixa-las livres por completo e descobrir afinal, sobre os olhos, uma monocelha. Medo besta, entre tantos outros medos bestas que aprendemos a alimentar para performar feminilidade. A pandemia tem escancarado todos os medos bestas ao defrontar a humanidade com os grandes medos. Medo do luto. Medo do luto da pele com pele. Medo do luto dos encontros do corpo com os lugares ramificados da vida.

A saudade de pedalar até o encontro do mar tem me cutucado o ombro. Sem hora para voltar, deixar-me dissolver nas pequenas ondas da praia de Iracema. Sal e suor sem distinção abaixo do sol de Fortaleza. O corpo flutissonante, na linha do horizonte, entre a ponte metálica e o espigão, se fazendo boiar dos cabelos até a ponta dos dedos, inteiro em cada parte, abraçando o transborde da solidão. O meu corpo tem sentido falta desse encontro consigo mesmo. É que ficar só sob um teto e quatro paredes não tem a extensão da liberdade, essa só me chega recortada pela janela. É diferente. Mas também não tenho do que reclamar, é um pedaço generoso. Há dias, que mesmo sem vista para o mar, o vento me traz seu cheiro e brinca com meus cabelos. De fato, a janela é um pedaço generoso de sensações: antes da quarentena eu achava triste aquele horário, entre os prédios, das 17 às 18 horas, a troca de roupa do tempo abrupta, o início do fim de um dia, a chegada da noite.

Hoje é um espetáculo diário acompanhado de um chá de hortelã ou camomila. Era ritualístico ir no mínimo uma vez por semana a praia ver o sol dizer adeus. Hoje quem me diz adeus são as cores do céu, às vezes anunciando

⁸⁵ Sapatão pansexual, 24 anos. Fortaleza, Ceará.

uma tempestade, às vezes dançando em diversidade vívida. Estamos em maio e dias bonitos para chover também dão lugar a dias inteiramente nublados.

Estamos em maio, cada céu é um dia, uma volta da terra sobre si. De volta em volta, eu aqui parada tenho ficado tonta. Aquela sensação de tentar recobrar os sentidos, de redescobrir meu ponto de equilíbrio na força gravitacional, tem sido frequente. Há mais de uma semana sinto meu coração acelerado desde a hora que acordo até a hora em que vou dormir. O que a minha terapeuta, por telefone, chamou de “estado constante de alerta”, já que não me paralisa por medo ou por ansiedade, e nem me faz perder o sono por completo. Dormir, inclusive, tem sido uma vitória silenciosa. Não tive insônia um só dia desde o começo da pandemia. Noites mal dormidas sim, mas nenhuma noite em claro. Ainda assim é incômodo esse estado involuntário de alerta. É cansativo, para minha mente desperta, vibrar ao som do compasso de um coração aflito. Sem causa específica aparente, suspeito de todas. Menos da cafeína: só tenho tomado um dedo de café por dia. Talvez meu corpo já tenha percebido a queda do mundo e eu não. Caído em si. Talvez o que eu sinta seja apenas reações químicas do cérebro ao cair de uma vivência social verticalizada, uma altura grande demais – e das grandes alturas eu só conhecia os voos, consequência do conforto de morar com pai e mãe professores universitários e, com 24 anos, ler poesia ao invés de trabalhar. Adrenalina. Cair em si ou cair no fim do mundo, tanto faz. Sobre isso, Ailton Krenak diz no seu livro, de título profético, “ideias para adiar o fim do mundo”, que a dita civilização já está em queda a muito tempo e o que nos resta (ou o que nos sobra) é escolher as formas de experencia-la, ele então sugere usarmos paraquedas coloridos. Meus novos fios amarelos perolados são a tentativa de seguir o conselho de Krenak. Descolori o cabelo – não todo, apenas a parte de cima, as laterais combinam com minha sobrelha grossa e minha história até aqui. O novo visual tem me feito esquecer um pouco o coração aflito. Minha mãe disse ter realçado meus olhos verdes e as árvores das ruas, apenas ao alcance da vista, me ensinaram que o verde não combina muito com aflição. Já a cor da paixão combina, mas também a aflição já é outra.

A aflição, primeiramente citada, se caracteriza pelo ouvir do compasso preciso do coração, como um ponteiro de relógio nos últimos segundos de uma bomba; já a aflição da paixão aparece justamente no descompasso, na disritmia. Imprevisível na sua aparição, só chega acompanhada, e diminuída, por uma euforia. Ela é tão pequena que em sua pequenez parece existir apenas para contrastar com a imensidão de um sorriso bobo. Tenho sorrido bastante, posso falar com propriedade.

Em breve fará um mês que estou apaixonada por uma atriz de três corações. Não sei quantos dos três atuam, mas sei que nenhum se esconde. Três lapsos de luz a cada vinte e quatro horas e a perplexidade me toma. Se tivessem me perguntado antes o que provavelmente eu achava que nunca iria vivenciar em uma quarentena, teria dito sem titubear “uma paixão”. É que, além de todo o caos

instaurado nestes tempos, nunca fui muito boa de flertar virtualmente. Só encontrava o interesse recíproco na troca de olhares, de gestos. No virtual o que temos por inteiro do outro e o que outro tem da gente são palavras, ditas ou não ditas, e embora às palavras eu confie minha vida, não tenho certeza se a vida confiaria meu “eu” às palavras. A vida surpreende sempre, ainda bem. Pois cá estou eu me encontrando com a atriz ao menos uma vez por semana, por meio de vídeo-chamada, tecnologia essa a qual fugia por cansar meus olhos, agora tem enrubescido as bochechas. Nesse meio tempo em que nos conhecemos ela teve que se mudar de Fortaleza para o Rio de Janeiro. A forma como nos comunicamos continuou a mesma, mas a ideia de não só a quarentena separar nossos corpos, mas sim o comprimento de muitos estados – ela no Sudeste, eu no Nordeste – rebuliu alguma coisa aqui dentro. Como se a distância provocada pela quarentena estivesse em outra dimensão, e a distância concreta em quilômetros me trouxesse de volta a nova realidade. Realidade sobretudo delimitada por distâncias. Ao menos – ou melhor, “ao muito” – tenho bem pertinho de mim pessoas que amo: esse período de isolamento está sendo em família.

Eu que sempre desejei morar sozinha, tenho agradecido por cada carinho concreto presente nesses dias. Agradeço o cafuné e o colo de mãe. Agradeço a escuta e o cuidado de pai. Agradeço por ter uma irmã mais velha para implicar e pelo verbo que ela criou com o meu nome. Aqui, somos 4, cada um em uma ponta do quadrado em que habitamos: nos dividimos bem para fazer os afazeres domésticos. A mãe limpa a cozinha e a área de serviço, e às vezes, quando eu não o faço, coloca as roupas para lavar na máquina. O pai faz o almoço e a janta por seis dias da semana. A irmã lava todas as louças. E eu passo o pano na casa e limpo os banheiros. Todos estamos reaprendendo a não terceirizar a vida. Desde de 14 de março, aqui não há mais o privilégio da vinda da empregada doméstica em três dias da semana – obviamente ela também está cumprindo a quarentena. Entretanto, mesmo assim estamos lidando com o privilégio de reaprender. Porque para quem sempre fez o que estamos reaprendendo a fazer, a rotina dos afazeres domésticos é apenas “mais do mesmo”; para nós, durante março ela teve gosto de novo, e nesse mês de maio ainda guarda resquícios da força do aprender. Inclusive, a força do aprender por vezes tem sustentado dias cinzentos: uma receita culinária nova ou mudar os móveis para um novo lugar.

Dani Lima, em 2009, no programa “café filosófico”, falando sobre a interação do corpo nos espaços, diz que se a gente quer mudar a nossa vida, comecemos mudando os móveis da nossa casa de lugar. Ela não poderia imaginar a potência absurda que essa frase adquiriria no ano em que estamos. Mudar os móveis de lugar é também mudar o mundo que nos cerca, o único mundo tátil ao alcance de nossos corpos. Mudei meu mundo tátil de lugar. No meu quarto, coloquei a mesa de estudos mais próxima da porta, e onde antes ela ficava, ao lado da janela, coloquei a cama. Minha janela é a única da casa que não tem parapeito, isso tem me possibilitado, quando deito na cama, pegar carona nas nuvens e na cabeça

tomar beijos de chuva com intensidade de encharcar roupas. Em contrapartida, nessa época do ano, o sol só entra pela janela da sala, e em um horário bem específico: das 6 às 8 horas da manhã. Então, eu e minha mãe temos acordado cedo para receber alguma vitamina d. Um dia aconteceu de eu acordar tarde e haver apenas uma linha de sol na sala que se esvaia. Eu de biquíni, descontenta com a minha palidez, adentrei a janela: fiquei no parapeito, este ainda amplamente iluminado. Moro no sétimo andar, mas a altura não me assustava. A luz quente transformada por cada célula da minha pele em gotículas de suor, na verdade, me acalmava. Nesse dia, o banho de sol no concreto me afagou com lembranças do banho de sol na praia.

As recorrentes nostalgias de vislumbrar o mar, a única linha do horizonte que meus olhos tinham em fácil alcance, me trazem a certeza que sou uma pessoa litorânea. Sou uma pessoa litorânea em um mundo que privatiza a vista para o mar com suas paredes de prédios. Ou antes de ser uma pessoa litorânea, eu sou sobretudo uma moradora de prédio sem vista para o horizonte salgado? Talvez. Talvez o caminho seja construir dúvidas, ao invés de receber certezas. Não tenho mais carregado o mundo nas costas, nenhuma vez por semana. Não tenho mais carregado o seu fim nas costas. Seu fim é uma certeza. E agora eu quero construir caminhos, questionar outros mundos e seus lugares.

58

NOSSOS DIAS ENTRE O AMOR E A VIOLÊNCIA

*Andrea Pech*⁸⁶

No momento em que sua mão acorda todo meu corpo, um corpo desacostumado ao contato, abocanhando desejos antigos, que não são tão antigos, mas parecem de outro tempo, rompe um grito que me traz de volta à realidade: “Fora Bolsonaro!”. Do prédio da frente respondem “mito!”, panelas ecoam das janelas e não sei se paro, se choro, se grito, mas te digo “mete com força”, gozando sobre a nossa revolução à quatro paredes, que se foda a família tradicional brasileira. Toda vez que a sua buceta encosta na minha, uma pequena afronta, deixo as cortinas abertas em uma distração minimamente calculada, para participar daquele protesto. Vocês não gostam tanto de pornô? Não vivem perguntando “deixa ver como duas mulheres transam”? De certo seria melhor esquecer dessa merda, nos embriagar e trepar até o fim do mundo, mas minha vontade, surpreendentemente, é andar de mãos dadas com você pela praia e me ver nas letras de canções piegas sobre o amor. Duvido que você queira essas mesmas coisas enquanto tento mapear as circunstâncias que nos trouxeram até aqui.

*

Foi na semana anterior ao início da quarentena que te liguei, logo depois de sair da minha última sessão presencial de análise, na qual percebi que a raiva não mais me cabia, então disse que te amava e que não acreditava em um amor que fosse permeado pela raiva. Você chorou. Eu também chorei quando você me contou que seu amor por mim persistia, de repente tracei um panorama desse relacionamento que acreditava nunca ter vivido de verdade. Uma relação afetiva, romântica à sua maneira, em outros termos do amor que talvez não encaixassem com o meu ideal construído. A raiva que sentia por você nunca ter nomeado essa relação, pelo fato de você ter outra, como se não pudéssemos quebrar mais esse paradigma, desapareceu quando percebi que o sentimento existia a parte das nomenclaturas.

Naquele telefonema, lembramos de tudo que havíamos vivido: o dia em que te vi pela primeira vez no museu onde você trabalhava, e notei como seu cabelo curto cacheado e suas orelhinhas predominantes emolduravam um olhar envolvente, naquele momento soube imediatamente que ia me apaixonar; todas as aulas que fizemos juntas, sentia que éramos um casal de namoradas quando

⁸⁶ Lésbica, 29 anos. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

você apoiava a cabeça no meu ombro para assistir as palestras; nossas cervejas intermináveis quando explorávamos o centro do Rio de Janeiro de bar em bar, um mais sujo que o outro, ou na praça que fica entre nossas casas; os momentos que passávamos rolando na cama antes de finalmente conseguir levantar, como sua cara de sono era irresistível. Lembramos também das discussões, das tentativas, dos erros. Depois de você desistir de nós, me procurar novamente por não aguentar a saudade e terminar comigo uma segunda vez para voltar com ela, passei alguns meses mantendo distância. Agora algo mudara em mim e aparentemente em você também.

Conversamos como não fazíamos há meses. Te contei que agora era professora de artes em uma escola particular de crianças ricas e ficamos arquitetando modos de trabalhar consciência de classe enquanto ensinava teoria das cores. Reconhecemos a saudade que tínhamos de debater arte, educação e política em nossas práticas, nós nunca tivemos esse tipo de relação com mais ninguém, atuar na mesma área e compartilhar as nossas experiências sempre nos foi precioso. Depois você confessou que eu estava certa quando te disse que seu relacionamento não funcionava, ela havia te decepcionado de novo e você estava sozinha. Você havia entendido tudo errado e me doeu que te demorou tanto para perceber. A única coisa que não esperava foi você me dizer: “não te esqueci, depois desses meses todos”.

A perspectiva da quarentena se apresentava em breve, mas não sabíamos quanto tempo iria durar, muito menos as implicações que ela iria trazer. Imaginamos nos encontrar logo e, descrentes do que se aproximava, falamos sobre um recomeço. Hoje sabemos que traçar planos nesse cenário é lidar com incertezas e, embora finalmente nos sentíssemos prontas para estar juntas, agora era o mundo que precisava do distanciamento.

*

Encerradas em nossas próprias casas, compartilhamos o sentimento à distância. Passamos um mês sentindo a falta do toque pulsar nos corpos e pelas telas, nas mensagens de bom dia, nas videochamadas, nos gifs e figurinhas, nas indiretas em postagens do *Instagram*. Todo dia, ao acordar, olhava o *WhatsApp* para ver sua mensagem, nos primeiros dias me deixava feliz, mas com o passar do tempo percebi que não era suficiente. Eu queria falar com você deitada, mas a Internet sempre falha no quarto, tinha que ir até a sala, uma lembrança constante da saudade de conversar na cama com você.

Fui tomada por uma insegurança proveniente da vontade de materializar essa presença, quase como se precisasse encostar em você para saber que nosso novo começo de relação era real. Não fazia sentido algum, mas você já havia me deixado duas vezes, e nesse cenário era difícil imaginar um desfecho que não fosse apartado. Expunha meus sentimentos em textos que te escrevia quase diariamente, falando que continuava com medo de confiar em você, que achava que você não queria estar comigo. Você se sentia esgotada com essa rotina. Você

queria muito ganhar minha confiança, me fazer acreditar que estávamos – e continuaríamos – juntas.

Foi você quem puxou a conversa sobre furar a quarentena, com um peso na consciência, de certo, mas também encarando esse ato como um gesto indubitável de amor. De qualquer modo, as ponderações eram sensatas: não é tão grave assim, moramos perto e quase não saímos de casa. Montamos um plano: vamos no mercado uma última vez essa semana, esperamos catorze dias e você vem aqui andando, protegida, a gente coloca as roupas logo para lavar. Quando você voltasse para casa ficaria mais catorze dias sozinha, sem ver sua mãe, que faz parte do grupo de risco, e talvez esse esforço tenha de fato me feito acreditar na sua vontade.

Nosso tão aguardado reencontro: a imagem de você na minha porta com aquele look de fim do mundo, máscara no rosto e álcool gel no bolso, se despindo na entrada, minha respiração suspensa ao ver seu corpo, os vários minutos que aguardo enquanto você se lava para que eu possa te tocar pareceram eternos. Nosso novo primeiro beijo foi de uma intensidade avassaladora não só pela potência da saudade, mas por um vislumbre de felicidade no meio de tudo isso. “Então por que parece insuficiente?”, te pergunto confessando que não consigo parar de imaginar uma outra cena, na qual nosso recomeço se desse em outro contexto, de volta aos nossos bares no centro, na praça entre nossas casas, nas palestras e exposições em museus. Queria esquecer dessa realidade surreal e aproveitar o momento com você, mas a vontade de ser corpo-na-cidade ao seu lado é demais, assim como a exaustão de viver em meio a tantos absurdos.

*

A pandemia é mais compreensível que a política, concluímos no café da manhã. O vírus parece acordar os horrores do mundo, espalhando-se, assim como o fascismo, e estamos cansadas de ser tão afetadas sem nem sair de casa. Cada novo dia um número maior, uma fala mais chocante, uma medida descabida. Desligo o celular, não quero mais saber das notícias, vou arrumar a casa, limpar tudo, cuidar das plantas e decorar as paredes. Procuo aceitar a nova rotina, cada canto da casa um mundo. Trabalho por mais horas do que me pagam, não importa, é melhor para se distrair mesmo. Chamo de privilégio o que deveria ser direito, essa estabilidade de ter uma morada e um salário.

Critico o ensino à distância e lá estou eu estimulando meus alunos a fazerem arte com qualquer coisa que possam encontrar em suas casas, esperando que mesmo através da tela essa aula possa apresentar um respiro no meio da quarentena: “olhem seu entorno e sua rotina como fonte de inspiração”. Não sei por que acho que meu trabalho importa, ninguém tá nem aí para a arte, nem antes nem durante a pandemia, conluo com raiva quando você é demitida, é uma piada o governo não dispor recursos nem para um dos maiores museus da cidade. Sempre imaginei com carinho que o amor da minha vida trabalharia num

espaço cultural, uma sapatão artista como eu, agora acho que só eu romantizo isso, a gente não é bem-vinda aqui.

Na sua depressão desencadeada pelo desemprego, não sei se fico mais triste por você se sentir sem motivo para viver ou pela conjuntura de desmonte da cultura que fez você perder o emprego no meio dessa realidade já tão fragilizada. Te acho extremamente autocentrada quando você entra em crise dizendo que não tem mais o que fazer sem problematizar o quanto isso é maior do que você. Depois percebo minha falta de empatia e noto a sorte que tive de justo nesse momento não trabalhar mais nas instituições culturais do Estado e sim em uma escola particular.

*

Sinto você distante, mas dessa vez culpo o contexto. Te consolar é impossível, principalmente quando também me sinto desestabilizada, talvez não financeiramente, mas socialmente. Não aguento mais só poder conversar no telefone. Prometi que pararia de fumar, mas não consigo, independente do constante vislumbre de uma situação dramática que me atormenta: contrair *covid*, ter complicações respiratórias, não ter leito no hospital, falecer. Todo dia imagino meus pais chorando, meus amigos postando dedicatórias nas redes sociais, você nem posso imaginar como ficaria depois disso tudo, desempregada e solitária.

A secretária diz que é normal conviver com a morte, que ofensa. Eu estendo os olhos do computador para a minha sala e finalmente sinto toda a potência do trabalho que preguei anos atrás na parede de casa, do artista Juan Carlos Romero, que peguei na Bienal de São Paulo de 2014: um cartaz amarelo comprido, escrito com letras garrafais "VIOLENCIA". Só isso, por todos os lados. Não convivemos com a morte, mas com a violência. Se eu não acredito em amor com raiva, a vida com violência também não me serve.

*

Quanto tempo ainda vai demorar para viver aquilo que sempre quis com você? Agora não sei se isso não acontece pela pandemia ou por sua falta de vontade. Perdi o chão, pela terceira vez, quando você me disse, depois de dois meses de quarentena ao meu lado, para eu não criar expectativas. Por que é tão difícil para você estar comigo? Continuo me apegando ao desejo pelas pequenas coisas: quero te apresentar para minha família, postar sua foto no *Instagram*, caminhar no Aterro de mãos dadas. Às vezes me sinto exausta de ter que construir novas formas de amor o tempo todo, eu só queria o que eles têm. O meu amor sempre há de ser resistência, mas que saco esse discurso sempre, chegou junho, tem que botar a bandeira arco-íris na *live*. Pensando melhor gosto mesmo é disso, eu quero os berros dissidentes pela janela, a certeza de que não sou a errada nesse mundo, eu sou artista, deveria estar mesmo subvertendo normas, não jogando o jogo.

Sempre escrevi sobre o amor, e eu queria elaborar um texto sobre você, sobre nosso reencontro, mas não paro de me sentir atravessada por tudo aquilo que é

maior que nós e nos afeta. Também me cansa a falta de palavras para descrever essa vida. Releio tudo que escrevi até aqui, sinto que não contei nossa história, não tem quase nada do que ocorreu com a gente, os fatos, acontecimentos. O ritmo da minha escrita se torna como a quarentena, arrastada, todos os dias em casa, vivendo sempre a mesma coisa, como se não estivéssemos vendo a história se desenrolar. Ficamos um dia inteiro deitadas na cama, trancadas nesse espaço. Sonho com um futuro incerto, esperando a vida acontecer sem perceber que essa já é a nossa vida.

59

**DISTANCIAMENTO SOCIAL, DISSOCIAÇÃO,
DESENHO ANIMADO E DISFORIA DE GÊNERO***Lira*⁸⁷

Esses dias eu assisti uma série da *Netflix* chamada “*Feel Good*”. Apesar do nome, eu tive uma crise de ansiedade e de disforia de gênero, que durou um bom tempo. Tempo. É difícil ter noção de tempo, “esses dias eu assisti...” eu não lembro que dia. Acho que tem duas semanas e eu honestamente me sinto orgulhosa pela forma que ressignifiquei o tempo. Tem duas semanas porque eu tive duas sessões de terapia, porque eu assisti o final de *Steven Universe* no mesmo período, porque eu fui a duas sessões do bloqueio venoso na clínica da dor, porque dois capítulos novos de um livro que acompanho foram atualizados. Tempo. Então, eu acho que faz duas semanas.

Sempre foi difícil ter noção de tempo, às vezes, eu acho que faço de propósito. Porque eu tô sempre ansiosa demais, porque eu tô sempre com dor demais, parece que ter noção de quanto tempo a dor dura, faz ela durar mais. Quando eu falo sobre mim, eu digo que eu estou ansiosa, mas na verdade eu nunca sei que pronome usar. Eu tava discutindo sobre BBB num grupo do *Facebook* e uma pessoa me chamou de “moço” no começo do seu argumento. Eu me senti bem e então tive uma crise de ansiedade... por me sentir confortável. E perceber todo o paradoxo de estar mal por ter me sentido bem me fez sentir culpa e me odiar um pouco mais. Eu piorei.

A personagem de “*Feel Good*”, Mae, é comediante, lida com ansiedade e o vício em narcóticos. É sapatão e muito, muito branca, tipo a escritora da série, a própria Mae. Bem no final da série, ela verbaliza que talvez se identifique como pessoa não binária, ou como homem trans, ou... não sabe. Eu acho que é a cena mais foda de toda a série, porque ela reúne vários momentos de ansiedade e de disforia de gênero que Mae sentiu, junto a muita cisnormatividade e heteronormatividade que a sua namorada reproduz, algumas vezes mais sutis que outras, mas todas acumuladas e sentidas por Mae. A frase foda e que ressoa sempre quando me sinto ansiosa é algo como o momento que Mae diz se sentir uma reprodução fajuta de ambos os gêneros. É bem simples, mas eu choro sempre por me sentir tão feliz só de ter encontrado uma frase que consiga sintetizar como eu me sinto. É esquisito me sentir tão em casa na voz de outra pessoa tão distante, mas sempre parece bem fácil quando eu estou tentando fazer de tudo pra não estar em mim. Eu tenho dificuldade com o silêncio.

⁸⁷ Sapatão não binária, 21 anos. Salvador, Bahia.

É difícil escrever esse texto, porque eu queria ser sincera e verdadeira o suficiente pra poder criar a atmosfera mais próxima do que eu me sinto, mas pra isso eu tenho que ouvir o que sinto. Eu faço de tudo pra não me ouvir pensar, literalmente. Eu geralmente faço pelo menos duas coisas ao mesmo tempo para não estar só comigo. Eu queria que esse texto fosse o mais caótico e confuso possível, porque é como eu me vejo pensar toda hora, mas principalmente é como eu me lembro de estar toda noite, às três da manhã, desde que a quarentena começou. Porque eu tenho muita insônia, porque eu uso de toda produtividade capitalista e do ritmo de trabalho neoliberal para não me ouvir. Tem sido difícil estar em casa com meus pais, porque a gente não se fala, então eu passo boa parte do tempo comigo e eu não gosto de mim nem de estar dentro da minha cabeça.

Eu baixei um *app* pra me lembrar de beber água, ele parece um joguinho e você cuida de plantinhas. É difícil explicar pra minha família como coisas muito pequenas tipo tomar banho, fazer uma única refeição, beber água e os remédios, dormir, são gigantes e torturantes quando você convive com depressão. Eu já tenho duas plantinhas crescidas, agora tô cuidando dum dente-de-leão. Eu tento ir na varanda, às vezes, mas faz parte das coisas pequenas que na verdade são muito grandes e que não consigo fazer. O isolamento é difícil porque me lembra o hospital, porque eu sempre sinto muita falta do céu quando tô internada. Eu não sei se falei que tenho anemia falciforme, ou que já tive pneumonia diversas vezes, nem que já passei por uns processos desses de isolamento, máscara e contato reduzido. Eu lembro de ser assustador, mas pior que isso, lembro de sentir dor e não poder ser tocada. Sempre dói a ideia de pessoas assim, nesse momento.

Eu acho que a gente tem reinventado e redescoberto muita coisa, pra mim, o maior desafio é o dengo, essa falta de contato. Não por ser difícil, mas porque não tem troca, mesmo. Eu preferia fazer “nada” junto com Nandi, pessoa também não-binária com quem namoro, do que “algo” separados, mas ainda assim tentamos ver filmes sapatão, tipo o que lançou hoje na *Netflix* (*Você nem imagina*), juntos. Tem mais de uma semana desde que escrevi os quatro primeiros parágrafos desse texto, porque eu sempre ficava muito ansiosa ao pensar em como escrever. Sempre era genial, porque eu pensava no que estava me deixando ansiosa e eu conseguia percorrer em segundos por tudo que tem dóido, o que me deixava ansiosa e eu não conseguia mais voltar a esses pensamentos desordenados e caóticos e cruéis, como eu queria que esse texto fosse, mas eu não acho que ele seja, porque dói demais. Então pra escrever eu preciso de uma organização que não existe para o sentir, o sentir só acontece, mesmo. Pra escrever eu preciso sempre respirar pra começar, até lá eu tô mais calma, até lá eu já fugi de mim, eu não tô mais dentro da minha cabeça, nem tô dentro do caos, nem consigo trazer o caos pra cá.

Eu nunca sei que pronomes usar pra me referir a mim num texto ou em qualquer situação. Eu fico pensando isso o tempo inteiro durante minha escrita e

eu só não sei. Às vezes, não parece importar, porque ninguém aqui em casa atenderia a meus pronomes novos, então parece não fazer diferença, já que é só sair do quarto pra que toda essa existência que eu tô lutando pra dar continuidade seja apagada em duas ou três palavras. Acho que eu tô dizendo que parece mais fácil apagar tudo numa vez, então. Eu fico olhando pros meus quadros na parede do meu quarto e eu sempre fico feliz com aqueles que eu não corrigiria. Eu acho que minha sensação favorita é fazer arte e poder olhar pra arte um dia depois ou um ano depois e sentir o que eu senti quando a fiz, eu não apagaria nada, não mudaria nada. É bem simbólico. Eu tenho tentado não me pressionar a ser produtiva, como fiz assim que começamos o isolamento. A primeira coisa que eu fiz foi desenhar muito, quase todo dia, como uma forma de recuperar algum tempo perdido. Então semana passada eu terminei um desenho pra Nandi, essa semana não desenhei e eu acho que tá tudo ok. Eu bebi o total de água que deveria beber todos os dias, o que é incrível. E eu tô escrevendo agora, o que também é incrível.

Eu finjo que não vejo as notícias, mas eu sei cada contagem de casos e de mortos atualizada, as relações estatísticas entre os países vizinhos ou a opinião internacional sobre a fala do que temos de chamar de presidente. É difícil saber o que falar às pessoas queridas. Às vezes, nada é o suficiente. Às vezes, nada é tudo que temos, então basta. Na semana passada, eu e Nandi nos colocamos pra dormir, só ficando na linha um do outro esperando que dormisse, pra desligar. Era só silêncio. Só uma respiração ritmada e calma, com os ruídos do celular. E, às vezes, eu acho que só isso basta.

*Eu revisito esse texto hoje, depois de um mês. É difícil acompanhar as mudanças, a forma que eu me referia a mim e me afirmava, mesmo em espaços de tempo tão pequenos. Tempo. É difícil ter noção de tempo. Eu percebi nessas semanas o quanto eu não me sinto confortável com nenhum dos dois pronomes binários e não queria escolher nenhum deles, somente o neutro. Eu mudei a biografia no Instagram e coloquei meu nome e meu pronome. A nova versão de *She-Ra* é um dos melhores desenhos que já vi. A escritora e criadora, Noelle Stevenson, tinha declarado que todos os seus personagens são queer até que se prove o contrário. A personagem principal ser lésbica e todo o arco principal focar no amor entre duas mulheres é uma das minhas coisas favoritas na série, mas *Double Trouble*, personagem não binária, acaba ganhando mais o meu coração. Todo mundo respeita seus pronomes e sua identidade, mesmo que *Double Trouble* seja antagonista em boa parte da série. Stevonnie é minha personagem favorita de *Steven Universe*, também não binária e intersexual. Personagens assim me fazem sentir mais segura de mim mesma e do meu gênero e dos meus pronomes. Então tenho conseguido pedir para meus amigos e pessoas próximas que usem o pronome neutro sem a culpa de estar inventando algo que não faz sentido. Temos aprendido juntas como nos adaptar a linguagem neutra. Tenho aprendido aos*

poucos como me sentir confortável comigo e com esse corpo, com meu nome, meus pronomes, minha arte, minha escrita, minhas relações... Têm sido longos três meses. Tempo. Ainda é difícil ter noção de tempo.

60

ENTRE LÁ E CÁ, REFLEXÕES DE ROLEZINHOS

*William Magalhães*⁸⁸

Foi então que percebi que não usávamos máscara. Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção daquela hora ali sobre nós, e eu nem sei se era alegria, também não usava máscara. Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval.

Caio Fernando Abreu, Terça-feira gorda

Penso em Paul Preciado viajando o mundo com Orlando debaixo do braço. Não carrego um livro comigo, mas à mente me vem outra Virginia Woolf. É Mrs. Dalloway que me acompanha enquanto ando pelas ruas do meu bairro. Vou eu mesmo comprar as flores. Só que no meu caso não estou indo atrás de flores. Estou só a caminho do mercado. A única saída possível.

Estamos em 16 de março de 2020. A primeira semana do confinamento no qual nos encontramos. O futuro é incerto de um jeito ainda mais imprevisível do que sequer poderíamos imaginar, mas eu ainda não sei disso.

Comecei a quarentena tendo que lidar com dor de amor. Fui rejeitado pelo último boy de quem fiquei a fim. Quando o confinamento começou meu sono estava desregulado.

Fazia duas semanas que o Carnaval tinha ido embora para deixar saudades e eu vinha dormindo mal porque além de equilibrar as tarefas do dia a dia e procurar trabalho, tinha que fazer tudo isso tentando conviver com um coração dolorido, pequeno e apertado.

A sensação, minha conhecida de muito tempo, era de que nunca vou encontrar alguém legal com quem possa construir um relacionamento. Problemas de baixa autoestima que não cabe aqui enumerar, fazia tempo que eu não dava *match* com ninguém. E olha que nos conhecemos ao vivo, como na época dos homens das cavernas.

Acontece que brochei nas duas vezes que transei com o boy. Para deixar mais exposto o que rolou, na primeira vez em que saímos ele quis me comer e eu não aguentei dar. Fiquei nervoso, inseguro, sei lá. Tenho um intestino que funciona

⁸⁸ Gay, viado, bicha, homossexual, homem-sexual, pederasta, viadinhoh. Pardo, 33 anos. São Paulo, São Paulo.

rápido demais e de maneira parcelada. Ia dar merda. Ficamos no sexo sem penetração, mas eu não gozei. E ele achou isso estranho.

Na segunda vez eu dei. Tinha até feito a chuca. Mas o meu pau mole se fez por demais evidente durante a transa e mais uma vez eu não cheguei ao orgasmo. Da minha parte, tava tudo bem. Mesmo o primeiro encontro tinha sido legal, apesar da minha performance ter deixado a desejar (risos). Há dez anos que venho dizendo que sexo não é uma busca desenfreada pelo orgasmo. Só não tinha dito isso pro boy até então e paguei mais uma vez de esquisitão.

E foi isso. Mensagens não respondidas depois, descobri o que era o *ghosting* – essa prática tão disseminada de desaparecer e ignorar tentativas de contato. Eu sabia que existia. Tinha visto relatos sobre na internet, mas até então nunca tinha passado por isso. É daqueles tipos de coisas que a gente pensa que nunca vai acontecer com a gente até que acontece. Aparentemente é assim que amamos no século 21.

Eu estava tomado demais pelos meus próprios problemas internos, buscando lidar com uma tormenta de sentimentos quando a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia. As atividades de cultura foram as primeiras a serem canceladas, primeiro na cidade, depois no Estado de São Paulo e aí tudo o mais começou a ser fechado.

Depois de mais de um ano decupando cerca de 130 horas de material gravado, eu comecei 2020 trabalhando na edição de um documentário que filmei durante as eleições de 2018. Procurando entender os motivos pelos quais a comunidade LGBT não consegue eleger representantes, acompanhei os bastidores da campanha da ativista trans Renata Peron à deputada federal pelo PSOL.

Filmado em esquema de guerrilha, sem patrocínio e financiado pelo FGTS e Seguro Desemprego que foram liberados depois do pé na bunda que tomei do último emprego com carteira assinada, um pouco antes do início da campanha eleitoral começar, o projeto já estava se alongando demais. A decupagem foi feita em paralelo a entressafra de trabalho freelance que às vezes rola, as vezes não rola, mas que desde o final do ano passado vinha escasseando.

Dado o período de vacas magras financeiras e a urgência de terminar a edição do filme, um certo isolamento social já estava previsto na minha vida. Por estes motivos, achei que a princípio o isolamento social não estava me afetando. E era mais ou menos sobre todas essas inquietações que eu pensava naquele dia, andando na rua do meu bairro, a caminho para o mercado.

Estamos em 16 de março, mas só mentalmente. Hoje já é 13 de abril. É a quinta vez que eu saio de casa em cinco semanas. Criei um novo hábito. Sair as segundas como forma de saber que uma nova semana começou, já que de alguma forma o resto dos dias estão todos meio iguais.

É curioso andar pelas ruas pensando que semana passada tudo estava diferente. Assim como na anterior e na anterior da anterior e aí vou me perdendo.

No primeiro dia, circular no mercadinho foi mais desajeitado. As ruas estavam bem vazias. Tinha isso de não encostar em nada. Todos estavam assustados. Havia uma tensão perceptível no ar que depois foi se perdendo graças a declarações como a da gripezinha.

As calçadas vazias começaram a dar espaço a pequenas aglomerações em frente a comércios de portas entreabertas. Até então o uso da máscara para todo mundo não era recomendado ou obrigatório e eis que então, fazendo um caminho maior para voltar para casa e aproveitar um pouco de sol, vejo um anúncio em uma velha banda de jornal: “Temos Máscaras”. Quem não as têm? Pensei.

Máscaras usamos todos, o tempo inteiro. Pensei nas minhas. O que eu estava mascarando e o que tive que mascarar pra chegar até àquele momento. Uma vida em que da tenra infância a até pelo menos a metade da adolescência precisei tentar me enquadrar no que era esperado de um menino, um garoto, para sobreviver. “Fala que nem homem”, “Homem não chora”, “Nem parece homem”. Homem, homem, homem.

Me bateu então um cansaço de toda uma vida. Muita energia psíquica se esvai nisso de tentar se ajustar a um ideal de masculinidade. Consegui passar por isso, mas o Brasil rouba minhas forças. A necessidade de sobrevivência se atualiza de maneira cruel. Sem renda fixa, desempregado há quase dois anos, fui um dos contemplados pelo auxílio emergencial, um pequeno alívio para a saúde mental. Ressalte-se o pequeno, porque a preocupação de como vai ser o futuro já se apresenta.

Para não pirar e não me desesperar com a situação do país me forço a viver um dia de cada vez. Ainda assim é terrível ver imagens de filas nas portas de agências da Caixa e compartilhar da agonia de amigos que ainda não receberam o auxílio emergencial, sem falar nas domingueiras do Coiso, sempre terríveis e emocionalmente desgastantes.

Tento atravessar a rua sem me dar conta que o sinal não está aberto para pedestres. A buzina de um carro me acorda do devaneio em que eu estava bem quando colocava os pés sobre a faixa. É a Virginia Nicole Kidman em “As Horas” que me vem à mente, com pedras no bolso do vestido e entrando no rio.

O tesão neste período foi para o espaço. Já há um tempo que eu ando com preguiça do sexo e problematizando o papel da penetração como único modo válido e efetivo de exercício de vida sexual.

Sempre gostei mais de me masturbar usando contos eróticos como inspiração, até que começaram a surgir relatos de pessoas furando a quarentena para transar e daí eu passei a ficar mais nervoso que motivado. Tudo tem limites.

Pensei em escrever um conto para um desses grandes sites, mas para dar uma avacalhada. O título do conto seria “Chorei vendo a rola”. Um deboche, evidentemente, na intenção de hackear o imaginário alheio e inflar o fetiche de ser pouco lido e pouco votado.

No conto eu narraria que durante o trajeto até o mercado tinha visto um boy mijando na rua e só a visão de estar diante de um pau depois de tanto tempo tinha feito uma lágrima escorrer dos meus olhos secos de capricorniano sem coração.

Não levei a ideia adiante. Teria muito de verdade na exposição de tudo aquilo que está em suspenso. A vida sem toque, sem cheiros, sem abraços, sem beijos na boca que acontecem em nossos tão importantes espaços de sociabilidade. Que saudades!

Apesar de toda essa libido abaixo de zero e para quem está vivendo períodos de incertezas econômicas, fiz uma compra não muito recomendada. Investi na aquisição de um vibrador. Um massageador de próstata, na verdade, que eu vinha namorando desde pelo menos novembro do ano passado.

Em algumas lojas ele esgotou neste meio tempo e então encontrei ele em um sex shop online por uma pechincha. São sete velocidades possíveis que me preenchem de alegria de vez em quando, quando meu sistema digestivo permite. Uma das poucas alegrias destes tempos, com a vantagem de não desaparecer.

Outro refúgio que encontro é na literatura. Comecei uma leitura dos Contos Completos do Caio Fernando Abreu, o que mostra ser um acerto. Sabe-se lá quanto tempo a quarentena irá durar, mas este é um calhamaço e me dedico a leitura de um conto por dia. Já tinha lido, há cerca de uma década, algumas coisas do Caio, mas nunca de forma concentrada.

Caio agora é tábua de salvação e também conhecimento da obra, dos temas que se repetem, do fantástico que eu nem sabia que ele trazia, bem como as marcas de viver em um país sobre uma ditadura militar.

Dedico-me também a ler “O que te Pertence”. Este livro em um momento de recuperação de dor de amor, doeu, mas serviu para aprofundar questionamentos e remexer velhas questões. De maneira resumida a história gira em torno da relação entre um professor universitário e um michê que se conhecem num banheiro na Sófia.

Um velho clássico gay: o amor impossível entre um que rompe com a dinâmica familiar e ascende socialmente por conta dos estudos e da intelectualidade e o segundo que sobrevive à margem, mas é condenado eternamente a desempenhar o papel de “macho”.

Dois filmes recentes focam nesta figura de gays problemáticos que procuram a resolução de seus problemas respondendo violência com mais violência. “Jonas”, de Christophe Charrier, e “Selvagem”, de Camille Vidal-Naquet. São filmes muito bons, mas incômodos de jeitos que ainda não consigo formular direito porquê. Ambos são franceses. Estamos ótimos de representação gay branca vinda do primeiro mundo.

Em todo caso, as violências que marcam a vida de muitos LGBTQTS produzem efeitos sobre nós que ainda nem conseguimos dimensionar. Nosso uso e abuso

de drogas, a péssima qualidade de muitas das nossas tentativas de nos relacionarmos. Se antes tínhamos um cenário que parecia ser de avanço e aceitação, mas com tanto ainda a ser desbravado, descoberto, debatido, pontuado, em um país que institucionaliza a perseguição às dissidências, onde iremos parar?

Se terra arrasada parece ser o destino por vir talvez sejam necessárias a busca por algum autocuidado e a expansão dele para o coletivo. Sou do teatro, que há algum bom tempo vem gritando a importância de falar de afetos, a criação de novas narrativas, inventar um mundo novo possível. Sou das palavras escritas, dos livros e das letras. Não performo bem na vida não, mas aqui dá para correr o risco de ser cafona e falar em amor, ação, prazer e política.

Cada ida ao mercado serve como termômetro da adesão à quarentena, que a essa altura se derrete em velocidade espantosa. A cabeça vagueia: não é possível que neste país haja tanta gente frívola, egoísta, e que não se importa com a tragédia que estamos vivendo. Pois há. E é com isso que tenho (temos) que lidar. Com a reconstrução do que sobrar e se sobrar. Enquanto isso a gente vive e sobrevive. Um dia por vez. Até que possamos circular livres novamente, sem medo, e com livros que nos digam respeito nas mãos.

61
NO COMEÇO ERA DISTÂNCIA
E AINDA SÃO PROCESSOS

*Mohara Villaça*⁸⁹

No começo é a distância. A esperança não é tão contagiosa quanto o medo. Há muito medo em todos os lugares. A casa parece se expandir e encolher, e eu expando e encolho com ela, quase como se fossemos um mesmo ser — ou talvez como se ela passasse a ser um integrante do espaço, com sua personalidade e quisesse nos acolher e nos mandar embora. Vivo com meu melhor amigo desde que me separei da minha ex esposa em dezembro do ano passado. O vírus correndo as ruas e destruindo vidas enquanto eu pegava meus pertences empilhados por ela num cômodo da casa que não era mais minha. Lágrimas molhando sacolas grandes e a vida inteira numa kombi.

Se reconhecer é um processo com etapas que não me foram ensinadas. Nunca passei por isso. Ainda no papel somos casadas e é estranho. A liberdade de soltando as mãos do passado, isso era passado. A vida compartilhada. Tive dois meses e três dias indo e vindo da minha casa nova. Reconhecendo a rua, os bares, as pedras, as casas, o vento da varanda — a primeira que tive acesso. Compartilhando com outra pessoa o convívio e os dias.

O corpo também é uma casa que recebe e convida. Eu senti isso até o último dia.

Dia 17, terça feira às 19h. Eu saía de casa para ir encontrá-la na casa dela. Não sabíamos sobre a profundidade do problema e só havia incerteza. Ninguém sabia. Não assim. Vinho e conversa, cigarro na janela, o sexo que não aconteceria e afeto. O último toque em muito tempo. Dividir a cama e o sono.

Volto pra casa pronta para me manter nela por um tempo sem data. Havia ainda o emprego, que parecia se equilibrar numa corda tão fina, que pouco depois eu soube — só eu a via. Duas semanas depois, a notícia: contrato pausado. Como se minhas contas pausassem também, como se existisse um botão *clacável* que impedisse o sufoco.

Tenho a sorte e o azar de me permitir ser contagiada pela ideia de que tudo vai ficar bem. Talvez porque não tive outra opção. Segurança não era uma palavra no meu dicionário até muito pouco tempo. A casa não era lar e não havia

⁸⁹ Bissexual, cis, *designer* e professora. 32 anos, nascida no Rio porém completamente mineira. Belo Horizonte, Minas Gerais.

conforto na minha pele. Essa minha cheia de marcas, as visíveis e as piores. Espero uma notícia boa como quem aguarda o auxílio do governo, esse que só veio com o esperado aprovado hoje. Hoje, 15 de junho.

A memória como o tempo têm esta elasticidade que não conhecia. O futuro e o presente se entrelaçam, como se o agora se conjugasse no passado. A dor das coisas te alcança eventualmente, e mesmo cercada de conforto a sanidade parece escapar. Passo dias sem abrir as cortinas. Deitada na cama na mesma posição. Percebo que não consigo me levantar. Perco a sensibilidade das pernas. Talvez ajuda seja necessária. De outro tipo, dos comprimidos.

Com o tempo a vontade de levantar volta aos poucos, é um pouco mais fácil atravessar a casa, comer. Não quero mais morrer, não penso mais em morrer como um contratempo egoísta num momento de dor tão profunda para tantos outros com tão menos conforto que eu. Eu não sou mais um contratempo.

E fui descobrindo coisas novas, e reencontrando tantas outras versões de mim que não sabia que existiam mais. Talvez um pouco mais calejadas, mas não mais opacas. Meu passado vem de encontro como uma onda que nunca cessa. Ela volta depois de um hiato de dez anos. O tempo passa pra todos. Esse tempo agora, esse tempo ele fica e vai. São grãos de açúcar que derretem e voam.

Me apaixono na pandemia.

Compartilho momentos estranhamente íntimos por uma tela de celular. Acordo e durmo com o telefone próximo. Sempre perto. Nos deitamos juntas e separadas. A tela acompanha o movimento do corpo, e a voz acompanha o movimento do peito. Muito exposta no escuro do quarto sussurrando coisas que talvez não conseguisse dizer em voz alta olhando nos olhos. No *Instagram* as pessoas falam por mim. Envio presentes, coisas pequenas, uns detalhes. Uma blusa com perfume, um café. Tocando de formas que antes não eram tão comuns, não eram nada comuns.

A casa vai ganhando outros espaços, onde o sol bate pela manhã. Colocamos plantas na varanda, organizamos um pouco do dia. Envio fotos e recebo fotos, as chamadas de vídeos são diárias e longas. Conversamos sobre antes, sobre agora e sobre a saudade. Sobre coisas que foram vividas e planos que são completamente permeados da mais absoluta ilusão de normalidade — tão distante. E me permito ser iludida pelo desejo de coisas simples, pela conexão com uma realidade que reconheço e ao mesmo tempo manter alguma percepção na realidade.

A terapia me mantém conectada com o que é constante e explora as feridas antigas, as novas e também os pequenos prazeres. Os trabalhos aparecem, distantes e sem garantias, pequenas redes de segurança nessa queda livre. Como uma trapezista, todo mês me penduro pronta pra cair, segurando com a força máxima que consigo. Os nodos dos dedos claros, as palmas suadas. Cansada.

Cansada e com algum motivo pra seguir segurando, me permitindo sentir muito e tudo.

62

**A PANDEMIA DA ALMA:
REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE**Lucas Freitas de Souza⁹⁰

A noite chega mais uma vez sem que eu veja a luz dia. Hoje completo dois meses fechado no impenetrável recôncavo de minha residência. Saídas? Apenas em momentos raros: uma vez ao mês para buscar mantimentos e em alguns momentos na semana para retirar o lixo. No mais, resigno-me aos 45m² de minha residência. Por sorte, diferente de muitos em situação semelhante, não estou só. Tenho comigo minha amada companheira e minha cunhada. Entre momentos de loucura e lucidez, seguimos. Em alguns momentos rimos juntos na cozinha, em outros nos escondemos uns dos outros no silêncio de nosso próprio interior. O fone de ouvido, antes um simples objeto, transformou-se agora em um muro intransponível, uma cerca, marcando o limite de um território sagrado. Território inóspito que agora nos vemos obrigados a enfrentar.

Quando, em meados de 2018, resolvi cursar o doutoramento fora do país, não imaginava uma situação — nos diversos cenários possíveis — semelhante a esta. Mas no fundo, talvez dentro do eterno sonhador que habita em mim, ainda imaginava se um dia veria a profecia de Raul tornar-se realidade: ver o dia em que mundo parou. Infelizmente, não apenas um dia, e nem por motivo mais nobre. Os dias se prolongaram. Primeiro por 15 dias, depois mais 15, e assim sucessivamente. Vivendo sempre à espera do amanhã. “O amanhã será diferente”, digo a mim mesmo, porém, parece-me mais uma nova analogia da vida real em que nunca teremos a geleia hoje, apenas ontem ou amanhã⁹¹.

Por entre as ruas desertas, o medo percorre a cidade. Por imposição da lei, não podemos sair os três ao mesmo tempo. Pessoas são presas. O comércio está vazio, apenas o básico funciona. Longe de qualquer realidade imaginável, o mundo se fecha. Somos agora um aglomerado de ostras, dentro de suas próprias conchas à espera sedutora da Morsa e do Carpinteiro. Estou longe de casa, longe de tudo que me fez ser o que sou. Longe de casa, preso, em plena sala de estar, procuro por mim mesmo no reflexo do espelho. Já não me encontro no olhar que

⁹⁰ Hétero aliado. Pesquisador, Professor e Escritor. Doutorando em Sociologia pela Universidade de Évora, Portugal. Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Violência na área básica: Ciência Política. Possui graduação em Direito (2013) e em Ciência Política (2017).

⁹¹ Carroll, L. Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro - RJ, Brasil: Zahar, 2010.

me encara, inquisidor e agressivo. Já não sei se sou a Ostra ou a Morsa, ou, quem sabe, estando a parafrasear Plautus⁹² – e por consequência Hobbes⁹³ –, a Morsa de minha própria ostra.

A segurança do lar me traz um desespero aterrador. O silêncio agride meu ser, sufocado pelos gritos da criança hiperativa que ainda existe dentro de mim. Fronteiras fechadas: me vejo um estrangeiro, preso em outro país. Longe da família, o medo de nunca mais vê-los, por vezes, percorre meu âmago. Tento manter o foco, atitude inútil. Escrever já não é mais tão prazeroso como antes, e nem tão fácil. Sentimentos diversos percorrem meu ser e minha própria trajetória começa a ser questionada. Sou agora, mais que nunca, um complexo metafórico de sentimentos incompreendidos. Meu próprio reflexo me critica. Aprisionado em um caleidoscópio de loucura sou, agora e mais que nunca, a deformidade de meu próprio ser. Análogo a ânsia, e em meio a um check-up geral, releio *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, em uma tentativa apática de fugir de minha peculiar realidade. Mas o verme, não o de Assis tão pouco de Anjos, que se alimenta da razão, corrompe meu espírito.

Lutando em prol de minha lucidez, se um dia está povoou minha existência, evito de forma despretensiosa examinar as notícias de jornais. Já evito o contato com as redes sociais. Cansado de sempre o mesmo, evito ver o que se passa na tela do *Smophone*. Aprisiono-me em meu lar interior e, assim como um anacoreta, exilo-me em minha floresta imaginária.

A política me deixa enjoado. Uma briga de torcidas organizadas que batalham não pelo melhor de uma nação, esteio para a soberania, mas por sua ideologia como verdade. Uma guerra de hipocrisias em que tudo vale, menos a veracidade dos fatos. Números são alterados, verdades são mascaradas e mentiras defendidas até a morte. Todos defendem a imposição de algum regime, seja ele qual for, destro ou canhoto. É o autoritarismo nosso de cada dia, a opressão, necessária para o salvamento. Toda ditadura é bela e justificada, caso defenda o lado que você está.

Quando o assunto, por algum milagre, se distancia dos contextos políticos, um enxame de mortos invade a tela. Os números são alarmantes e as estatísticas nada encorajadoras. O medo doma corpo e alma. Tritura os sonhos e destrói, de forma impiedosa, os projetos próximos, enquanto, de forma lenta e verrumante, aniquila os planos distantes. Parece-me que, em algum lugar do universo, uma criatura suprema se encontra com uma lupa na mão aproveitando a luz do sol e nós, meras formigas do cosmo, seguimos atordoadas pela trilha.

Ligo a TV e um jornalista, já não sei se o mesmo de ontem, afirma, de forma contundente, que as coisas irão retornar ao normal em Portugal,

⁹² Fuks, R. "O homem é o lobo do homem": análise e história da frase. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/o-homem-e-lobo-do-homem/>>. Acesso em: 28 maio. 2020.

⁹³ Hobbes, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo, Brasil: Martin Claret, 2009.

progressivamente. Anseio pelo momento de retornar à universidade. Sinto saudades das paredes frias e seculares da Universidade de Évora. Não posso afirmar que sinto falta das pessoas, sempre fui reservado nesta questão e, além disso, o convívio científico me restringe a pouco mais de quatro ou cinco indivíduos. Mas são os mais seletos, e brilhantes, quatro ou cinco indivíduos que poderia ter a sorte de conviver. São mestres, no sentido latino da palavra, que carregam nos ombros o peso do gigante de quase 500 anos. São ermitões, presos em seus claustros simbólicos, ou gabinetes, cumprindo o saboroso e penoso dever da ciência, vocação injusta que não sabe retribuir os louros, tão pouco as Lauras e Lauros, como dizia Belchior⁹⁴, aos seus discípulos.

Como sinto saudades, com todo o respeito àqueles que comigo habitam, da solidão do claustro, mesmo quando acompanhado. Talvez a solidão não esteja no claustro, mas este desperte uma solidão boa em mim. A frieza do gabinete, com suas paredes em pedra pura, o silêncio dos séculos que ali moldaram o conhecimento. O contraste poético da brutalidade da pedra talhada para a construção e a delicadeza dos livros. A solidão do amante, na busca completa por sua paixão: o conhecimento. Apodero-me das palavras de Humberto Gessinger: “Se você sofresse tanto quanto eu sofro com a solidão e precisasse tanto quanto eu preciso da solidão”⁹⁵. Hoje, vejo claramente que a solidão não é um sentimento de espectro único.

Troquei, em poucas palavras, os fantasmas da universidade pelos fantasmas que em mim residem. Como prefiro os espectros que lá habitam!! Os fantasmas da universidade não me agridem. Antes, me compreendem, me envolvem em uma áurea erudita de sabedoria e contemplação. Os meus fantasmas apenas revivem os erros do passado, cobrando promessas que nunca realizei. Me pedem para repetir frases que nunca vociferei. Talvez não em público, ou pelo menos em um tom audível.

A pandemia, como toda crise, remodelou meu pensamento. Reconstruir o sistema é necessário. Todos os modelos estão fadados ao fracasso. Todos os modelos de mundo e de mim mesmo. É necessário, antes de tudo, reconstruir o meu “eu” interior. Já não sou o que fui um dia. Renovar minha identidade, já alterada pelos diversos lugares e pessoas pelos quais passei, é preciso. Identidade em eterna (re)construção, em eterna (r)evolução. Agora, muito mais que antes, sou além de um forasteiro, um estrangeiro de mim mesmo.

O retorno progressivo à atividade aparece como uma salvação. A libertação do ser, da alma que suplica em angústia. Questiono-me se, em meio a tudo isto que aconteceu internamente, em milhões de pessoas mundo afora, voltaremos a ser como antes. Se voltarei um dia a fazer uma amizade por acaso em um bar. Se voltarei um dia a ser o que um dia fui ou se essa sensação é apenas minha. Se

⁹⁴ Graco, T.; Belchior, A. C. *Jornal Blues* (Canção Lede de Escárnio e Maldizer). In: Belchior. LP: *Melodrama*. Rio de Janeiro: Universal Music International Ltda., 1987.

⁹⁵ Gessinger, H. *Vozes*. In: *Engenheiros do Hawaii. A Revolta dos Dândis*. São Paulo: BMG, 1987.

voltarei um dia abraçar um amigo que, por acaso, encontrei ao caminhar pela rua.

Sobre o primeiro questionamento, acredito que a resposta seja não. E como desejo que sim, seja não. O mundo precisa mudar. “Mundo moderno, melhore. Melhore mais, melhore muito, melhore mesmo. Merecemos”⁹⁶. Ou talvez nem tanto. Talvez o mundo tenha evoluído e nós — dentro de nossos próprios egos, nos achando superiormente racionais — continuamos na verdade a ser o homem macaco, nu e embriagado. Sobre o restante, só o tempo nos dirá.

Lentamente retornaremos à dita normalidade, sem saber até que ponto podemos chamar isto de normalidade. O distanciamento social, expressão nova e já por todos incorporada, é mantido, e percebido, nos olhares. E os olhares são apenas o que vejo por detrás das máscaras. Olhares curiosos e com medo. Prevejo o futuro, e brinco com o que é possível, dizendo que agora a indústria da moda irá se refazer. Focar na produção de máscaras e produtos para a região dos olhos. Outros dizem que é temporário. Eu, em meio ao meu negativismo exacerbado, apocalíptico e solitário, não acredito nisto, prevendo um mundo em que respiro meu próprio gás carbônico.

Retorno à universidade. As paredes frias ainda me esperavam, os fantasmas, ainda lá, habitavam. As pessoas olham, curiosas, em tentativas inúteis de descobrir quem se esconde por detrás da máscara. Em relação a mim, o cabelo punk e a farta barba denunciam-me. Aparentemente, mesmo com algumas mudanças, externamente ainda sou o mesmo. Ainda sou, fisicamente, reconhecível. Felizmente — ou indecifavelmente —, internamente, não.

Referências

- Caroll, L. (2010) *Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro - RJ, Brasil: Zahar.
- Fuks, R. (2020) “O homem é o lobo do homem”: análise e história da frase. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/o-homem-e-lobo-do-homem/>>. Acesso em: 28 maio, 2020.
- Hobbes, T. (2009) *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo, Brasil: Martin Claret.
- Graco, T.; Belchior, A. C. (1987) *Jornal Blues (Canção Lede de Escárnio e Maldizer)*. In: Belchior. LP: *Melodrama*. Rio de Janeiro: Universal Music International Ltda.
- Gessinger, H. (1987) *Vozes*. In: *Engenheiros do Hawaii. A Revolta dos Dândis*. São Paulo: BMG.

⁹⁶ Anysio, C. Mundo Moderno (Chico Anysio). 2007. Disponível em: <<https://letrasnacionais.wordpress.com/2007/12/06/mundo-moderno-chico-anysio/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

Anysio, C. (2007) Mundo Moderno (Chico Anysio). Disponível em: <<https://letrasnacionais.wordpress.com/2007/12/06/mundo-moderno-chico-anysio/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

63

DENÚNCIAS ESTRONDEADAS SEGUIDAS DE UM MONTE DE ABRAÇOS

*Ana Ladeira*⁹⁷

Minhas vivências queer na quarentena se revelam na ausência de gostos, antes entranhados nas papilas gustativas. Hoje, eu quase me esqueço de com o que se pareciam tais adorados sabores. Meu outrora tão imenso apetite de comida anda, há muito, esmaecido, como a cor da pele privada do Sol que alimentava a melanina. Quem não anda por aí são as pernas, apenas se atrapalham entre as paredes desbotadas, estranhando viver afastadas por um tempo indefinido da existência que corre do lado externo do reboco e da tinta; da viga e do concreto que se arma e se arruma para a gente se proteger.

Luas incrivelmente largas, nas quais em meu corpo nasceram e puderam permanecer todos, todíssimos, os pelos que, desde a puberdade, tiveram a audácia de surgir, apesar das décadas sendo arrancados, em nome dos bons costumes. Muito embora, às vezes, durassem um mês ou um pouco mais, para serem postos para fora de mim. Agora, pela primeira vez, me olho lentamente e admiro a vegetação que brota da minha pele terra fértil em que se plantando tudo dá. Sempre podia ter sido desse jeito, se não fosse por. Parece que ficou faltando o fim da frase, mas ela termina assim. Largada, me acusavam, o dedo em riste, pois eu já andava um bocado não depilada por aí, praticando estripulias e dando aulas, em povoados semi-esquecidos pelo poder público ou em periferias de grandes capitais, para turmas quase sempre de crianças. Ainda que eu fosse, à época, e siga sendo esta criatura sem chance alguma de se encaixar na forma, desde tempos quase imemoriais, moldada para as professorinhas. Alcinha que não se aplica, visto que os diminutivos, por mais que se esforcem, não me cabem. Nem acredito que, obrigatoriamente, devam caber às responsáveis pela função de educar descendentes de gente alheia, em instituições apropriadas para tal fim.

Nestes tempos sombrios, apenas caminho do sofá à cama, e da cozinha ao tanque de lavar roupas e do banheiro ao quarto novamente, em vez de entre carteiras rabiscadas e coloridos murais, ou em extensos corredores que, apesar do nome, diziam, não eram apropriados para correr, e pátios de pular corda, jogar bola e de perfilar-se para cantar o hino. Às vezes, me indago: Será que, nessa reclusão, chego a sentir falta até dos tenebrosos comentários da sala de profes e

⁹⁷ Queer, 37. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

das intrigas dos famigerados conselhos de classe? Nem um pouquinho. Dos abraços e risos das crianças, muita e sempre renovada saudade, daquela doída e acachapante, que revive na lembrança tudo quanto é coisa linda e depois tropeça em lágrimas, sem saber como caminhar em meio à água; minha imaginação se afoga na época pré-pandemia.

Importante ressaltar que, antes deste período de obrigatória distância social, me tornaram uma professora desempregada. Sim, não me tornei, me tornaram, quando levaram embora uma vaga efetiva que conquistei por direito, mas nisso evito pensar. Apesar de o pensamento não obedecer quereres, e dificilmente eu conseguir calar esses clamores que não param de brotar, como se a torneira estivesse quebrada. No ano passado, contratei um advogado e o processo desliza a passos de lesma, por essa seara quarentênica. Mas, avança. E eu aprendo a esperar, feito as minhas vinte e três crianças, da última turma que peguei, aguardando o recreio, enquanto batucam nas mesas, indóceis e doces, torcendo por mim.

Não há dúvida de que me expulsaram porque a identidade queer incomoda, sobretudo num colégio dos mais tradicionais, todo feito de História e legado; de cujo corpo docente, apesar de tudo isso, meu corpo dissidente anseia por fazer parte. Como pode ser possível que a primeira colocada em ambas as etapas escritas, que já trabalhava na escola como contratada por dois anos inteiros, tenha sido posta para fora? Repito para que não passe batido: a primeira colocada, entre mais de duas mil candidatas, era queer. É ainda, porque não morri e, enquanto precisamos todos ficar da porta da rua para dentro, o máximo de tempo possível, me vêm esses questionamentos muito amiúde. Como pode ser verdade que, após a prova de aula, aquela que gabaritou a parte dissertativa, tenha sido arrancada da vaga, feito um pelo atrevido, numa pele que se quer lisa??

Essa prova devia ter sido filmada, como manda a lei, e o registro, devidamente guardado. No entanto, deixou de ser feito o vídeo. E eu? Deixei de ser besta e entrei na justiça. A banca, composta por ex-colegas de trabalho que se acham deusas, talvez precise descer do Olimpo. Após o pandemônio, haverá cada vez mais gente queer educando criancinhas? (Um parêntesis para encaixotar as caras de susto da hipócrita família tradicional brasileira). Espero que sim; que encontremos a saída para os desesperos causados por todos os vírus, não só esse novo, pois os antigos andam matando e suicidando sem descanso, e isso não é de agora.

Como andar livres e vives, se muita gente, mas muita gente mesmo, precisa urgentemente ser vacinada contra seus próprios ódios, pavores, venenos, delírios? Só assim pararão de promover violências absurdas e inaceitáveis. Entretanto, aceitas e estimuladas pelos que têm ocupado o poder. Estes, se não forem interrompidos, seguirão disseminando mais e mais horror e impedindo que as novas gerações possam ser educadas para posicionar-se contra o racismo

e LGBTQIA+fobia. Vontade de berrar: Estão satisfeitos com a sua dita normalidade? Muito que bem. Deixem-nos em paz para sermos quem somos e não barrem os nossos acessos aos disputados postos de mando ou às vagas bem remuneradas.

Nunca a sensação de ser privado de liberdade incomodou tanto a tantas pessoas que sempre tiveram acesso, sem qualquer barreira, a tudo a que à chamada minoria dissidente sexual lhe foi negado ou extremamente dificultado. Muito antes da peste de 2020, ser uma pessoa LGBTQIA+ tem a ver com deixar de se movimentar com a mesma naturalidade que outras pessoas, em determinados lugares e horários, por receio de ser atacado; tem a ver com amar e/ou atrair-se sexualmente por quem quer que lhes apeteça, independente de genitálias e/ou represálias. Além disso, tem a ver com ser alguém que chuta para longe os moldes que lhe impuseram. E muitas vezes isso significa expor-se a riscos severos de isolamento.

Com mais minutos que antes, os ponteiros parecem dar três ou mesmo quatro voltas no relógio por dia, e nesse vácuo, buraco, vazio, que a ausência da possibilidade de encontros recheados de afagos cava, as perguntas silenciadas pulam para fora dos medos e se insinuam: Como fazer a diversidade caber nas escolas? Lugares com espécies de formas de bolo prontas para assar as massas-consciências das crianças, no forno da heterocisnormatividade. Forno este que adormece euforias e pincela silêncios apáticos.

Durante estes dias e noites de intenso distanciamento social, o que menos tenho é sono; fome eu sinto, muitas, embora nenhuma venha do estômago, até meus pés inventam bocas, querem voltar a comer poeira pelas frestas da sandália de couro de mentira, que faz barulho de verdade, batendo enfática num forró em que é proibido cochilar. Nesses hojes esquisitos, que viram amanhã e hojes novamente e o cenário se repete, cadê vontade de sonhar? Só consigo pensar que neste país, que tem se emburrecido, aprovaram um teto estúpido de gastos para a saúde pública e, de repente, um vírus. Desconhecido. Toda a gente que respira e as coisas tocadas por toda a gente que respira, de repente, suspeitas. E um teto ficando o tempo todo em cima das cabeças de quem pode ficar debaixo de um teto o tempo todo.

Eu fico, cuido de um bebê, me ocupo, entre angústias de carne e osso, fraldas de pano e plástico, entre brinquedos que fazem ruídos e silenciosos carinhos; abraço com força, provoço gargalhadas e rio junto, mesmo que dos meus olhos desçam cascatas de sal e o bebê me olhe com a cabeça inclinada, querendo entender do que se trata esse riso molhado. Não lhe conto em palavras, mas em pensamentos, num fôlego só, eu lanço um estrondo: ser considerado diferente e tratado com descaso, desprezo e sucessivos entraves, já era intensamente sofrido antes de o covid-19 surgir; esse trimestre comprido, que mais parecem anos completos, tem sido como caminhar em cima de vidro, pessoas queridas

perdendo entes queridos, o susto à espreita, pânico que se transfigura em vultos: o que foi isso? Respiro.

Dou um jeito de me esforçar para ter em mente que sou toda feita de amor; um ser queer que ama sobretudo mulheres, mas gente, em geral; além disso, a vida inteira desejosa de deixar os pelos se espalharem por onde decidam nascer, na cara, peito, pescoço; e andar com as roupas confortáveis que tão bem me vestem, os sapatos sem salto, nenhuma maquiagem, os cabelos ao vento, adereço algum. Performar a dita masculinidade, para além da vestimenta, na fala, que, muito infelizmente, caracterizam de forma pejorativa como contundente e não como forte e assertiva. Mas o que fazer? Sou uma mulher e quero seguir sendo, independentemente de ser considerada como um exemplar mal ajambrado dessa categoria ou, simplesmente, vista como esquisita.

Não sou vista, afinal, nesses tempos pandêmicos, nem nos encontros virtuais do meu grupo de pesquisa, desligo as câmeras, sem qualquer desejo de aparecer. De trepar, sim, ganas constantes, mas de mostrar a cara num retângulo colorido, zero. Vontade também de me jogar lá embaixo. Essa eu não conto para ninguém, para ninguém mesmo. Sou pássara, contudo, se me jogo me estraçalho, sei disso. Minhas asas só servem à escrita, talvez também se mostrem nos planos de aula que, por ora, inexistem. Na janela há telas, por motivo de bebê, mas elas também me ajudam a ficar do lado de dentro. Penso na quantidade de pessoas que têm se lançado para fora de suas dores desesperadas, eu as respeito muito, incontáveis vezes já refleti a respeito de que, se eu só puder existir como um arremedo de quem de fato sou, então eu prefiro mesmo sumir.

Para seguirmos existindo e sendo quem somos, não podemos esquecer de que não estamos sozinhas, e é por demais necessário nos juntarmos às pessoas que, como nós, estão sendo atacadas para podermos resistir juntas. Pílulas para abaixar as pestanas até o dia seguinte têm sido cada vez mais e mais vendidas. Mas não me anestésio, quero estar bem desperta quando anunciarem a cura, a vacina, o remédio, a renúncia ao modo de produção capitalista, e fazer parte da descoberta de novos caminhos e da implementação de políticas públicas verdadeiramente justas e inclusivas.

Este texto é um grito de quem almeja suspender qualquer distanciamento físico das questões que nos fazem humanidade. Dentro dele, eu escondi uma dose infinita de coragem para cada pessoa que o leia usar em cada passo do lado de fora dos tetos (estúpidos de gastos) e das portas, de cujas maçanetas se evaporará o álcool. E, quando for possível, aglomerades, sem máscaras e de mãos dadas.

64

**A UTOPIA DO NORMAL
E O IMPACTO DA PANDEMIA NOS CORPOS**

*Beatriz Abreu Gomes*⁹⁸

Sou estudante da Universidade Federal da Bahia, branca e lésbica. Cresci na periferia da cidade de Salvador. Depois que assumi minha sexualidade para a família, foi complicado, não me sentia confortável morando com os meus pais, meu pai jogava indiretas sobre a minha sexualidade o tempo todo, minha mãe entrou em depressão e eu me sentia culpada, resolvi sair de casa. Hoje moro em um apartamento alugado, de um bairro classe média de Salvador. Divido o imóvel e as despesas com dois homens gays. Nosso espaço tem sido o nosso reduto, o lugar onde podemos ser quem somos sem que nossas existências provoquem incômodos as pessoas que estão ao nosso redor.

Nesse momento de pandemia, poder existir ao menos dentro da nossa própria casa, tem ajudado a nos mantermos sãos e é menos um gatilho para afetar negativamente a nossa saúde mental.

Percebo com isso o grande privilégio que a vida me proporcionou, quantas pessoas inseridas no espectro LGBTQIA+ estão durante esse período, dentro de suas casas sem poder ser quem são? Quantas pessoas estão sendo apagadas pela utopia dos padrões coloniais que determinam quem são os corpos ditos “normais”? Quantas pessoas estão nesse momento sendo violentadas pela negação de suas existências dentro do lugar que chamam de casa?

A partir dessa reflexão ficou claro para mim, o quanto o marcador da sexualidade é utilizado como um dispositivo histórico do poder que se baseia na cisheteronormatividade para formar uma regulação social dos corpos. Esses processos normalizadores, constitui um lócus de violência social, iniciado no momento em que as estruturas sociais hegemônicas determinam condutas, comportamentos e modelos de sujeitos ditos normais e naturais, criando os “outros” que somos nós, todas as pessoas do espectro LGBTQIA+, colocadas constantemente como anormais, abjetos, inferiores e patológicos.

Eu sou trabalhadora informal assim como todos da minha família sempre foram. Mão de obra barata, sem assistência do poder público, não há nenhum direito trabalhista que nos resguarde. Isso implica dizer que, durante a quarentena nós estamos suscetíveis nas nossas relações comerciais mais que os

⁹⁸ Lésbica, 27 anos. Salvador, Bahia.

outros trabalhadores que podem exigir o que sobrou dos seus direitos trabalhistas depois do desmonte feito nos últimos anos da justiça do trabalho no Brasil. De modo que, tivemos que continuar trabalhando, seguindo o fluxo do capital, orando a todos os deuses que existam para que a necropolítica não nos atinja, para que continuemos vivos.

Meu pai, que também é trabalhador informal, assim como eu continua trabalhando na quarentena, além de nós, existem também milhões de brasileiros no trabalho formal que continuam trabalhando. Isso me faz refletir sobre a necropolítica no governo Bolsonaro.

Acredito que o Estado é soberano quando decide sobre a vida e a morte de seus cidadãos. Nesse momento, o governo tem o poder de decidir a morte. Então, a necropolítica vem se mostrando como uma forma de o Estado brasileiro exercer a soberania pela decisão de escolher quem deve morrer e quem deve viver na sociedade.

Quando saio nas ruas e vejo as pessoas trabalhando, atendentes, caixas de supermercados e farmácias, vejo quais são os corpos que continuam se expondo todos os dias no trabalho, corpos negros, pobres, periféricos, não passíveis de luto, corpos que podem sem nenhum peso pelo Estado, serem enterrados, contanto que a economia continue girando.

A necropolítica se mostra bem nítida no Brasil em 2020, através de uma política da morte adaptada pelo Estado. Essa política de morte não é um episódio, não é um fenômeno que foge a uma regra, não é uma exceção, ela é a regra. Agora, expressa de uma forma bem visível, através de um governo fascista, que fala abertamente na televisão que precisamos fazer a máquina do capital girar, que isso é mais importante do que nos mantermos vivos. Um discurso extremamente genocida, que afeta diariamente a vida das pessoas que moram comigo, a minha e a dos meus familiares, que já matou mais de 40 mil brasileiros e à luz do estado de exceção do Governo Bolsonaro.

No início da quarentena, na tentativa de reduzir os custos com o *Uber*, porque queria evitar o transporte público, fui prestar o serviço de bicicleta. Percebi o quanto eu, mulher, lésbica, estava vulnerável nas ruas vazias, e exposta a sofrer vários tipos de violência. Percebi que não valia a pena me expor nas ruas desse jeito, e embora faça falta, aceitei arcar com o custo extra do *Uber*, já que meu contratante não o quis assumir.

Talvez as ruas muito vazias e todas as violências contra às mulheres que presenciei por toda a minha vida, tenham provocado o gatilho e a paranoia da agressão sexual durante uma das voltas para a casa de bicicleta. Sou irmã de uma mulher que sofreu estupro na adolescência, esse fantasma marcou toda a nossa família e até hoje desestrutura várias de nossas relações. Senti ali, como o recorte do gênero e sexo, marca os corpos das mulheres.

Eu, no alto do meu privilégio, presenciei vários desses momentos de violência contra as mulheres durante a quarentena. Uma vizinha sofreu agressão

de um homem, eu ouvi os gritos e pedidos de socorro. Minha avó foi agredida pelo neto. Minha outra avó tem um filho dependente químico, sofreu agressão e teve que sair de casa e ficar de favor na casa de um irmão. Uma mulher foi agredida na minha frente, na esquina da minha rua, durante um assalto às 11 da manhã. Isso me faz pensar que o número de mulheres que devem estar sofrendo com a violência e que estão expostas as mais diversas agressões nesse momento deve ser enorme.

Para além dessa violência direta há também a violência estrutural, àquela institucionalizada no nosso cotidiano, imbricadas a processos sistêmicos e estruturais, que passam despercebidas e que são provocadas pelo próprio Estado. Um exemplo disso, são as cidades que optaram pelo relaxamento da quarentena e que com isso, está obrigando muitas mulheres a voltarem para às suas rotinas de trabalho, mesmo que elas não possam com quem deixar os filhos, uma vez que os centros comerciais voltaram a funcionar, mas as escolas e creches não. Uma crítica que integra economia, cultura e política em uma análise sistemática da subordinação das mulheres no capitalismo organizado pelo Estado.

A exemplo da empregada doméstica que teve que levar seu filho para o trabalho, em Recife, e acabou voltando para casa sem o filho. O menino caiu do nono andar, enquanto à mãe passeava com os cachorros da patroa, por abandono da contratante que permitiu que uma criança de 5 anos, fosse procurar a mãe sozinha pelo prédio.

Há de se observar a participação do Estado na morte dessa criança, que não disponibilizou uma estrutura de apoio às mães trabalhadoras nesse momento, dessa forma, obrigando, por apoiar a uma estrutura desigual no que diz respeito aos recortes de gênero e classe, que essa trabalhadora levasse o filho ao seu local de trabalho.

A responsabilidade das mulheres com a criação e educação dos filhos ajuda a moldar um mercado de trabalho desigual para mulheres e homens. Isso foi muito nítido na minha casa. Eu, enquanto criança, era responsabilidade da minha mãe, e meu pai era quem tinha o poder econômico da casa. Hoje, adulta, me pergunto, porque o trabalho doméstico da minha mãe nunca foi reconhecido como parte integrante e fundamental da nossa esfera familiar? As mulheres são desfavorecidas, seus trabalhos desvalorizados, e como os filhos e o trabalho doméstico são de sua responsabilidade, isso resulta em um poder e uma participação no mercado econômico e na sociedade, completamente desigual.

A *queerentena* tem sido, dessa forma, bem difícil para nós aqui em casa. Embora cercados pelos privilégios de existir em relação a nossa sexualidade, de termos uma casa confortável e de ainda não nos faltar comida, os dois homens gays que moram comigo ficaram desempregados pouco antes da quarentena e com a crise provocada pela pandemia, não possuem nenhuma previsão de quando estarão empregados novamente.

Estamos sobrevivendo e custeando as nossas necessidades básicas com o dinheiro do auxílio emergencial. O que nos preocupa todos os dias, pois com a instabilidade do atual governo no que se refere a falta de perspectivas na garantia de uma renda mínima para os próximos meses, sabemos o quão nossa situação pode ficar difícil.

As vezes entramos em um ciclo de pensamento negativo em relação em como será a nossa vida nos próximos tempos, sem saber como vamos fazer para custear as nossas necessidades básicas, como aluguel e comida, o psicológico fica completamente abalado e nos sentimos a sós e à deriva.

Sem apoio financeiro da família, porque nós três somos de famílias muito simples, que não possuem condição de custear mais do que as próprias despesas, temos tentado pensar em alternativas rentáveis que nos possibilite sobrevivermos durante e após a pandemia.

Essa tem sido uma tarefa difícil, mas que vamos tentar superar, embora todos aqui em casa tenhamos dias depressivos sem vontade de fazermos nada, também temos dias que sentamos na sala e comemoramos por estarmos vivos e não termos perdidos nenhum parente próximo. Acredito que é fundamental lembrarmos que resistir cansa, que amanhã será um outro dia e que nesse momento de pandemia inscrito nesse governo genocida, não é uma opção nos mantermos vivos, é um dever, precisamos para isso cuidar de nós e também dos outros.

65

A EXPERIÊNCIA DE UMA BIXA PRETA LITORÂNEA TENTANDO RESPIRAR

*Anderson Moraes Pires*⁹⁹

Fevereiro de 2020 — Vale tropical

Muitos começos são inesperados. Podem ser responsáveis por dores, marcas e inúmeras reverberações corporais e psíquicas. As dores e as marcas não são necessariamente negativas. Acredito que elas podem ser fontes de prazer para muitas pessoas — o que não acontece comigo. Este meu começo é devagar, bem como tudo que eu faço. Gosto de ir me chegando bem lento, conhecendo o lugar, olhando e sorrindo para os rostos mais simpáticos. Tentar acreditar em um lugar *pseudo* seguro é bom, me faz bem.

Sendo assim, quero voltar ao paraíso, aos tempos de festas, dias de muitas cores, muito grito, muitos abraços, de inúmeros beijos, salivas, bocas, sorrisos, mãos e eternos abraços. Meu carnaval deste ano foi na cidade de Salvador. O maior carnaval! Posso citar inúmeras razões por ter feito a escolha de ir. Ou melhor, estou gostando de falar que a Bahia me convocou para conhecê-la em um de seus festejos mais lindos, que tem luta, amizade e amor.

Sair do carnaval da capital do Ceará para o coração do Brasil, como diria Jamil e Uma Noites, não foi uma decisão dolorosa. O mar consegue me conectar com extrema facilidade. E o pôr-do-sol de Salvador? Não sei nem como explicá-lo! Porém foi difícil por questões de trabalho e dinheiro, que pode até parecer contraditório, pois costuma-se entender que se uma pessoa trabalha, logo consegue viajar, festejar, esbanjar dinheiro. Mas esta não é a questão central.

Quero deixar registrado nessas linhas os bons momentos, os encontros e reencontros, aqueles olhares tímidos que logo se transformavam em toques íntimos. Este primeiro momento é para registrar um grande agradecimento à todas as pessoas que fizeram parte desse sonho, que me fazem querer viver, que me instigam e me impulsionam para entrar no mar sem medo, ou como uma boa bixa capricorniana: subir a montanha.

Uma bixa preta periférica ter o direito de viajar e conhecer outros territórios é fundamental, e deveria ser garantido pelo Estado, que, diga-se de passagem, mais tem se preocupado em nos matar. Na verdade, as bixas e todas as outras

⁹⁹ Homossexual. Negro. Nordeste. 23 anos. Fortaleza, Ceará.

pessoas que o poder hegemônico insiste em marginalizar deveriam ter tantos direitos que não cabem neste texto.

Minha mãe, grande parceira, costuma dizer que eu sou teimoso e orgulhoso. Não acho que seja uma verdade verdadeira, mas também não sou besta em discordar. Sempre que ela fala, costumo dar uma risadinha maliciosa e fico em silêncio, às vezes eu até digo: “não é bem assim”, com o tom de voz mais baixo que eu consigo reproduzir. O que acontece é que minha mãe me conhece muito bem, muito mais do que eu acho, e ela já sabe que o gosto do difícil. Ir à Salvador é difícil? Eu quero! Entrar na universidade é difícil? Eu quero! E no mercado de trabalho? Quero também, por mais que seja doloroso estar em condições precarizadas.

Gritar que o *carnaval tá proibido neste país* de mãos dadas com amigos e vários desconhecidos, enquanto sentimos a energia de Daniela Mercury, *trincar o concreto do chão* junto de Ivete, dizer que sou *perigosinha* bem como Claudinha e, por fim, conhecer o *vale tropical* ou o *vale de espuma* de Alinne, foi uma experiência extremamente maravilhosa, alguns dizem que foi uma experiência psicodélica. Mas chega a hora de voltar do país de Alice e mergulhar nas águas que me banharam desde muito novo. Tenho família, amigos, uma graduação para terminar e trabalho que estão a minha espera.

Março de 2020 — Da incerteza ao medo

O choque foi muito doloroso — e ainda é; bate um misto de sentimentos, onde a saudade ganha um espaço enorme. A temperatura é quase a mesma, a maresia também, mas minha relação com Fortaleza é bem diferente de minha nova relação com Salvador. No entanto, é preciso seguir. Os planos não podem parar, os sonhos não podem ser arrancados de mim. Meu corpo volta a ocupar a universidade — aquele lugar onde tentam me tirar a todo custo, onde me dizem que não posso permanecer.

Deixando para falar em um outro momento sobre as dificuldades de uma bixa preta existir no espaço universitário, eu me fiz várias promessas e vários pedidos à universa — que acredito que me escuta mesmo de longe. Prometi a mim mesmo que não iria me estressar neste último semestre de graduação, que iria aproveitá-lo o máximo, sem me colocar em situações de esgotamento físico e psíquico. Prometi me permitir me ausentar um pouco dos corredores e salas de aulas, para encontrar as amigas nos bares. Prometi que não iria me envolver emocionalmente-romântico com nenhuma outra guei; tinha chegado a uma conclusão de que precisava de um tempo só meu, meu e com minhas amigas. Eu costumo fazer essas inúmeras promessas sempre quando vou dormir, e gosto de repassá-las todas as manhãs quando estou no ônibus indo ao trabalho, que geralmente são às 5h15min.

Como não sou de ferro, meu peito também rasga, assim como todo o meu corpo, eu também gosto de pedir. Devo assumir que minha relação com o deus

que me falaram que iria sempre me proteger anda meio distante, estranha. Eu converso com ele, faço inúmeras perguntas que não me são respondidas de uma forma tão óbvia e direta. O que me causa uma frustração por ter de esperar e interpretar. Sempre esse lance de esperar. *Esperar para falar para a família que é guei. Esperar fazer 18 anos pra ir na buatchy onde as gueis se beijam sem medo.* E por aí vai... mas eu mesmo estando com essa relação meio *noite de climão*, eu também faço uns pedidos.

Pedir sempre foi mais complicado pra mim. Por isto que neste texto eu comecei agradecendo, depois falei de promessas e agora tentarei expor meus pedidos, que são extremamente singulares e íntimos. Meus pedidos advêm de grandes sonhos que só ficarão mais próximos com a ajuda de uma rede imensa. Tá vendo só? Estou enrolando para não citá-los. Mas vamos lá: lembro que entre meus pedidos após paraíso-carnaval estavam o de concluir a graduação e ser aprovado em um processo seletivo de mestrado. Ah, também teve o pedido de conseguir uma forma de ganhar dinheiro que me possibilitasse viver de uma maneira menos sofrida — porque convenhamos que acordar todos os dias às 4h40min e dormir depois das 23h30min, devido ao trabalho e faculdade, além de inúmeras outras coisas, é uma rotina de morte para qualquer bixa.

Mas minhas promessas e pedidos foram drasticamente interrompidos por um novo vírus, que veio se chegando aos poucos, adorando os nossos costumes de toque, os inúmeros beijos, salivas e abraços. Como circulou na internet: *essa parada é real!* Até aqui o *maldito coronavírus* ainda estava bem distante das nossas preocupações.

Mesmo sendo real, nós não sabíamos nada sobre ele, exceto seu corte certo e silencioso. Parar ou não parar? Ir ou não aos espaços públicos? Posso encontrar os gueis dos aplicativos? E tudo bem se eu continuar compartilhando essas publicações engraçadas no *Twitter* enquanto tem várias pessoas morrendo em outros países? Acho que sim, né? Ainda não chegou aqui no Ceará, minha família e amigas estão vivas.

Mas gente, parece que é sério mesmo. Temos de nos proteger. As aulas foram suspensas. Algumas empresas estão 'liberando' seus 'colaboradores'. Olha, tu soube que teve um caso por aqui? Ei, tu viu no jornal de ontem que morreu uma mulher? Os casos nesses bairros nobres estão aumentando. Não podemos mais vir trabalhar aqui, estamos do lado deles! Por que a empresa continua aberta? Quando vão nos falar alguma coisa? Precisamos ficar 'isolados' em nossas casas! Meu Deus, ainda tem as pessoas em situações de rua. Amiga, e como vai ficar na tua casa com os teus pais homofóbicos? Vamos nos proteger de um vírus, mas nos expor às violências dentro de casa? Teu padrasto ainda vai continuar indo aos cultos? Pega, passa álcool em gel e aproveita essa máscara extra que eu tenho na minha bolsa. Vamos fazer o máximo, mesmo com medo.

Abril de 2020 — Uma bixa protegida e enferma

Todo esse processo foi muito *louco*, não no sentido mais lindo da palavra, num sentido mesmo de deslocamento. É certo que eu vivo sem saber o que acontecerá amanhã, mas eu ainda tinha a possibilidade de fazer projeções, de me planejar, de combinar de encontrar as amigas no bar, de ir à faculdade mesmo sem vontade, de mandar uma mensagem pra bixa safada e dizer o quanto nós precisávamos nos beijar.

Confesso que foi estranho passar por esses dias, e ainda é. Finalmente consegui trabalhar em casa, o famoso romi ofici. Consegui relaxar e sorrir ao dar a notícia para minha família. No entanto, meu coração pesou ao perceber que minhas amigas ainda continuariam indo à empresa. Pesou ao entrar em contato com amigas de longe que também não poderiam ficar em casa, protegidas.

Depois disso, tudo ficou um pouco pior. As pessoas ao meu lado começaram a adoecer. Aquela história lá do outro país estava sendo reproduzida aqui no meu bairro, ali perto da praia. *O Sr. Raimundo foi ao hospital muito mal*. Como produzir saúde em localidades onde as pessoas ainda precisam trabalhar? Onde essas pessoas precisam ir para as casas lá das pessoas ricas que acabara voltar de viagem?

— *Amiga, os números não param. O jornal local acabou de anunciar que o Ceará é o estado do Nordeste com mais casos.*

Como ficar bem com todas essas notícias? Com essa realidade? Não tenho resposta para isso. Não sei muito bem como estou. É difícil nomear quando o corpo começa a padecer e você tem de continuar suas atividades na ‘normalidade’. As aulas não podem parar. O trabalho também não. Você tem o dever de não encontrar as gueis. E, isso é indiscutível neste meu cenário!

Foi sem saber como aconteceu que meu corpo pediu cama, meus olhos não queriam abrir, tampouco eu tinha vontade de comer. Tudo estava muito lento! Sabe aquela virose chata? Era algo muito parecido. Não sei ao certo se era o coronavírus se espalhando pelo meu corpo. Os sintomas se assemelhavam muito com os que estavam sendo indicados pelas autoridades de saúde.

Mesmo assim, a vida não podia parar. Trabalho, faculdade, reunião online, aula online, relatório, monitoria, *ei, lembra daquele seminário?*, mestrado, trabalho de conclusão de curso, artigo.

Lembro de passar quase quatorze dias sem vontade para nada. O desespero bateu quando não conseguia mais sentir o cheiro de nada. De nada! Nem do suor que saía da minha testa por causa da febre. Foram dias extremamente torturantes e sem perspectiva de nada. Todos os agradecimentos, promessas e pedidos já não eram mais lembrados. A prioridade conseguiu ser transferida com muita velocidade. Sem nenhum aviso prévio aqui em casa.

A bixa preta litorânea precisou buscar forças no fundo do mar para resistir e contar essa história!

66

**QUANDO O CARNAVAL PASSAR...
QUERO VER A QUARTA-FEIRA:
SOBRE A PANDEMIA E HISTÓRIAS DE PRETOS/AS**

Rômulo Lopes da Silva¹⁰⁰

Todo início de ano é comum a narrativa de que somente quando o carnaval passar a vida começa no Brasil, porém, o ano de 2020 foi diferente. Após as festividades carnavalescas, que pareciam terem se tornado um momento de alívio e catarse, diante do cenário político assombroso que assola a vida de todas as pessoas desse país, estávamos lidando com as notícias sobre o contágio do novo coronavírus ao redor do mundo. Nesse momento, a espera do carnaval passar, estavam sendo confirmados os primeiros casos e começavam a aumentar os suspeitos de terem sido infectados no país. Pouco tempo depois, deu-se início ao isolamento social e a quarentena que possuíam a recomendação para todas as pessoas permanecerem em suas casas e saírem somente para frequentarem os serviços essenciais.

Em síntese, esse foi o cenário geral do início desse ano e no presente texto, gostaria de fazer um recorte e propor a reflexão sobre o modo como essas mudanças na organização social, afetaram as relações interpessoais de pessoas pretas, assim como, o modo como vemos e percebemos o mundo e, sobretudo, afetou a relação com si próprio/a. O lugar de partida para essas reflexões é a minha vivência pessoal, de um jovem negro e homossexual, nascido e criado em um bairro popular e periférico em uma cidade no interior do estado de São Paulo, sou recém-formado em Psicologia e pesquiso os impactos de raça, gênero e sexualidade no desenvolvimento na adolescência. Além disso, tenho o privilégio de atender a recomendação de estar em quarentena e não sair para o trabalho no dia-a-dia sendo exposto a contaminação, como muitas pessoas, em particular, pessoas pretas e da periferia precisam ir à rua para conseguir o seu salário. Esse espaço tem me provocado questionamentos e reflexões, por isso, farei uso desse espaço, em busca de alguém para dialogar.

A escolha de começar essa escrevivência de afetos, a partir do carnaval foi intencional e foi tomada pelas provocações da música “Quero ver quarta-feira” de Emicida, que emerge a problemática de esquecer o barracão, as histórias e as

¹⁰⁰ Preto, Homem Cis, Gay/Homossexual, 24 anos. Campinas, São Paulo.

peças que construíram o carnaval. O que é esse carnaval representado? Nesse texto, assume o lugar de protagonismo de histórias, da cultura e, do trabalho árduo de pessoas que lutam todos os dias pelos seus sonhos, projetos e por um futuro novo e diferente da realidade atual. Ao pensar na música de Emicida, após o carnaval o que teria na quarta-feira? O que poderia ser visto na quarta-feira? O que se espera para a quarta-feira?

Os projetos e planos para esse ano tomaram um novo trajeto que não era esperado, quem saiu de casa para estudar, teve que retornar, quem planejou viajar, cancelou as hospedagens, mas, muitas pessoas que saíram para trabalhar, continuam a viver a sua rotina árdua. Seria um privilégio ter projetos e planos? Quem pode construir projetos e planos? Ainda, sobre a música “Quero ver quarta-feira”, quem constrói esse carnaval, quem tem projetos e quem sonha? sonha para quem?

Esses questionamentos não estão distantes da realidade que vivemos, a realidade do coronavírus, que no Brasil tem mais de 40 mil mortes até o momento de escrita desse texto. Sobretudo, no caso do cotidiano brasileiro, essa situação se intensifica, pois se entrecruza com as desigualdades que afetam as relações interpessoais. Durante a quarentena, crianças pretas foram mortas em suas casas, mortas pela violência do capitalismo perverso, que não deixou que mulheres da periferia pudessem estar em isolamento, mas precisavam continuar no trabalho e, a patroa foi negligente ocasionando o fim de sonhos, projetos e planos futuros. A música de Emicida, provoca pensar sobre situações adversas que “faz pensar que não valeu, faz pensar que quem morreu, morreu em vão”.

O “fique em casa”, lema adotado e importante para não propagar o vírus, foi tomado pelo discurso veiculado por cartilhas, *lives*, posts nas redes sociais que orientam para aproveitar o isolamento para aprender algo novo e, em especial, para se autoconhecer. O que conheci? Nesse processo que a mídia impõe, reconheci a desigualdade social, reconheci a dureza que ela impõe para as vidas de pessoas pretas e periféricas. A desigualdade comparece com o seu projeto de impedir que pessoas pretas e pobres possam construir seus próprios projetos futuros. Se fica em casa, morre e se sai, morre também. Existe lugar para sonhar?

O racismo estrutural esse ano pareceu fundamental para entender a realidade que vivemos, primeiro provocados por um *reality show* global que expunha como o racismo estava presente no cotidiano das pessoas e nos discursos e, segundo, exposto sem filtros pela violência policial que está presente historicamente nas periferias. *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam), movimento iniciado nos Estados Unidos, motivado pela morte de um homem negro por um policial, que gritava: “não consigo respirar”, traz o incômodo para outros países, o que incluiu o Brasil, fazendo palavras como “antirracismo” e “vidas negras importam” as mais citadas e faladas nas redes sociais. Havia um silêncio sendo imposto, silenciamento de histórias e vivências negras, que passaram a gritar, pessoas que não estavam conseguindo respirar, tem vivido um

momento em que cada um de seu modo, pode ser visto e ouvido, é por isso que aqui estou eu.

Pediram para nós nos conhecermos e descobrimos que precisamos nos racializar. E, falar sobre se racializar é pensar no caso do Brasil, sobre o racismo como estruturante das relações em suas diferentes dimensões, é pensar privilégios, sobre a branquitude refletir sobre quem são as pessoas que estão sendo invisibilizadas, refletir sobre as políticas e discursos que são validados por líderes políticos que determinam que podem morrer e viver nesse país.

Falar do carnaval, é falar de histórias, porém, ainda estaríamos esperando o carnaval passar? A pandemia não ocasionou essa discussão, foi apenas em meio a essa realidade que pudemos perceber o mundo com novos olhos, os olhos que retomam nossas histórias, histórias da construção da nossa identidade, de quem somos e do que podemos. E, quem morreu? morreu em vão?

Essa dureza da vida, aparece como boicote as possibilidades que surgem das cinzas para planejar o futuro e para sonhar. O distanciamento social confunde, gera a sensação de haver com quem se identificar e, ao mesmo tempo, existe a solidão. Contudo, o que busco provocar a reflexão, é que esse momento histórico, que fez ressurgir a questão racial como pauta importante para todas as pessoas, nos tira desse lugar de solidão e distanciamento. Como diz Emicida, “pois quem é fica e ajuda a erguer outro carnaval, mas quem não é antes da quarta tá dizendo tchau”.

O que queremos ver na quarta-feira? Que história queremos contar? Quem conta a sua história? O pedido “Não deixa o samba morrer”, ressoa como o clamor das raízes de nossas histórias coletivas, para lutar pela continuidade de nossas histórias. Existe um novo futuro sendo construído e, tem sido pelas mãos de mulheres pretas da comunidade, das mãos de homens pretos que têm questionado a sua masculinidade. Novas histórias têm surgido de bixas pretas, como diz Linn da Quebrada, que demonstram empoderamento de si e de suas histórias, resistindo e disputando afetos.

Quero ver a quarta-feira, é querer ver nossas histórias sendo contadas, é ver que temos histórias e somos autores e autoras de nossas próprias histórias. Somos pessoas que vivem afetos alegres e temos potência de agir para um futuro novo e diferente. Quando o carnaval passar, continuaremos aqui, a sonhar, a ter planos. Se um dia, não nos sonharam, não nos planejaram e quiseram impor uma história outra, que não seja a nossa, hoje, fica o convite, vá e conheça a sua história. Existe uma história coletiva que faz parte desse processo, procure alguém para dialogar, procure uma pessoa preta e peça para contar seus sonhos e projetos.

Os versos abaixo são potentes em toda a música e, gostaria de retomar eles para caminhar para o final dessa breve reflexão, Emicida, juntamente com Mart’ália, e regravada com Elza Soares, diz:

*Barracão, eu ainda vejo o mesmo barracão,
Mas o espírito não
Faz pensar que não valeu, faz pensar que quem morreu...
Morreu em vão*

Ainda que esses versos soam como tristes e impotentes, são o convite à reflexão, convite para revisitar nossa realidade, nosso cotidiano e nossas histórias. Ao olhar essa realidade dura e difícil, acordarmos para novos horizontes e fazer sonhar crianças e jovens pretas e pretos para construir novas sociabilidades que promovam justiça social. Quero ver a quarta-feira, quando passar o carnaval, que ainda que permaneça o trabalho árduo e a vida dura e difícil de ser vivida, existem histórias sendo contadas e vividas no coletivo, que façam novas vidas sonhar com a conquista da nossa história. Aí, está a potência, em não deixar de viver e contar histórias, suas histórias pessoais, suas vivências.

67

O INVERNO DAS ALMAS –A QUARENTENA É TAMBÉM UMA CRÔNICA DO REENCONTRO

*Thiago Cardassi Sanches*¹⁰¹

Minha quarentena tem sido vivida como um período de luto duplamente qualificado. Foi nessa mesma época em que descobrimos que a doença de mamãe era irreversível. De fato, desde as festas de fim de ano suspeitávamos que as coisas não iam tão bem para a matriarca da família.

Tudo começou na primeira semana de fevereiro, quando ganhei como presente de aniversário uma ordem de despejo do apartamento em que vivíamos eu e meu namorado. Depois de 15 anos voltaria a viver novamente em uma república com outros rapazes. Poucos dias foram necessários para que o coronavírus se tornasse assunto exaustivamente noticiado em todos os telejornais. Até então ninguém imaginava que a doença tomaria tamanhas proporções e reagiu com incredulidade diante da histeria e compra-compra desesperado de álcool gel e papel higiênico promovido nos primeiros dias de anúncio da pandemia. Imediatamente a universidade decretou a interrupção das aulas e logo depois os servidores também seriam dispensados para trabalhar remotamente.

O que pareceu uma prudente medida de segurança, mostrou-se um eficiente mecanismo de controle. Ligavam-me todos os dias às 7 da manhã apenas pela satisfação de saber se estava acordado no computador à disposição para trabalhar. Eu sempre estava. Não demorou para que dezenas de mensagens de *WhatsApp* se acumulassem e se estendessem para além dos horários de serviço e nos finais de semana. Sem as delimitações do espaço social e do mundo do trabalho as pessoas tendem a perder os acordos comuns de bom senso e civilidade. Mas eu não estava disposto a ingressar nessa loucura. Queriam-me à disposição 24/7. Passei, então, a desligar os aparelhos eletrônicos durante a pausa do almoço e após o horário de serviço, já que minha sanidade dependia disso. A preocupação com a limpeza e desinfecção dos ambientes se tornou uma verdadeira obsessão e com frequência me perguntava se os outros moradores da república, que não estavam em trabalho remoto, haviam seguido as recomendações de saúde, se haviam lavado as mãos, usado máscara ou cumprimentado pessoas doentes. Por deus! Agora o histérico era eu. Separei

¹⁰¹ Gay, 34 anos. Rondonópolis, Mato Grosso.

meus talheres e interrompi práticas compartilhadas como tereré e narguilé. Acho que nunca passei tanta vontade.

O isolamento social reconfigurou meu espaço de circulação que já era extremamente limitado, uma vez que convivo com a depressão há muitos anos, o que me faz pouquíssimo afeito a práticas de socialização como bares e festas. Entretanto, as caminhadas ao final da tarde e as compulsivas idas ao supermercado faziam parte da rotina de minha higiene mental. Descobri novos e pequenos prazeres nunca antes experimentados em minha casa. A relação corpo-computador-casa se ressignificou. Passar tanto tempo dentro dela fez de mim um híbrido, já não sabia mais distinguir a casa física da casa subjetiva. Agora éramos um. Não demorou para que as saudades do supermercado dessem lugar a um novo tipo de relação com o espaço que tinha agora disponível. Mentiria se dissesse que esse tempo de intimidades foi ruim. Para mim, ao menos, foi bastante agradável. Meu namorado e eu voltamos a jogar videogame ao cair da noite, assistir filmes e séries, e até descobrimos uma nova utilidade para a poltrona da sala.

Contudo, poucos dias depois, o telefone tocava agressivamente. Do outro lado, meu irmão confirmava o veredito: — mano, vem assim que puder, a mãe não tá legal. Esse foi o chamado que me despertou para o fato de que, a despeito de qualquer isolamento social, a vida continua, se transforma ou termina. Calafrios percorreram-me a espinha ao imaginar os sofrimentos que estavam por vir. Mamã precisava de mim e o momento não poderia ser pior. Tanto ela não podia consultar especialistas, quanto eu não conseguia sair do Mato Grosso devido ao bloqueio da malha rodoviária. Chorei por alguns dias sem saber ao certo o que fazer. Foi então que uma colega, em ato de irreparável grandeza, meteu-me em seu carro e levou-me por mais de 200 km até o aeroporto mais próximo. No dia seguinte, eu reencontrava minha mãe em mesa matinal. Havia se passado apenas três meses da última vez que a vi, tempo no qual ela envelhecera mais de uma década. Excessivamente magra e arcada, arrastava-se junto da enfermeira em um pijama de flanela cor de rosa e pantufas de pelúcia. Aos meus olhos parecia uma coelhinha de desenhos infantis. A severa elegância de outras eras diluía-se em um misto inocente de sinceridade e demência que costuma acometer aqueles que sofrem dos nervos. Aos prantos abraçava-me como uma garotinha que reencontra sua boneca perdida. Senti-me especial e verdadeiramente amado como nunca fora nestes 15 anos em que me afastei da família. Era certamente minha mãe, porém despojada das pesadas amarras das convenções e medos de julgamento social. Se não fossem os tiques e tremores diria até que era uma versão melhor de si mesma que experimentava diante de meus olhos uma ingenuidade e delicadeza jamais vistas. Seu abraço comovido era tudo o que um filho homossexual poderia esperar de uma mãe muitíssimo religiosa. Ela finalmente me aceitara e lágrimas desceram de meu rosto em sinal de agradecimento no instante em que ela perguntou sobre meu namorado. O

mundo parava e já não existia *covid* nem qualquer outra preocupação que abalasse minha convicção. Só podia pensar que, se minha vida acabasse naquele exato minuto, eu teria a morte mais digna que a humanidade já ouvira falar.

Teria, de fato, sido uma redenção se a doença que lhe acometera tivesse afetado apenas o peso moral de uma vida de repressão e auto-julgamento. Porém, não demorou para percebermos que lhe comeria cada nervo e sinapse, que não saciaria enquanto não devorasse todo traço de inteligibilidade e cognição de minha mãe. Primeiro falhou a linguagem. Verbos confundiam-se e encerravam orações incompletas. Cada vez mais foi se tornando dificultosa nossa comunicação. Depois, foi a vez das funções motoras e as caminhadas efusivas e desengonçadas em torno do quarteirão deram lugar a uma cadeira móvel e um sofá-cama. Finalmente, o sistema perceptivo e a fala desapareceram por quase completo e a ela foi negado o direito de resposta ao mundo. Minha amada mãezinha morre um pouco a cada dia e eu morro junto dela. As medidas sociais de proteção ao vírus, apesar de extremamente necessárias, apenas agravaram seu isolamento e incomunicabilidade. Os profissionais de saúde interromperam suas atividades como meio de enfrentamento à disseminação da pandemia, os poucos parentes não poderiam mais fazer visitas sob o perigo de contaminá-la, mesmo o padre da paróquia não daria tão cedo a unção dos enfermos à uma devota que foi tão fiel durante sua vida.

Eu ingressei em uma espiral depressiva. Comia compulsivamente na tentativa de diminuir a ansiedade. Não tinha sinal de sono, porém continuava a levantar muito cedo, pois o relógio tornou-se dispensável. Na quarentena o tempo não passa, ele morre e permanece sendo velado enquanto a gente não o enterra de vez. Sem poder sair de casa, passava o dia de pijama e muitas vezes nem escovava os dentes. Tomava as medicações que tinha ao meu alcance para relaxar, mas em contrapartida, os medicamentos necessários à minha saúde como tratamentos e vacinas foram todos interrompidos. A falta das caminhadas e exercícios habituais apenas agravaram meu quadro emocional. O corpo não era capaz de se desligar de pensamentos tristes. E foi nessa época que aprendi a fumar e também a pensar com reincidência na finitude de todas as coisas, inclusive da minha própria existência.

Motivado pelas publicações de amigos no *Facebook*, passei a criar listas das 10 coisas que mais gostava a respeito dos mais variados assuntos. Reescrevia-as metodicamente tal como quem deixa um testamento àqueles poucos que se importam. Notei que a tristeza era uma reincidência na história de minha vida e decidi esforçar-me para suportar aquilo que não poderia ser mudado. Passei a rezar muito, mesmo sem acreditar ou ter certeza daquilo que fazia. Não me importava, aquilo era significativo para minha mãe e, na maior parte das vezes, fazíamos isso juntos. Arriscamos algumas formas de expressão artísticas que sempre terminavam com tinta guache espalhada no chão e giz de cera mordidos. Cozinhou para ela e também cantava músicas antigas para entretê-la

que nem mesmo eu lembrava que as conhecia. Era como se uma memória ancestral tomasse meu corpo emprestado e falasse em meu lugar. O afeto maternal com que ela me criou passava agora a ser gradativamente devolvido. Mamãe tornou-se, de fato, minha coelhinha e eu a mimava e beijava como ela o fazia diante das minhas dificuldades infantis. Por vezes, imaginava que, se ela ainda tivesse alguma consciência do que ocorria, deveria considerar-me um imbecil. Mas agora isso era irrelevante. Passei a me perdoar mais e não preocupar tanto com o ridículo.

Há poucos dias do início do inverno defendi minha tese de doutoramento a respeito, fundamentalmente, das coisas que são invisíveis para nós e que, entretanto, podemos experimentar por meio de outras apreensões diferentes da razão. O método intuitivo tornou-se meu modo de vir-a-ser, e eu só podia pensar que minha pesquisa falava a todo momento sobre minhas dificuldades e minha própria relação com o mundo. Contornei parte da ansiedade procurando as pessoas, ainda que virtualmente. Assim, resgatei antigas amizades, abri meu coração e ouvi muita coisa: histórias, conselhos, lamentos... Pensei em tudo o que me disseram e, a despeito de concordar ou não, imaginei que aqueles conselhos eram me dados com carinho. Se, por um lado, a pandemia recorta o espaço e dilata o tempo, por outro, ela encurta o hiato entre corações distantes. Sentia que nunca estive, ao mesmo tempo, tão perto e tão longe daqueles que amo.

Desejo, hoje, acreditar que mamãe, agora praticamente acamada, pode captar alguma fagulha daquilo que lhe falamos por meio de uma dimensão secreta, de acordo com a qual ela compreende de modo mínimo, mesmo que não consiga responder a altura. Sinto um espasmo de vontade de viver percorrer seu corpo a cada “bom dia” ou “eu te amo” sinceros. Hoje, ela me responde com os olhos, amanhã já não sei como o fará. Mas tenho certeza que fará. Cabe a mim a sensibilidade para saber captar respostas invisíveis. Almodóvar já dizia: Fale com ela! E eu falo sobre as maiores e menores banalidades do mundo, sobre o tempo, a respeito de meu namorado, de meus medos infundados, e da insuportável vontade que tenho de morar em uma casinha simples no campo junto dela, e do pôr-do-sol que veremos juntos, das hortinhas que irei fazer, e das histórias que ainda poderemos compartilhar. Desse modo, minha quarentena foi vivida duplamente como luto. Luto do corpo e da alma. Ela é meu inverno, tempo de recolhimento e solidão. Estação na qual me preparo para quando toda neve e toda dor passar. Ainda não consigo admitir, mas o isolamento foi minha maneira de aprender a suportar a solidão. Por causa dele eu me perdi, mas também me reencontrei, com minha mãe e comigo mesmo.

68 RAZÃO DE SER

*Luan Alves do Nascimento ou Alana Estevam*¹⁰²

Acordei, mas não me sinto acordada. Evito as notícias novamente. Quem morreu hoje? Verdadeiramente, é importante. Já sei. Foi mais um negro, mais um pobre, mais um injustiçado, mais um pedaço da minha alma vai doer. Estou fugindo mesmo é dessa angústia. Onde está a morte daqueles que sentam nos tronos. Sei, ela é uma senhora cruel, mas por que está sendo tão cruel com os que já sofrem tanto? Ou seria misericórdia e salvação para os que têm menos que nada? Não posso pensar assim. Continuar nessa linha me levará aos pensamentos suicidas novamente. O que eu tenho procurado é um motivo para viver.

Não consigo abrir os livros pois estou exausta. Exausta de não conseguir mandar mensagem para professora Márcia. Medo de perder outra orientadora, dificuldade em ganhar uma amiga.

O meu gosto por ela é gigante, mas não sinto que é o momento de ler tanto. O choque de tudo ainda não passou. Também não quero usar o conhecimento de outra pessoa somente para subir na vida. Já abusei do tempo de terapeuta dela.

Eu queria mesmo um almoço e uma longa conversa sobre o filme “Arrancame La Vida” e outros mil. Márcia é Márcia, sempre haverá sugestões. E quero falar de psicanálise e explicar o que eu penso do Vygotski e do sentido da linguagem. Quero escrever sobre essas coisas. E não consigo porque ainda estou ferida. A academia quase extinguiu minha vontade de estudar mais uma vez.

Ontem tirei a maquiagem e hoje meus olhos estão um pouco irritados. Foi mais uma *live*, mas dessa vez me fez sentir viva. Li um poema meu e expliquei: ser drag queen não é apenas um modo de fazer os outros sorrirem. É uma arte e como toda a arte é uma maneira de se expressar. Por trás de todo esse trabalho eu sou uma pessoa triste. E é por isso que nem sou tão colorida. Nem sou tão brilhante, nem uso tantas joias e nem tenho necessidade de mostrar que sou melhor ou maior. Porém, me acho perfeita. Toda drag queen deveria se achar perfeita ao encontrar-se com seus erros e defeitos.

Sinto mais saudades. Saudades do homem que não sei se está no meu coração ou se estou no dele. Antes mesmo da quarentena já estávamos separados. Eu não conseguia mais suportar as dores enquanto me sentia quebrada. Meu avô morreu, minhas decepções estavam em alta e aconteceu outra crise psicológica

¹⁰² Fluído de gênero e gosto de homens, 29. Goiânia, Goiás.

depois de dois anos extensos dedicando minha vida a engolir livro e texto e livro e texto. Não temos tempo para cura. Há somente a agilidade da publicação e as estruturas da produção corroendo-nos.

Agora? Agora anseio por aqueles abraços, desejo aquele carinho. Sei que ele não gosta quando uso essas palavras, mas eu quero. Desejo sentir os seios do homem, desejo os beijos, desejo as mãos desajeitadas no meu pênis. Não precisa ser muito bom. No fim das contas eu sou, ou fui, o primeiro homem de um homem que nasceu no corpo de uma mulher. E não é só o beijo ou abraço. Quero minha língua explorando os cantos obscuros cujos prazeres são negados pela dificuldade de entender um corpo errado para uma alma sofredora. Para mim não importa que não seja um pênis. Aprendi a amar o que há entre aquelas pernas e me perder por lá até o êxtase dele. Lembro-me do tremor de minhas na primeira na vez. Agora, mais do que antes, desejo tremer novamente.

E ele sabe que nem sei se sou homem mesmo. Quando acordo odiando todos os meus pelos e amando todo o meu feminino o desejo de ser mulher passa pela cabeça. E então eu tenho a Alana para suprir um pouco de outra angústia. E agora já sabem porque Alana também é Luan e Luan também é Alana. Dói um pouco pois não encontro forças para mandar mensagem. Não quero ver tudo acabar definitivamente. Não dá pra resolver se não for *face a face*. De novo, me isolo e não é só a quarentena, sou eu também.

Encontro um escape em editar um tutorial de maquiagem e mais um conjunto das minhas fotos. Não tenho nem recursos para continuar. O dinheiro está escasso. Preciso me virar e pedir ajuda. A Condessa me manda uma grana e me faz sofrer menos. Gratidão com essa tia drag meio torta e muito polêmica que eu tenho. Agora eu posso continuar soltando minha criatividade. Não tenho nada, mas eu ainda encontro uma maneira de fazer minha arte viver.

Olho pro relógio à medida que lembro dos rastros de responsabilidade que me restam. Esses ainda me irritam. Não, não quero editar o vídeo para o canal hoje. Pelo menos duas horas do meu dia passam comigo pensando em não fazer nada que não me paguem ou que não seja pra mim mesma. Não há recurso ou motivos bons o bastante. Preciso ser mais prática e não consigo. Minhas habilidades e meu esforço não deveriam ser gastos se não fossem para produção de dinheiro. Porém, essa não é a minha voz. É o capitalismo gritando comigo para que eu mude o meu ser e consiga sucesso. E cá estou, editando sem ganhar nada. Não sou muito obediente com essas ordens forçadas na brutalidade. Peça com educação e quem sabe eu mude de ideia.

Passou tanto tempo que já é noite novamente. Tempo distorcido como em uma pintura de Dalí. Não que eu admire o autor, mas a obra vem na cabeça quando penso nesse tempo. E daqui para acolá sei que meus olhos ficarão abertos durante a madrugada. Fecho essas malditas janelas de editores que não quero nem ver mais. Solto uma música qualquer. É sempre a música que me inspira. As notas que sobem e descem para criar sentimentos. Esses vão se tornando

palavras, apresentações, contos, poemas. É sempre a música e sempre vai ser a música a principal musa, mas há outras.

Há algumas lágrimas. Pergunto a mim mesma se é o que o terapeuta e o psiquiatra têm me dito. É a bipolaridade? Em que fase estou agora? Ou é só a quarentena? Quando a minha vida já era quase um distanciamento social automático a única diferença é que não sou forçada a entrar dentro de um ônibus lotado todo dia de manhã. Lá onde os estudantes se escondem e os pobres e os trabalhadores passam boa parte de suas vidas. Talvez seja até um pouco mais confortável. Posso escolher ver ou não ver as coisas que me incomodam. De certa forma estou mais livre em quarentena do que na vida corriqueira. Liberdade aproveitada para pensar em mim mesma. Desaproveitada pois não mando as mensagens que deveria estar mandando.

E passou um pouco da dor, mas veio a excitação. É noite, não é? Questiono, qual a razão da noite ser o sofrimento, a morada das criaturas, a tempestade que deve passar. É nessa mesma noite que fazemos amor e nela eu escrevo. Mais tarde, nas madrugadas, é a melhor hora. Porém, ainda não é o momento. Agora é a hora de deixar o sangue descer.

Vou olhar os sites para ver se encontro algum conto que valha a pena. O filtro são os meus fetiches favoritos. E procuro e procuro e não encontro. Insatisfeita crio minhas ideias para os meus contos. Vejo se não há algum pedido para desempenhar meu ofício, o ofício do erotismo e da pornografia escrita. Não há, portanto, caminho em direção às imagens. O corpo dos homens se debatendo são similares aos animais tentando fugir do abatedouro. Por trás de todos os gemidos consigo enxergar um certo nível de abuso. Há uma estrutura ali e não quero vê-la.

Uma opção final é procurar pelos porcos que amam viver em seu próprio chiqueiro. Finalmente encontro um bom pornô, uma boa cena ou um amador agradável, alguém que quer estar ali ou um outro cuja vontade é ser gravado. A putaria de verdade começa nos olhos daqueles que querem ser putas. Exceto as cegas, essas sempre começam com o toque. E as putas cujo ofício não é ofício ou que são profissionais o bastante para me enganar são as putas que me trazem conforto. Não é mais um abatedouro por isso me sinto um pouco mais tranquila.

Os corpos vão se expondo, os meus fetiches estão não tela. Às vezes sento em um brinquedo qualquer, mas hoje não. Estou irritada, não é um bom dia para dedicar-me ao meu prazer anal. O sangue desceu. Tem sempre o pênis duro para amassar e amassar e amassar. Há dias que penso não ser diferente de fazer uma massa de pão ou de pizza. Tenho sorte de ter as mãos macias. Sempre estudei e nunca desempenhei o papel de linha de frente do combate. Até nesses momentos passa pela cabeça o quão privilegiada sou. A mulher do trabalho irá enfrentar quantas dificuldades para masturbar-se? E quando ela superar as barreiras será que sua mão será tão macia quanto a minha? Esforço-me para não refletir muito.

É o momento de prazer. Eu quero prazer. Imploro para o meu cérebro: “pare de pensar, só por esses minutos, pare de pensar”.

Os putos desnudos na tela estão rolando em sua própria sujeira. Eles são os frades limpando meu interior. Vídeo a vídeo, gemido a gemido, “vai cachorra”... O prazer está nascendo. Fricção é o nome do jogo. A pequena morte está chegando. Recuso-me! Quero alongar, desligo o computador. Encarrego minha mente, mas os putos estão nela. E agora penso no erotismo, nos meus contos pornográficos e as palavras vão surgindo. Devo anotá-las em um canto do coração para escrever depois. Agora não é a hora de pensar, dê-me paz por favor. Chega o ponto final, mais uma das minhas mortes.

Deito-me e lembro do homem. Levanto e limpo as coisas. Tomo a pílula da noite na tentativa de dormir. Meus queridos putos fizeram seu serviço, sinto-me acordada. Ao deitar novamente, vejo que o homem não está aqui comigo. Sinto a saudade maior do abraço e do carinho. Não se engane, os putos e as putas têm seu papel. São os meus musos e musas da inspiração. Trazem um alívio para o constante pensar. Os gemidos, as palavras e os corpos exorcizam aquilo que qualquer igreja, frade ou pastor jamais conseguiram exorcizar. Sempre há uma fraqueza. Não, essas imagens e sons não estão aqui para me abraçar ou me amar, não faz parte de suas funções. Choro um pouco. Queria o homem para ser meu putinho e eu para ser putinho dele. Quero rolar em nosso suor e fazer amor nele. Abraçar e amar.

Então vem os problemas do mundo. Sei que perdemos mais vidas negras, mais vidas pobres. Sei que tem alguém passando fome na África, na Ásia nas Américas e até mesmo na Europa. Nossos índios estão sendo dizimados e massacrados. Alguém está sendo estuprada em algum canto do mundo. Há uma pessoa trans sendo assassinada agora mesmo. Tem uma criança sendo escrava sexual de alguém e algum animal está sendo abusado. E as pessoas voltam a atenção para o dinheiro e eu deveria prestar atenção no dinheiro para fazer meus pais sofrerem menos. Há tanta dor no mundo, a quarentena e o isolamento são apenas amplificadores. Essa dor está nas pessoas tentando sobreviver o tempo todo.

Agora estão acordando para a realidade dessa sobrevivência e entendendo que não havia vida. Não há tantos entorpecentes porque os bares estão fechados, o cansaço do trabalho diminuiu e os dias não passam. Nietzsche sabia e agora sabemos. O abismo está olhando de volta. Encarar a nós mesmas e encarar o mundo dói. Toda essa dor está dentro de mim, todos os dias. Não consigo dormir sem pensar nela. As pessoas estão sem dormir porque agora pensam nessas realidades. O sistema está abalado. A lógica da produção que joga o pobre contra o pobre dá brechas para que sua verdade seja questionada. Estamos começando a nos revoltar com mais força. Contudo, sabemos. Os entorpecentes estão disponíveis de alguma maneira. A onda pode passar sem nunca chegar na praia. É provável que nunca chegue.

E eu preciso encontrar forças para trabalhar. Necessito conseguir dinheiro para sobreviver quando minha vontade é viver. Eu preciso ler os livros e escrever para ter uma voz. E tenho que arranjar motivos para viver nesse mundo. Penso na minha arte, nos putos, no homem, na professora, no meu futuro como professor. Tudo são pequenas pausas. O mundo? O mundo será o mesmo. O pobre estará pobre, o preto continuará preto, os injustiçados estarão injustiçados e quem está no trono ainda sentará no trono. Não podemos destruir estruturas de poder num piscar de olhos. Eu? Serei eu. Uma pequena engrenagem tentando mover-se para que haja alguma mudança.

O meu entorpecente começou a fazer efeito. Logo dormirei. Arrependo-me, hoje eu só pensei. Prometo a mim mesma, amanhã lerei as notícias e escreverei.

69 ENTREXISTÊNCIA

*Letícia Werner*¹⁰³

O caminho de volta para casa e suas curvas que me atravessam, o tráfego lento, o silêncio desconfortável da carona, a simpatia forçada, a náusea. A mulher isolada, cedo ou tarde, deixa a cidade e se desola no campo. Me despedir, me reencontrar, me despedir, me desencontrar – de mim, de você, deles – O constante retorno para a eterna posição de calar-se. Ela partiu. Não, não ela. Eu parti, e nunca mais voltei para lugar algum. Voltar para casa é como voltar a lugar algum, a lugar algum que me caiba, a lugar algum que eu exista. É como não voltar.

Há três meses pisei novamente nessa terra apequenada, esquecida e pacata, com suas alegorias, seus mártires, seus colonizadores, sua segregação. A chegada é também partida, despedida de uma vida inteira para viver aos pedaços. Me lembro das palavras do Poeta¹⁰⁴ “Para ser grande, sê inteiro” ... Por isso aqui nada cresce, tudo é pequeno, acomodado, repartido. Ou a gente se apequena, ou não vive – ou melhor – não sobrevive. Terra de deveres, não de direitos. Há três meses digo adeus, adeus meu desejo, adeus minha vida, adeus você.

Por vezes me perco na poeira acumulada debaixo das camas, no passar dos dias, nas palavras proibidas, nos olhares distantes, nas memórias de outra vida e me esvaio por essa estagnação turva a manchar a claridade dos sonhos idealizados um dia. Meu cabelo cresce e se desenrola na cadente trama de me desencontrar, de despir-me das minhas vontades, de despir-me de mim. Mas meus sonhos são caros e meu amor infinito – infinito e incompreendido – só tem valor para mim. Querem arrancá-los, destruí-los, como que por uma espécie de cura – ainda não entenderam nada – Amar é compreender, não se pode amar o que não compreende. Nesses momentos traiçoeiros ironicamente me dispo, nua em pelo, a contrariar o desencontro a flor da pele. Coberta pela macia camada de tabus cintilantes ao sol, como raios caídos a nascer descontroladamente pela minha pele ainda jovem, ainda firme, ainda viva.

Sonhei com você essa noite, acordei com frio. Levantei para pegar mais um cobertor, não adiantou, que surpresa. Outono já se foi levando consigo mais um aniversário e promessas perdidas. Agora não faz mais sol e eu uso meias, pendências se acumulam, já é metade do ano e eu perdi o controle – acontece que

¹⁰³ Lésbica, 19 anos. Belo Horizonte, Minas Gerais.

¹⁰⁴ Referência ao poeta Fernando Pessoa (1888-1935).

ninguém nunca teve controle de nada –. Aqui não venta quando é inverno, a periculosidade se alastra com mais facilidade pelas horas, a inércia se impregna no ar. De todas as máscaras que usamos para nos esconder, nenhuma é suficiente. A proteção é uma ilusão, nunca existiu, e com vento ou sem vento, a verdade sempre esteve lá fora.

Esse dia passou, assim como todos os outros em que eu me transformei em saudade. Estou sempre a quebrar minhas próprias promessas, sempre a reconsiderar, perseguida pelo incontrolável impulso de te dar tudo o que queres. Sou demasiado mexida, inquieta, teimosa, me importo mais do que deveria, mesmo que ninguém o faça, mesmo que não tenha nada a ver como isso, mesmo não havendo espaço nem para o que é meu aqui. Sou toda saudade. Mas estou sempre a observar o horizonte, atenta à teia de linhas multicoloridas e não lineares a riscar nossas vidas no tempo, como se tecessem as fitas incandescentes da sua fantasia de carnaval a embalar a cadência de seu corpo no ritmo do dia quente. Às vezes tudo parece ser uma questão de quem observa e como observa, cada coisa carrega sua própria grandeza, sua própria beleza, sua própria miséria.

Nas suas linhas aguardam os sonhos, todos pendurados nos braços do destino, se recusando a deitar na realidade – lá não conseguem dormir – eu não julgo, não tenho conseguido e sei como é angustiante, dormir não é para realistas. Mas é essencial que os sonhos durmam e sonhem seus próprios sonhos, precisam estar descansados para quando eu puder te amar de novo. Cada um colabora como pode, e ninguém deve doar mais do que pode oferecer, há coisas que não devem ser cobradas, eu aprendi. Gostaria de esperar com esperança, mas não sei esperar. Estar à espera é um trabalho que exige paciência, não sou paciente. Amar também é ser paciente e exige esperança, é preciso acreditar sempre, eu acredito, mas estou cansada, preciso descansar.

Sumir no mundo é minha oração de todos os dias – todos os dias aparecer no mundo. Não quero me calar em vão, não quero me calar nunca. Minha voz é potente e meu braço forte – como posso me calar se até meu silêncio diz muito? – Tem silêncio que diz mais que palavra, silêncio que grita no peito, silêncio que diz nada, e nada que diz mais que tudo, nem todo silêncio é vão, mas todo silêncio é silêncio, e eu quero ser ouvida. Entretanto, é preciso estar atenta, pois tenho medo, medo de escrever, medo de amar, medo de ser. Mas a coragem é maior que o medo, o ideal é maior que o medo, o amor é maior que o medo e nada é em vão.

Tenho coragem de viver, e vivo com medo. Não tenho tempo para quem não tem tempo pro amor, é preciso estar aberta. Estou sempre a pensar em como seria amar em liberdade – sem medo – pegar suas mãos quando todos estão vendo e reparar nelas – demoradamente –, te beijar a céu aberto, abraçar sua cintura, gritar meu amor aos quatro cantos, te amar por todos os cantos, postar uma foto que seja. Mas muitos amores são discretos, e nem por isso são menos genuínos. Dizem que o que ninguém vê ninguém estraga. Mesmo assim gostaria que nos

vissem, o que é belo precisa ser visto e até hoje não vi coisa mais bela que nosso amor, também nunca fui boa em ser discreta.

Gosto de observar o mundo da varanda de casa, sob a linha tênue entre o vazio de fora e o vazio de dentro, um a contemplar o outro, como se si olhassem no espelho. É um olhar de piedade, de conformidade, quase confortável, quase desconfortável, complementar. Nesses tão apreciados instantes de mente vazia, me deixo levar pelo marasmo do isolamento e sua improdutividade irremediável. Momentos raros em que me dou uma folga e até deixo escorrer umas lágrimas pelo rosto morno, tenho aprendido a me respeitar e a amar com cuidado, é preciso saber ir embora sem se esquecer de parar para respirar, já se foi o tempo de partir, já se foi o tempo de regressar, agora o que me resta é o limbo.

A solidão é mesmo um caminho curioso, há uma força estranha em partilhar-se consigo mesma, fechar os olhos, se dar o prazer, abraçar o vazio entre as coxas, se assentar na noite, admirar os dedos trêmulos, absolutos em apontar nenhuma direção. Seria liberdade se fosse o caso, mas preciso estar só. Me agarro a pensamentos muito leves, ilusórios, quase flutuantes, como se voasse esvoaçante pelos ares, distante, despreocupada, feliz. Toda ideia, sentimento, sensação é mesmo fluida e pode se ressignificar, voar por todos os cantos, morar em múltiplos desejos, assumir diferentes cores, reluzir. Mas meu tempo é agora retirado, cartas atirados ao vento tecem o destino mais uma vez sob nossos olhos, mas eles dormem. O invisível é feito dessa mistura de olhares que não querem ver. Memórias repartem o tempo, sinto todo meu corpo se esvaír pela realidade, desaparecendo nos olhares vulgares da gente que passa e me atravessa, mas não me derruba — eu inteira sou a minha própria força. A magia e o amor só se revelam àqueles dispostos a ver a vida em todas as suas cores, é preciso estar aberta.

Sinto-me cada vez mais apegada aos detalhes, imersa nesse estranho e curioso mundo de miudezas e peculiaridades que se abre sob meus olhos. Reconhecer o valor de cada coisa é fundamental para compreender a totalidade e unicidade da existência. A busca pelo reequilíbrio exige sacrifícios, me concentro no contínuo trabalho de deixar ir, de me libertar e me permitir, mesmo quando as opções são mínimas e o espaço limitado. Abro caminhos pela intranquila necessidade de caminhar sob meus próprios pés e construir a realidade com as minhas próprias mãos, na sina de traçar um destino unicamente meu. Desse não lugar minha voz parece não ter alcance, pensar nas coisas é me esquecer delas, às vezes penso estar enlouquecendo, às vezes desejo que isso seja verdade, a lucidez tem sido um castigo, ou talvez seja só a causa dessa loucura, como uma tentativa desesperada de escapar aos momentos, é preciso acordar.

Abrir os olhos, despertar todos os dias para a espantosa realidade das coisas. Resistir a dor simples e crua que me devora as entranhas nesse cotidiano despencar na realidade, engolir a seco a pulsante revolta que queima corpo afora,

na insistente tentativa de sobreviver ao projeto de nos matarem. O viver fica para depois, do lado de fora, à espera do novo mundo que há de nascer. Enquanto isso, observo a tarde cair clara e redonda na Serra, do azul para o violeta, do violeta para o rosa, do rosa para a escuridão.

70

A QUARENTENA DO COVID-19 EM MAR DEL PLATA

*Cristian Alejandro Darouiche*¹⁰⁵

O meu isolamento começo uns dias antes de que seja decretada o ASPO (Aislamiento Preventivo Social y Obligatorio) de maneira oficial pelo Presidente da República Argentina. Por aqueles dias eu estava um pouco paranoico, com medo e sobre tudo tomando distancia social das pessoas que acostumava abraçar e beijar. Mesmo não sendo eu uma pessoa em risco fiquei, e ainda hoje fico, com medo em pegar o covid-19 e atravessar essa doença sozinho e mais isolado do que já estou.

Aqui no meu país vão sendo três meses de quarentena. A mesma teve dois momentos. No primeiro foi muito estrita e não se podia sair. No segundo, depois de um mês e meio, em algumas cidades as lojas abriram de volta, algumas atividades voltaram a ser permitidas e as pessoas começaram a sair. Ainda continuamos no segundo momento, mas a maior parte do país continua parado e muitas atividades continuam proibidas. Em ambos períodos eu tenho passado por muitos estados e muitas sensações. Eu fico muito agradecido por ter um lugar onde morar, um trabalho e sobre tudo algumas condições mínimas de comodidades. Mas isso não me deixa fora das angustias, dos medos e sobre tudo das ansiedades. Com este pequeno relato vou lembrar e tentar sublimar aquelas situações.

O primeiro que penso, ao lembrar os sentimentos da quarentena, é ter sentido muita saudade e muita desesperação dos vínculos biológicos da minha família (mãe, irmãos, tias, primas e sobrinhos). Há muitos anos, como muitas pessoas LGBTI+, escolhi migrar à outra cidade e me escapar do controle da minha sexualidade como assim também tentar viver uma nova vida e identidade. Antes da pandemia sentia saudade, claro, mas os sentimentos que se despertaram nesta quarentena nunca antes os tinha sentido. Nunca.

Falando dos vínculos familiares, se não fosse por as outras parentes, é dizer, aqueles vínculos que as pessoas LGBTI+ sabemos construir por fora da biologia, eu neste período houvesse ficado muito mas triste do que fiquei. As amigas, tias, estiveram tempo tudo com mensagens de apoio, musicas, vídeologações, etc., me fazendo sentir que alias da quarentena continuávamos sendo uma comunidade.

¹⁰⁵ Bicha argentina, 28 anos. Buenos Aires, Argentina.

Outras das sensações experimentadas neste período de isolamento foram a solidão e a ansiedade geradas pelos relacionamentos sexo afetivos. Novamente inundado de imagens, vídeos, postagens sobre as quarentenas felizes dos casais heterossexuais, eu me vi sozinho na minha casa, na minha cama.

Essas ansiedades e tristezas ou melhor dito essas afetações se deram pela situação que eu estou vivendo, não vou negar. Eu tenho um companheiro, mas não sei sim me atreveria chama-o assim. Tal vez seria melhor dizer que é alguém com quem tenho um vínculo, muito fraco, mas é um vínculo. Ele é maior, ele tem muita melhor posição nas estruturas sociais e ele está muito menos apaixonado que eu.

A gente mora em cidades distintas e com isto da quarentena desde fevereiro a gente não se encontra. Nós falamos todos os dias e muitas vezes, mas houve momentos em que o valor que damos — e tem — a carne e o corpo nas relações se fazia presente de uma forma muito tortuosa. Eu sentia muito solidão, tristeza, sentia a ausência de seu corpo, de seus abraços, de dormir juntos. Também a quarentena fez de mim e de minhas ideias um composto muito estranho. Eu nunca acreditei no amor romântico nem os vínculos monógamos, mas nesse período histórico houve momentos muitos tensos onde eu senti muitos ciúmes e muita insegurança.

Sem negar que eu estou num período muito particular da minha vida, onde me encontro desconstruindo o amor, valorando mais os vínculos escolhidos e olhando para as construções familiares fora da heteronormatividade sei que o isolamento fez que muitas ansiedades e muitas angustias acrescentaram. Agora entendo que quando o boy ou teu companheiro não é correspondido, tudo aquele amor e aquela paixão pode ser direcionada as amigas e as tias bichas, lésbicas e trans.

A quarentena também afeto muito minha rotina e aquela disciplina que custou construir. Tanto assim que aconteceram dois mudanças muito marcadas. A primeira foi a difícil tarefa de me focar nos estudos, nas leituras e até a escrita, sinto que o mundo está lá fora parado e não sei quando vai começar andar de novo. A segunda mudança foi tentar conciliar o sono: tenho noites em que fico até a madrugada acordado, dando voltas, procurando as múltiplas técnicas de meditação, respiração etc., e nenhuma consegui me calmar.

Ao princípio pensei que isto passaria rápido e que logo estaria com minhas amigas na rua bebendo cerveja. Nunca acreditei em teorias de que o vírus venho para mudar o capitalismo, de que o vírus venho para melhorar nossas relações ou que o vírus fosse uma espécie de apocalipses. Não sei sim vai existir uma vacina ou tratamento. Não sei mesmo sim vamos a voltar a aquela normalidade que nem era boa. Só penso e quero, voltar a viajar, voltar as praias, as amigas, aos abraços, aos encontros que potenciam, aos beijos, as paradas, as lutas.

71

O CORPO PANDÊMICO DO HIV À COVID-19, MEMÓRIAS DE ATRAVESSAMENTO

Ronaldo Serruya¹⁰⁶

A história é uma ferida repetitiva.

Eric Hobsbawn

O meu corpo é positivo.

É um corpo pandêmico.

Por memória de atravessamentos que vieram antes de mim e se projetam para além.

Pois sabemos, eu ao menos sei, corpos como o meu sempre sabem, que a história se repete enquanto terror. O estigma que perdura no tempo como uma baba elástica, inquebrantável, à despeito de qualquer privilégio científico, nos ensinou isso.

Que o meu corpo é uma ferida social. A doença do outro.

Então ser um corpo positivo hoje é ser o OUTRO.

Portar um vírus é ser sempre estrangeiro. É ter um passaporte ruim que nenhuma alfândega carimba sem suspeita.

É assim que nós saudamos o vírus novo.

Reconhecendo as imagens que nos assustaram antes nos revisitarem como fantasmas.

Foi assim que no dia 14 de abril, a “Ilha da Morte” me visitou outra vez. A vocação nefasta de certos lugares. Localizada nos recônditos do Bronx nova iorquino, ela invadiu novamente as minhas retinas pela tela do computador. As mesmas covas anônimas. Os mesmos números no lugar de nomes. Os mesmos homens paramentados com o medo do outro a cavar a terra. Agora estavam ali enterrando os corpos dizimados pela *covid*. Ainda ontem, estavam ali enterrando os corpos dizimados pela aids. Corpos positivos, como o meu. Cujo único pecado fora estar em dissonância com o tempo.

Mas toda semelhança traz em seu bojo a dessemelhança.

A aids, tendo a prática sexual como elemento propagador sempre implicou mais culpabilidade.

¹⁰⁶ Bixa posithiva, 48 anos. São Paulo, São Paulo.

Embora a culpa esteja sempre de alguma forma associada às doenças. É nossa herança bélica do adoecimento. E é por isso que elas, antes de tudo, são estatutos sociais.

E falo isso, porque a morte dos que ironicamente negaram essa quarentena é uma morte considerada mais culpada sim, julgada com escárnio por grande parte de nós. Assim como julgavam mais culpadas as mortes das bichas que como eu continuavam trepando e vivendo suas pulsões sexuais, o que neste caso significa simplesmente viver aquilo que somos.

Há uma perversidade nisso.

Há uma perversidade naquilo que se pede em nome do “bem comum”.

Eu da minha parte não irei culpabilizar mais determinadas mortes em detrimento de outras numa pandemia. Porque no fundo o que resta e o que se repete como cacoete nas nossas histórias é a doença como esse gerador de identidades deterioradas, de "risco", cujos corpos adoecidos, atravessados por essa zona noturna da vida precisam sair de cena dessa forma vil.

A tristeza que eu sinto é imensa. E é a mesma.

72

AO MENOS SEREI REMETENTE

LBS¹⁰⁷

(este texto é escrito
dos dedos pra fora que fazem
colagem de gente. da gente.
um fluxo de pensamentos — inclusive de mim. eu que sou
uma mulher lésbica?
uma mulher?
eu sou?)

e/u.

abigail

campos

leal é quem

faz essa separação na palavra e/u.

me admira escritoras como ela e tatiana nascimento que, mais do que
expressarem a necessidade de re-configurar a linguagem, reconfiguram-nas_
cem.

ven_

tão

se falando sobre o gênero em quarentena. tenho pensando todos os dias sobre o
gênero em quarentena, sobre o meu gênero em quarentena (tem isso de gênero
que é meu?) e como você se sente com isso? (perguntaria x analistx) e lembro de
berenice bento dizer que é preciso tirar a angustia do divã. a rua é pedagógica.

claro, praticamente um luxo político de minha p'arte,

protegida em casa, pensar

na pedagogia da rua num momento assim, onde muitxs transvestigeneres
sofrem, sem casa.

é. a pedagogia da rua pode ser cruel. aqui de casa

¹⁰⁷ Pessoa lésbica não binária, 26 anos. São Paulo, São Paulo.

pensava ocupar a ficção política que é a mulheridade.
de casa vejo agora que não,
nunca ocupei. m'irrit' a voz que foi preciso forjar, o gesto, a delicadeza e o
cabelo. irrita esse cabelo.
percebo-me presa dentro da ficção. um roteiro que me censura.
não uso roupas
que dão pinta nem de mulher, nem de homem.
mas agora ninguém
nem vê as roupas que uso. talvez ninguém nem
visse. eu me esforçava
pra isso. e nem era presunção, como fui acusada.
vai ver era.
meninx presunçosa essx que quer
(não) existir. assim. com
isso. e o que você vai fazer com isso? me perguntariam.
isso.
corto os cabelos, me olho no espelho e num lampejo me encontro rapidamente.
mas já quero sair de novo. desenho barbas. colo os cabelos cortados na
bochecha.
quero sair mas continuar sendo.
quero sair mais. continuar sendo. quer dizer saindo.
continuar sendo quer dizer saindo.
quero
continuar sendo
isso as_
sim saindo
de qualquer categoria – é quase como estabelecer uma corrida contra minha
própria imaginação. que (não) é deles. que (não) é minha. que
loucura isso de pensar
contr'à imaginação. há imaginação.
encontrar imaginação:
veja no que me trans_
formaram: imagino, nomeio, logo saio. quero sair
deste sexo:
deste texto:

sair prescinde entrar que prescinde sair?
é possível transar só saindo? (se tiver, eu quero.)

lugar impôs_

s'ível.

quero sair desse corpo. quero falar (mesmo que em silêncio)

–

veja, por muito tempo não queria forjar nada e confundia o movimento de sair com o de me anular, e antes fosse

anu(s)lar

so_

lar fa_

lar pra quem e exatamente o que eu não sei

exatamente nada.

mas serei remetente, já que não posso mais dormir com isso.

há dias fico dormindo do lado de uma matéria que vai se formando e re-formando de

algo que deveria estar se formando fora do sonho e não sei o que é. não sei se é peludx ou lisx. mas loca-lizo (diria pelucio) apesar de não nomear.

é algo que preciso revelar. que materialidade terrível é

essa que precisa ser

revelada? perguntaria foucault.

por mim? inclusive.

de mim? apesar de mim,

algo que foi por muito tempo velada.

velada

por que morta.

é preciso re-existir.

reve_

lar a imagem. mas

re_

levar

a imagem não é lar,

é inconstante demais pra

isso no

meu corpo e vejo buracos – se é que o vejo

na cidade, meu corpo não passa

de um buraco. no discurso,

na gramática falha. um *glitch*.

você percebe alguma coisa entre falhas e iluminação? matilde campilho pergunta no seu português aportunado no qual perceber é entender.

não entendo de falhas mas percebo-as.

gosto do encontro dessas significações. sim

eu percebo, inclusive a luz. e, no

meu corpo está tudo que precisa: 9 buracos

(e não estou contando com o umbigo. isso não.)

cada buraco, um estábulo. por que é que foi que meteram ali,

perguntaria matilde de novo, um boi

e não um rinoceronte? deve ter alguma coisa a ver com geografia.

cataclisma. paul b. fala do dildo e com ele falo do buraco.

eu sei que tu sabes o que eu nem sei se tu sabes. mario de andrade também estava preso.

eliane robert moraes revela

ta_

bu

(cê)

ta, diz a poeta julia leite.

me faz pensar,

ta

todX mundo presx

nó

corpo, matéria inconstante e mutável

q'existe no decorrer do gesto e do

tempo! se for pra me comer

que seja com o meu consentimento – encar' o poema de viviane mosé e acres'cento:

dedos curiosos

dos meus sulcos cuido eu, de todos os buracos

morrer de over_

dose de prazer,

gostaria foucault

caso não tivesse preso

no lugar ines_

capável, é morta

o corpo como

cidade se reconfigura. tem segredos. trava. pausa. embaça. entope. esburaca_

da'í
precisa ser,
constantemente, escavada. terreno árduo. impossibilidade cuja realidade é
difícilmente suportada.
levada
como uma criança que diz: abre a porta pr'eu entrar
e poder
pedir
pra sair.
um des-ta-que do instagram que
não da pra não (ver)
ignorar. apresento'en_
fim o en_
saio drag king
pensando como'a performance da autoimagem viaja'gora
pelo campo expandido possível.
a persona king é mais eu do que eu mesma.
o que resta pra além da imagem? me lembro das fotografias que tinham como
final_
idade a descrição mais neutra possível dx retratadx. agora, a pessoa que
fotografa também é a pessoa retratada.
céu_fi' a distância é a de um braço.
normatizada e fálica.



LBS

Audiodescrição A: a imagem é uma captura da captura de uma tela de celular. Nesta está sendo usada a ferramenta para cortar a foto. Na foto tem-se o rosto de uma pessoa com efeito embaçado e no sentido da testa do lado direito em direção ao nariz, tem-se uma seta feita com um pincel amarelo. A seta direciona para a palavra SONDAR, também escrita com um pincel amarelo.

Audiodescrição B: a imagem é uma foto de uma rua. No canto inferior esquerdo há a palavra SONDAR escrita no chão com uma tinta na cor amarela, no canto superior esquerdo também há a palavra SONDAR escrita no chão com uma tinta amarela.



Audiodescrição: na imagem há um anúncio. Ao redor dele uma fita zebraada amarela e preta. Na parte superior do anúncio tem-se a frase 'EDITAL PARA PUBLICAÇÃO', logo abaixo uma fita zebraada de cores roxa e preta com os dizeres 'HISTÓRIAS DA QUEERENTENA'. Abaixo disso há a representação bem grande de uma máscara de proteção na cor rosa. Na parte inferior esquerda do anúncio há os dizeres "INSCRIÇÕES ABERTAS PRAZO FINAL: 15 DE JUNHO DE 2020".

PUBLICACIONES: COLECCIÓN CIENCIAS SOCIALES

<https://ces-al.wixsite.com/website>

- 1.- COMPENDIO DE ESTUDIOS SOCIALES SOBRE ECUADOR de VV. AA. (2019).
- 2.- PROVINCIA DE EL ORO: Anuario de fiestas de Rodrigo Murillo Carrión (2019).
- 3.- ENTRE CANARIAS Y ECUADOR de José Manuel Castellano Gil (2019).
- 4.- LA CULTURA DEL MAÍZ. SARAMAMA. Lenguaje, saberes e identidad en la comarca azuayo-cañari de Carlos Álvarez Pazos (2019).
- 5.- CUADERNO DE PRÁCTICAS DE PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN. Grados de Magisterio (Infantil y Primaria) de Camino Álvarez Fidalgo, Ginesa López Crespo y José Martín-Albo Luca (2019).
- 6.- CRÓNICAS INTERCULTURALES de Brígida San Martín García, Edgar Cordero Coellar y Lorena Álvarez León (2019).
- 7.- PROCEOS DE MUNDIALIZACIÓN coordinado por Pedro A. Carretero Poblete, Arturo Luque González y Ramón Rueda López (2019).
- 8.- INDICADORES SOBRE ACTIVIDADES CULTURALES DE LOS ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL DE COSTA RICA. Volumen I: Actividades culturales de José Manuel Castellano Gil (2019).
- 9.- GESTIÓN CULTURAL ALTERNATIVA. Reflexiones para su ejercicio de Ramiro Caiza (2020).
- 10.- EPISTEMOLOGÍA ANDINA coordinado por Pedro A. Carretero Poblete y Jennifer M. Loaiza Peñafiel (2020).
- 11.- ASÍ NOS CONTARON LA HISTORIA DE ESMERALDAS de Manuel Ferrer Muñoz (2020).
- 12.- TEJIENDO REDES, CONSTRUYENDO PUENTES de Arturo Luque González (2020).
- 13.- LECTURA Y EDUCACIÓN LITERARIA: Aproximaciones, prácticas y reflexiones, Coordinado por Genoveva Ponce Naranjo y Aldo Ocampo González (2020).
- 14.- ¿QUIÉNES SON LOS POBRES ECUATORIANOS POR INGRESOS? UNA MIRADA A TRAVÉS DE LA EDUCACIÓN de Efstathios Stefos (2020).
- 15.- EL DERECHO A LA SEGURIDAD SOCIAL Y EL PRINCIPIO DE SOLIDARIDAD EN ECUADOR de Claudia Sánchez Vera (2020).
- 16.- DE LO RURAL A LO URBANO EN ECUADOR, coordinador por Pedro A. Carretero Poblete, Franklin R. Quishpi Choto y Luis A. Quevedo Báez (2020).
- 17.- TERRITORIO Y PATRIMONIO, Coordinado por Rosa Campillo e Irina Godoy (2020).
- 18.- TESTIMONIOS, VIVENCIAS, REFLEXIONES E IMÁGENES EN TIEMPOS DE COVID-19: Ecuador, Tenerife, Málaga y Roma, coordinado por José Manuel Castellano y Genoveva Ponce Naranjo (2020).
- 19.- TRANSFORMACIÓN DEL PAISAJE URBANO DE RIOBAMBA (1900-2018) de Estebán W. Bravo Carrión, Ana L. Cerda Obregón y Fredy M. Ruis Ortiz (2020).
- 20.- COSMOPOLÍTICA, DEMOCRACIA, GOBERNANZA Y UTOPIÍA, coordinado por Luis Herrera Montero y prólogo de Adrián Scribano (2020).
- 21.- CRÓNICAS DESDE ECUADOR de José Manuel Castellano Gil con prólogo de Manuel Ferrer Muñoz (2020).
- 22.- ANÁLISIS COMPARATIVO DE LA POLÍTICA PÚBLICA UNIVERSITARIA ECUATORIANA (2004-2017) de Héctor Aníbal Loyaga Méndez (2020).
- 23.- LO ESCRITO, ESCRITO ESTÁ de Simón Valdivieso Vintimilla (2020)
- 24.- ÁLBUM HISTÓRICO FOTOGRÁFICO: CUENCA-ECUADOR de Adriano Augusto Merchán Aguirre con prólogo de José Manuel Castellano (2020).
- 25.- HISTÓRIAS DA QUEERENTENA. Coordinado por Pablo Pérez Navarro (2020).
- 26.- TRÍPTICO de Enrique Martínez Vázquez con prólogo de Gustavo Vega (2020).
- 27.- PROVINCIA DE CAÑAR de Juan Diego Caguana Cela, Juan Carlos Bermeo García y José Manuel Castellano Gil (2020).
- 28.- PROVINCIA DE AZUAY de Juan Carlos Bermeo García, Juan Diego Caguana Cela y José Manuel Castellano Gil (2020).

- 29.- CRÓNICA DE UNA MATANZA IMPUNE. EL ASESINATO DE EMIGRANTES CANARIOS EN CUBA de José Antonio Quintana García (2020).
- 30.- AZOGUES, 200 AÑOS, 200 FOTOS coordinado por Erick Jara, José M. Castellano y Rafael Rodríguez (2020).
- 31.- LA MENTE DIVIDIDA. ESQUIZOFRENIA: UN ENFOQUE INTERDISCIPLINAR, coordinado por Pedro Martínez Suárez (2020).

PUBLICACIONES COLECCIÓN TALLER LITERARIO

<https://ces-al.wixsite.com/website>

1. POEMARIO de Edison Cajilima Márquez, con prólogo de Francisco Viña (2019).
2. SÁBANAS RESUCITADAS de Juan Fernando Auquilla Díaz, con prólogo de Catalina Sojos (2019).
3. MISCELÁNEAS DE VOCES JÓVENES de VV.AA., con prólogo de Juan Almagro Lominchar (2019).
4. SUPERNOVA de Francisco Carrasco Ávila, con prólogo de Jorge Dávila Vázquez (2019).
5. EL ÁRBOL DE CARAMELOS de David M. Sequera (2020).
6. QUEJAS DESDE LA LÍNEA IMAGINARIA de Claudia Neira Rodas, con José Manuel Camacho Delgado (2020).
7. KILLKANA: Relatos de jóvenes ecuatorianos, Coordinador por David Sequera (2020).
8. VOLVER A CASA de Manuel Ferrer Muñoz con prólogo de Catalina Sojos (2020).
9. POEMAS ENTRE ORILLAS de VV.AA. (2020).
10. NUEVA CANCIÓN DE EURÍDICE Y ORFEO de Jorge Dávila Vázquez (2020).
11. CIUDADES de Juan Fernando Auquilla Díaz con prólogo de Cristian Avecillas Sigüenza (2020).
12. DIEZ PEQUEÑAS HISTORIAS de Esthela García con prólogo de Germán León Ramírez (2020).
13. SINFONÍA DE LA CIUDAD AMADA de Jorge Dávila Vázquez con prólogo de Francisco Proaño Arandi (2020).
14. LOS COLORES PERDIDOS Y OTROS RELATOS de Isabel Victoria Sequera Villegas y Andrés David Sequera Villegas con prólogo de Yesenia Espinoza (2020).
15. HAIKUS COTIDIANOS de Ramiro Caiza (2020).
16. POEMAS SOBRE DOS CIUDADES. VV.AA. con prólogo de Yesenia Espinosa e Ilustraciones de Alicia Méndez. Premio de Poesía de Azogues y Cuenca (2020).
17. TRAVESÍAS URBANAS de Jacqueline Murillo Garnica, con prólogo de Manuel Ferrer Muñoz e ilustraciones de Marcela Ángel Salgado y Jéssica Rocío Mejía Leal (2020).
18. FUEGO CRUZADO. Crossfire de Iván Petroff con prólogo de Bojana Kovacević Petrovic (2020).

Convidamos você a mergulhar nesses textos, não ‘prendendo sua respiração’ ao tentar analisá-los, explicá-los ou julgá-los na imensidão da sintaxe dominante, mas imergir nas experiências sensíveis de sujeitos, numa relação de horizontalidade com as narrativas, numa lógica de alguma igualdade.

Antônio Augusto Lemos Rausch, Bárbara Gonçalves Mendes, Júlia Silva Vidal, Marco Aurélio Máximo Prado, Vinício Brígido Santiago Abreu

Quais fraturas o contexto pandêmico teria aprofundado entre “nós”, as dissidentes sexuais e de gênero? Quais abismos físicos e políticos teriam sido abertos pelas nossas diferentes formas de nos relacionar com os espaços públicos, seja para trabalhar, para paquerar ou para protestar? E, se assim fosse, como reconstruir os projetos de resistência coletiva para sobreviver à nova normalidade?

Pablo Pérez Navarro

ISBN: 978-9942-840-00-4



editora
DEVIREs

